

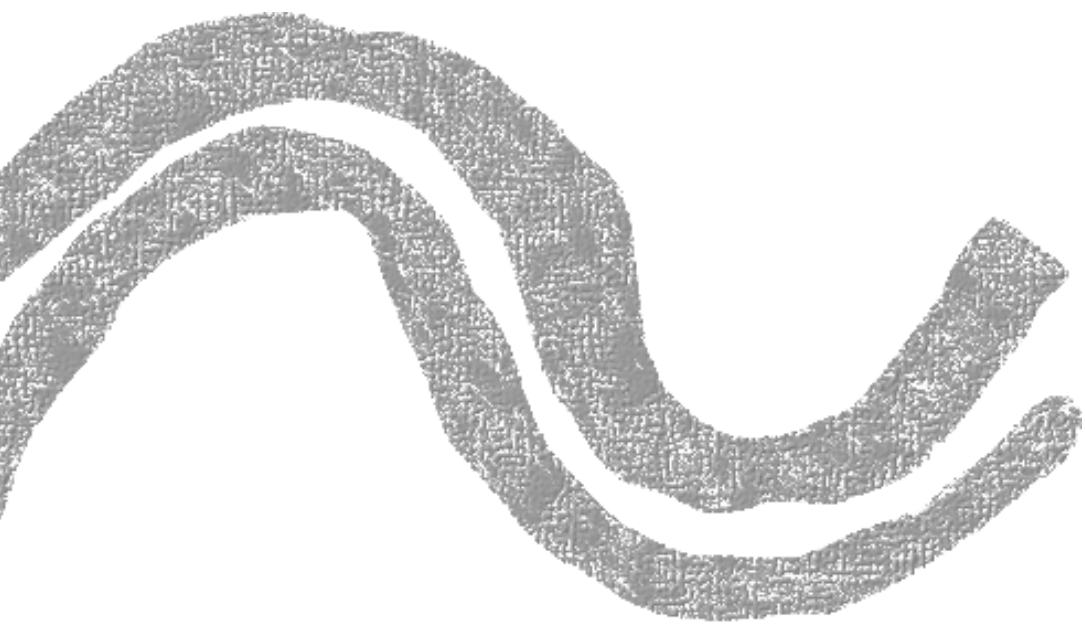
Grazieli Pacelli Procópio

**MEMÓRIAS DESENHADAS NAS ROCHAS EM TORRES DO RIO BONITO E SEU PAPEL
NA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA PROFUNDA DE GOIÁS**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE MESTRADO EM
HISTÓRIA**

Goiânia, junho de 2023.





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA

**MEMÓRIAS DESENHADAS NAS ROCHAS EM TORRES DO RIO BONITO E
SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA PROFUNDA DE GOIÁS**

GRAZIELI PACELLI PROCÓPIO

GOIÂNIA

2023



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA

**MEMÓRIAS DESENHADAS NAS ROCHAS EM TORRES DO RIO BONITO E
SEU PAPEL NA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA PROFUNDA DE GOIÁS**

Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção do título Mestre em História.

Área de concentração: Cultura e Poder

Linha de Pesquisa: Patrimônio Cultural e Território

Orientadora: Sibeli Aparecida Viana

Grazieli Pacelli Procópio

Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás Bibliotecária Lana Keren de Mendonça - CRB1/2486

P963m Procópio, Grazieli Pacelli

Memórias desenhadas nas rochas em torres do Rio Bonito
e seu papel na compreensão da história profunda de

Goiás [recurso eletrônico] : Grazieli Pacelli Procópio.--2023.

316 f.: il.

Texto em português com resumo em inglês

Orientadora: Prof^a. Dra. Sibeli Aparecida Viana.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade

Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e
Humanidades, Goiânia, 2023



Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPE
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu – CPGSS
Escola de Formação de Professores e Humanidades - EFPH

**MEMÓRIAS DESENHADAS NAS ROCHAS EM TORRES DO RIO BONITO E SEU PAPEL NA COMPREENSÃO
DA HISTÓRIA PROFUNDA DE GOIÁS**

GRAZIELI PACELLI PROCOPIO

**Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, aprovada em 14 de junho de 2023, às 14h.**

BANCA EXAMINADORA

**SIBELI APARECIDA
VIANA:41378288149**

Assinado de forma digital por SIBELI
APARECIDA VIANA:41378288149
Dados: 2023.06.18 16:20:15 -03'00'

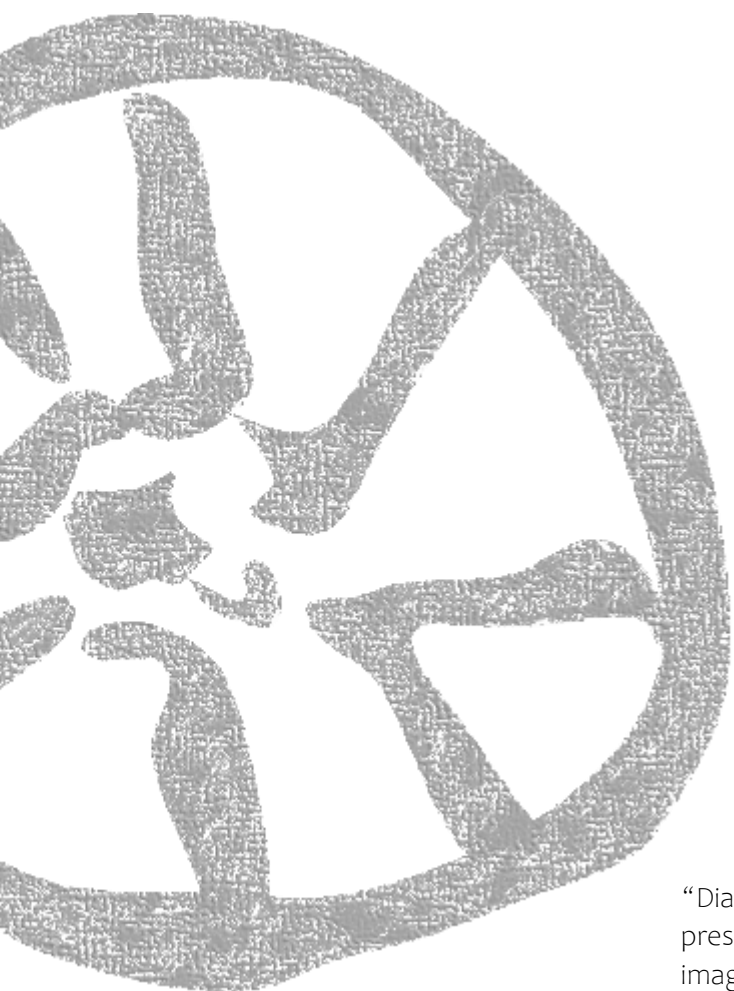
Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana / PUC Goiás

Prof. Dr. Julio Cezar Rubin de Rubin / PUC Goiás

Profa. Dra. Vanessa Linke Salvio / UNIVASF

Profa. Dra. Marlene Castro Ossami de Moura / PUC Goiás

Prof. Dr. Paulo Roberto Gomes Seda /UERJ



“Diante de uma imagem – por mais antiga que seja – o presente nunca cessa de reconfigurar(...) Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro”

DIDI-HUBERMAN

AGRADECIMENTOS

A minha própria força de vencer.

Ao meu esposo, Luiz Augusto Lima Rezende, a meu pai Watson Ferreira Procópio, a minha mãe Kátia Pacelli J. Ferreira, a minha irmã Raphaela Pacelli Procópio e meu irmão Robson Pacelli Procópio. A vocês, compartilho mais essa conquista. Obrigada por todo apoio e por não deixar que eu desistisse de lutar.

A minha orientadora Sibeli Aparecida Viana, que caminha comigo nessa jornada acadêmica desde 2018 e que através de seus ensinamentos, fez-me perceber que é possível alcançar o inimaginável. Obrigada por toda dedicação.

RESUMO

Os grafismos rupestres de Torres do Rio Bonito, faz parte do Complexo Arqueológico de Palestina de Goiás, onde estão inseridos um total de 48 sítios arqueológicos, segundo o cadastro do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Sabendo que esses espaços são lugares de práticas sociais, onde a arte rupestre evoca a memória, sendo a referência da presença cultural, esses significados estruturados em torno de relações simbólicas permitem acessar o consenso sobre o sentido social do mundo daqueles que construíram a paisagem em Torres do Rio Bonito. Esse acesso e entendimento se deu a partir das análises dos vestígios críveis de investigação, que não se findam apenas nos grafismos rupestres, mas também em todo o contexto que esses estão inseridos. Para isso foram feitas discussões que envolvem a paisagem, memória e tempo. No âmbito das ações educativas propostos para as instituições de ensino de Palestina de Goiás e Iporá, foram apresentados aspectos sobre a história profunda e o patrimônio arqueológico de Goiás, dialogando com a perspectiva decolonial.

Palavras chaves: grafismos rupestres; memória; história profunda; patrimônio arqueológico; decolonialidade

ABSTRACT

The rock art of Torres do Rio Bonito is part of the Palestina de Goiás Archaeological Complex, where a total of 48 archaeological sites are located, according to the IPHAN (Institute of National Historical and Artistic Heritage). Knowing that these spaces are places of social practices, where rock art evokes memory, being the reference of cultural presence, these meanings structured around symbolic relations allow us to access the consensus about the social sense of the world of those who built the landscape in Torres do Rio Bonito. This access and understanding is based on the analysis of the credible vestiges of investigation, which do not end only in the rock drawings, but also in the whole context in which they are inserted. To this end, discussions were held involving landscape, memory, and time. As part of the educational actions proposed for the Palestina de Goiás and Iporá educational institutions, aspects about the deep history and archeological heritage of Goiás were presented, dialoguing with the decolonial perspective.

Keywords: rock art; memory; deep history; archaeological heritage; decoloniality

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: pintura humana com as tornozelas e braçadeiras.	49
Figura 2: Localização dos “Kayapó” da região sul da Província de Goiás.	62
Figura 3: Localização dos “Kayapó do Sul” em rio Claro e rio Bonito.	68
Figura 4: Prospecção arqueológica realizada na região de Torres do Rio Bonito em maio de 2022.	77
Figura 5: Ângulo da movimentação da cabeça e dos olhos de uma pessoa em pé. ...	84
Figura 6: Distância e cone visual de uma pessoa em pé.	84
Figura 7: Análise dos decalques feitos no laboratório do IGPA.	86
Figura 8: As atividades sendo executadas no sítio GO-CP-33 (ala B).	87
Figura 9: Registros fotográficos sendo realizados à distância no sítio GO-CP-37, no abrigo B.	88
Figura 10: Cavidade natural aberta nas duas extremidades, vista a partir da entrada noroeste.	89
Figura 11: Vista a partir do túnel. Piso do abrigo Go-Cp-37 C avistado a partir da extremidade do túnel (visão da parte sudoeste).	89
Figura 12: Vista do abrigo GO-CP-37 pela base do testemunho rochoso, à sudoeste.	90
Figura 13: Atividades realizadas na Escola Municipal Maria Izabel de Figueiredo.	91
Figura 14: "Aula-aberta" sendo realizada para os estudantes na UEG em Iporá.	92
Figura 15: Croqui do sítio GO-CP-29 com a distribuição dos 10 painéis.	97
Figura 16: Imagem fotográfica do sítio GO-CP-29 (frontal) com a distribuição dos sete painéis.	98
Figura 17: Imagem fotográfica do painel 1, do sítio GO-CP-29.	98
Figura 18: Painel 1 do sítio GO-CP- 29 vetorizado.	99
Figura 19: figuras antropomorfas com objeto roliço nas mãos.	100
Figura 20: figura antropomorfa vazada.	100
Figura 21: Momentos do painel 1 do sítio GO-CP-29.	101
Figura 22: Imagem fotográfica do painel 2, do sítio GO-CP-29.	103
Figura 23: Painel 1 do sítio GO-CP- 29 vetorizado.	103
Figura 24: composição das figuras antropomorfas no sítio GO-CP-29.	104
Figura 25: técnica aplicada por meio de carimbos (sítio GO-CP-29).	104
Figura 26: momentos do painel 2 do sítio GO-CP-29.	105
Figura 27: Sobreposição tipo obliteração no painel 2 (sítio GO-CP-29).	106
Figura 28: Painel 3 do sítio GO-CP-29.	106
Figura 29: Imagem fotográfica do painel 4, do sítio GO-CP-29.	107
Figura 30: vetorização do painel 4 do sítio GO-CP-29.	108
Figura 31: Imagem fotográfica do painel 5, do sítio GO-CP-29.	108
Figura 32: vetorização do painel 5 do sítio GO-CP-29.	109
Figura 33: Imagem fotográfica do painel 6, do sítio GO-CP-29.	110
Figura 34: vetorização do painel 6 do sítio GO-CP-29.	110
Figura 35: sobreposição mínima das figuras geométricas do painel 6 (sítio GO-CP-29).	111
Figura 36: momentos do painel 6 (sítio GO-CP-29)	112
Figura 37: Imagem fotográfica do painel 7, do sítio GO-CP-29.	113
Figura 38: vetorização do painel 7 do sítio GO-CP-29.	113
Figura 39: Imagens fotográfica do painel 8, do sítio GO-CP-29.	114
Figura 40: vetorização do painel 8 do sítio GO-CP-29.	115

Figura 41: “ciranda dos macacos” do sítio GO-CP-33 na ala A.....	115
Figura 42: enfileiramento de animais do painel 8 (sítio GO-CP-29), semelhante a "ciranda dos macacos" do sítio GO-CP-33.	116
Figura 43: Imagem fotográfica do painel 9, do sítio GO-CP-29.	116
Figura 44: vetorização do painel 9 do sítio GO-CP-29.	117
Figura 45: Imagem fotográfica do painel 10, do sítio GO-CP-29.	117
Figura 46: vetorização do painel 9 do sítio GO-CP-29.	118
Figura 47: Planta do sítio GO-CP-33 e a divisão das áreas.	119
Figura 48: Visão parcial da área III-IV da área B, vista sudeste do abrigo GO-CP-33.	120
Figura 49: Visão parcial da área III-IV da área B, vista nordeste do abrigo GO-CP-33.	120
Figura 50: Visão parcial da área IV-V da área B, vista sudeste do abrigo GO-CP-33.	121
Figura 51: Visão parcial da área IV-V da área B, vista nordeste do abrigo GO-CP-33.	121
Figura 52: Visão parcial da área V-VI da área B do abrigo GO-CP-33. As duas primeiras de cima são vistas em direção à sudeste e as duas abaixo em direção a nordeste.....	122
Figura 53: localização do painel 1 (sítio GO-CP-33).	123
Figura 54: vetorização do painel 1 do sítio GO-CP-33.	123
Figura 55:localização do painel 2 (sítio GO-CP-33).	124
Figura 56: vetorização do painel 2 do sítio GO-CP-33.	125
Figura 57: localização do painel 3 (sítio GO-CP-33).	125
Figura 58: vetorização do painel 3 do sítio GO-CP-33.	126
Figura 59: localização do painel 4 (sítio GO-CP-33).	127
Figura 60: vetorização do painel 4 do sítio GO-CP-33.	127
Figura 61: localização do painel 5 (sítio GO-CP-33).	128
Figura 62: vetorização do painel 5 do sítio GO-CP-33.	128
Figura 63:localização do painel 6 (sítio GO-CP-33).	129
Figura 64: imagem vetorizada do painel 7 do sítio GO-CP-33.	130
Figura 65: imagem vetorizada do painel 8 do sítio GO-CP-33.	131
Figura 66: localização do painel 9 no sítio GO-CP-33.....	131
Figura 67: vetorização do painel 9 (sítio GO-CP-33).....	132
Figura 68: vetorização do painel 10 (sítio GO-CP-33).....	132
Figura 69: vetorização do painel 11 (sítio GO-CP-33).....	133
Figura 70: vetorização do painel 12 (sítio GO-CP-33).....	133
Figura 71: vetorização do painel 13 (sítio GO-CP-33).....	134
Figura 72: Imagem vetorizada do painel 14 (sítio GO-CP-33).....	135
Figura 73: vetorização do painel 15 (sítio GO-CP-33).....	135
Figura 74: imagem do painel 16 no sítio GO-CP-33.....	136
Figura 75: vetorização do painel 16 (sítio GO-CP-33).....	136
Figura 76: vetorização do painel 17 (sítio GO-CP-33).....	137
Figura 77: vetorização do painel 18 (sítio GO-CP-33).....	137
Figura 78: vetorização do painel 19 (sítio GO-CP-33).....	138
Figura 79: localização do painel 20 no sítio GO-CP-33.....	138
Figura 80: vetorização do painel 20 (sítio GO-CP-33).....	139
Figura 81: vetorização do painel 21 (sítio GO-CP-33).....	139
Figura 82: vetorização do painel 22 (sítio GO-CP-33).....	140
Figura 83: Imagem da figura evidenciada no DStrech do painel 23 (GO-CP-33).	141
Figura 84: vetorização do painel 23 (sítio GO-CP-33).....	141

Figura 85: vetorização do painel 24 (sítio GO-CP-33).....	141
Figura 86: vetorização do painel 25 (sítio GO-CP-33).....	142
Figura 87: vetorização do painel 26 (sítio GO-CP-33).....	142
Figura 88: localização da pintura no seixo no painel 27 (GO-CP-33).	143
Figura 89: vetorização do painel 27 (sítio GO-CP-33).....	143
Figura 90: vetorização do painel 28 (sítio GO-CP-33).....	144
Figura 91: vetorização do painel 29 (sítio GO-CP-33).....	145
Figura 92: localização do painel 30 no sítio GO-CP-33.....	145
Figura 93: vetorização do painel 30 (sítio GO-CP-33).....	146
Figura 94: localização do painel 31 no sítio GO-CP-33.....	146
Figura 95: vetorização do painel 31 (sítio GO-CP-33).....	147
Figura 96: localização do painel 32 no sítio GO-Cp-33.	147
Figura 97: vetorização do painel 32 (sítio GO-CP-33).....	148
Figura 98: localização do painel 33 no sítio GO-CP-33.....	148
Figura 99: vetorização do painel 33 (sítio GO-CP-33).....	149
Figura 100: localização do painel 34 no sítio GO-CP-33.....	149
Figura 101: vetorização do painel 34 (sítio GO-CP-33).....	150
Figura 102: localização do painel 35 no sítio GO-CP-33.....	150
Figura 103: vetorização do painel 35 (sítio GO-CP-33).....	151
Figura 104: localização do painel 36 no sítio GO-CP-33.....	151
Figura 105: vetorização do painel 35 (sítio GO-CP-33).....	152
Figura 106: imagem vetorizada do painel 37 do sítio GO-CP-33.	152
Figura 107: vista da parte sudeste do abrigo.	153
Figura 108: estrutura do abrigo da porção sul (GO-CP-33).....	153
Figura 109: vetorização do painel 38 (sítio GO-CP-33).....	154
Figura 110: vetorização do painel 39 (sítio GO-CP-33).....	155
Figura 111: localização do painel 40 no sítio GO-CP-33.....	155
Figura 112: vetorização do painel 40 (sítio GO-CP-33).....	156
Figura 113: localização do painel 41 no sítio GO-CP-33.....	156
Figura 114: vetorização do painel 41 (sítio GO-CP-33).....	157
Figura 115: localização do painel 42 no sítio GO-CP-33.....	157
Figura 116: vetorização do painel 42 (sítio GO-CP-33).....	158
Figura 117: localização do painel 42 no sítio GO-CP-33.....	158
Figura 118: vetorização do painel 43 (sítio GO-CP-33).....	159
Figura 119: vetorização do painel 44 (sítio GO-CP-33).....	159
Figura 120: vetorização do painel 45 (sítio GO-CP-33).....	160
Figura 121: localização do painel 46 no sítio GO-CP-33.....	160
Figura 122: vetorização do painel 46 (sítio GO-CP-33).....	161
Figura 123: Planta do sítio GO-CP-34.	162
Figura 124: Bordas de fragmentos cerâmicos identificados no sítio GO-CP-34.	163
Figura 125: Instrumentos líticos em arenito, identificados no sítio GO-CP-34.....	163
Figura 126: Figura 24: Percutor identificado no sítio GO-CP-34.	164
Figura 127: imagem fotográfica editada no DStretch do painel 1 do sítio GO-CP-34.	165
Figura 128: vetorização do painel 1 (sítio GO-CP-34).....	165
Figura 129: vetorização do painel 2 (sítio GO-CP-34).....	166
Figura 130: vetorização do painel 3 (sítio GO-CP-34).....	167
Figura 131: imagem fotográfica editada pelo DStretch do painel 4, do sítio GO-CP-34.	167
Figura 132: vetorização do painel 4 (sítio GO-CP-34).....	168
Figura 133: Planta do sítio GO-CP-37.	169

Figura 134: Teto pintado com figuras geométricas em tons vermelhos (à esquerda) e figuras geométricas pontilhadas e linhas curvas vermelhas na parede (à direita).	170
Figura 135: Abrigo B (GO-CP-37), vista parcial do sítio. Foto a partir do primeiro nível do abrigo, evidenciando o segundo piso.	170
Figura 136: Abrigo B (GO-CP-37), vista parcial do sítio evidenciando a inclinação das rochas em 90°.	171
Figura 137: grafismos circulados em amarelo, evidenciados durante o processamento digital.	172
Figura 138: vetorização dos grafismos evidenciados.	172
Figura 139: Figuras identificadas durante o processamento digital.	173
Figura 140: Grafismos rupestres dentro do nicho.	173
Figura 141: imagem vetorizada dos grafismos rupestres no nicho.	174
Figura 142: localização dos painéis evidenciados circulados em amarelo.	175
Figura 143: área de deslocamento onde foi pintado os pontilhados.	175
Figura 144: Imagem editada no DStretch, registrada à distância do abrigo C do sítio GO-CP-37.	176
Figura 145: imagem do painel 1 vetorizada do abrigo A do sítio GO-CP-37.	177
Figura 146: vetorização do painel 2 do abrigo A do sítio GO-CP-37.	178
Figura 147: vetorização do painel 3 do abrigo A do sítio GO-CP-37.	178
Figura 148: vetorização do painel 4 do abrigo A do sítio GO-CP-37.	179
Figura 149: vetorização do painel 5 do abrigo A do sítio GO-CP-37.	179
Figura 150: vetorização do painel 6 do abrigo A do sítio GO-CP-37.	180
Figura 151: vetorização do painel 7 do abrigo A do sítio GO-CP-37.	181
Figura 152: localização do painel 1 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	181
Figura 153: vetorização do painel 1 (GO-CP-37 B).	182
Figura 154: momentos do painel 1 (GO-CP-37 B).	182
Figura 155: localização do painel 2 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	183
Figura 156: vetorização do painel 2 (GO-CP-37 B).	183
Figura 157: localização do painel 2 abrigo B sítio GO-CP-37.	184
Figura 158: vetorização do painel 3 (GO-CP-37 B).	184
Figura 159: localização do painel 4 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	185
Figura 160: vetorização do painel 4 (GO-CP-37 B).	185
Figura 161: localização do painel 5 abrigo B sítio GO-CP-37.	186
Figura 162: vetorização do painel 5 (GO-CP-37 B).	186
Figura 163: vetorização do painel 6 (GO-CP-37 B).	187
Figura 164: localização do painel 7 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	187
Figura 165: vetorização do painel 7 (GO-CP-37 B).	188
Figura 166: localização do painel 8 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	188
Figura 167: vetorização do painel 8 (GO-CP-37 B).	189
Figura 168: localização do painel 9 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	189
Figura 169: vetorização do painel 9 (GO-CP-37 B).	190
Figura 170: localização do painel 10 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	191
Figura 171: vetorização do painel 10 (GO-CP-37 B).	191
Figura 172: imagem do painel 11 vetorizada do abrigo B do sítio GO-CP-37.	192
Figura 173: localização do painel 12 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.	193
Figura 174: vetorização do painel 12 (GO-CP-37 B).	193
Figura 175: vetorização do painel 13 (GO-CP-37 B).	194
Figura 176: imagem do painel 1 vetorizada do abrigo C do sítio GO-CP-37.	195
Figura 177: desenhos realizados pela turma do 4º ano (matutino).	198

Figura 178: desenhos realizados pela turma do 5° ano (matutino).	199
Figura 179: desenhos realizados pela turma do 4° ano (vespertino).....	199
Figura 180: desenhos realizados pela turma do 4° ano (vespertino).....	199
Figura 181: pinturas realizadas pelas turmas da escola municipal em Palestina de Goiás.	200
Figura 182: cena miniaturizada de antropomorfos no sítio GO-CP-33	214
Figura 183: antropomorfos em movimento no painel 2 da ala B (GO-CP-33).	214

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Divisão dos níveis de visibilidade. Fonte: Procópio (2019).	83
Tabela 2: números de respostas da questão 1.	203
Tabela 3: números de respostas da questão 2.	203
Tabela 4: números de respostas da questão 3.	203
Tabela 5: números de respostas da questão 4.	204
Tabela 6: principais respostas da questão 5.	204
Tabela 7: números de respostas da questão 6.	204

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: idade dos participantes do questionário da UEG (Iporá-GO).	202
Gráfico 2: curso, período e área dos participantes do questionário da UEG (Iporá-GO).	202
Gráfico 3: porcentagem das respostas da questão 1.	205
Gráfico 4: porcentagem das respostas da questão 2.	205
Gráfico 5: porcentagem das respostas da questão 3.	205
Gráfico 6: porcentagem das respostas da questão 4.	206
Gráfico 7: porcentagem das respostas da questão 6.	206

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO PRIMEIRO	25
1 LUGARES DE MEMÓRIA – UMA CONVERSA COM A PAISAGEM E OS GRAFISMOS RUPESTRES DE TORRES DO RIO BONITO	26
1.1 OS VÍNCULOS ENTRE PAISAGENS E PESSOAS E A CONOTAÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA	27
1.2 O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE PALESTINA DE GOIÁS E A HISTÓRIA OFICIAL DE GOIÁS	34
1.3 IDENTIDADE CULTURAL – OS DISCURSOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA EDUCAÇÃO.....	36
1.4 ENTRE O PASSADO E O PRESENTE	42
1.5 PASSADO PROFUNDO – ENTRE A HISTÓRIA PROFUNDA E RECENTE	44
1.6 PASSADO PROFUNDO E OS GRAFISMOS RUPESTRES.....	44
1.7 ASPECTOS GERAIS DOS POVOS ANTIGOS DO PLANALTO CENTRAL..	46
1.8 GOIÁS – TERRITÓRIO MILENAR.....	52
1.8.1 A “pedra lascada” e seus horizontes culturais.....	52
1.8.2 Povos da cerâmica	55
1.9 OS INDÍGENAS CAIAPÓ DO SUL	60
1.9.1 Os Caiapó do Sul no Sudoeste de Goiás.....	67
1.10 Início do povoamento no século XIX em Torres do Rio Bonito.....	69
CAPÍTULO SEGUNDO.....	75
2 AS ESCOLHAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PARA A PESQUISA – ABORDAGENS E MÉTODOS	76
2.1 A SAGA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM TORRES DO RIO BONITO.	76
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS	79
2.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS EM LABORATÓRIO	85
2.4 MÉTODOS APLICADOS EM CAMPO	86
2.5 METODOLOGIA APLICADA NAS AÇÕES EDUCATIVAS	90
2.5.1 Abordagens na execução das atividades.....	91
CAPÍTULO TERCEIRO	94
3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE TORRES DO RIO BONITO.....	95
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ABRIGOS E DOS GRAFISMOS RUPESTRES ..	95
3.2 SÍTIO GO-CP-29	96
3.2.1 PAINÉIS DO SÍTIO GO-CP-29	96
3.3 SÍTIO GO-CP-33	118

3.3.1	Divisão das áreas na ala B do sítio GO-CP-33	120
3.4	PAINEIS DO ABRIGO GO-CP-33 ALA B.....	122
3.4.1	Painéis da área III-IV	122
3.4.2	Painéis da área IV-V.....	126
3.4.3	Painéis da área V-VI.....	144
3.4.4	GRAFISMOS IDENTIFICADOS – NOVOS DADOS.....	153
3.5	SÍTIO GO-CP-34	161
3.5.1	PAINÉIS DO ABRIGO GO-CP-34.....	164
3.6	SÍTIO GO-CP-37	168
3.6.1	ABRIGO GO-CP-37 A	169
3.6.2	ABRIGO GO-CP-37 B	170
3.6.3	ABRIGO GO-CP-37 C	176
3.7	PAINÉIS DO SÍTIO GO-CP-37	176
3.7.1	ABRIGO GO-CP-37 A	176
3.7.2	ABRIGO GO-CP-37 B	181
3.7.3	ABRIGO GO-CP-37 C	194
CAPÍTULO QUARTO.....		196
4	AÇÕES EDUCATIVAS	197
4.1.1	ESCOLA MUNICIPAL MARIA IZABEL DE FIGUEIREDO – PALESTINA DE GOIÁS	197
4.2	CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – IPORÁ 200	
4.2.1	Questões e objetivos – mais que respostas – reflexões para pensarmos sobre o conhecimento da história profunda e o patrimônio arqueológico de Goiás 203	
CAPÍTULO QUINTO		208
5	DISCUSSÕES DOS DADOS E FINALIZAÇÕES	209
5.1	AÇÕES EDUCATIVAS	216
5.1.1	Uma reflexão sobre o pensamento hegemônico e colonialista – a arqueologia rumo a decolonialidade	216
5.1.2	As ações educativas nas instituições de ensino em Goiás – como as pesquisas arqueológicas estão contribuindo para (ree)pensar a história dos povos originários e o patrimônio arqueológico?.....	218
5.2	CONCLUSÕES	221
REFERÊNCIAS		224
ANEXOS.....		236
ANEXO I.....		237
ANEXO II.....		260

INTRODUÇÃO

Para analisar as imagens rupestres de um sítio arqueológico, é importante considerar diferentes aspectos que tange as perspectivas simbólicas e culturais envolventes no contexto, sendo essa uma linha tênue e bastante complexa na pesquisa dos grafismos rupestres para nós pesquisadores. Por isso, pesquisar sobre os grafismos rupestres é um desafio, pois existe entre o ocorrido e o agora (passado e presente), uma imagem dialética ambígua, sendo analisada por uma perspectiva da época atual. Logo, buscar seu significado é inexequível, todavia a partir da leitura e análise, é possível, como proposto por Didi-Hurberman no texto de Costa (2009), “escavar” a imagem para além da materialidade, “a uma historicidade que transcende o objeto à sua frente” (COSTA, 2009, p.88).

Os sítios arqueológicos da região de Torres do Rio Bonito, no sudoeste goiano, integram o complexo arqueológico de Palestina de Goiás, com datações que chegam a cerca de 1.200 anos (SCHMITZ *et al.*, 1986); na outra área, bacia do Córrego do Ouro, as datações são mais antigas, chegando aos 10 mil anos (VIANA *et al.*, 2023). Esses espaços foram ocupados por diferentes grupos ao longo de milhares de anos e estão repletos de vestígios arqueológicos, revelando aspectos da cultura humana pretérita, entre os quais, os grafismos rupestres. Essa região possui uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos em Goiás, com um total de 48 sítios cadastrados no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), sendo 18 em Torres do Rio Bonito e 30 em Córrego do Ouro. As primeiras pesquisas foram iniciadas entre os anos de 1979 e 1981, e tiveram o objetivo de “estabelecer um quadro de distribuição de culturas pré-coloniais no tempo e no espaço geográfico” (SCHMITZ *et al.*, 1986, p. 7). As investigações científicas posteriores, iniciadas a partir de 2007 por Viana em Palestina de Goiás (VIANA, 2006; 2011), ainda não são suficientes para preencher as lacunas dos estudos arqueológicos voltados para a compreensão das ocupações humanas e seus vestígios culturais deixados em tempos pretéritos. Isso ocorre devido aos poucos recursos financeiros disponíveis para a pesquisa científica na atualidade, haja vista a existência de um número expressivo de sítios arqueológicos e poucos projetos financiados para o desenvolvimento de estudos na região.

Os grafismos rupestres de Torres do Rio Bonito revelam práticas culturais intrínsecas a região e estão manifestas em diferentes sítios arqueológicos. Todavia, devido aos impactos natural e antrópico dessa área, onde se incluem os sítios dessa pesquisa, muitas informações arqueológicas estão se perdendo, comprometendo as compreensões acerca da longevidade cultural e aspectos de memórias coletivas presentes nelas. Segundo Netto (2007, p. 2): “A perda desses registros implicaria num retrocesso em relação ao estudo *pré-colonial* [grifo nosso] local, pois, levaria a produção de lacunas para a construção da história local, através dessas referenciais de memória”.

Soma-se a essa situação, o fato das pesquisas desenvolvidas em Torres do Rio Bonito ainda serem reduzidas, principalmente para a compreensão dos aspectos gráficos simbolizados nas rochas. Outro elemento que fundamenta e, simultaneamente, problematiza a necessidade de continuidade de pesquisas na área diz respeito a exígua interação (identificação) da comunidade com esses lugares, pouco difundido para a sociedade em Goiás, em especial para as regiões adjacentes; muitos desconhecem esses testemunhos culturais, tão relevantes para a compreensão da história e da construção identitária. Conforme apresenta Bezerra de Almeida (2003, p. 285) em uma discussão sobre o patrimônio arqueológico, “a relação entre o público e o patrimônio, portanto, está intrinsecamente ligada à identidade. Para que o indivíduo construa e assuma sua identidade, é preciso que dê significação à realidade ao redor”. E, para isso ocorrer, faz-se necessário que a(o) arqueóloga(o) assume o seu papel de mediador entre público e patrimônio e não apenas como divulgador dos resultados de sua pesquisa, sendo esse um pressuposto de qualquer ciência.

O objeto de investigação da presente pesquisa são os grafismos rupestres de cinco sítios (e suas extensões) presentes no complexo arqueológico de Torres do Rio Bonito, são eles: GO-CP-29, GO-CP-33 (ala B), GO-CP-34 e GO-CP-37 (A, B e C). Cada sítio detém uma especificidade e um contexto particular, o que possibilita inter-relacioná-los para depreender acerca dos marcos culturais advindos das práticas sociais e da construção da paisagem por esses povos. Além disso, o tipo de abrigo e sua disposição na paisagem, as estratégias de visibilidade utilizadas por esses grupos no passado, manifestadas pelo arranjo espacial, o posicionamento das imagens em variadas alturas e sua localização do abrigo (escondido ou destacado), as

características técnicas e estilísticas das figuras, serão elementos que subsidiarão essa análise. Outro intuito dessa pesquisa diz respeito sobre os lugares de memórias. Os milhares de desenhos pintados nesses sítios nos revelam pela sua ocupação nos painéis rochosos, a constância dos grupos nesses espaços e a manutenção de suas práticas culturais e de suas memórias.

Enquanto patrimônio arqueológico, os sítios são importantes para compreendermos a cerca dos diferentes grupos que ocuparam esses espaços, pois detêm registros de histórias e saberes de um passado profundo, que foram transmitidos por gerações. Na atualidade, esses vestígios traduzem a expressão cultural e são referências da identidade e memória de diversos grupos formadores da sociedade brasileira. Compreendermos esses lugares enquanto repositórios de memórias é entender a nossa própria história. Dessa forma, essa pesquisa entende que além de um valioso patrimônio arqueológico, os abrigos de Palestina de Goiás são heranças para toda sociedade, sobretudo para os moradores da região. Por isso, comunicar e apresentar os dados das pesquisas para o público, além de promover o conhecimento sobre suas origens, é uma ação de proteção do patrimônio, como prevê o artigo 7º da Carta de Laussane:

Art. 7º A apresentação do patrimônio arqueológico ao grande público é um meio de fazê-lo ascender o conhecimento das origens e do desenvolvimento das sociedades modernas. Ao mesmo tempo, constitui o meio mais importante para fazê-lo compreender a necessidade de proteger esse patrimônio (LAUSANNE, 1990...)

Sendo assim, a forma que encontramos de atingir esses objetivos, foram através de atividades voltadas para a promoção do patrimônio arqueológico da região sudoeste de Goiás, desenvolvidas com os estudantes e professores (as) da Escola Municipal Maria Izabel de Figueiredo em Palestina de Goiás e do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG) em Iporá.

Para a apresentação desse trabalho, foi estruturado os capítulos a seguir:

No primeiro capítulo, diálogo com diferentes autoras e autores sobre a memória, paisagem, identidade cultural e o patrimônio arqueológico. Faço uma apresentação do contexto arqueológico, a qual se insere a região sudoeste de Goiás, percorrendo os horizontes culturais desde o Pleistoceno Final até o povoamento da

antiga região denominada de Torres do Rio Bonito, onde atualmente, o município de Palestina de Goiás faz parte.

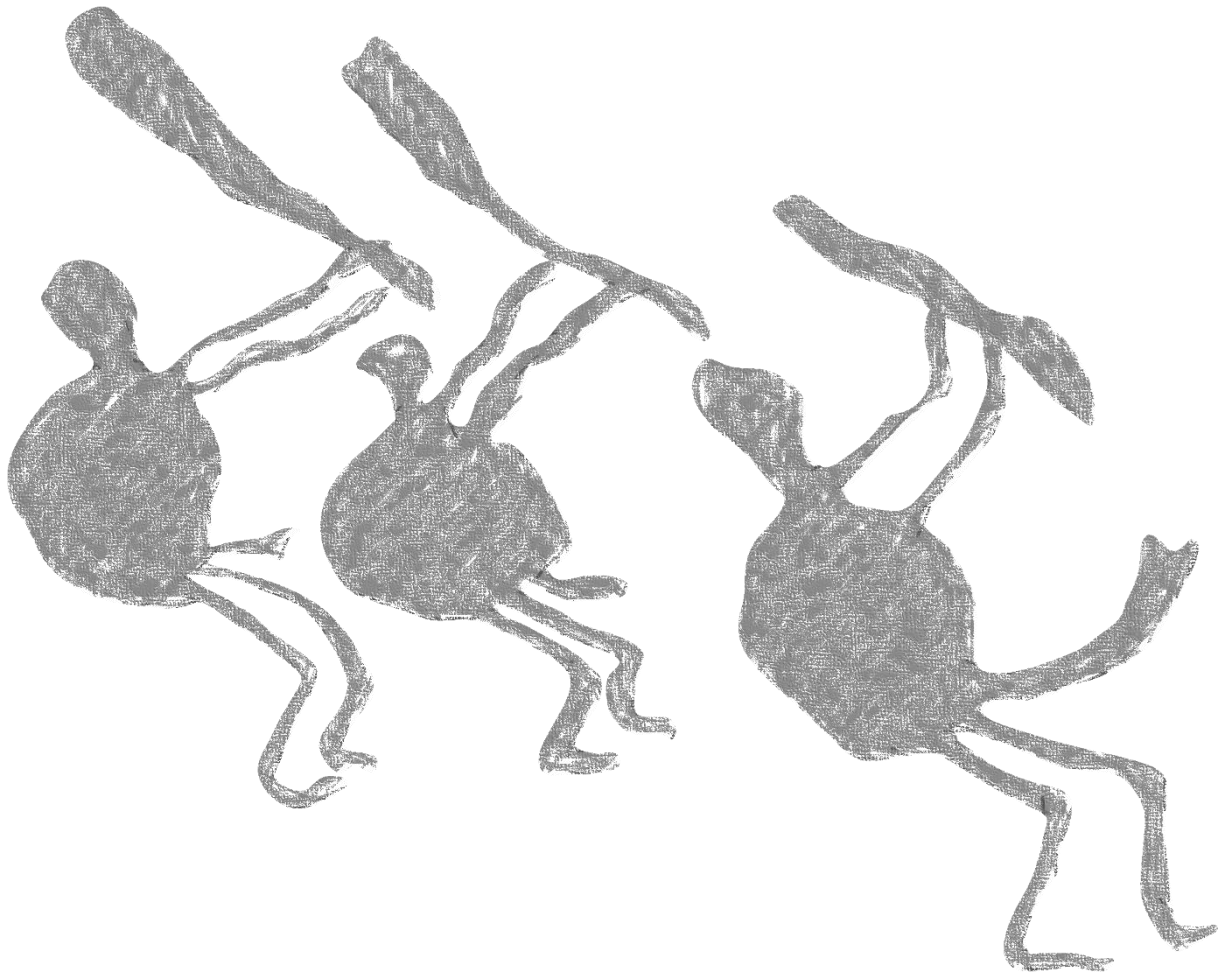
O segundo capítulo, elaborei a trajetória dos objetos de pesquisas, onde justifico as escolhas dos abrigos a serem investigados para essa dissertação e quais abordagens e métodos foram utilizados para alcançarmos os resultados.

No capítulo terceiro trago a descrição dos sítios arqueológicos e dos resultados obtidos pela análise dos painéis gráficos e das ações educativas objetivados pela pesquisa. Em seguida faço uma discussão que possibilite dialogar com as propostas teóricas-metodológicas apresentadas nos primeiros capítulos.

O quarto capítulo, faço a apresentação dos resultados das ações educativas realizadas na Escola Municipal Maria Izabel de Figueiredo em Palestina de Goiás e na Universidade Estadual de Goiás, no curso de História, em Iporá.

No quinto, serão apresentadas as relações alcançadas nos resultados com as propostas teóricas dos três capítulos, fazendo inferências e conclusões obtidas com esse longo trabalho.

CAPÍTULO PRIMEIRO



1 LUGARES DE MEMÓRIA – UMA CONVERSA COM A PAISAGEM E OS GRAFISMOS RUPESTRES DE TORRES DO RIO BONITO

O objeto de análise apresentado (os grafismos rupestres) é constituído por uma essência: o tempo; não um tempo abstrato, mas um tempo fluído, feito de lembranças, de memórias e recordações (BOSI, 2003). Por isso, discorrer sobre a memória é percorrer por diferentes caminhos e permear por diversos mundos das ciências humanas. Essa perspectiva que liga tantas abordagens é extensa e para isso foi necessário estabelecer alguns recortes para incorporação de elementos intrinsecamente ligados a memória, como a paisagem e os grafismos rupestres de Torres do Rio Bonito dos abrigos GO-CP-29, GO-CP-33, GO-CP-34 e GO-CP-37 (A, B e C).

A princípio, serão abordadas questões que envolvem os aspectos da memória coletiva dos grupos que pintaram essas imagens nos diversos abrigos, as quais podem ter fortalecido o sentimento de pertencimento e a formação de uma identidade cultural. Uma vez que alguns aspectos da memória e da identidade, segundo essa perspectiva, estariam presente na composição dos painéis gráficos.

Posteriormente será discutida a ideia de tempo e memória na formação da identidade cultural e a relação do patrimônio arqueológico com as pessoas que vivenciam esses lugares na atualidade. Sabendo que o patrimônio arqueológico compõe parte da memória de povos do passado e do presente, símbolo de identificação cultural (BEZERRA DE ALMEIDA, 2003) e que as instituições de ensino são locais de socialização do conhecimento, será exposto à relação existente entre essas perspectivas e a memória oficial na formação de identificação dos estudantes da região de Palestina de Goiás com o patrimônio arqueológico de Torres do rio Bonito.

Através dessa discussão, busca-se entender quais parâmetros na educação foram utilizados para construir as narrativas históricas sobre os povos indígenas que viveram antes dos colonizadores nessa região e como formou-se a ideia de identidade e patrimônio cultural para as populações que atualmente ocupam esses lugares. E se

tais narrativas, não apenas projetadas pelas instituições de ensino, mas também pelas pessoas locais, influenciaram ao longo dos anos na relação com o patrimônio arqueológico de Palestina de Goiás.

1.1 OS VÍNCULOS ENTRE PAISAGENS E PESSOAS E A CONOTAÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA

Entende-se que a paisagem é o mundo experimentado e engajado por meio de consciência e envolvimento humano ativo (BENDER, 2006), além do que, a noção de espaço está vinculada a ideia de lugares importantes para a sociedade e que não são ligadas apenas as atividades de reprodução social, mas de referenciais para a construção das identidades culturais (ALENCAR, 2007) Sendo assim, a apropriação, a construção, a transformação e o uso da paisagem por grupos pré e pós-colonial tem permitido estabelecer diferentes considerações e hipóteses em relação à distribuição espacial dos sítios arqueológicos e as escolhas culturais de ocupação permanente ou temporária de habitações, atividades especializadas, manejo e atribuições simbólicas aos compartimentos dos espaços naturais, sejam abrigos rochosos, terraços, vales e dentre outros (RUBIN *et al.*, 2020).

De tal perspectiva, Tilley (2017) define paisagens como conjuntos percebidos e incorporados de relacionamentos entre lugares, onde estão envolvidos, além da estrutura, os sentimentos humanos, emoções, movimentos e atividades práticas em uma região geográfica que pode ou não possuir limites topográficos precisos. Como tal, as paisagens formam potentes meios de socialização e conhecimento, pois conhecer uma paisagem é entender o sentido de origem e pertencimento humano; constitui parte da formação das identidades pessoais e a multiplicidade do entendimento de lugares.

Ainda, segundo Tilley (2017), quando as pessoas pensam sobre a identidade social ou cultural, de caráter coletivo ou individual, elas inevitavelmente se colocam em um cenário, imaginando-se e sentindo-se pertencentes a um lugar. Ideias e sentimentos sobre identidade estão inevitavelmente amparados nas especificidades de lugares familiares, criando paisagens e lugares. Os lugares aninham-se nas paisagens, e as suas fronteiras geralmente não podem ser estritamente definidas, claramente não pode haver definição contextual de paisagem ou lugar.

O que foi sugerido por Tilley (2017) é que, em vez de se referir à lugares ou as paisagens primariamente como sistemas de signos, ou como textos ou discursos que codificam significado e refletem identidades sociais de várias maneiras, podemos considerar esses espaços como agentes que produzem ativamente essa identidade cultural. Produzir significado humano no mundo é estabelecer conexões entre nós mesmos e os fenômenos materiais díspares com os quais e através dos quais vivemos, as plantas e animais, paisagens e artefatos. Como sugere Troncoso (2001), no interior, a espacialidade da paisagem também é orientada para gerar uma certa experimentação espacial. Do movimento humano através do espaço culturalmente configurado, existe uma forma de ver, compreender e sentir o mundo e as relações sociais ali presentes e que não é de forma alguma neutra.

Sendo assim, a paisagem perpassa as características físicas e está intrinsecamente ligada as atribuições e significados sob a perspectiva cultural de cada grupo (CORTELETTI; DEBLASIS, 2018), da qual, estabelece as relações entre espaços, pessoas e objetos. A partir desse entendimento, buscamos compreender a paisagem de Torres do Rio Bonito, orientadas sob a ótica dos grupos pretéritos, onde as próprias compartimentações naturais desses lugares foram agentes que possibilitaram as intervenções feitas nela através das expressões culturais imagéticas. A articulação entre a distribuição dos diversos e distintos grafismos rupestres e dos lugares onde se desenvolveram as práticas sociais, refletem a construção cultural da paisagem (ISNARDIS, 2009; ISNARDIS e LINKE, 2010). Uma vez que as comunidades humanas não são passivas do meio, mas agentes transformadoras, revelam um conjunto de relações entre pessoas e paisagens (PROCÓPIO, 2019; BINANT *et al.*, 2018; TRONCOSO, 2014), é um constante relacionar de elementos humanos e não humanos.

Dessa forma, acredita-se que os abrigos investigados nessa pesquisa, assim como as estratégias de visibilidade das imagens, estejam relacionados às escolhas culturais e que, portanto, os espaços ocupados pelos grafismos rupestres não teriam sido selecionados aleatoriamente (ISNARDIS, 2009), mas pensado sob a perspectiva da construção de uma paisagem cultural. Dessa forma, as escolhas, onde observamos a materialização da gerência humana e a agência da paisagem (desses espaços), estão manifestas na seleção do abrigo, assim como do tipo de suporte rochoso, a distribuição espacial das imagens nos painéis rochosos, das técnicas

usadas, dos estilos pintados nos paredões e da seleção da temática, que poderiam estar carregados de significados e visões referente as ontologias do grupo pretérito (GUEDES; VIALOU, 2017).

Sobre as estratégias de visibilização dos grafismos rupestres no abrigo, conforme apresentado em artigo por Procópio e Viana (2021), Ribeiro (2008, p. 53), com base nos estudos dos grafismos rupestres do complexo Montalvânia, na Lapa Tikão, localizado no vale do Peruaçu, em Minas Gerais. Na sua pesquisa, entendeu-se que as figuras desse sítio teriam sido executadas para um “auditório pré-concebido”, com o intuito de restringir o acesso das imagens a qualquer público. De acordo com sua análise, as figuras rupestres nos painéis da Lapa do Tikão estão quase sempre em superfícies baixas, onde os espaços escolhidos limitam não apenas a disposição corporal dos autores que as fizeram, mas também do auditório que as contemplava. Nesse mesmo sítio, foram produzidas pinturas da Tradição São Francisco, de modo a serem vistas mesmo a uma longa distância; “Os elevados, coloridos e chamativos painéis São Francisco parecem ter sido feitos para serem observados de longe, evocando uma comunicação estabelecida com público amplo.” (Ribeiro, 2008, p. 65).

Nas pesquisas desenvolvidas no Vale do Peruaçu, Isnardis (2009) destaca que, em algumas composições de painéis foram notadas esse tipo de projeção, onde várias imagens são percebidas mesmo de longe, sendo um destaque para todos os que acessavam os espaços onde estão inseridos os abrigos. Ou ainda, os espaços de difícil acesso, onde a imagem parece estar escondida, podendo indicar que tal figura foi desenhada apenas para um público específico, sendo reservado talvez para poucos, como observado por Tobias Junior (2013) nos abrigos rochosos em Jequitaí (Minas Gerais). Essa dialética também foi observada no meu trabalho de conclusão de curso (PROCÓPIO, 2019), no Abrigo do Índio, onde existem grafismos coloridos pintados no teto considerados altamente visíveis e/ou destacados e imagens em miniaturas desenhadas em locais extremamente baixos (próximo ao piso do abrigo), próximo ao chão, de baixíssima visibilidade, evidenciando as estratégias dessas pessoas em deixar as imagens a serem vistas ou não (BINANT *et al.*, 2018).

Etchevarne (2009), por sua vez, ao analisar as particularidades dos grafismos rupestres da Tradição Nordeste na Toca da Figura, no Morro do Chapéu (Bahia),

observa a existência de um conjunto de zoomorfos em miniaturas pintados em “posição de ocultamento”, localizados cerca de 80 cm da superfície do solo, não

podendo ser vistos por uma pessoa em pé. Representam, segundo o autor, uma clara intenção de deixar os grafismos em difícil visualização.

Representar, retratar e ver são características onipresentes do processo pela qual a maioria dos seres humanos conhece o mundo como realmente é para eles. Por isso, como sugere Gordon Fyfe e John Law (1988), uma figuração nunca é apenas uma ilustração. É a representação material, de um processo em que se estabelecem um trabalho social. O lugar para a construção do produto aparentemente estabilizado revela a figuração da diferença social, das escolhas. Devem-se notar seus princípios de exclusão e inclusão, detectar os papéis que ela torna disponíveis, entender o modo como eles são distribuídos e decodificar as diferenças que nela exista.

A relação entre pessoas e lugares também está vinculada a memória. A memória voltada para a interpretação arqueológica, a qual nos interessa, pode estar enraizada no espaço, nos objetos e nas imagens, materializando-se assim na cultura material. A memória pode ser considerada uma forma na qual organizamos nossas lembranças e experiências do passado, mas não funciona apenas como um repositório de recordações, mas também de percepções (BOSI, 2003). Como apresenta Candau, a memória propriamente dita:

(...) é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.) (CANDAU, 2021, p. 23).

A dinâmica estabelecida por diferentes grupos sociais, onde são produzidos as narrativas e o sentimento de pertencimento, envolvem o agenciamento de elementos simbólicos que estarão em permanente reelaboração e manipulações dos significados e sentidos na formação das memórias. Dessa forma, a ativação de tais elementos representativos, passam demarcar valores dos bens materiais e imateriais que serão eleitos e integrados como patrimônio cultural. No âmbito da singularidade entre os diversos grupos é reconstruída a dialética da lembrança e esquecimento e modelada por diferentes interpretações e sujeitos, que visam construir a memória social de

“tempos em tempos, ou permanentemente, ressignificada, negociada ou esquecida” (LOUREIRO, 2015, p.97), conforme o contexto sociopolítico vivido.

Isso implica também em estabelecer que existem aspectos das memórias que são comuns, que constituem uma identidade coletiva, que tange no reforço do sentimento de pertencimento e afetividade do grupo, como proposto por Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva. A memória coletiva, apoiada na memória individual, está marcada pela concentração dos signos sociais (BOSI, 2003). Para Bosi (2003, p.31), “há uma memória coletiva, produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe”.

A memória também está imbricada com o tempo, “o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003). Para DaMatta (2003), assim como o espaço, o tempo são invenções sociais legitimadas e aceitas pelas sociedades. “Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado (...) permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização” (DAMATTA, 2003, p.34). Seguindo essa mesma percepção, para Bruzzone (2010), o tempo, assim como o espaço, constitui uma construção social que permite ordenar a realidade.

Hernando (2004) afirma que existe uma relação indissociável entre a percepção de tempo e espaço, à medida que uma se transforma, a outra, semelhantemente, se modifica. A relação entre tempo, espaço e memória configura-se como um dos elementos-chave na formação da realidade social e na forma de compreendê-la (RECALDE, 2016). Dessa maneira, a imagem convoca a memória, e por isso ela perpassa a linearidade do tempo. Ela é composta de tempos heterógenos, logo, anacrônicos. Conforme Didi-Huberman:

Diante de uma imagem – por mais antiga que seja – o presente nunca cessa de reconfigurar (...) visto que essa imagem só se torna pensável numa construção da memória (...) Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro, o elemento da duração [durée]. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser [étant] que a olha (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 16).

O ideal não existe, segundo Didi-Huberman, o anacronismo atravessa todas as contemporaneidades; não se deve projetar a nossa realidade, os nossos valores sobre a realidade do passado, sobre o objeto de estudo da nossa investigação histórica. A obra “O Tempo Anacrônico” do autor, tem por objetivo estabelecer uma arqueologia crítica dos modelos de tempo, dos valores de uso do tempo na disciplina histórica que elegeu as imagens como objetos de estudos.

Ainda a respeito ao anacronismo, Didi-Huberman (2021) traz a seguinte citação de Walter Benjamin (1989):

Não cabe dizer que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. Uma imagem, ao contrário, é aquilo no qual o Pretérito encontra o Agora num relâmpago para formar uma constelação. Em outros termos, a imagem é a dialética em suspensão. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação do Pretérito com o Agora é dialética: não é algo que se desenrola, mas uma imagem fragmentada. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é, não arcaica); e a língua é o lugar onde é possível aproximar-se dela” (W. BENJAMIN, 1989, p.478, apud DIDI-Huberman 2021, p.114).

Nesse campo teórico reflexivo, a imagem perpassa a historicidade que emerge; ela possuiu uma amplitude histórica, cognitiva e de pensamento, podendo ocorrer num adensamento de tempo. Como apresenta Costa (2009, p.88): “Nesse procedimento, a relação dialética é um espaçamento crítico que instaura a legibilidade do instante presente e o reconhecimento do tempo histórico em que se vive”.

O método anacrônico, para Didi-Huberman, é essencial para os estudos na pesquisa histórica, onde essa dialética do tempo, traz um despertar, uma aproximação com o presente (QUADROS, 2021). Lembrando que uma imagem produzida por alguém em algum momento da história, não é a mesma imagem que vemos e interpretamos ao contemplá-la. Ou seja, há uma imagem atemporal, que perpassa o tempo cronológico e linear, e aproxima o passado com o presente.

Dentro desse método anacrônico, desenvolve-se o que o autor denominou de Arte da Memória, cujo conteúdo para nós e para o artista não é narrativizado, jamais totalizado. O passado anacrônico se encontra com o presente reminescente (que recorda, que lembra), “pois o anacronismo essencial implica por essa dialética, faz da memória não uma instância que retém – que sabe o que acumula -, mas uma instância que perde” (DIDI-HUBERMAN 2021, p.115). É um constante jogo vivo, inquieto e

perpétuo. É no instante do agora que ocorre a sincronicidade das imagens, é preciso descobri-la na memória, seja material, social ou coletiva, e identificar as relações que emerge seu caráter dialético da época que a emerge (COSTA, 2009).

Nessa perspectiva, é oportuno refletir sobre os vínculos entre paisagem, memória e tempo, onde os espaços gráficos presentes em Torres do Rio Bonito, representam a externalização de parcelas das memórias de grupos pretéritos, considerados, portanto, como “lugares de memórias” (PROCÓPIO; VIANA, 2021). Partindo desse princípio e da hipótese de que os humanos se relacionam com a fisiografia regional para além da materialidade, observando e produzindo signos que são lidos e interpretados (FAGUNDES *et al.*, 2020), esses espaços, considerados lugares de memórias, dialetizam entre o Pretérito e o Agora (DIDI-HUBERMAN, 2021) e articulam a relação entre pessoas, imagens e lugares (PROCÓPIO; VIANA, 2021).

Considerando também que os grafismos rupestres não são apenas a personificação da prática ou de uma ação sociocultural executada no passado, mas representações individuais e/ou coletivas de pessoas cujas memórias culturais não são mais vivas, podendo ou não ser memorados pelas pessoas no presente. Dessa maneira, os grafismos rupestres podem ser entendidos como a materialização de parcelas de memórias e histórias que detém significado sociocultural e constituíram parte dos sistemas simbólicos de diferentes culturas (grupos culturais) no passado.

Diante disso, os aspectos que marcaram as práticas socioculturais e consequentemente na externalização de parcelas dessas memórias, podem estar presentes em torno do próprio registro gráfico. Conforme o contexto histórico e com base nas evidências de cultura material distinta e a datação, os sítios de Torres do rio Bonito eram frequentemente revisitados, atitudes que reforçam a ideia da preservação da memória e os vínculos estabelecidos com o passado. Para Nora (1993), a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Por isso, as sociedades sempre utilizaram de mecanismos distintos para perpetuar suas lembranças e histórias, constituindo lugares onde pudessem ancorar suas memórias.

Desse modo, podemos observar nesses sítios, alguns aspectos que reforçam esses espaços enquanto lugares persistentes (FAGUNDES *et al.*, 2020) e lugares de memória (SMOLKA, 2000). As inúmeras imagens desenhadas, suas diferentes formas de elaboração, as distintas composições e estratégias de execução e de distribuição

das figuras pelo suporte rochoso, indicam uma constância preocupação em demarcar e registrar as memórias.

A identificação das preferências visuais que circula no tempo e no espaço são fundamentais para qualquer análise, pois expressam uma forma compartilhada pelo grupo de imaginar, pensar e vivenciar o mundo circundante (RECALDE, 2018). Nos painéis gráficos pintados, casos como de repetições de um repertório iconográfico específico, uma imagem isolada ou combinada com outra, a relação e associações das figuras, a definição dos limites de um painel gráfico, as sobreposições de imagens, o acesso a essas pinturas, dentre outros, são elementos que evidenciam alguns referenciais de memórias e a construção da paisagem cultural.

Nessa perspectiva, a paisagem é entendida como uma realidade histórica, onde se manifesta pelas múltiplas camadas espaço-temporais, que é socialmente significada e construída (FAGUNDES *et al.*, 2020). Mediante isso, as relações cronológicas entre os diferentes estilos das figuras rupestres no painel rupestre, nos “permitem identificar mudanças e diferenças nos modos de perceber e significar os espaços pintados e *simultaneamente* [grifo nosso] traçar as semelhanças e afinidades entre as significações” (LINKE; ISNARDIS, 2010, p. 46). Essas identificações permitem trazer as discussões que tange o “processo de transformação e manutenção da paisagem”.

1.2 O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE PALESTINA DE GOIÁS E A HISTÓRIA OFICIAL DE GOIÁS

Os grafismos rupestres do complexo arqueológico de Palestina de Goiás, como apresentado, diz respeito a memória de grupos originários que habitaram essa região por milhares de anos. Através das diferentes ocupações, as datações de alguns sítios revelam que esses espaços eram lugares de resistência e perpetuação de histórias. Além disso, esses lugares representam um importante legado cultural dos grupos originários dessa região; os grafismos rupestres materializados nos suportes rochosos evocam a memória ancestral e traz referência da presença de culturas diversas. Todo esse complexo arqueológico em Palestina de Goiás é um patrimônio arqueológico,

protegido por lei¹, sendo muito importante para a compreensão do mosaico da ocupação humana no Planalto Central. Destarte, é necessário, sob a perspectiva da alteridade e da multiplicidade de narrativas, estabelecer práticas de ações educativas para dialogar sobre as diversidades de identidades culturais (LUCY, 2005) com as populações da região onde estão presentes os sítios arqueológicos e promover a preservação desses sítios arqueológicos.

A partir das relações estabelecidas entre indivíduos e objetos, como visto, as pessoas aceitam e negociam esse sentimento de pertencimento e fortalecem os laços entre os membros da comunidade. Nesse quadro, os grafismos rupestres conformariam um dos materiais simbólicos e cultural, a partir dos quais, a memória e a história podem ser construídas, afirmadas e redefinidas pelas experiências vividas em diferentes níveis de interação. Na medida que esse conhecimento for transmitido de uma geração para a outra, essa pesquisa busca colaborar com o estímulo da construção das experiências compartilhadas, definidoras da memória social. Isso implicaria que as repetições de tais expressões, as referências iconográficas (imagens rupestres), adquirissem a força visual necessária para serem traduzidas em força mnemônica (SEVERI, 2010), assim como ocorreu ao longo de anos para os diversos grupos no passado.

Nessa perspectiva, acredita-se que um dos instrumentos a serem utilizados para a transformação dessas narrativas e a reflexão acerca do patrimônio arqueológico e a reflexão da identidade cultural local, está voltada para ações educativas nas instituições de ensino de Palestina de Goiás e região. Já que as instituições de ensino são locais de socialização do conhecimento, onde ocorre a reprodução das representações coletivas da origem, história, crenças e cosmologias de um determinado grupo (CANDAU, 2021).

No campo da educação, segundo Bosi:

as instituições escolares reproduzem essas versões solidificando uma certa memória social e operando em um sentido inverso ao da lembrança pessoal, tão mais veraz em suas hesitações, lacunas e perplexidades (BOSI, 2003, p.23).

¹ A proteção do patrimônio arqueológico é garantida pelas leis federais no artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e pela Lei de nº 3.924, de 1961.

Mediante isso, e a partir de dados já existentes de ações educativas desenvolvidas nas escolas e comunidades, comecei a refletir em como essa ideia de identidade cultural e da história oficial estava sendo forjada nas instituições de ensino da região e como essas podem estar vinculadas com o distanciamento entre pessoas e os sítios arqueológicos de Palestina de Goiás? Para isso busquei alguns discursos que podem conectar esses vieses.

1.3 IDENTIDADE CULTURAL – OS DISCURSOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA EDUCAÇÃO

A identidade cultural é uma representação coletiva e que se é produzida e modificada no quadro de relações, reações e interações socio situacionais, de onde surgem os sentimentos de pertencimento, de visões de mundo identitárias ou étnicas (CANDAU, 2021, p.27). Para Meneses (1984) “o processo de identificação é um processo de construção de imagem, por isso território propício a manipulações”. Como apresentado por Knapp (2008), a identidade social/coletiva pode ser vista como um processo, sempre em construção, que envolvem a negociação dentro de hierarquias específicas de poder.

Assim como a memória, a identidade pode ser seletiva, induzida, manipulada e forjada, formando o que Balandier (1977) denominou de ilusão social essencial. A memória, pode ser igualmente feita também de esquecimento (POLLAK, 1989) e pode beneficiar-se de extensões artificiais. E se a base da identidade é a memória, ambas estão nesse território de expansão e manipulação (CANDAU, 2021).

A memória coletiva, como apresentado, pode ser evocada de diferentes formas, a partir das enunciações que denotam valor coletivo, formando assim a identidade cultural. Membros de um grupo podem reproduzir diversas representações quanto a sua origem, história, crenças, cosmologias e tudo que remete a suas identidades. No discurso do domínio da ação cultural, “podemos nos referir aos discursos veiculados por coletividades territoriais, Estados, museus e mesmo instituições de pesquisa sobre as práticas patrimoniais” (CANDAU, 2021, p. 26).

Para isso criam-se espaços de memórias (museus, bibliotecas, arquivos), heróis, símbolos, datas comemorativas e outros, que são considerados “artefatos de

transmissão mnemônicos transgeracionais que estabelecem no interior da historicidade buscando legitimar uma origem e um passado” (LOUREIRO, 2015, p.100). Essas experiências estão em constante atualização e em processos que possam alterar as formações identitárias e patrimoniais, formando a ideia de nação. Essa ideia, incorporada pela memória social, de um sentimento de pertencimento, onde é possível reconhecer uma origem e um passado em comum, dão origem ao patrimônio oficial, que muitas das vezes “não coincide com o patrimônio da maior parte dos segmentos que compõe a nação (MAGNANI, 1986 apud LOUREIRO, 2015, p.102)

O objeto patrimonial eleito, é descrito como uma identidade que representa um grupo e para isso, faz-se necessário preservar, conservar ou valorizar. Diante das narrativas sobre o patrimônio, são necessários alguns questionamentos sobre a sua construção enquanto memória. Qual memória vinculada ao patrimônio está sendo narrada? Esse patrimônio, é uma representação total ou parcial de uma comunidade? E como essas narrativas foram construídas?

A ideia de patrimônio oficial é muitas das vezes forjada no seio das memórias de uma comunidade. A ideia não é o que é considerado patrimônio cultural, mas como essas se formam a partir das narrativas sociais e educacionais. “A quem interessa o passado?” (MACHADO, 2019, p.28). Como apresenta Lima (2019, p.89), existe “um descompasso que trata da própria construção de uma “memória histórica”, pois sua interpretação é todo o tempo diversa e a “autoridade” sobre ela é socialmente construída”. As escolhas de elementos do passado que serão preservados e valorizados em detrimentos de outros enquanto patrimônio, visa construir uma imagem a que se pretende formar (ABREU, 2020).

Um exemplo dessa reprodução está vinculado a reforma das bases curriculares no ano de 1971, no período da ditadura militar no Brasil, onde houve a implementação dos Estudos Sociais. Em substituição as ciências humanas, essa disciplina uniu os conteúdos da História e Geografia, cujo objetivo era despertar o civismo dos estudantes e focar aos fatos históricos e heróis brasileiros (PLAZA e PRIORI, 2021).

Conforme a análise de Carneiro (2022), essas medidas aplicadas as disciplinas e a inserção nos conteúdos didáticos nos planos curriculares “se caracterizavam com exaltação de elementos nacionalistas e com a ideologia da classe dominante”

(CARNEIRO, 2022, p.59). Esse viés de dispersão do conhecimento, forjaram uma história nacional baseada em elementos eurocentrista, inviabilizando diferentes narrativas, sobretudo aquelas relacionadas aos povos massacrados pelo poder colonizador. Esse apagamento, continua a perpetuar nas instituições educacionais e na sociedade, tendo sobretudo, conforme apresenta Carneiro (2022) o material didático como instrumento de controle ideológico, promovido pelo próprio Estado (FOUCAULT, 2021). Portanto, é necessário examinar com crítica como a formação e propagação cultural e identitária brasileira tem se estabelecido.

“O que a atual sociedade brasileira sabe sobre o passado dos povos que habitaram milenarmente o seu território? (...) Em que contexto, sob quais condições e com base em quais fontes foi produzido este saber?” (FREIRE, 1995, p.7). Esses questionamentos, mesmo com o passar dos anos, continua sendo um ponto crítico quando se avalia o conhecimento da sociedade brasileira sobre o passado dos povos originários e quais narrativas ainda perpetuam no imaginário social sobre a história profunda do Brasil, e nesse caso, em Goiás. A ideia de que dezenas de europeus, colonizadores e bandeirantes paulistas foram verdadeiros heróis, ainda se faz presente em discursos da história goiana.

“A história oficial”, disciplina que ajudou durante séculos a estruturar os modos de entender e reproduzir o estado-nação, transformando-se num dos melhores veículos para consolidar a colonialidade/modernidade (SCHLENKER, 2019, p.79) foi estrategicamente coordenada pelos grupos de poder que objetivavam o controle das narrativas históricas, baseadas em implicações políticas, econômicas e sociais. Termos deterministas como “o Brasil foi descoberto”, os imaginários transculturais em torno do canibalismo no “Novo Mundo” (BARRIENDOS, 2019, p.43), figurando a imagem do indígena como um selvagem e dentre outros tantos termos e informações, estão impregnadas profundamente no pensamento da sociedade e são vitais para podermos explicar o processo histórico do passado, que reflete nas questões sociais no presente.

Importante ressaltar que, quanto ao termo pré-história, para esse trabalho, consideramos inadequado, visto que esse conceito, aplicado pela episteme europeia, está carregada de conceitos estereotipados. Dessa forma, como apresenta Sales (2020, p. 32), o “prefixo “pré” significa “antes de” ou “sem”, aplicado à palavra “história” para formar o termo “pré-história”, o prefixo “pré”, interpretado “ao pé da letra”,

significaria: “antes da história” ou “sem história”. Diante disso, quando estamos nos referindo aos povos da “pré-história”, estamos dizendo, mesmo que de forma implícita,

que são um povo “sem história” ou “antes da história”. Devemos considerar que, no caso do Brasil, a escrita é algo recente para a maioria dos povos indígenas (MUNDURUKU, 2018), onde o conhecimento ancestral foi apreendido ao longo de gerações através dos sons, das palavras e das oralidades, considerados instrumentos de transmissão da tradição.

Discursos fundamentados na episteme europeia, como, por exemplo, a civilização e a hierarquização, coloca de um lado os sujeitos civilizados e do outro, os sujeitos não civilizados. Nessa dicotomia, como apresenta Maldono-Torres (2016) cria-se uma linha divisória reivindicada pela cidadania moderna-ocidental, abrindo margem para legitimar a ideia de que esses sujeitos “civilizados”, e, portanto, superiores, foram os protagonistas da história, deixando à margem da “história”, os outros – não civilizados e inferiores.

Conforme apresenta Krenak (2020) :

A ideia que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível (KRENAK, 2020, p. 11).

No caso dos indígenas brasileiros, os outros, foram considerados por esse conceito colonizador europeu como “um povo sem história”, deslocados de lugar e perdidos em um tempo antigo, desprovido de memória. Baseado nas comparações durante o período de contato entre os povos europeus e os indígenas no Brasil, “os portugueses concluíram que os “índios” que habitavam nosso território viviam na “infância da evolução” (SALES, 2020, p.34). Essa ideia, de considerar os indígenas povos primitivos, perdurou por muito tempo na nossa história. Isso criou uma fragmentação entre o antes e depois da invasão europeia, formando dois mundos distintos, separando as sociedades ameríndias de sua história, provocando um distanciamento temporal e territorial (BUENO, 2019).

Outro elemento importante sobre a inviabilização da história das populações indígenas, e nesse caso o Brasil, diz respeito aos estereótipos dados a esses povos, principalmente aqueles descritos pelos primeiros viajantes, missionários e outros

referenciais históricos; narrados sob a perspectiva social e política da época, desconsideraram os significados singulares de cada grupo. A imagem apresentada por esses, traz uma visão hostil dos povos indígenas, visto como atrasados, selvagens, canibais, pobres e como empecilhos para o progresso nacional (MUNDURUKU, 2012), que tem sido reproduzida pela historiografia tradicional e pelos livros didáticos ao longo dos anos. A forma de pensar a história brasileira, orienta a reprodução imaginária de que os indígenas permanecem como povos ausentes, imutáveis e não sendo considerados agentes históricos (LIMA, 1995). Essas populações, enquanto elementos que fazem parte do povo e da nacionalidade brasileira, aparecem como pessoas inertes a violência e transformações impostas pelos colonizadores; surgem nas narrativas como passivos ao processo histórico e não como “atores históricos concretos, dotados de trajeto próprio” (LIMA, p.3, 1995).

A imagem negativa que alguns possuem dos povos originários, por exemplo, acentuada ao conto do mito fundador (CHAUÍ, 2001), onde a nossa origem começa com a chegada dos europeus, prejudica a compreensão acerca da história antes da colonização brasileira. Essa percepção limita a sociedade brasileira a pensar de forma crítica os elementos valorizados, sobretudo o patrimônio cultural e arqueológico. Como apresentado por Bezerra de Almeida (2003):

(...) a falta de identidade do povo brasileiro com o patrimônio arqueológico advém do fato que a maior parte do povo ignora as suas raízes e as suas origens recentes e mais antigas no caso da pré-história. Acreditamos, entretanto, que o problema não está no desconhecimento e sim na forma como se conhece, e por consequência, se reconhece a/na história da nação (...) nessa perspectiva, a herança colonialista é um entrave à apresentação da pré-história, já que sua introdução desorganiza uma lógica e uma história tão enraizada que os cidadãos, em sua maioria, tratam a existência de vestígios arqueológicos, em especial o que se referem a pré-história, de forma evasiva e distante (BEZERRA DE ALMEIDA, 2003, p.285-290).

O grande problema, como explana a autora, perpassa a questão do conhecimento das origens e raízes da nossa história, mas como se reconhece. O distanciamento e a maneira negativa que as informações são repassadas, sobretudo nas instituições de ensino, provoca na sociedade brasileira um certo desdém ao nosso passado. Logo, isso leva um afastamento e um não reconhecimento do cidadão brasileiro com o patrimônio arqueológico. De modo geral, as narrativas formuladas a partir das disciplinas científicas oriundas dessa linha europeia acerca dos povos originários na América, muitas das vezes trouxeram/trazem a noção de um passado

neutro e sem relação com o mundo contemporâneo, distante da realidade e do cotidiano da sociedade (MUNDURUKU, 2012).

Soma-se a essa problemática as políticas públicas nacional, que têm um papel importante na perpetuação e distorção da memória, presenciada na relação do Estado brasileiro com seu patrimônio arqueológico. Configurado pelo interesse na preservação da memória dos vencedores – nesse caso os colonizadores e europeus (LIMA, 1988) – percebe-se que a grande parte dos monumentos arquitetônicos ou sítios tombados e reconhecidos como patrimônio cultural, diz respeito ao poder religioso e político, como, por exemplo, os grandes casarões e igrejas monumentais nos centros históricos das cidades brasileiras. As outras histórias, a dos indígenas, afrodescendentes, sertanejos, caboclos e dentre outros grupos marginalizados, estão silenciadas, reservadas ou ocultadas em espaços discretos, não sendo representadas de fato.

A orquestração do processo de apoderamento dos mecanismos teóricos ocidentais, permitiu a reprodução da percepção sobre a história do Brasil, na tentativa de criar uma identidade nacional e suprimir as diversidades étnicas, sobretudo as indígenas (MUNDURUKU, 2012). “A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que somos todos iguais” (KRENAK, 2020, p.31).

Essa importação da racionalidade moderna e hegemônica que nós, em especial aos integrantes da América Latina, adquirimos dos países colonizadores, sobretudo dos europeus, fez com que inviabilizássemos as diferentes histórias e perspectivas. A tradição científica adotada desses países dito “desenvolvidos” ou “superiores”, forjou o conhecimento e a sistematização da ciência ao longo dos anos e conseqüentemente a naturalização do saber “racional”, desconsiderando, no caso do Brasil, o saber dos povos tradicionais.

Esse tipo poder, centrado no conhecimento hegemônico europeu, é vivenciado em diversas instituições de ensino do Brasil, uma vez que a Matriz Curricular está sob as diretrizes das Secretarias de Educação e conseqüentemente no poder de decisão do Estado em estabelecer as propostas a serem ensinadas. Dessa forma, o conhecimento universal enrijecido é privilegiado, deixando de lado os saberes tradicionais e locais. As propostas presentes na Base Curricular Nacional Comum, tendem a replicar a visão dicotômica (PAULA, 2017), privilegiando os conhecimentos

universais presentes na Parte Comum por todos os estudantes brasileiros, e deixando a Parte Diversificada – menor parcela – aos conhecimentos locais

Nos últimos anos, sobretudo a partir dos anos de 1970, tem-se discutido sobre a sobrevivência da colonialidade na educação de países colonizados pela Europa. Um grupo formado por intelectuais de diferentes áreas e disciplinas, tem desenvolvido um projeto epistemológico cujo objetivo é construir alternativas à modernidade eurocêntrica, tanto na parte social e educacional (OLIVEIRA; CANDAU, 2010). Esses estudos pós-coloniais têm questionado fortemente a política ideológica europeia e norte-americana, como lugar primário da produção e disseminação de saberes e conhecimentos (PAULA, 2017). A ideia central dessa discussão está em criticar a modernidade e o eurocentrismo imposto sobre o conhecimento tradicional e recuperar as epistemes perdidas e os saberes tradicionais (MALDONO-TORRES, 2016; QUIJANO, 2009/2014).

Sabendo-se dessa divergência, e como observado por Carneiro (2022), há uma homogeneização social e patrimonial acerca das narrativas históricas na instituição de ensino da região. A falta de uma reflexão mais profunda nas salas de aula sobre os povos originários e seus vestígios deixados nos diferentes abrigos rochosos de Palestina de Goiás, reflete na pouca relação com o patrimônio arqueológico ou até o desconhecimento destes. Todavia, como se vê, isso é um problema que atinge toda esfera nacional e que está vinculada na formação de uma memória oficial forjada ao longo dos anos no Brasil.

1.4 ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

No complexo arqueológico de Torres do rio Bonito, em Palestina de Goiás, as memórias dos povos originários registradas estão evidenciadas em diversos vestígios da cultura material e que se faz presente nos abrigos rochosos, nas estratigrafias do solo ou dispersos na superfície. Estamos de acordo com Schmitz (2005), quando ele menciona a seguinte frase, fazendo referência a arqueologia do Mato Grosso do Sul:

As lascas de pedra, os cacos de panelas de barro, as gravuras nos grotões da serra, os esqueletos rotos que o arqueólogo estuda, muitas vezes têm nome e dono: este pode ser Kaiowá, Terena, Guaicuru, Guató, Kaiapó do Sul. No Mato Grosso do Sul, Arqueologia e História podem dar-se as mãos para contar uma história sem interrupção (SCHMITZ, 2005, p.1).

Não diferente, a história dos povos originários em Goiás passou por diferentes momentos ao longo de milhares de anos, formando uma estrutura cultural ampla e diversa, da qual, nós pesquisadores, conseguimos acessar apenas fragmentos. Através desses fragmentos, buscamos, apoiados em dados e hipóteses, construir um panorama histórico sobre a nossa formação cultural dessa região. Longe de querer seguir um processo contínuo e linear, utilizamos, apoiados na historiografia, descrever sobre os indígenas que habitaram a região de Torres do Rio Bonito, os Caiapós do Sul. Segundo Mário Neme (1969, p. 104) “Nessa região do atual Goiás, os Caiapó iriam permanecer o tempo suficiente para transmitir o seu nome a uma serra, a Serra do Caiapó, e a um rio, também chamado do Caiapó, afluente do Alto Araguaia”. Ainda segundo Ataídes (1998) as maiores concentrações da população Caiapó, estariam nas áreas de Camapuã (atual leste de Mato Grosso do Sul) e nos vales dos rios Caiapó e Claro (atual região sudoeste de Goiás).

Sabe-se que esses indígenas habitaram os espaços onde se situam o complexo arqueológico de Palestina de Goiás. O que não podemos afirmar é que, esses seriam os produtores dos grafismos rupestres. Todavia, podemos associar elementos presentes nos vestígios arqueológicos, sobretudo nas cerâmicas, com os mencionados pela historiografia. Isso nos ajuda a entender quais elementos culturais foram semelhantes ou não com os diferentes grupos que ocuparam esses espaços. Assim, indago: seria possível identificar marcos culturais dos Caiapó no Sul nesses sítios arqueológicos? Como veremos ao longo da pesquisa, muitas evidências permitem relacionar essas evidências por meio da arqueologia e da historiografia. Contudo, o mais importante é contar as histórias desses indígenas, sejam elas relacionadas aos Caiapó, ou não. É também evidenciar que, antes do colonizador, esses espaços, por milhares de anos, como evidência as pesquisas arqueológicas, estiveram presentes uma diversidade cultural que nem sempre é conhecida.

Nessa parte do trabalho, antes de entender sobre as múltiplas ocupações em Torres do Rio Bonito, primeiro vamos aumentar essa escala, tratando de alguns aspectos do passado profundo da América do Sul até chegar ao Planalto Central e alcançar a região sudoeste do estado de Goiás e por fim, no contexto regional dessa pesquisa.

1.5 PASSADO PROFUNDO – ENTRE A HISTÓRIA PROFUNDA E RECENTE

Nas décadas de 1970 e 1980, quando se iniciaram os primeiros projetos de pesquisas arqueológicas no Centro-Oeste², tinha-se por intuito, compreender e contribuir na construção do mosaico acerca dos processos de ocupação humana do Planalto Central em temporalidade profunda, utilizando como ferramenta, o método comparativo, baseado nas afinidades e diferenças de traços culturais. Para formar esse quadro geral, a partir das semelhanças tecnológicas, obtidas pelas tipologias dos materiais arqueológicos e pela leitura das seriações, definiram-se as fases e tradições dos grupos pré-cabralinos (OLIVEIRA; VIANA, 2000). Mesmo com as ressalvas e críticas quanto aos aspectos metodológicos, esses projetos permitiram obter os primeiros dados gerais dos ocupantes da história profunda regional. Em sequência, outros projetos de nível acadêmico e do licenciamento ambiental, ao longo dos anos, tem acrescentado importantes informações acerca dos díspares grupos, espaços e temporalidades de ocupação pretérita.

A seguir, serão apresentadas as Tradições e Fases que foram utilizadas pelas primeiras pesquisas arqueológicas, inclusive em Goiás, para definir os grupos aceramistas e ceramistas. As tradições que foram definidas e que serão apresentadas a seguir, “não se caracterizam num todo homogêneo ou em unidades fechadas, mas são compostas de diferenças e similaridades que podem ser comparadas entre si e entre sítios diferentes” (MELLO; VIANA, 2006, p.39). Esse modelo, servirá aqui para dimensionar a quantidade e a variabilidade de vestígios arqueológicos e a evidência de interações e relações estabelecidas entre os diferentes grupos que ocuparam o Planalto Central, em específico o estado de Goiás. Sem querer exaurir as dezenas de estudos existentes, buscou-se, de forma ampla e resumida, caracterizá-los, quando possível, evidenciando o modo de produção, de assentamento, de práticas funerárias e os possíveis modos de subsistência dos grupos.

1.6 PASSADO PROFUNDO E OS GRAFISMOS RUPESTRES

Os primeiros grupos humanos que ocuparam a América do Sul, sobretudo no Brasil no final do Pleistoceno até meados do Holoceno, se caracterizavam pela

² As pesquisas sistemáticas arqueológicas começaram a serem produzidas a partir de 1972 promovidas pela então Universidade Católica de Goiás e a Universidade Federal de Goiás.

economia de caça e coleta, ocupação de assentamentos sazonais, deslocamento de grandes distâncias utilizando como rota os grandes rios e o uso de uma variedade de artefatos líticos (BUENO; DIAS, 2015). Segundo as pesquisas, tais grupos ocuparam principalmente abrigos rochosos, que apresentam uma grande variedade de pinturas e gravuras rupestres. Todavia, nem sempre é possível uma associação direta entre os grafismos rupestres e às primeiras ocupações desses abrigos.

No entanto, algumas pesquisas, como a da Toca do João Leite, na Serra da Capivara, relacionam o pigmento de cor amarelo, presente em instrumentos líticos datadas entre 11.000 e 10.500 AP, com as pinturas encontradas no paredão desse sítio, relacionadas à Tradição Nordeste (BUENOS e DIAS, 2015; GUIDON *et al.*, 2009). Conforme apresenta Buenos e Dias (2015), “Essas evidências estão associadas à Tradição Nordeste e sua principal característica é a representação de atividades do cotidiano, com um intenso foco em narrativas e ações representando figuras humanas” (BUENOS e DIAS, 2015, p.126).

Outro exemplo está no sítio do Grande Abrigo de Santana do Riacho, onde o carvão datado entre 9.350 e 7.810 AP foi encontrado na mesma camada de um bloco com gravuras rupestres. Nesse mesmo sítio, foram identificados, instrumentos líticos (raspadores) com presença de pigmento, associados a enterramentos humanos, datados entre 10.000 e 8.000 AP, como apresenta Buenos e Dias (2015):

Ao sul da Serra do Espinhaço, próximo a Lagoa Santa, também temos uma evidência de arte rupestre bem datada, consistindo em um bloco com gravuras que foi encoberto por sedimentos e encontrado nas escavações do Grande Abrigo de Santana do Riacho (Prous, 1991b). Duas amostras de carvão foram coletadas e datadas: uma bem embaixo do bloco (9.350 ± 80 anos A.P) e outra sobre o bloco (7.810 ± 80 anos A.P). Também nesse sítio foram encontradas evidências de pigmentos e raspadores associados a vários sepultamentos humanos datados entre dez mil e oito mil anos A.P (Prous, 1999). O estilo de arte rupestre associado a essas evidências é denominado Tradição Planalto e tem como principal tema das pinturas a representação de animais (Isnardis, 2009; Prous, 1991a, 1991b; Ribeiro, 2006) (BUENO; DIAS, 2015, p.129)

Dessa forma, segundo Prous (2007), a Tradição Planalto, em Minas Gerais, estaria associada ao Holoceno Inicial. Ressalta-se que, as representações de animais são caracterizadas por cervídeos, peixes, tatus, onças e aves. Em alguns casos, os peixes podem estar representados em cenas de pesca ou no interior de uma rede. “Associados ou não a essas representações figurativas, pode haver um grande

número de desenho geométrico lineares em forma de grade, de pente, ou ainda, conjuntos de pontos” (PROUS, 2007, p.28).

No contexto do abrigo Santa Elina em Mato Grosso, há evidência de hematitas (nódulos de óxido de ferro que dão a coloração vermelha, laranja e amarelo) e blocos e lascas com pigmentos de cor vermelha encontrados “nos níveis arqueológicos mais antigo do pleistocênico, de 27.000 anos atrás, aos mais recentes, de apenas 1.800 anos atrás” (VIALOU e VIALOU, 2019, p.361). Todavia, as evidências desse tipo de material, com traços de uso no abrigo, são mais abundantes nos contextos de ocupação humanas entre 11.000-9.000 e 7.000-6.000 anos atrás. As pinturas em vermelho nos paredões do abrigo Santa Elina remetem a figuras humanas, de animais (macacos, antas, aves, cervídeos), cenas de caça e figuras geométricas (como os gradeados). Essas evidências se assemelham também com os grafismos mais antigos citados anteriormente, que estão associados a Tradição Nordeste e Planalto.

Em Unaí, no norte do estado de Minas Gerais, na gruta do Gentio II, segundo as pesquisas de Seda (1981/1982), no nível de profundidade de 135 cm, datado em 8.620 ± 100 AP, foram identificadas rochas com vestígios de pinturas, podendo ser estar relacionadas às pinturas do abrigo, vinculadas à Tradição Planalto. Em Serranópolis, segundo Schmitz *et al.* (1984) surgem nas camadas mais antigas, datada em 10.500 anos, manchas de tintas, que chegam alcançar as camadas mais superiores.

Outras associações foram feitas, a princípio, pela equipe de Schmitz (1982), que associam as gravuras com os grupos horticultores e ceramistas, baseado em comparações de sítios arqueológicos localizados na região Sudeste e Sul do Brasil (SCHMITZ *et al.*, 1984). Sem muitos estudos, onde é possível fazer tais afirmações, as datações que vinculam gravuras e sítios arqueológicos, não estão associadas de forma direta.

1.7 ASPECTOS GERAIS DOS POVOS ANTIGOS DO PLANALTO CENTRAL

As primeiras ocupações humanas nos limites regionais do Centro-Oeste, começaram no período entre o final do Pleistoceno e início do Holoceno, correspondendo períodos ao redor de 11.000 anos. Em Serranópolis, no estado de Goiás, conforme apresentado por Rubin *et al.* (2022), as datações mais antigas variam

entre 10.400 ± 130 AP (GO-JA-02) e no GO-JA-14, 10.740 ± 85 AP (datação não calibrada). Em Palestina de Goiás, as datações chegaram a 10.000 A. P (VIANA *et al.*, 2023). Tais datações estão relacionadas com o material lítico identificado como Tradição Itaparica (fase Paranaíba) (RUBIN *et al.*, 2020). Sobre o termo Itaparica, devemos considerar que o primeiro arqueólogo a propor o nome, vinculado aos instrumentos plano-convexos, foi Valetín Calderón (1968), no final dos anos de 1960 (BROCHADO *et al.*, 1969). O nome advém da cachoeira Itaparica, onde foram identificadas ocupações humanas na Gruta do Padre, em Santana, a oeste da Bahia.

Em Niquelândia, no norte goiano, as datações chegam a quase 11.000 anos, segundo as pesquisas arqueológicas desenvolvidas por Martins (1993). Existem datações mais recuadas, todavia, como sugere Oliveira e Viana (2000, p. 149), “ainda devem ser vistas com cautela”. Alguns exemplos estão os sítios Abrigo do Sol (19.400 ± 1.100 AP e 14.470 ± 140 AP) e Santa Elina, onde as datas disponíveis para o Pleistoceno Tardio (27.000 AP-13.000 AP) estão associadas a vestígios líticos encontrados na mesma camada com ossos de animais da megafauna e adornos provenientes da parte dianteira do animal, a preguiça-gigante (*Glossotherium lettsomi*), os osteoderme (VIALOU;VIALOU, 2019; BUENOS; DIAS, 2015).

Outras datações que correspondem ao período do Holoceno Inicial, encontram-se na Lapa do Caboclo, 10.560 e 10.380 AP e Lapa do Peixe Gordo, 10.210 AP, ambas em Diamantina, em Minas Gerais. Esse primeiro horizonte está vinculado a Tradição Itaparica e um segundo horizonte, segundo Isnardis (2009), sem datações definidas, está vinculado ao estilo gráfico da Tradição Planalto:

Um segundo horizonte, sem datas absolutas diretas, corresponderia ao período de produção ao menos dos estilos antigos dos grafismos da tradição Planalto e se baseia nas datações obtidas para pinturas dessa tradição na Serra do Cipó (BAETA e PROUS, 1992/93) (ISNARDIS, 2009. p.81).

A leste do estado do Mato Grosso do Sul, no Alto Sucuruí, essa mesma conjuntura reafirma o que ocorre no Planalto Central. Segundo Schmitz (2002), os artefatos mais antigos, também relacionados a tradição Itaparica, aparecem em torno de 11.000 AP e perduram até aproximadamente 8.500 AP. Posteriormente, nessa mesma região, em torno de 5.000 AP, pequenos sítios de caçadores reaparecem próximo a córregos, em ambientes de florestas, diferentes dos primeiros que estavam associados a savanas. Conforme apresenta Schmitz (2005, p.2) estes sítios, se

“estendem-se até a proximidade do rio Paraná e até os abrigos do planalto basáltico de Maracaju)”, com uma indústria lítica semelhante à denominada de Tradição Humaitá e segue até o horizonte que antecede os horticultores Guaranis.

No Alto e Médio Tocantins, segundo Bueno *et al.* (2019) as datações variam do final do Pleistoceno (13.305 AP) no sítio da Torre CM 216 e Holoceno Médio, na Lapa da Pedra (4.838 AP). Conforme os autores, a distribuição das datas neste intervalo é contínua, “com apenas um período de interrupção no entrecruzamento dos sigmas, entre aproximadamente cal. 7.600 e 6.800 AP” (2019, p. 448).

Com relação à amplitude cronológica as primeiras referências a conjuntos artefatuais possivelmente associados à Tradição Itaparica aparecem no trabalho referente à escavação do sítio GO-NI-49, localizado em Hidrolina (GO), correspondendo a um sítio em abrigo com ocupação datada em cal 12.545 anos AP (data média calibrada) (Schmitz 1976/1977). Há um sítio para o qual dispomos de data mais recuada – Torre CM 216 - no município de Guaraí, no entanto as informações sobre o contexto arqueológico são escassas, dificultando sua associação com os demais sítios conhecidos. Já as referências mais recentes aparecem associadas ao sítio Pantanal, um sítio a céu aberto localizado no Município de Lajeado Novo (MA), escavado no âmbito do projeto Saltimins, coordenado por Marcos Zimmermann, para o qual obteve-se uma data de cal 9.610 AP anos vinculada a uma ocupação onde foram coletados artefatos plano-convexos e bifaciais possivelmente associado à Tradição Itaparica (Zimmerman *et al.* 2005) (BUENO, 2019, p. 451).

Mais uma vez, na região no Alto e Médio Tocantins, vem confirmar a amplitude da ocupação de grupos que compartilhavam semelhanças na produção tecnológica do material lítico da Tradição Itaparica e confirmando que por motivos ainda não definidos, esse tipo de complexo cultural desaparece em determinado período do Holoceno Médio.

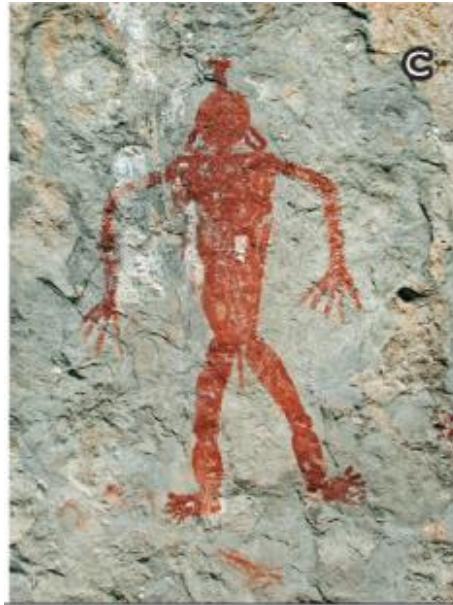
De acordo com Viana *et al.* (2013, p.100) “Um horizonte cultural, estabelecido em torno de 4.000 anos antes do presente, na região de Caiapônia, é representado por grupos que também não conheciam a tecnologia cerâmica” e segundo Wüst (2001) a subsistência desses grupos não estavam associados somente a caça, pesca e coleta, mas também, segundo os indícios de pesquisas, no cultivo incipiente de vegetais. Talvez estejamos falando de um princípio de manejo de plantas, que antecede aos produtores de cerâmicas. Posteriormente, por volta de 2.000 AP, surge em diferentes localidades em Goiás, uma expressiva concentração de

cerâmicas e “indícios diretos e indiretos de cultivo de alimentos diversos” (VIANA *et al.*, 2013, p.100).

Todavia, nesse contexto de grupos ceramistas, o material lítico ainda se faz presente, mas de forma menos recorrentes e com características particulares. Associados a esses, onde existem uma boa preservação do conjunto arqueológico, é possível identificar elementos orgânicos, como vegetais, ossos humanos e de animais (VIANA *et al.*, 2013).

Em Santa Elina, nesse período entre 4.000-2.000 AP, existem outras evidências de materiais arqueológicos, que indicam atividades ligadas ao contexto simbólico. Além de dezenas de fragmentos como cordões, fibras e fios vegetais trançados, existem uma série de elementos relacionadas ao ornamento corporal “Tais adornos são colares, pulseiras, braçadeiras, estojos penianos, confeccionados seja em vegetais, seja em conchas, seja em osso, seja em rocha” (VIALOU; VIALOU, 2019, p.335). Esses estariam possivelmente representados nas pinturas parietais, onde foram desenhadas figuras humanas contendo ornamentos na cabeça, perfuração auricular e braçadeiras e tornozeleiras (evidenciada pelo estreitamento das pernas e braços) conforme a figura 12. Outra evidência que pronuncia uma ocupação diferenciada das demais, são as 86 estacadas de madeiras de Jatobá, Ipê e Bambu evidenciadas ao longo do sítio Santa Elina, que podem indicar uma espécie de “abrigo” para a proteção de intempéries, onde folhas de palmeira poderiam ter servido de “teto” (esses vestígios de folhas foram identificados na escavação) ou ainda poderia ter sido utilizado como jirau ou prateleiras (VIALOU e VIALOU, 2019).

Figura 1: pintura humana com as tornozeleiras e braçadeiras.



Fonte: Vialou e Vialou, 2019.

Os povos ceramistas da região Centro-Oeste, advém, como também ocorreu com os grupos aceramistas, de diferentes fluxos de povoamentos. Os povos da Amazônia, obtiveram um papel importante na ocupação e povoação do continente sul-americano. Conhecido como povos das terras baixas, fazendo contraponto aos povos dos Andes (terras altas), esses estão, segundo pesquisas de Neves (2016, 2019) como centro de origem da produção de cerâmica e, ambiente tropical americano.

A fase amazônica denominada Bacabal foi definida na década de 1980 por Miller (2009, 2013) e trata-se de uma cultura arqueológica com datações de até 4.300 anos AP e cuja cerâmica se assemelha a outras mais antigas, como a cerâmica Valdívia, no Equador (NEVES, *et al.*, 2022). No sítio arqueológico Monte Castelo, no rio Branco, Sudoeste amazônico “foram identificadas cerâmicas de até 5.000 anos AP, possivelmente as mais antigas relacionadas ao tronco linguístico macro-Tupi (Miller, 2009; Zimpel Neto, 2009)” (NEVES *et al.*, 2020, p.2).

Considerando o contexto do Planalto Central, em específico ao estado de Goiás, onde os vestígios cerâmicos surgem por volta de 2.000 AP, talvez, esses povos da Amazônia possam ter sido os principiantes na fabricação da cerâmica e tendo disseminado esse conhecimento para outras regiões por fluxos de povoamento ou contatos culturais. Essa possibilidade pode ser vista na relação do antiplástico

encontrado, entre outros, na pasta da cerâmica da fase Bacabal, o cauixi³ e da argila naturalmente rica com este espongiário (cauixi) que também foram identificadas por Viana *et al.* (2011) no Centro-Oeste, no rio Manso e alto Araguaia.

Os vestígios arqueológicos ao longo da região norte e centro-oeste confirmam cada vez mais que esses fluxos populacionais foram possíveis e estrategicamente favoráveis devido à conexão entre as bacias hidrográficas do Amazônia e do Paraguai:

Por toda a parte norte do Brasil, os rios que oferecem uma rede de conexão natural entre Colômbia, Venezuela, Guiana, Roraima e norte do estado do Pará parecem ser lugares bastante importantes e interessantes para se procurar por locais relacionados aos primeiros momentos de entrada das populações humanas na América do Sul. O mesmo pode ser dito para a parte oeste do país, próximo a sítios como Santa Elina, incluindo aí toda a parte oeste do estado de Mato Grosso e o estado de Rondônia. Essa área, como já dissemos, conecta o Brasil com a parte central das Terras Baixas Sul-Americanas (Chaco boliviano) e, ao mesmo tempo, apresenta rios que estão relacionados à bacia amazônica e à bacia do Paraguai, o que torna possível a conexão com a parte mais ao sul do continente através da bacia do rio da Prata. Essas são as áreas mais estratégicas para futuros trabalhos que queiram explorar a conexão entre as partes oeste e leste da América do Sul (BUENO e DIAS, 2015, p.136).

Como observado no Brasil Central, especialmente onde predomina o Planalto, existem evidências que indicam semelhanças de elementos culturais, contemporâneos entre si e presentes entre diferentes regiões, o que faz pressupor contatos intergrupais. Todavia, isso não é um indicador de que se trata de um mesmo grupo étnico, mas de grupos que compartilhavam modos de vida similares, evidenciadas a partir dos vestígios arqueológicos. O fluxo de deslocamentos, favorecido pelas importantes bacias hidrográficas nas terras baixas, permitiram que diferentes grupos e culturas se conectassem. Isso colabora para pensarmos também nos grafismos rupestres, onde as semelhanças estilísticas também poderiam ter sido compartilhadas entre diferentes grupos e transmitida, através da memória, para várias gerações.

³ São esponjas dulcícolas de ambientes de águas doces, “bem oxigenadas e livres de sedimentos finos em suspensão. Como animais sésseis necessitam de substrato para fixarem-se. Esses contemplam desde substratos duros como rochas, pedras e pedregulhos nos leito dos rios e arroios, a troncos, ramas, folhas e raízes de vegetação submersa ou flutuante”. (VIANA *et al.*, 2011, p.39)

1.8 GOIÁS – TERRITÓRIO MILENAR

As tradições culturais mais antigas em Goiás para os grupos denominados caçadores-coletores, foi proposto pela equipe de Schmitz nas primeiras escavações do sítio GO-JA-01 em Serranópolis e serviu para a classificação tipológica do material arqueológico (SCHMITZ, 1974, 1980, 1987a, 1987b; SCHMITZ *et al.*, 1989, 2004).

As datações mais recentes, a partir de 900 AP até os primeiros contatos no período colonial, estão associados aos grupos ceramistas e que também foram classificados em Tradições e fases: Tradição Una (fases Jataí, Palma e Jaborandi), Tradição Aratu ou Aratu-Sapucaí (fases Mossâmedes, Itaberaí, Tejaçu e Itapirapuã), Tradição Tupiguarani (fases Iporá e São Domingos) e Tradição Uru (fases Uru, Uruaçu, Aruanã e Jaupací).

Em Goiás, essas fases se configuram da seguinte forma: Tradição Itaparica, fase Paranaíba (entre 12.000 e 9.000/ 8.500 AP) – artefatos líticos plano-convexos (lesmas) (OLIVEIRA e a VIANA, 2000); Fase Serranópolis (entre 8.500/9.000 e 6.500) “As origens desses grupos não estão claras (...) Também não está claro o período final de sua ocupação” (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p.149). Nessa fase duas características definidas são, a ausência de artefatos tipo “lesmas” e de material cerâmico (RAMOS; VIANA, 2019); e Fase Jataí (Holoceno tardio) a partir de 900 A.P, com a presença da cerâmica.

1.8.1 A “pedra lascada” e seus horizontes culturais

As tradições vinculadas a categorização do material lítico, associada aos grupos caçadores e coletores, segundo Ramos e Viana (2019) foi proposta por diversos pesquisadores do Brasil Central em diferentes sítios arqueológicos no Norte de Minas, Centro e Sul de Goiás, Centro de Tocantins e sudoeste da Bahia. Como apresenta Isnardis (2009, p. 81), por “compartilhar de um conjunto de atributos tecnológicos em suas indústrias líticas, semelhança que levou diversos autores a empregarem o termo Tradição Itaparica”, caracterizado por instrumentos planos-convexos e que serviu como fóssil guia para diversas regiões.

Na Tradição Itaparica, fase Paranaíba, as indústrias líticas são essencialmente unifaciais, compostas de instrumentos e lascas (BUENO, 2013; LOURDEAU, 2013), poucas quantidades de pontas de projéteis (MELLO e VIANA, 2006) e “sua

distribuição espacial abrange desde os estados da região Nordeste até o sudeste de Mato Grosso” (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p.149). A dispersão desse material, encontrada nos diferentes sítios arqueológicos do Planalto Central, pode indicar fluxos de deslocamentos de grupos humanos desde o Pleistoceno e Holoceno, dentre os quais destaca-se a “que seguiu especialmente o São Francisco e outros vales de rios principais que conectam as regiões norte, nordeste e centro-oeste do Brasil” (BUENO e DIAS, 2015, p.127).

Nesse período, os dados paleoambientais indicam para o Planalto Central a predominância de clima seco e mais frio, com “uma tendência para climas marcados por uma intensa sazonalidade e com predomínio de condições secas e ambientes do tipo savana dominando a paisagem” (BUENO; DIAS, 2015, p.125). Baseado na disponibilidade de recursos naturais, conseguiam alimentação durante todo o ano, sem a necessidade de percorrer longas distâncias, o que teria favorecido pela “justaposição de vários ambientes” (MELLO; VIANA, 2006, p.31). Isso proporcionou uma dieta alimentar baseada “na caça generalizada, complementada por pescas e por vegetais coletados” (MELLO; VIANA, 2006, p.31).

Segundo apresentam Bueno e Dias (2015), em relação a subsistência nos contextos arqueológicos no Planalto Central:

Com relação à subsistência escavações arqueológicas realizadas em diversos contextos do período nos estados de Goiás e Minas Gerais revelaram a predominância de estratégias generalistas para exploração dos recursos das savanas tropicais nas primeiras fases dessa ocupação, destacando-se o consumo de veados (*Mazama americana* e *Ozotocerus benzoarticus*), porcos do mato (*Tayassu tajacu*), tatus (*Cabassous tatouay*, *Euphractus sexcinctus* e *Dasyus novencinctus*), macacos (*Alouatta caraya*, *Lagothrix lagothricha* e *Cebus apella*), capivaras (*Hydrochoeris hydrochoeris*), lagartos (*Tupinambis teguxin* e *Ameiva ameiva*) e tartarugas (*Chelonia* sp.), bem como de várias espécies de peixes, aves e gastrópodes. Também há evidências antigas de consumo intenso de frutos sazonais como a gueroba (*Syagrus oleácea*), o jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), o acumã (*Syagrus flexuosa*), o jatobá (*Hymenea stigonocarpa*), o babaçu (*Orbignya* sp.), o caju (*Anacardium* sp.), o licuri (*Syagmus coronata*) e o pequi (*Caryocar brasiliense*) (Jacobus, 2003; Kipnis, 2002; Schmitz *et al.*, 2004) (BUENO, DIAS, 2015, p.127).

Essa diversidade da fauna e flora, evidenciada nas escavações de sítios arqueológicos em Goiás e Minas Gerais, também compõe, nos painéis gráficos rupestres, as imagens, que segundo seu contorno, indicam a presença dessa multiplicidade de seres vivos, na vida dessas pessoas no passado.

Na fase Serranópolis, a característica principal está relacionada a ausência de líticos unifaciais e cerâmicas e corresponde a um longo período, a qual os estudos da atualidade buscam estender suas particularidades (MELO, 2016; MELO e VIANA, 2019; VIANA *et al.* no prelo) que segue após a fase Paranaíba (Tradição Itaparica) e vai até o aparecimento do material cerâmico. Em Serranópolis ela desaparece há cerca de 6.500 AP e perdura entre 4.500-4.000 AP em Palestina de Goiás (LORDEAU, 2006). Nessa fase, característica do Holoceno médio, existem a predominância de material lítico “composta de lascas e instrumentos pouco retocados” (LOURDEAU, 2013, p. 75), mas nem por isso, ausente de esquemas técnicos específicos (MELO, 2016).

Há também na fase Serranópolis a evidência de sepultamentos primários em posição fletida, sendo alguns corpos cobertos por blocos e pedras e com a presença de acompanhamentos (adornos) funerários (MELLO e VIANA, 2006), sendo os sepultamentos realizados no mesmo espaço de habitação (SCHMITZ *et al.*, 1984).

O aumento das temperaturas e da umidade, segundo estudos paleoecológicos, nas zonas onde predomina o cerrado, ocorreram entre 8.000 e 6.000 AP. Essa alternância climática influenciara na diminuição da diversidade, comparada aos períodos anteriores, alterando conseqüentemente a disponibilidade de recursos de subsistência dos grupos (RUBIN *et al.*, 2020).

Nesse período que passa pela fase Serranópolis, as finas camadas, formam pacotes quase sem distinção, indicando ocupações rápidas e períodos de longas desocupações (BARBOSA, 1982). Segundo Oliveira e Viana (2000, p.173), essa lacuna também ocorre na região do Pantanal, onde as datações obtidas para esse período acerâmico entre 8.200 AP e 4.500 AP, “o que não significa dizer que a região estivesse desocupada naquele espaço de tempo” ou, “que esses grupos aceramistas fossem os únicos pescadores- caçadores-coletores ali presentes”.

Conforme Oliveira e Viana (2000) esse período:

(...)corresponde ao período do Optimum Climaticum que, por sua vez, pode ter desencadeado um significativo aumento da vida aquática na região, fato este que pode ter implementado ainda mais o sistema de subsistência através de uma maior oferta de peixes (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p.173).

Essas alterações podem estar relacionadas também a outros aspectos culturais e que não estejam necessariamente voltadas apenas para o determinismo ambiental. Outra hipótese e ainda pouco discutida, está relacionado com as diferentes levadas migratórias de grupos humanos no Planalto Central. Baseado em informações bioantropológicas, poderia ter ocorrido uma nova onda de povoamento (LOURDEAU, 2006). Segundo Oliveira e Viana (2000), esses grupos podem ter adotado adequações as técnicas utilizadas pelos dos grupos da Tradição Itaparica e teriam permanecido até o aparecimento dos povos ceramistas:

As origens desses grupos [...] podem representar uma adaptação dos antigos caçadores-coletores, os portadores da Tradição Itaparica, a um novo ambiente e/ou representar a migração de novos grupos, dos portadores da Tradição Serranópolis, para o Centro-Oeste (Schmitz 1980). Também não está claro o período final de sua ocupação; acredita-se que grupos caçadores-coletores tenham ali permanecido até a vinda dos agricultores ou mesmo que tenham desenvolvido técnicas de cultivo na região (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p.135).

1.8.2 Povos da cerâmica

As condições que o bioma do cerrado apresenta na atualidade, ocorreram por volta de 2.000 AP (RUBIN *et al.*, 2020) e coincide com o surgimento, em contexto arqueológico, das populações ceramistas (WUST, 2001). Baseada nos elementos de antiplásticos, na forma dos recipientes, na decoração e no tipo de implementação do assentamento na paisagem, compuseram durante as primeiras investigações arqueológicas em Goiás as tradições ceramistas: Una, Aratu, Uru e Tupiguarani (MELLO; VIANA, 2006).

Conforme apresenta Mello e Viana (2006), a tradição ceramista mais antiga do Estado de Goiás é a Tradição Una:

(...) com sítios situados preferencialmente em abrigos do sudoeste goiano e na Bacia do Paranã. Foi feita uma associação entre os modos de implantação dos sítios da Tradição Una, evidenciando uma preferência por abrigos rochosos de relevos acidentados, localizados predominantemente em área de cerrado. Os grupos da Tradição Una teriam ocupado os níveis mais superiores de abrigos que muitas vezes foram utilizados, em momentos anteriores, por grupos caçadores-coletores. Registra-se, ainda, entre os grupos da Tradição Una, o cultivo inicial de alguns produtos, como o milho, a cabaça, o amendoim, a abóbora e o algodão, e também o desenvolvimento da tecnologia da produção de vasilhames cerâmicos (MELLO e VIANA, 2006, p.33).

A princípio a Tradição Una, identificado principalmente em abrigos rochosos, como apresentado por Mello e Viana (2006), foi subdividida em três fases: Jataí, Palma e Jaboranti. Todas são lito-cerâmicas, ou seja, apresentaram no mesmo materiais líticos e cerâmicos em um mesmo estrato ocupacional. Em Goiás, a datação realizada no abrigo em Serranópolis, tem cerca de 900 AP.

Esses grupos horticultores da fase Jataí, associados a Tradição Una, aparecem em numerosos abrigos de Serranópolis e Palestina de Goiás, assim como no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia (SCHMITZ e BARBOSA, 1985). A dieta era baseada na caça, pesca, frutos e moluscos, contudo, consoante os referidos autores, há um diferencial, o incremento de vegetais, leguminosas e tubérculos cultivados próximo ao local de habitação, principalmente o milho.

As cerâmicas geralmente não possuem decoração plástica, o antiplástico é composto de mineral e/ou cariapé, algumas apresentam um engobo ou banho avermelhado ou de cor branca e em sua maioria, possui pequenas tigelas e panelas enegrecidas, cujos corpos são de contornos simples ou infletidos.

O material lítico, muito abundante, é caracterizado por instrumentos trabalhados sobre lascas grandes, machado lascadas e raspadores. Nos sepultamentos de humanos identificados, os mortos estavam enterrados em posição fletida, um em posição decúbito dorsal (na bacia do Paranã), alguns esqueletos de crianças foram depositados com novelos de colares confeccionados com sementes nativas (o que é o caso de enterramentos em Serranópolis) (SCHMITZ e BARBOSA, 1985).

A Tradição Tupiguarani, associados ao tronco linguístico Tupi-Guarani, são oriundos da região Amazônia (OLIVEIRA e VIANA, 2000) e segundo Pontin (2013):

Os grupos filiados à Tradição Tupiguarani encontram-se por todo o Brasil Central, embora seus assentamentos não representem número expressivo. Em Goiás, eles foram localizados na Bacia do Paranaíba e no Planalto do Alto Tocantins, filiados às fases Iporá e São Domingos, respectivamente. Segundo Schmitz e Barbosa (1985), pertencem à subtradição Pintada (PONTIN, 2013, p.37)

A Tradição Tupiguarani, fase Iporá, foi identificada sob o nível da fase Jataí em um abrigo em Serranópolis, todavia existe a presença, considerada “intrusiva” em sítios a céu aberto da Tradição Aratu (SCHMITZ e BARBOSA, 1985; MELLO e VIANA,

2006). Isso dificulta a datação do material identificado nas pesquisas arqueológicas, todavia, dentre poucas, os vestígios indicam ocupações d em torno de 600 AP (MELLO e VIANA, 2006). A dificuldade em identificar sítios tipicamente tupiguarani, indicam, talvez, a dificuldade desses grupos em estabelecerem uma relação de permanência cultural diante de outros grupos pré-existentes. Conforme apresenta Oliveira e Viana (2000):

Essa situação é observada em alguns fenômenos de sítios arqueológicos em Goiás e Mato Grosso, entre os quais pode ser destacada a pouca ocorrência dos sítios tipicamente Tupiguarani em relação aos assentamentos que apresentam elementos de fusão e/ou empréstimo de unidades socioculturais diversas, isto é, sítios multicomponenciais (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p.160).

Apesar do material lítico lascado se apresentar escasso, existem, associado a esse, as lâminas de machado polida, mãos-de-pilão, quebra-coco, bigorna, polidores, percutores e lascas de quartzo (PONTIN, 2013). A cerâmica é decorada em policromia, tendo padrões iconográficos diversos e decoração plástica, em especial representada pelo ponteadado e incisões, como também por acanelado, corrugado, digitado, digitungulado, nodulado, pinçado e beliscado (PONTIN, 2013). Essa diversidade de decorações plásticas está relacionada, segundo Brochado (1984/1989) a deslocamentos de caráter difusionista dos Tupi, que, que “consideram que o planalto central estaria cercado por rotas de grupos Guarani e Tupinambá, representantes da Tradição Policrômica da Amazônia, da qual se teria originado a Tradição Tupiguarani” (OLIVEIRA e VIANA, 2000).

A dieta alimentar estava vinculada diretamente com a mandioca e suas aldeias estavam situadas próximos a cursos d’água de diferentes ordens, desde rios volumosos até ou córregos perenes, evidenciando uma sobrevivência com esse recurso. O enterramento funerário de humanos era realizado em covas, mas também em urnas cerâmicas, todavia, são menores do que a Tradição Aratu.

Os grupos humanos agricultoras da tradução Aratu ou Aratu-Sapucaí foram construtores de grandes aldeias e sua origem pode estar vinculada com grupos distintos vindo do Nordeste e da Amazônia. Essa tradição se estende de Alagoas até a Bahia, Minas Gerais e a parte central do Mato Grosso do Sul. Conforme apresenta Wust (2001): “Em Goiás, encontram-se sítios dessa tradição principalmente às

margens dos afluentes do Paranaíba, Corumbá, Meia Ponte e rio dos Bois e à margem direita do alto Tocantins” (WUST, 2001, p.21).

Inicialmente esses grupos foram subdivididos nas fases culturais Mossâmedes, Itaberaí e Tejuauçu (SCHMITZ *et al.*, 1982; WUST, 1982; SIMONSEN *et al.*, 1983/1984), segundo as abordagens regionalistas. Os assentamentos anulares ou elíptica, formando na parte central, uma espécie de pátio, conforme as pesquisas, poderia chegar a uma população de 2.000 pessoas. Além da caça e da coleta, produtos vegetais como milho, o, o fumo e o algodão tiveram uma parcela importante da subsistência desses grupos, como evidencia o material arqueológico (tigelas, fusos e cachimbos) (WUST, 2001; MELLO e VIANA, 2006). Conforme a estratigrafia do solo, as ocupações indicam assentamentos que duravam de 1 a 2 gerações, com níveis de desocupação de 10 a 15 anos, indicando, segundo (WUST, 2001) frequentes deslocamentos de aldeias-base.

Os enterramentos humanos ocorriam em grandes urnas piriformes, geralmente na periferia do assentamento, onde foram encontradas “oferendas funerárias” como “pequenos vasilhames cerâmicos, placas perfuradas de conchas e tembetás de corpo curto em forma de ‘T’” (WUST, 2001, p.21).

Além disso, as cerâmicas utilitárias, também utilizadas como urnas funerárias, indicam estocagem de líquidos, como os jarros periformes e vasilhames em diferentes tamanhos, em geral, também periformes e de base convexa (MELLO e VIANA, 2006). Os vasilhames de formato globulares, em menor tamanho, poderiam ter sido utilizados para processar alimentos, enquanto as tigelas abertas poderiam ter sido usadas para servir alimentos. Outro recipiente muito comum, relacionado a Tradição Aratu, são os conjugados ou geminados, que são associados a eventos cerimoniais, devido à presença de vestígios de corante, indicando, talvez, um preparo de tinta (WUST, 2001). Seria, talvez esse, um indicador de preparo de alguma tinta para a confecção de grafismos rupestres? Quanto aos artefatos líticos, estão as lâminas polidas semilunares, machados polidos em forma de cunha, pratos e rodela fusos feitos de pedra-sabão, pilões e ferramentas líticas lascadas.

De acordo com Schmitz (2004) e Wust (2001), segundo pesquisas, os grupos da Tradição Aratu, fase Mossâmedes podem corresponder aos povos indígenas do tronco linguístico Macro Jê, em especial aos povos Caiapó do Sul (MELLO e VIANA,

2006), considerando que esses povos não tenham seguido um processo contínuo e linear, mas advindos de processos históricos de mudanças, adaptações e influências de outros. Considerando as críticas existentes, sobretudo acerca da dinâmica cultural que relaciona esses dois momentos (antes e depois do contato com o colonizador, Caldarelli (2003) apresenta:

[...]a tradição Aratu foi correlacionada aos grupos Kayapó, sem a demonstração de uma continuidade entre o registro arqueológico e o presente etnográfico (Schmitz *et al.*, 1982). Os trabalhos de Wüst (1983; 1990; 2000) e González (1996) foram particularmente úteis nesse sentido, além de terem contribuído para um melhor entendimento da dinâmica cultural, envolvendo processos de continuidade, ruptura e interação cultural (CALDARELLI, 2003, p.221).

Algo que precisa ficar claro, quando se faz essas relações entre grupos étnicos e tradições arqueológicas, considerando as críticas apresentadas por Asnis e Mano (2020), é que não estamos tratando de forma simplista o material arqueológico e menos ainda desconsiderando a diversidade de interações culturais, mas estamos tentando compreender as múltiplas ocupações no Planalto Central e seus processos históricos ao longo do tempo espaço. Considerando o contexto colonial e sabendo que as evidências documentais apontam que os grupos Caiapó do Sul foi um termo genérico para denominar uma diversidade de grupos indígenas no período do contato, como abordado anteriormente, fica claro que esses grupos (pré e pós-colonial) apresentam elementos que indicam relações que teriam resultado em uma mescla cultural que se faz presente nos sítios arqueológicos, sobretudo na região Sudoeste do estado de Goiás.

A Tradição Uru, identificada em sítios abertos e fechados, localizada em Goiás, nas bacias dos rios Tocantins e Araguaia, foi composta pelas fases Uru, Uruaçu, Aruanã e Jaupaci. Assim como a Tradição Aratu, esses povos também habitavam grandes aldeias, porém próximo a regiões de lagoas, córregos perenes e rios principais (OLIVEIRA e VIANA, 2000). Segundo Oliveira e Viana (2000), esses povos podem estar relacionados com grupos advindos do Alto Xingu e poderiam ter estabelecido contato com grupos da Tradição Tupiguarani. Ainda, segundo Margarethe Souza (2005) que investigou uma série de carimbos cerâmicos relacionados a Tradição Uru, os grupos desta teriam estabelecidos contatos “com os

grupos da Tradição Aratu, que já se encontravam instalados na região, desenvolveram processos de interação cultural” (SOUZA, 2005, p.46).

Os objetos cerâmicos produzidos estão representados por tigelas e pratos de base rasas e planas, assim como assadores e carimbos, rodela de fuso, apêndice de asas, suportes de painéis e bastão (SCHMITZ e BARBOSA, 1985). O antiplástico predominante presente na pasta da argila é o cariapé. A decoração, pouco frequente, é geralmente destacada pelas bordas ponteadas e engobos vermelho ou alaranjado, semelhante aos da Tradição Tupiguarani, como sugere diferentes pesquisas (RUBIN *et al.*, 2019). O material lítico apresenta semelhanças com a Tradição Aratu, como, por exemplo: “percutores de seixos, quebra-cocos, polidores, raspadores laterais, lâminas de machado polidas com garganta e semilunar, mãos-de-pilão polidas e martelos” (OLIVEIRA e VIANA, 2000, p.163). A subsistência desses grupos associados a Tradição Uru, tem o predomínio da mandioca amarga, pesca, coleta e caça.

1.9 OS INDÍGENAS CAIAPÓ DO SUL

Entre os indígenas que habitaram a atual região de Goiás, estão os Caiapó do Sul, presentes sobretudo na região do sudoeste goiano; estão filiados ao tronco Macro-Jê, da família Jê e seu nome, de origem Tupi significa “macaco” (MORI, 2015). Todavia, esse nome também pode significar o “salteador do mato” (SENNA, 1911). Os grupos Jê, também eram conhecidos como Tapuia, fazendo contraposição ao Tupi que habitavam o litoral.

Foram cognominados por bilreiros ou Ubirajaras, que, segundo descrições de viajantes do século XVII e XVIII, esse cognato deriva do uso da borduna, uma espécie de porrete manuseadas pelos Caiapó, fabricado de madeira e decorado com fibras vegetais coloridas, era mais grossa em uma das pontas, semelhante aos bilros das rendeiras do nordeste (GIRALDIN, 1997).

Além dos grandes arcos e flechas, a borduna, elemento marcante entre os Caiapó, era utilizado para atacar os inimigos e caçar animais. Aires de Casal (1817) descreve a borduna como um “pau trabalhado, medindo um côvado de comprimento” (o que equivale em média de 90 cm). Na parte extrema, por onde manejavam, era

roliço e na outra era espalmada, semelhante a um remo, toda revestida de cascas de arbustos de várias cores e tecida a imitação de uma esteira, cujo golpe era fatal. Segundo Neme (1969), os guerreiros demonstravam grande habilidade ao manuseá-la, arremessando-a à grande distância e, com frequência, atingindo a cabeça do inimigo.

As diferentes referências sobre esses indígenas, apresenta outra característica marcante desse grupo “Kayapó”, considerada pelos invasores como uma nação “cruel e belicosa ou guerreira” (NEME, 1969 p. 129), para referir as estratégias de ataques e defesas desses indígenas que perdurou por muitos anos. Os Caiapó eram conhecidos “como guerreiros destemidos, que não recuavam frente a ataques das milícias coloniais” (ROCHA e CALDARELLI, 2005, p. 9).

Outras referências é que, esses indígenas passaram por uma forte transformação no seu modo de vida a partir dos conflitos com os brancos. Na conclusão da pesquisa de Neme (1969), foi feito um apontamento sobre o grupo Caiapó, que até cerca de 1613, pareciam ter sido grupos agricultores e habitantes de grandes aldeias e que, a partir do século XVIII, passam a ser “seminômades”:

“os Caiapó eram índios pacíficos nas suas relações com os brancos, embora belicosos em face de outras nações indígenas; possuíam aldeias em lugares certos, tendo-as mantido nas mesmas paragens pelo tempo suficiente para que se firmasse a fama de que nelas os brancos eram recebidos com amizade e bom tratamento. Em razão da permanência em aldeias estáveis, deviam praticar a agricultura, da qual existem vários indícios positivos; desde em dado momento, a partir do ano acima citada, reagindo a perseguições de brancos, tomam-se errantes e guerreiros contra os brancos; mas conservando a despeito disso, além da índole pacífica, alguns traços de vida sedentária, como por exemplo a lavoura, que continuaram a praticar em períodos certos ou nas ocasiões em que os azares da vida guerreira o permitiam ; com a intensificação da guerra que os brancos lhes movem, a partir do segundo decênio do século 18, tornam-se mais belicosos (NEME, 1969, p. 134).

Entende-se que os ataques contra os Caiapós, os fizeram mudar de estratégias para sobreviverem e resistirem ao longo dos séculos. As violências e as perseguições os tornaram famosos pela sua braveza e belicosidade, segundo consta nas referências desses autores (NEME, 1969; FRANCO, 1953).

Sobre sua localização, existem diversas referências que esses grupos ocupavam extensas áreas, que atualmente abrange os estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Segundo Giralдин (1997),

pesquisador do grupo “Kayapó do Sul” afirma que a área de ocupação desse povo, abrangia o “sul e sudoeste do atual estado de Goiás, o atual Triângulo Mineiro, parte norte de São Paulo, o leste do atual estado do Mato Grosso e leste e sudeste do atual Mato Grosso do Sul” (GIRALDIN, 1997, p.57).

Os primeiros registros escritos que mencionam os Caiapó estão nos diários e documentos das viagens das bandeiras paulistas que adentraram, desde o final do século XVI, a região que atualmente corresponde ao triângulo mineiro e o sul do estado de Goiás⁴. A dispersão dos Kayapó do Sul era bastante ampla como se vê no mapa (figura 3), provocando alguns questionamentos. Seriam apenas esses os grupos denominados Kayapó que ocuparam essa região? Ou seria um termo genérico aos diferentes grupos indígenas que poderia existir? Para Mori (2015), sim, era um termo genérico para abranger a diversidade de indígenas que estavam ocupando o interior do Brasil (no Planalto Central).

Figura 2: Localização dos “Kayapó” da região sul da Província de Goiás.

⁴ A atual região do Triângulo Mineiro, pertenceu à Província de Goiás entre 1749 e 1816, estando essa sob jurisdição goiana.



Fonte: To accompany Curt Nimuendajú, "The Eastern Timbira", Univ. Calif. Publ. Am. Arch. E. Ethn., vol.41. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Adaptado pela autora, 2023.

Devemos considerar dois aspectos importantes que podem dar margem a essas respostas. Como se sabe, os invasores desse sertão goiano, a partir do período colonial, tinham por objetivo, sob as ordens da Coroa portuguesa, eliminar esses indígenas considerados por eles como "hostis" e "selvagens". Sem se preocuparem exatamente com a diversidade desses grupos que habitavam o interior do Brasil, os não-índios os descreviam como "Kayapó do Sul". Esses etnônimos indígenas "foram atribuídos aos índios por não-índios ou por outros indígenas (...) foram nomes dados por terceiros, não pelo próprio grupo (...) são atribuições [grifo nosso] por um olhar estrangeiro" (MORI, 2015, p.7). Isso pode explicar as lacunas e os dados tão confusos quando se trata da etnohistória indígena desses períodos (séculos XVI ao XIX). Um exemplo, são os Quirixa ou Crixá, assim como os Araxá ou Arachá, que podem ser os mesmos denominados "Kayapó" (MORI, 2015). Para essa afirmação, trago a referência de Neme (1969):

Em 1722, um dos componentes da bandeira do Anhanguera, o reinol Silva Braga, descreve um encontro que tiveram com os Caiapó do Araguaia. A êstes índios êle dá o nome de Quirixá, mas não há dúvida de que se tratava dos próprios Caiapó: eram indígenas tapuais _que usavam de arcos e flechas e de porretes; viviam aldeados (pouco mais de 600 almas em 19 ranchos) (NEME, 1969, p. 127).

Para Rodrigues (2004), os Krixás, registrado a leste do Araguaia no século XVIII, trata de nomes dados aos Xavantes atuais, pelos seus “vizinhos” Karajá à Krysa ou Kyrysa e os Tapirapé de Kyrytxa. “Isso faz pensar que os atuais Xavante ou A’wen são descendentes dos Krixá do século XVIII e não dos Chavantes de Pohl e Castelnau” (RODRIGUES, 2004, p.71).

Segundo pesquisa de línguas indígenas, Dr. Carl Friederick Phil. von Martius (1863) e Dr. Ehrenreich Paulo (1891), ambos alemães, acreditaram que os Carayás ou Carajás, procedem do Caiapós do Vale do Araguaia (SENNA, 1911). Em contrapartida, Couto Magalhães (1876), menciona os Chambioá ou Xambioá, sendo uma nação oriunda dos Carayá/Carajá, que viviam no baixo Araguaia. Couto Magalhães também se refere aos Gradahus “selvagens bravios do Maranhão” (SENNA, 1911, p.114) e que foi classificado como Cayapó.

Como podemos observar, existiu entre tantos registros do século XVII a XIX uma grande confusão ao registrar adequadamente os nomes da diversidade desses povos, tratando todos que estavam no “sertão dos Goyazes” como “Kayapó”, uma forma generalista de dizer “índios selvagens”. Segundo apresenta Quintela (2006), o nome dado aos indígenas Goyá, pode ter sido os mesmos “Kayapó”, sendo o “nome guayazes/goyazes dado erradamente pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, filho, aos índios Kayapó” (QUINTELA, 2006, p.46).

Os goyá “do tupi corr. Guayá, c. guá-yá ‘o indivíduo semelhante, parecido, ou gente da mesma raça’, ou conforme documentos antigos, tem-se guayás e guayazes para designar uma nação selvagem” (SIQUEIRA, 2014, p. 126), mencionado por Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera), por volta de 1647, quando chegou às cabeceiras do rio Vermelho em Goiás e identificou alguns índios, chamados goyá. Ainda segundo Siqueira (2014):

Em termos etimológicos, “goyá” é apresentado em contraparte ao termo “tapuia”, também de origem tupi, este para se referir a qualquer povo indígena de procedência não tupi, ou seja, aqueles que falavam línguas de outros troncos linguísticos, principalmente as línguas do Macro-jê. Enquanto o termo “goyá” se referia à gente da mesma etnia tupi, parecido indivíduo semelhante aos tupi (SIQUEIRA, 2014, p.126).

Como apresentado por Siqueira (2014), Goyá em Tupi, se refere aos indivíduos semelhantes aos seus, ou seja, Tupi. Dessa forma podemos perceber que os indígenas identificados na primeira viagem de Anhanguera, poderia então não ser os indígenas Tapuia (Jê), mas grupos advindos de outras regiões que estariam ocupando as cabeceiras do Rio Vermelho. Sabendo que essas denominações foram dadas aos indígenas advindos de outras regiões, que acompanhavam as bandeiras ao interior do Brasil.

A primeira bibliografia paulista, que menciona os indígenas Caiapó do Sul, data de 1607. Nesse ano, o sertanista Belchior Dias comandou uma expedição a região, ao que Carvalho Franco (1953) descreve como região dos bilreiros ou Caiapó, que abarcava o rio Tietê abaixo, sentido Mato Grosso e Goiás. Os Caiapó do Sul, são citados em diversas cartas por paulistas, entre os quais: Garcia Rodrigues Velho (1612/1613 – sertão dos Caiapó no sul de Goiás); Francisco de Paiva (1649 – “sertão dos Bilreiros”). Ainda no século XVII, em 1676, uma carta escrita pelo governador de Maranhão Pedro César Menezes, direcionada à coroa portuguesa, informa que, no ano anterior, durante a passagem do padre Antônio Raposo ao sítio nas cabeceiras do rio Tocantins e Grão-Pará, onde se encontrava o sertanista Sebastião Pais de Barros e sua tropa, haviam sido mortos por bilreiros (FRANCO, 1953). Contudo, Giraldin contesta:

Existem autores que afirmam serem os Cayapó os antigos Bilreiros, um grupo indígena de que se tem notícias na capitania de São Paulo desde o século XVI é XVII (Ataídes, 1991; Chaim, 1974; Monteiro, 1985; Schaden, 1954; Verswijver, 1992). Mas a maior parte destas afirmações não apresenta evidências desta possível relação entre ambos. A única ligação entre eles é o uso de pesadas bordunas de madeira, originando-se daí o designativo Bilreiro: semelhante a "bilro", ou Ibirajara ("senhores do tacape", segundo Schaden, 1954:397). O argumento utilizado por Mário Neme (1969), baseado em fontes documentais, testamentos deixados pelos bandeirantes setecentistas, é que os Bilreiros habitavam, em princípios do século XVII, uma parte do noroeste do atual estado de São Paulo. Para ele, a bandeira de Belchior Dias Carneiro esteve em cantata com os Bilreiros em 1607, realizando, com eles, algumas trocas comerciais (Neme, 1969:114). Utiliza como evidência uma relação deixada por Belchior Dias Carneiro, a qual mostra que ele trocou um facão por "uma peça dos bilreiros", o qual chamava-se Guaguaroba (Neme, 1969:114) (GIRALDIN, 1997, p. 55).

Entre 1739 e 1751, Antônio Pires de Campos, viveu entre os bororos, entre o rio Paranaíba e rio Grande, onde guerreou contra os Caiapó do Sul, até morrer “pelas mãos dos mesmos”. Sabe-se que, em 1741, onde vivia em Cuiabá, foi com os bororos,

lutar contra os gentios Caiapó. Em 1742, fez um acordo com o governador da Província de Goiás, a combater todos os “índios selvagens”, inclusive os Caiapós que estivessem na região das minas e Cuiabá. No ano de 1748 foi viver com os bororos, no território do rio das Pedras, no caminho de Goiás e passou daí a enviar bandeiras contra os Caiapó, na região entre o rio Mogi e a Vila Bela. Em 1751 foi flechado no braço por um indígena Caiapó, da qual, seu ferimento agravou e faleceu no final desse ano ou no início de 1752 (FRANCO, 1953).

Essa guerra, que resultou na morte de milhares de indígenas, só começa a desacelerar a partir de um novo tipo de “pacificação” proposto pelo governador de Goiás (1772 – 1778) D. José de Almeida Vasconcelos Soveral e Carvalho (Barão de Mossâmedes). Essa pacificação, não tem a princípio um caráter indigenista, mas sim um interesse econômico que objetivava atenuar a situação de abandono e evasão da capital de Goiás, Vila Boa, acentuada pelos conflitos entre Caiapós do Sul e o “branco” (PINHEIRO e COELHO, 2006):

O governo português se mostrava preocupado com a situação de abandono em que se encontrava a capitania, razão pela qual tanto o rei quanto ministro, o Marquês de Pombal, procuravam repostas para os problemas existentes. Entendiam eles que, para a ocupação funcional e ordeneira daquela parte da colônia, era fundamental um melhor entrosamento entre o branco e o índio, seu habitante natural (PINHEIRO e COELHO, 2006, p.10).

É notável a preocupação da Coroa Portuguesa sobre a situação econômica da Província de Goiás; nas instruções enviadas ao novo governador, propõe a políticas de pacificação, por meio de implementação de aldeamentos. Haja vista que até 1798, esse período de “paz” finda-se com a abolição do Diretório pela Carta Régia de 12 de maio de 1798 e retoma o sistema de guerra ofensiva contra os indígenas (CHAIN, 1983).

Para entender as estratégias de pacificação, trago um trecho da obra de Chain (1983) – Aldeamentos indígenas (Goiás, 1749 – 1811):

Em 1744, várias Bandeiras de pacificação foram enviadas ao sertão. Os sertanistas receberam ordens expressas de tratarem bem aos indígenas e tentarem reduzi-los. O momento exigia a intensificação de pacificação do índio, visto que a mineração entrara em franca decadência e novos meios de vida se impunham, no caso, a implantação da agricultura que requeria braços para a sua sustentação. Daí a necessidade de uma efetiva aplicação da política de redução do silvícula pela conquista pacífica. Desse momento em diante, os Governos que se sucederam procuraram tornar realidade esta política (CHAIN, 1983, p. 93).

Parece que o objetivo foi alcançado em 1780, quando o governador Luís da Cunha Menezes, consegue alojar os Caiapó do Sul na Aldeia de D. Maria I, próximo a capital Vila Boa, “ficando assim o sul da Capitania livre de ataques de um dos temidos grupos tribais com que se defrontou o branco no século XVIII” (CHAIN, 1983, P. 58).

Conforme Santos, segundo Saint-Hilaire (1819) “este foi um presídio construído entre 1780 e 1781, às margens do rio Fartura, para abrigar cerca de 600 índios “Cayapó” retirados do sudoeste da capitania” (SANTOS, 2013, p.165) e que durante sua visita, já se encontrava desativado. Ainda segundo apresenta Santos (2013), os indígenas que viviam no D. Maria I, teriam sido transferidos para o aldeamento de São José de Mossâmedes, conforme relatado por Saint-Hilaire em 1819.

1.9.1 Os Caiapó do Sul no Sudoeste de Goiás

Próximo ao rio Claro e Pilões, a presença dos Caiapó do Sul na região, que abrange o atual sudoeste goiano, foi elemento impeditivo de exploração de diamantes no século XVIII por Bartolomeu Bueno da Silva, de acordo com Giralдин (1997). Segundo o autor:

O próprio descobridor das minas de Goiás, Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como "Anhanguera", explorando a região dos rios Claro e Pilões, neles descobriu diamantes. Mas não pôde levar adiante a exploração das pedras preciosas porque aquele tipo de atividade era um monopólio da Coroa portuguesa, (Prado Jr., 1992:181-185) e também devido à presença intimidadora dos Cayapó na área (GIRALDIN, 1997, p.31).

Essa localização, segundo descrições acima, fica na região do rio Caiapó e do rio Bonito conforme a figura 14 do autor adaptada para esse trabalho.

Figura 3: Localização dos “Kayapó do Sul” em rio Claro e rio Bonito.



Fonte: Giralдин, 1997. Adaptado pela autora, 2023.

Outra importante descrição está na obra, “Dados para a história dos índios Caiapó” de Mário Neme (1969), onde descreve que no sul de Goiás, esses grupos, constituíram seu habitat, ficando sob os designos de Kaiapó Meridionais ou Kayapó do Sul. Nessa mesma obra, Neme cita: “na região do Sul de Goiás e limites de Minas, Saint'Hilaire testemunharia em 1819 que nessa área estavam "situados imensos desertos, onde vivem tribos indígenas caiapós" (sic) (NEME, 1969, p.109).

Esse território permaneceu até meados do século XIX, sem a ocupação de colonizadores, considerado um território isolado e “perigoso”, pois eram intensamente ocupados pelos Caiapó do Sul.

Outras expedições de bandeirantes que estiveram presentes na região de Goiás durante o século XVII e XVIII, como, por exemplo, do Frei Cristovão de Lisboa (1625), do padre Antônio Vieira (1653), dos padres Gaspar Misch e Gonçalo Veres (1668), padre Raposo (1674) e dos padres Jerônimo da Gama e Manoel da Mota (1721 e 1722). Antes da formação do povoado de Torres do Rio Bonito, conhecida

anteriormente por Torres de Babel e mais tarde, nos anos de 1940, denominada de Caiapônia:

No raiar do século XVIII, com informações oriundas dos mais abalizados pesquisadores de nossa história, penetrou também nos sertões goianos o bandeirante Manoel Pereira Calhamares, cunhado Bartolomeu da Silva, que fez roças em Torre de Babel – citada posteriormente como Torres do Rio Bonito – onde vagou por vários anos (SOUZA, 1985, p.18).

As descrições mais relevantes do século XIX, onde é descrita a chegada dos primeiros colonizadores na região, está presente em uma bibliografia específica: Torres do Rio Bonito, de Eurico de Souza (1985). Nessa obra, o autor traz dados e diversos documentos oficiais do Império e do Governo da Província, que mencionam os intensos conflitos entre os colonizadores que se assentaram em Torres do rio Bonito no século XIX e seus ocupantes primários, os Kayapó do Sul.

1.10 Início do povoamento no século XIX em Torres do Rio Bonito

Ano final dos anos 30 do século XIX, no sudoeste goiano, começaram a formar os primeiros núcleos urbanos por colonizadores de Minas Gerais, como Jataí, Rio Verde e Torres do Rio Bonito. “Pela lei n° 11, de 5 de setembro de 1838, isentava-se, por dez anos, todos os habitantes desse território de dízimos e impostos sobre a criação de gado vacum e cavalari” (SOUZA, 1985, p. 33). Essa foi uma forma, que o governo da Província de Goiás encontrou para incentivar expedições a região que se estendia do rio Verde até o rio Pardo (foz do rio Paraná), que outrora pertencia a Goiás; uma região conhecida e temida por ser reduto dos “Kayapó do Sul”. Essa questão “arrastou-se por todo o restante do século, com mais de 60 anos de morte e devastação, sob constantes interferências do governo imperial” (SOUZA, 1985, p.33).

As terras ditas como devolutas, porém, habitadas por seus moradores originais, os Caiapós, sob decreto-lei n° 1.318 de 20 de janeiro de 1854, sedia extensas terras aos familiares da comitiva mineira dividida em três lotes” comunais nas bacias dos rios Claro, Bonito e Caiapó, denominadas, posteriormente, fazendas Torres do Rio Bonito, Três Pontes e Campo Belo”. (SOUZA, 1985, p.37).

Os conflitos indígenas, que perdurou todo o século, ganharam “espaços dos jornais das províncias” (SOUZA, 1985, p.39), registrando os diversos conflitos entre

colonizadores e Caiapó do Sul. Segundo Souza (1985), entre tantas ações dirigidas do governo de Goiás à subdelegacia de Torres do Rio Bonito, na tentativa de amenizar os conflitos e evitar a matança dos indígenas, está o ofício de Francisco Januário da Gama Cerqueira, presidente da Província de Goiás (1827-1860), que envia a seguinte ordem (publicado na “Gazeta Official de Goyaz, 1858):

Foi-me presente o seu officio datado desta Capital a 19 do corrente mez, participando que vários pontos de Torres do Rio Bonito os indios Caiapó tem feito por vezes suas incursões, matando gados e queimando cazas, e que ultimamente a 9 do mez findo assassinarão um escravo de Manoel Antônio Pereira, conclue Vm. pedindo providências que garantão a vida e propriedade dos habitantes daquelle districto, os quaes de atemorizados estão resolvidos a mudar-se. Em resposta tenho a dizer-lhe que nesta data mando por á sua disposição uma força de 8 praças de linha convenientemente armadas e municadas, sob o commando de um inferior de confiança, e o autoriso a requisitar do commandante da Guarda Nacional os guardas que forem necessários para comporem, juntamente com as praças do destacamento, duas patrulhas, que deverão fazer explorações no territorio do districto até ás margens do Rio Caiapó com o fim de defender e garantir a vida e propriedade dos habitantes, mas nunca de exercer actos de hostilidades contra os mesmos indios; o que Vm. deverá fazer sentir aos commandantes de patrulhas, recommendando-lhes terminantemente que se abstenhão de empregar a força contra os índios, salvo somente os casos de justa defeza, quando seião por elles agredidos. As patrulhas procurarão estabelecer relações amigaveis com ditos indios, e, quando elles não queirão chegar a falla, deverão afugenta-los para a margem esqueda do Calapó, fazendo-lhes ver que não serão alli inquietados uma vez que não continuem em suas correrias. Pela Thesouraria das Rendas Provinciaes mando entregar-lhe alguns objectos para brindar os indios que forem encontrados. O que tudo lhehei por mui recommendado (GAZETA OFFICIAL DE GOYAZ, 1858 *apud* SOUZA, 1985, P.51)

Segundo Souza (1985), essa questão, chega à esfera imperial, promovendo comunicações entre ministérios para promover soluções em prol da comunidade de Torres do Rio Bonito. Dentre as providências, está a criação de estabelecimentos e presídios militares e o aumento da força da linha de guarnição da província. Como é sabido, nesse período, as ordens diretas do Império eram políticas de pacificação e não violência contra os indígenas, o que não agradava à população. A exemplo dos dois presidentes da Província de Goiás que mais estiveram em defesas dos Caiapó do Sul foram Francisco Januário da Gama Cerqueira (já mencionado anteriormente) e Aristides de Souza Spíndola (1879-1880), na qual, deixa escrita em uma carta, dirigida ao seu sucessor, Leite Moraes as seguintes palavras:

É uma grande crueldade querer extinguir esses índios, que pertencem a uma nação numerosa e forte, e que muito se presta ao trabalho (...) V.E. não imagina quantas atrocidades a nossa gente, ainda modernamente, tem feito contra os índios, as quaes não são dadas a publicidade e difficilmente são

conhecidas pela presidência. O maior obstáculo para catechese não é o ódio dos indígenas contra os christãos, é o ódio desde contra aquelles (SPÍNDOLA, 1880 *apud* SOUZA, 1985, p.58).

Nessa fala de Spíndola (1880) apresentado por Souza (1985), percebe-se que as clemências da população do distrito de Torres do Rio Bonito, direcionadas aos ministérios da Província de Goyaz e ao Império, mencionavam as violências que os indígenas Caiapó cometia contra a população, mas ficou evidente, que a população branca, não contava toda versão, deixando de fora as atrocidades cometida contra os povos indígenas.

Essa extensa descrição dos indígenas Caiapó do Sul, na qual investiguei tantas referências, vem para fixar a ideia de que Torres do Rio Bonito, antes de qualquer ocupação recente de colonizadores, foi por centenas de anos uma região onde existiam pessoas que estavam vivendo segundo sua cultura e tradição. Mesmo sob forte pressão dos invasores, eram famílias inteiras repletas de um desejo de viver, e isso é possível dizer pela forte resistência que tiveram frente a violência dos “brancos”; não se rendiam sem lutar. Foram considerados extintos e isso considero improvável, já que os indígenas sempre mantiveram, ao longo dos anos, a estratégia de se restabelecerem e resistirem às violências impostas. Talvez algumas hipóteses podem ser consideradas, a exemplo da assimilação com os não-indígenas, ou ainda seja possível que esses grupos tenham se refugiado para outros lugares distantes ou ainda outras aldeias, onde quiçá tenham incorporado a cultura de outros indígenas. Giralдин (1997) acredita ser esses Caiapó do Sul o mesmo Panará ao norte do Mato Grosso.

Muitas das vezes, quando estamos em uma pesquisa arqueológica, nos condicionamos a focar tanto no material arqueológico, nos fragmentos de culturas e na materialidade presente, que esquecemos dessas histórias, das pessoas e das memórias. Achamos que estamos lidando com datações tão recuadas, que para alguns (mas) arqueólogos (as) não é adequado relacionar algum etnônimo as evidências arqueológicas. Não é possível, nesse caso, por exemplo, afirmar que os grafismos rupestres são de origem Caiapó do Sul. Contudo, é possível imaginar, dar vida às imagens ao pensar nos relatos e descrições de viajantes, sertanistas e etnólogos que se tem sobre esses povos. É revigorante pensar no movimento que esteve presente nesses espaços. E mais, é gratificante saber que as imagens nesses

suportes rochosos, são a memória, a história e a resistência de uma diversidade étnica que existiu em algum momento ali, independente de seus etnônimos.

Mais do que imaginar, é possível, por meio da pesquisa arqueológica e da historiografia, estruturar um panorama da longa e profunda história dos nossos ancestrais. Um exemplo, está a pesquisa de tese de doutorado do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE/USP), defendida por Elaine Alencastro Chaves (2019), que a partir de dados historiográficos e arqueológicos, compreende que, os vestígios identificados em escavação na bacia rio Fartura (centro-norte de Goiás), são possivelmente dos indígenas Caiapó do Sul e que esses se assemelham aquilo que foi denominado pelas primeiras pesquisas como tradição Aratu-Sapucai (SCHMITZ *et al.*, 1982) e verificada como fase Mossâmedes por Wust (1983).

Mediante as referências da documentação histórica analisada por Chaves (2019), quanto as descrições sobre a localização dos vestígios arqueológicos da fase Mossâmedes identificadas pela equipe de Schmitz (1982) “parecem confirmar determinada correspondência entre as zonas ocupadas no período pré-colonial pela tradição Aratu-Sapucai, com sítios sabidamente associados a esses indígenas” (CHAVES, 2019, p. 337).

Segundo Schmitz e equipe (1982), os indígenas denominados Caiapó do Sul, podem ser os descendentes de grupos advindos do que a arqueologia chamou de fase Mossâmedes:

(...) a coincidência positiva, da presença dos sítios da fase Mossâmedes na área atribuída etno-historicamente aos Kayapó do Sul, como a negativa, da ausência de sítios desta fase em áreas para as quais não há notícias desta tribo, nos leva à suposição, até qualquer comprovação em contrário, de que os Kayapó do Sul podem ser descendentes dos que nós arqueologicamente, identificamos como fase Mossâmedes (SCHMITZ *et al.* 1982: 266).

De acordo com Chaves (2019), mesmo que as cerâmicas arqueológicas identificadas nas escavações e datadas não correspondem diretamente a ocupação desses indígenas na Aldeia Maria I, contudo, se associam cronologicamente com os grupos Kayapó do Sul que foram arqueologicamente denominados como Aratu-Sapucai.

Sabendo das dificuldades e limitações que há nas pesquisas dos grafismos rupestres, o que impossibilita associar direta ou indiretamente o material arqueológico identificado nas escavações (cerâmico e lítico) com as imagens dos suportes rochosos, não podemos, dessa forma, descartar a possibilidade de que alguns desses registros poderiam ter sido realizados pelos grupos Caiapó do Sul.

No mais, o mesmo material cerâmico, identificado em Torres do Rio Bonito, inclusive no sítio-GO-CP-34 aqui investigado, trata-se da tradição Aratu-Sapucaí, fase Mossâmedes (Schmitz *et al.*, 1982), semelhantes com os identificados por Chaves (2019) na bacia do rio Fartura. Conforme apresenta Schmitz *et al.* (1986) “É possível que os construtores das aldeias locais, e da fase Mossâmedes, em geral, tenham sido populações Kayapó, num período anterior ao contato com a população europeia ou mestiça do período colonial” (SCHMITZ *et al.*, 1986, p.331).

Na atualidade, mesmo que essas populações não estejam mais presentes nessa região, em Goiás, temos grupos indígenas de diferentes etnias habitando localidades distintas, entre os quais, os Avá-Canoeiros, Karajá e Tapuio. Os indígenas Avá-Canoeiros, do povo da língua tupi, estão divididos em duas áreas: no alto rio Tocantins e no médio rio Araguaia. Depois de travarem um longo período de resistência contra a violência dos brancos, esse grupo encontra-se fragilizado, vivendo entre as comunidades regionais no Tocantins e com os indígenas das aldeias Karajá e Javaé, no noroeste de Goiás.

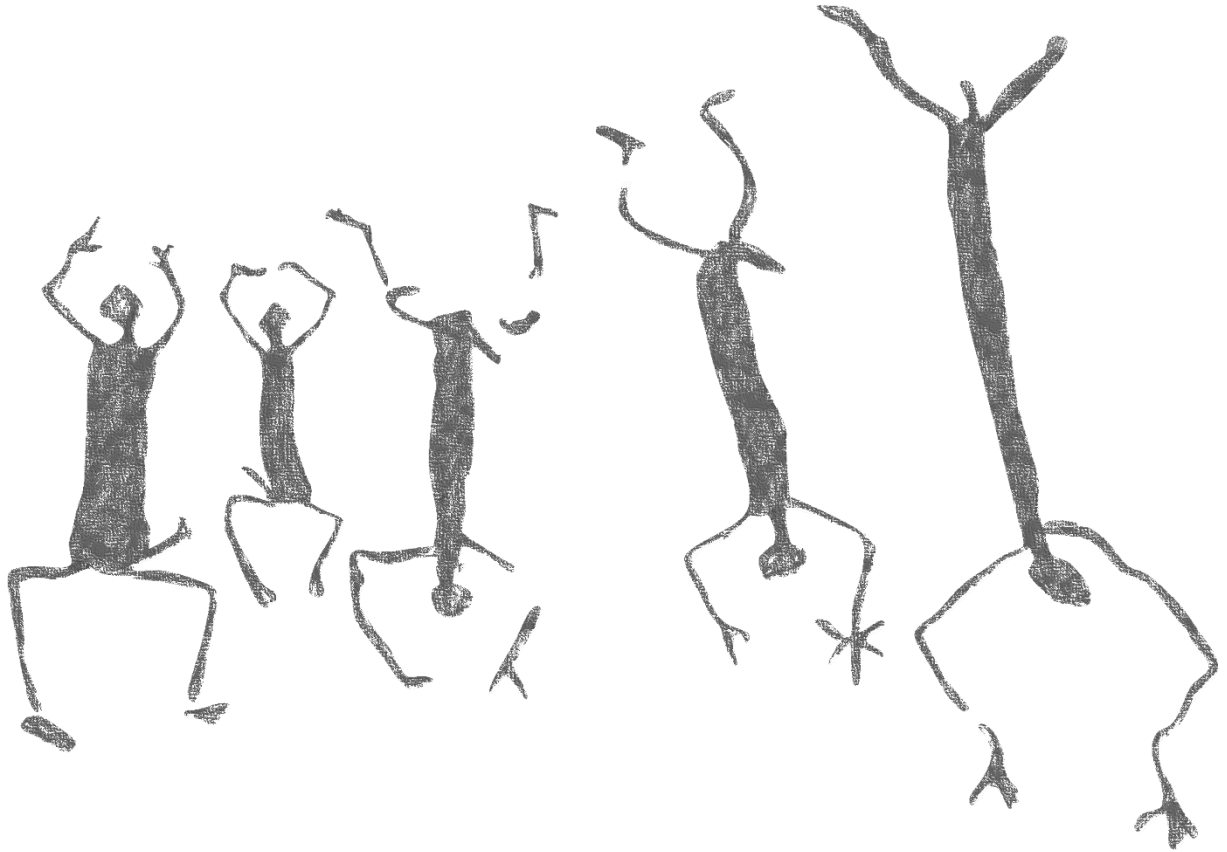
O povo Karajá está dividido em três populações: Karajá, Javaé e Xambioá. Esses grupos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, vivem em territórios demarcados ao longo do rio Araguaia e na ilha do Bananal. “Os Karajá de Aruanã estão situados nesse contexto macroespacial” (FILHO, 2006, p.136) e estabelecem práticas culturais ligadas ao rio Araguaia, como a pesca e os rituais.

Os Tapuios, originalmente descendem do aldeamento denominado Carretão ou Pedro II, construído em 1788 na Província de Goiás para abrigar os indígenas Xavantes, Kayapó do Sul, Xerente e Karajá (Javaé). Ainda, segundo a historiografia, juntaram a essa população, negros escravizados que fugiam das fazendas em Goiás (MOURA, 2006). Ao que tudo indica, os atuais Tapuio, conhecido com Tapuio do Carretão, é a “conjunção desses quatro grupos indígenas, todos integrantes do mesmo tronco linguístico Macro-Jê, além de negros e brancos” (MOURA, 2006,

p.153). Esses indígenas, vivem em uma reserva (Área Indígena Carretão), nos municípios de Rubiataba e Nova América, situados ao norte do estado de Goiás.

Como podemos observar, a história de Goiás, em especial a região Sudoeste, onde se inserem os sítios arqueológicos de Palestina de Goiás, passou por um longo processo de ocupações e transformações em mais de 10 mil anos. Há uma diversidade de conexões entre as histórias e memórias de diferentes culturas, que viveram e vivem nos limites do território goiano. Todavia, muitas dessas, se perderam, restando apenas vestígios, como peças de um grande quebra-cabeça, que nos auxiliam na compreensão das diferentes populações humanas que habitaram esses espaços.

CAPÍTULO SEGUNDO



2 AS ESCOLHAS DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PARA A PESQUISA – ABORDAGENS E MÉTODOS

A seguir, serão apresentados os elementos que fundamentaram na escolha dos sítios a serem investigado no presente trabalho e os métodos e abordagens que direcionaram os estudos dos grafismos rupestres de Torres do Rio Bonito.

2.1 A SAGA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM TORRES DO RIO BONITO

Através das referências bibliográficas da década de 1980 pela equipe de Schmitz, escolhi para essa etapa, quatro sítios arqueológicos, além do GO-CP-33 já analisado parcialmente pelas pesquisas da graduação. Os sítios selecionados foram os abrigos GO-CP-29 e GO-CP-34. A escolha do GO-CP-29 baseou no expressivo número de pinturas em sobreposição nos painéis rochosos (o que não é comum no contexto de Palestina de Goiás) e que possibilitaria um diálogo com as categorias, tempo e memória. A escolha do sítio GO-CP-34, deve-se à presença de datação radiocarbono (C14), realizada na década de 1980 pela equipe de Schmitz. Essa informação, confere um respaldo cronológico para os sítios da região de Torres do Rio Bonito, estudados por essa pesquisa. Inicialmente, esses foram os sítios escolhidos, no entanto, houve alterações ao longo da pesquisa, conforme apresentarei a seguir.

A escolha dos sítios GO-CP-37 (A, B e C) foi acidental. Durante o levantamento⁵ em campo, em maio de 2022 (figura 1), na tentativa de encontrar os sítios GO-

⁵ O levantamento em campo, ocorreu entre os dias 12 e 14 de maio de 2022, com a participação da minha orientadora e professora Sibeli Aparecida Viana, meu esposo Luiz Augusto Lima Rezende e do Sr. Abrão (Abrãozinho). As atividades foram realizadas com os recursos do Projeto Patrimônio Arqueológico da Região Sudoeste de Goiás (VIANA, 2011), financiada pela FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás).

Figura 4: Prospecção arqueológica realizada na região de Torres do Rio Bonito em maio de 2022.



Créditos: Procópio; Rezende, 2022.

CP-29 e GO-CP-34, identificamos os abrigos GO-CP-37 (A,B e C), descritos em diário de campo e na obra da equipe de Schmitz (1986), localizados em um morro de testemunho, próximos onde deveria estar o abrigo GO-CP-29. Durante os três dias de campo e depois de muita busca, não identificamos os sítios previamente selecionados (GO-CP 29 e 34). Mesmo com as coordenadas e informações da localização dos abrigos e a realização de um levantamento minucioso em todos os morros de testemunho da área selecionada, não conseguimos encontrar esses abrigos. Diante desse inesperado “achado”, decidimos registrar o que foi possível de alcançar nos abrigos do sítio GO-CP-37 (A, B e C), considerando sua relevância para a pesquisa em curso.

Nas pesquisas da década de 1980, a localização dos sítios na região de Palestina de Goiás, foram identificados por trê azimutes e registradas em um mapa que só está disponível em diário de campo e na obra bibliográfica “Arqueologia nos cerrados do Brasil Central – Caiapônia” (SCHMITZ *et al.*, 1986). Todas as referências eram descritas na visão do (a) pesquisador (a) e com os recursos disponíveis da época. Os sítios aqui citados, até o mês de maio de 2022, não foram mais visitados

por nenhum outro pesquisador. Esses permaneceram sem atualização. Os únicos que tentaram localizá-los, foram uma equipe conduzida pelo arqueólogo e biólogo Me. Alfredo Palau Peña (*In Memoriam*) e a arqueóloga Pascale Binant, com a colaboração dos egressos do curso de arqueologia da PUC-Goiás, Mateus Lino e Lemissuir Pereira, em 2018. Nesse levantamento, diversos sítios foram revistados, mas os sítios GO-CP-29 e GO-CP-34 não foram localizados. Isso nos revela algumas possibilidades: os sítios foram registrados com coordenadas equivocadas; ou devido à grande antropização das áreas, os sítios sofreram um colapso de rochas e os paredões pintados desapareceram; ou ainda devido à mudança da paisagem, as descrições da década de 1980 não são as mesmas da atualidade, o que dificulta encontrarmos os sítios.

Podemos ainda apontar outros empecilhos para a identificação desses sítios: os antigos moradores das fazendas citados nas pesquisas de 1980, não são os mesmos da atualidade; muitos já faleceram e essas fazendas foram vendidas. Os novos proprietários, e mais especificamente os funcionários, desconhecem os sítios e as pesquisas da década de 1980. A economia da região no momento é majoritariamente provinda do agronegócio, o que eliminou ao longo dos anos as pequenas fazendas autossustentáveis e de agricultura familiar. Em decorrência dessa nova configuração socioeconômica, as histórias e memórias da população mais antiga foram esvaindo-se. Isso dificultou também na coleta de informações. Um exemplo é a antiga fazenda Zé Paraúna, onde está localizado o sítio GO-CP-34. A atual proprietária, Sebastiana Condor, recorda que essa fazenda, pertencia à família de Paraúna, mas não tinha certeza da localização desses sítios. Sabia da existência do Abrigo do Índio/GO-CP-33 (o mais conhecido pela população local), contudo era incerto até mesmo o nome dos córregos que estavam próximo à fazenda (que seria também uma referência para identificar os sítios) e foram citados nos diários de campo da década de 1980. Posteriormente, identificamos que próximo a essa fazenda, existem resquícios de uma antiga construção, podendo ter sido essa a antiga sede da fazenda e a referência colocada em mapa na obra de 1986.

De acordo com esse mapa de localização dos sítios arqueológicos de Torres do Rio Bonito, o sítio GO-CP-34 estaria de frente a fazenda “Zé Paraúna” e não mais que 300 metros de distância segundo a escala. Outras descrições de referências são o “campo de seixo” e o córrego, há 200 metros. Todas essas referências e as demais

citadas no diário e obra foram consideradas durante a busca para essa pesquisa, porém sem sucesso.

Posteriormente, observando novamente o mapa, verificamos o nome de um proprietário, Candor Rodrigues, onde os sítios 32, 35 e 38 aparecem de frente dessa fazenda. É possível ter ocorrido um equívoco ao registrar a nomenclatura desses sítios. Observando algumas anotações no diário, percebi que existem sítios como, por exemplo, o GO-CP-26 descrito com um ponto de interrogação (GO-CP-26?), dando a entender que ainda não havia uma certeza em relação a essas nomenclaturas. Isso se deve, talvez, ao grande número de informações obtidas em campo, que podem acabar sendo confundidas no transcorrer dos dados oficiais.

Talvez o leitor esteja se perguntando, mas por que não investiu mais dias para a busca desses “sítios perdidos”? A resposta é tão clara quanto o nosso contexto científico brasileiro: falta de verba para a pesquisa. O pouco recurso financeiro para a pesquisa nessa etapa de campo que teve a duração de 3 dias de campo, advém do financiamento da FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás). Sendo assim, não conseguimos retornar no local para realizar novas investigações. Então, com os dados obtidos em campo e com as informações que temos da pesquisa de 1980 e 2018/2019, foi o que possibilitou a continuidade dessa pesquisa e que segue apresentado ao longo desse trabalho dissertado.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Para discutir os aspectos referente as escolhas humanas por meio dos grafismos rupestres, tive que considerar elementos relevantes como: o tipo de sítio (pictórico, cerâmico, lítico ou de enterramento); a seleção do abrigo rochoso e sua inserção na paisagem; o acesso aos sítios; a localização das figuras no abrigo; e as relações diacrônicas e sincrônicas das pinturas nos suportes gráficos.

Dessa forma, consideramos os tipos de vestígios identificados ao longo dos anos pelas pesquisas. Assim, temos os sítios pictóricos (arte rupestre), onde as evidências de ocupação humana, são os registros gráficos (pinturas ou gravuras) rupestres; os sítios ceramistas, onde a característica principal é a evidência de fragmentos cerâmicos em superfície ou subsuperfície; e os sítios de oficinas líticas ou

simplesmente sítios líticos, onde existem vestígios de artefatos fabricados em rochas (líticos).

Para a análise das figuras iremos considerar as técnicas de execução das figuras (individualizadas, associadas, agrupadas, traços simples, figuras vazadas, e etc.); o tipo de representação (figuras humanas, animais, geométricas e formas não definidas); as características dos suportes rochosos (regulares e irregulares); os matizes das pinturas (tonalidades de cores semelhantes ou não); sobreposições das figuras; e a disposição e alcance visual das figuras no abrigo.

As figuras individualizadas, trata-se de grafismos que estão isolados ou não associados a nenhum outro grafismo. As figuras agrupadas, são compostas por agrupações de grafismos do tipo pontos ou traços lineares, formando assim por exemplo os grafismos pontilhados e bastonetes. Como também sugerido por Pereira (2017), “Para agrupações, consideramos figuras de motivos comuns ou os que apresentavam algumas coerências tais como, simetria, repetições, oposições, uniformidades etc.” (PEREIRA, 2017, p. 55).

Os grafismos associados são “figuras que aparentemente foram executadas em combinação e parecem ser complementárias” (PEREIRA, 2017, p. 55). As associações podem ser de figuras do mesmo motivo temático ou não. As figuras vazadas, são figuras executadas apenas com contornos, sem preenchimento total do desenho, podendo ser também figuras preenchidas parcialmente com traços lineares. Diferente da figura vazada, a figura chapada é totalmente preenchida, ou seja, quando os grafismos possuí cobertura total internamente.

Os grafismos de ação ou cenas, como o próprio nome sugere, representam situações cenográficas (PROCÓPIO,2019). Como apresentado por Pessis, “a utilização do conceito de “ação” supõe sempre um movimento, o qual pode ser mais ou menos pronunciado, e que se desenvolve em um tempo mensurável” (PESSIS, 1984, p.47). Sendo assim, a cena é composta por grafismos que sugerem ações e movimentos em um determinado espaço, sendo composta de temáticas variáveis como grupos de animais, caça, pesca, rituais, partos e dentre outros.

Os grafismos nesse trabalho, assim como ocorreu no anterior (PROCÓPIO,2019), serão classificados conforme sugerido por Martin (2013). Os grafismos puros, também conhecidos como grafismos abstratos, figurativos ou não

identificados, serão aqueles que diante do conceito e percepção da pesquisadora, não foram aqueles vistos “sem formas definidas”. Os grafismos de composição ou naturalistas ou representativas, são representações humanas (antropomorfos), de animais (zoomorfos), de objetos ou de plantas e vegetais (fitomorfos)

Considerando as sobreposições, por meio da perspectiva diacrônica, foram avaliadas as escolhas dos autores na inserção das figuras para a construção do espaço gráfico nos suportes rochosos. Para isso, foram utilizados os diferentes tipos de sobreposições mencionadas na literatura, conforme apresenta Cisneiros e Nogueira (2022) como ASCHERO, 1988; FIORE, 2007; NASH, 2012; RE, 2016. Dessa forma, utilizaremos esses mesmos tipos de sobreposições, apresentadas pelas autoras: mínimo, manutenção, reciclagem e obliteração.

1. Mínimo: trata-se de uma interação entre o motivo mais recente respeitando a imagem original do mais antigo, em que uma pequena porcentagem da imagem sobrepõe a outra;
2. Manutenção: trata-se de motivos que se sobrepõem na mesma morfologia que o anterior, realizando a manutenção do motivo completo ou parcialmente destacando a imagem anterior;
3. Reciclagem: trata-se da alteração do motivo preexistente a partir da inserção de novos elementos gráficos, criando uma morfologia para a imagem já disposta no suporte;
4. Obliteração: trata-se de uma alteração no motivo que através da sobreposição pressupõe-se a intencionalidade de destruir ou anular imagens originais. (CISNEIROS; NOGUEIRA, 2022, p.91-92)

Segundo observado por Recalde (2018) em Cerro Colorado, na Argentina, existem duas variáveis que podem nortear a pesquisa sobre o processo de construção da narrativa presente no painel: as sobreposições e as diferenças de matizes. A análise das sobreposições e suas diferentes expressões pode denotar uma atitude de respeito perante as execuções anteriores ou até mesmo de anulação e ruptura quando há uma sobreposição completa de uma figura sobre a outra. Deve-se notar que as sobreposições não são vistas aqui como um reflexo na cronologia, mas sim como a evidência de diferentes eventos de intervenção no painel, independente do lapso do tempo real entre os eventos.

Sendo assim, trago uma importante contribuição de Cisneiros e Nogueira (2022):

A diacronia nos registros rupestres é evidenciada através da sobreposição gráfica, a qual pode ser identificada por meio do contato entre duas ou mais imagens através dos pontos de intersecção entre ambas. A análise das sobreposições permite a identificação de um ordenamento temporal entre as imagens dispostas em camadas pictóricas (SANCHIDRIÁN, 2001; RE, 2016; HARRIS, GUNN & DAVID, 2018). Essa avaliação, porém, apesar de ser cronológica em relação a quem foi inserida primeiro no painel, não apresenta uma unidade temporal demarcada e precisa, para a realização pictórica no suporte. As pinturas sobrepostas podem se encontrar separada cronologicamente entre milênios ou por um curto intervalo de tempo. (CISNEIROS; NOGUEIRA, 2022. P.88)

Por outro lado, as tonalidades de tinta dos motivos ou a disparidade de intensidade de tonalidade observada em figuras semelhantes e diferentes tornam-se argumentos centrais no estudo diacrônico dos painéis. Essa análise também implica considerar as condições diferenciais de conservação que podem afetar as superfícies rochosas e, conseqüentemente, podem provocar diferenças de cor das figuras. No entanto, análises complementares são necessárias para definir a composição dos pigmentos utilizados. Eles confirmariam se as diferenças de matiz correspondem à alteração cromática pela idade ou ao uso de diferentes misturas de pigmentos.

Sendo assim:

Em relação às cores dos grafismos sabe-se que sem uma análise físico-química dos pigmentos não poderíamos afirmar que tipos de elementos o produziram. À falta de uma análise de composição química dos pigmentos resta-nos a observação de cores que provavelmente já não mantêm as características de quando empregada, podendo a oxidação e outros intemperismos alterá-la sensivelmente, inclusive apresentando uma coloração distinta à escolhida originalmente (PEREIRA, 2017, p. 60).

Para evitar equivocados, optei por não utilizar essas variações e nem tabelas de cores, apenas mencionarei as três tonalidades presentes e perceptíveis: vermelho, amarelo e laranja. E quanto a técnica, utilizei os termos monocromática quando usado apenas uma cor, bicromática quando for duas e policromática três ou mais tonalidades.

É considerado nesse trabalho suporte regular, a rocha utilizada como painel para as pinturas, que não apresenta irregularidades em toda a sua extensão, sendo ele plano e sem desníveis. O suporte irregular, a rocha não é uniforme ou assimétrica, e apresenta variáveis como ondulações, saliências, dobraduras, fissuras e depressões na extensão total ou parcial do painel (PROCÓPIO, 2019).

A disposição das figuras no abrigo, abrange uma série de observações a serem consideradas na pesquisa: o tipo de suporte (regular ou não), a altura das pinturas em relação ao nível do solo (alcance visual) e a localização das figuras (escondidas ou não). Nesse aspecto, o alcance visual, será considerado apenas no sítio GO-CP-33, para dar continuidade da proposta em analisar as figuras dos sítios, segundo o nível de altura que os painéis estavam distribuídos no abrigo.

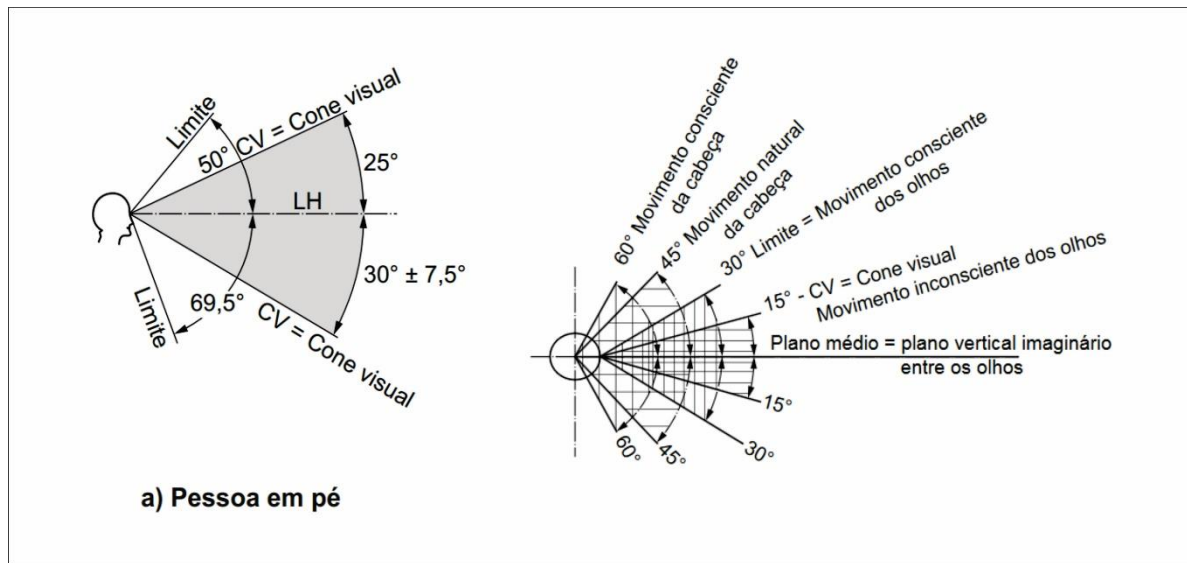
Dessa forma, dividimos os níveis de visibilidades em baixíssima, baixa, média, alta e altíssima conforme a tabela 1, apresentado no trabalho de conclusão de curso (PROCÓPIO, 2019):

Visibilidade	Baixíssima	Baixa	Média	Alta	Altíssima
Altura	Abaixo de 0,50 m	0,51 m à 1,59 m	1,60 m à 1,79 m	1,80 m à 2,50 m	Acima de 2,51m

Tabela 1: Divisão dos níveis de visibilidade. Fonte: Procópio (2019).

Para referenciar os parâmetros técnicos para determinar quais níveis de altura utilizar como referência do alcance visual, com base em uma pessoa no interior do abrigo, foi utilizada a NBR 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2015), conforme apresentado no artigo (PROCÓPIO; VIANA, 2021), onde revisamos as metodologias inicialmente apresentadas.

Figura 5: Ângulo da movimentação da cabeça e dos olhos de uma pessoa em pé.



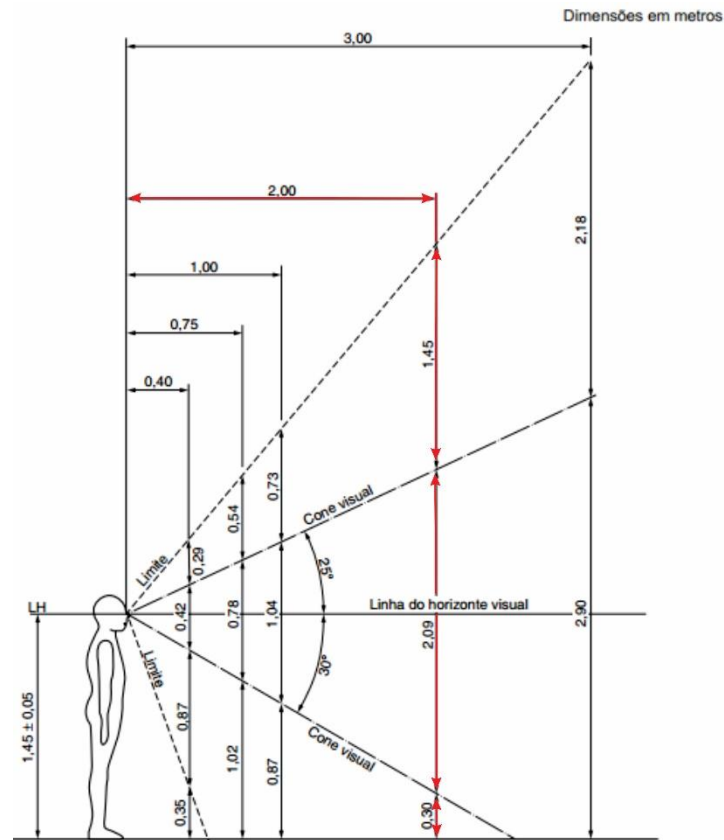
Fonte: ABNT (2015, pp. 25-26).

Essa norma, mesmo se referindo a contexto distinto dos estudos da arqueologia, ela nos auxilia estabelecer padrões sobre ângulos de alcance visual para edificações e outras estruturas físicas, levando em conta as diversas condições de percepção e estatura de uma pessoa de 1,45 m em pé, com os olhos e a cabeça posicionados em relação à distância da área expositiva (Figura 2).

Conforme evidencia a Figura 2, o movimento consciente, apenas dos olhos de uma pessoa em pé, pode alcançar um ângulo de 25° (superior) e 30° (inferior), podendo ter uma variação, nesse caso, de 7,5° no ângulo inferior (ABNT, 2015). Com a movimentação natural da cabeça da pessoa, o ângulo altera, e alcança 45° inferior ou superior. Todavia, se o movimento da cabeça passa ser feito de forma livre e consciente, esse ângulo pode aumentar para 60° (superior ou inferior).

Nesta perspectiva (PROCÓPIO; VIANA, 2021), a distância é um fator considerável para a percepção que a pessoa tem, frente o painel rupestre no sítio. Para isso, consideramos o campo visual (cone visual), a posição neutra da cabeça da pessoa ao contemplar o grafismo e os limites dos ângulos com a movimentação dos olhos e da cabeça (Figura 3).

Figura 6: Distância e cone visual de uma pessoa em pé.



Fonte: ABNT (2015, p. 27), adaptado por Procópio; Viana (2021).

Segundo apresentado (PROCÓPIO; VIANA, 2021), para o sítio GO-CP-33, consideramos a relação entre ângulo e distância, baseada no campo visual (cone visual), a posição neutra da cabeça da pessoa ao contemplar o grafismo e os limites dos ângulos com a movimentação dos olhos e da cabeça. Para isso, adotamos a distância entre o painel e a pessoa de 2,00 e consideramos os limites máximos (3,00 m) e mínimos (30 cm) do campo visual (cone visual) para que sejam estabelecidos os níveis de visibilidade dos painéis do abrigo (baixíssima, baixa, média, alta e altíssima).

Os demais critérios de tipo de suporte e localização, receberam parâmetros específicos, os quais, serão apresentadas ao longo das análises dos painéis.

2.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS EM LABORATÓRIO

Após a coleta de informações em campo, os dados passaram a ser processados em gabinete para a produção das análises e discussões. Em laboratório

foram realizadas a análise dos decalques em plásticos (figura 4), das pranchas e fotos da década de 1980 e a seleção e edição das imagens registradas em campo, por meio dos *softwares* DStretch e CorelDraw.

A base instrumental desta etapa consistiu na localização e análise macroscópica das figuras rupestres decalcadas em plásticos (*rèlevè*) de 1980 a partir de seus posicionamentos originais nos paredões rupestres e a comparação com as imagens registradas em campo em 2022, visando identificar quais grafismos rupestres estavam nítidos para interpretação. Após a seleção dessas imagens, foi usado o *software* DStretch com o intuito de tornar visível algumas figuras rupestres pouco perceptíveis e para evidenciar prováveis contrastes que não foram percebidos durante o procedimento de decalque. Com isso, foi possível notar algumas diferenças de contornos nos grafismos rupestres, bem como a evidenciação de outras figuras não notáveis a olho nu. Após a edição usando o DStretch, as imagens foram vetorizadas pelo *software* CorelDraw X7 e organizadas segundo a divisão dos painéis.

Figura 7: Análise dos decalques feitos no laboratório do IGPA.



Créditos: Viana, 2022.

2.4 MÉTODOS APLICADOS EM CAMPO

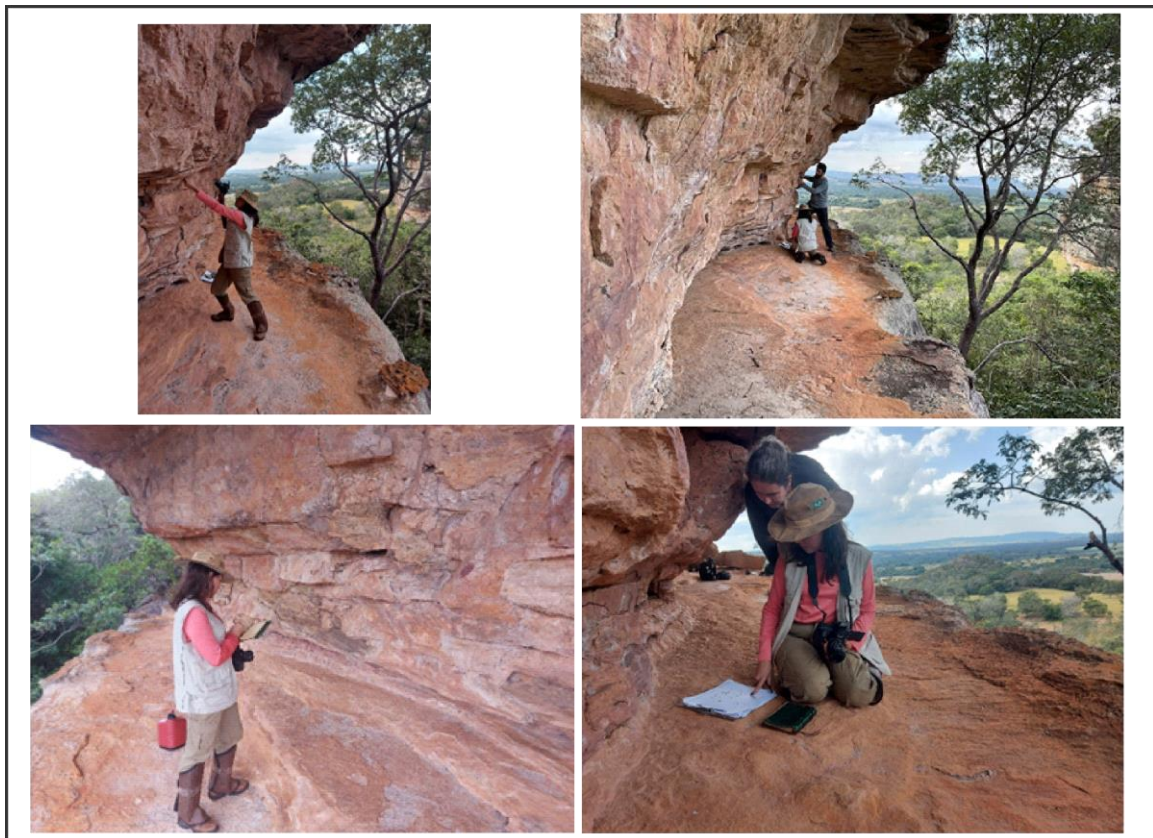
As atividades realizadas nos abrigos GO-CP-33 e GO-CP-37 (A, B e C), consistiram no registro fotográfico e medições das alturas em que se encontram os painéis, nas análises do tipo de grafismo e suporte, e observação do alcance visual das figuras.

O sítio GO-CP-33, devido sua estrutura rochosa e extensão, foi dividido, desde as pesquisas da década de 1980, em duas áreas: A e B. A primeira ala, foi investigada

durante o meu trabalho de conclusão de curso (PROCÓPIO, 2019), sendo a segunda (ala B) a parte a ser pesquisada nesse projeto.

Na ala B, conseguimos acessar todas as áreas planejadas. Com o auxílio das pranchas da obra da equipe de Schmitz (1986), buscamos as pinturas e à medida que iam sendo identificadas, registrava-se através de fotografia por uma câmera profissional Canon 18mm, junto com a escala (figura 5). A definição dos painéis e as medições das alturas em que se encontravam, foram realizadas também em campo. Todavia nem todas as figuras foram identificadas e algumas não conseguimos alcançar para anexarmos as escalas fotográficas, sendo as imagens registradas à distância. Todas as informações observadas durante a pesquisa foram anotadas em um caderno de campo.

Figura 8: As atividades sendo executadas no sítio GO-CP-33 (ala B).



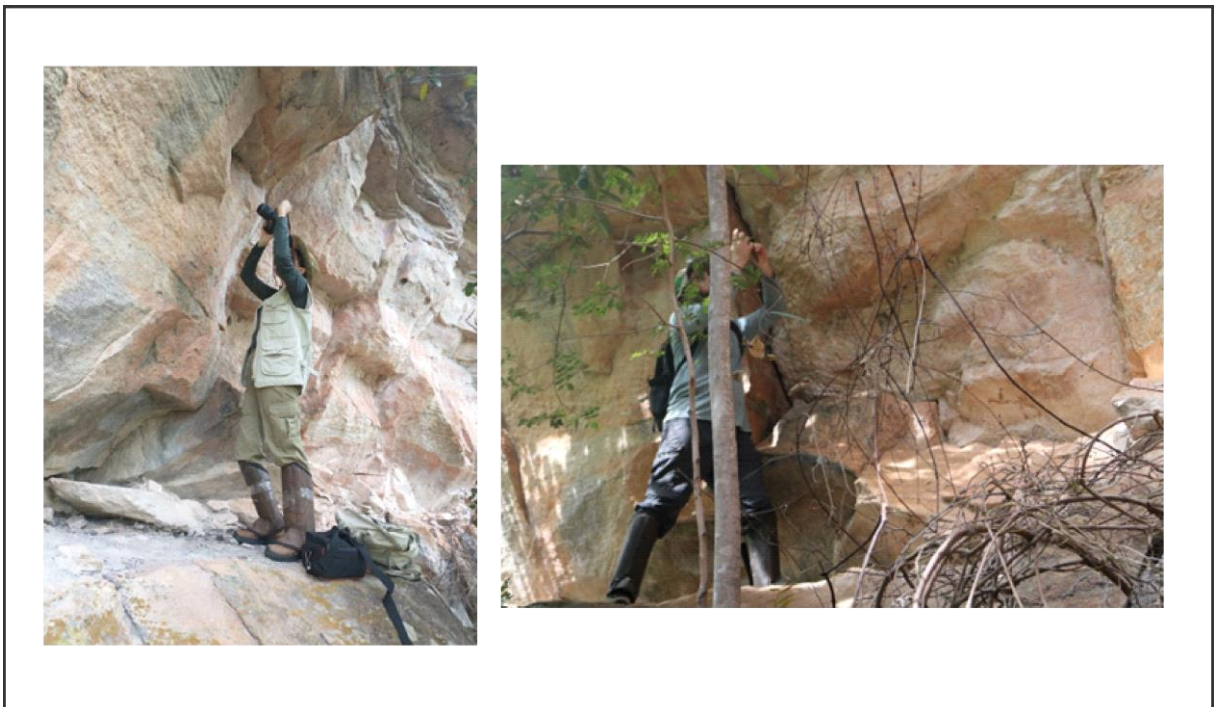
Créditos: Rezende; Viana, 2022.

O sítio GO-CP-37A, foi acessado no levantamento de campo em 2022, pela lateral (à leste), sendo possível acessá-los atravessando a borda do testemunho e apoiando nos troncos de árvores que se encostam no alto do abrigo rochoso. O acesso foi feito por uma estreita e curta superfície, quando foi preciso arrastar o corpo

(debruçado), por debaixo de um bloco. Uma vez alcançado o espaço gráfico, foi possível ficar sob os pés em uma pequena área abrigada onde estão localizadas as pinturas, quase apagadas, presentes nas paredes e tetos.

O GO-CP-3 B, foi acessado pela base em declividade e escalado pelos blocos desmoronados que formam dois pisos. O primeiro, pela qual acessamos o abrigo e o segundo, formado por patamares rochosos inclinados, não permitindo alcançar parcelas dos painéis gráficos. Muitas das imagens fotográficas para esse trabalho, foram registradas à distância (figura 4), não permitindo obter a dimensão das figuras em escala.

Figura 9: Registros fotográficos sendo realizados à distância no sítio GO-CP-37, no abrigo B.



Créditos: Rezende; Procópio,2022

O sítio GO-CP-37 C, localizado à oeste do testemunho rochoso, oposto aos dois primeiros abrigos, só é possível de ser alcançada por meio de elementos artificiais, como por exemplo, escadas ou andaimes, pois está localizado a cerca de 10 metros da base da rocha. Tentamos avistá-lo pela lateral, acessando um túnel, tendo sua abertura ao lado do GO-CP-37 A. Essa cavidade natural rochosa, forma uma espécie de caverna, aberta nas duas extremidades, onde é possível acessar a parte oposta (lado sudoeste) do testemunho rochoso (figura 5). Consideramos a

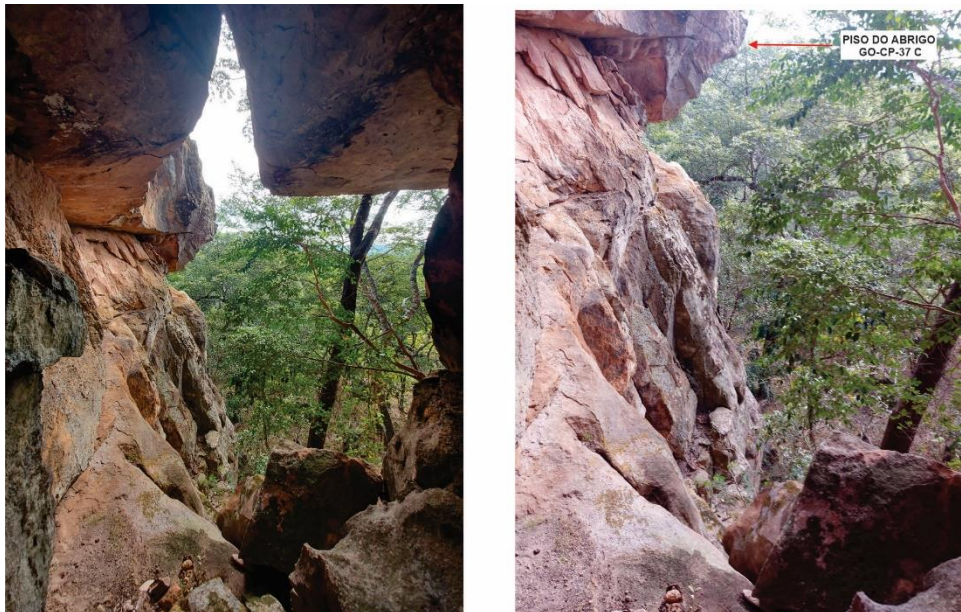
princípio, que esse “túnel” poderia dar acesso ao abrigo C, pois a partir dele é possível avistar o piso rochoso (figura 6). Todavia, constatamos que não há nenhum tipo de plataforma natural ou rocha que permitisse acesso ao piso desse abrigo.

Figura 10: Caverna natural aberta nas duas extremidades, vista a partir da entrada noroeste.



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 11: Vista a partir do túnel. Piso do abrigo Go-Cp-37 C avistado a partir da extremidade do túnel (visão da parte sudoeste).

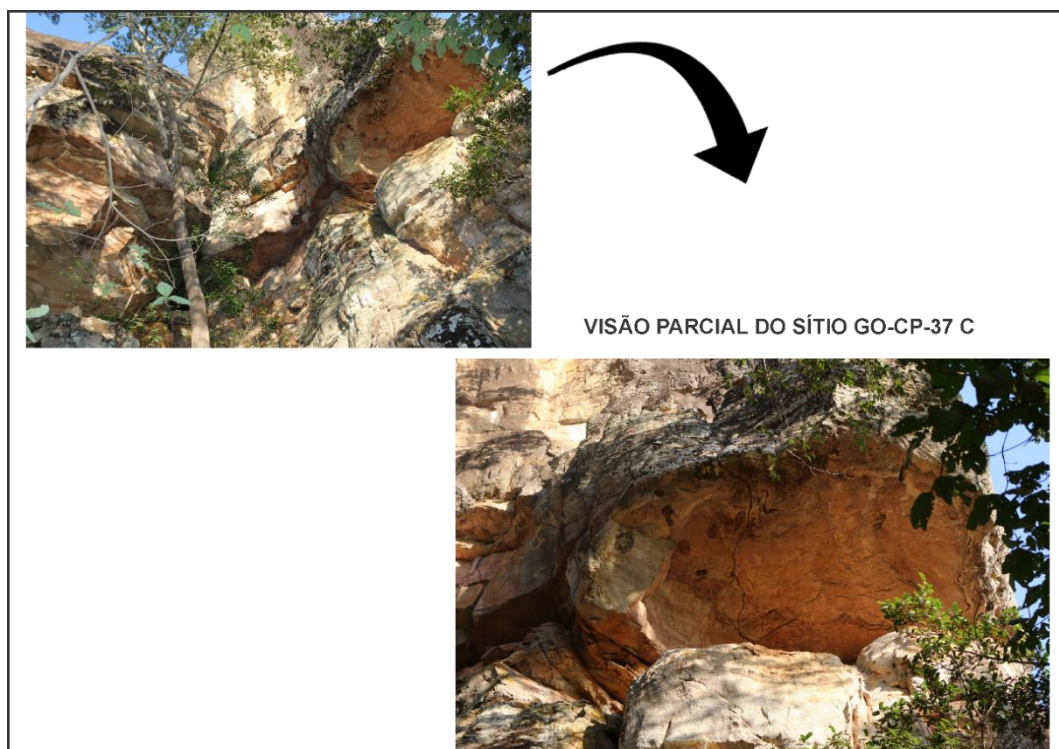


Créditos: Procópio, 2022

O sítio é caracterizado por um pequeno abrigo, totalmente coberto por um teto rochoso. Uma questão se impõe, como os antigos ocupantes conseguiram chegar ao abrigo? Ao analisarmos a área, entendemos que, no período em que esses suportes foram pintados, talvez, existissem outras estruturas rochosas que permitissem alcançar esse abrigo e, na atualidade, desmoronaram, isolando-o do restante do

testemunho. Outra hipótese consiste na possibilidade de terem alcançado esse espaço, por meio de escalada de altas árvores que alcançassem até o piso do abrigo (o que na atualidade também não existem). Na época em que a equipe de Schmitz esteve no sítio, também não encontraram formas de acessá-lo, evidenciando que desde os anos de 1980, já não existiam vestígios de qualquer meio que poderia ter sido utilizado, em tempos pretéritos, para alcançar o abrigo. A única forma de registrar as pinturas, foi fotografando do chão (da base do testemunho rochoso) as figuras geométricas no teto e algumas, na parte lateral do abrigo (SCHMITZ *et al.*, 1986); da mesma forma procedemos os registros fotográficos durante os trabalhos de campo em 2022, conforme a figura 7 a seguir.

Figura 12: Vista do abrigo GO-CP-37 pela base do testemunho rochoso, à sudoeste.



Créditos: Procópio, 2022.

2.5 METODOLOGIA APLICADA NAS AÇÕES EDUCATIVAS

Para o desenvolvimento das ações educativas, foram escolhidas duas instituições de ensino que possibilitassem um diálogo sobre a identidade cultural e o patrimônio arqueológico, entre as quais foram: a turma do quarto ano (ensino fundamental) da Escola Municipal Maria Izabel de Figueiredo (Palestina de Goiás); e

dos (as) alunos (as) e professores (as) do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (Iporá), dos primeiro, terceiro, quinto e sétimo períodos. O objetivo era identificar, por meio do diálogo, das atividades educativas e do questionário (aplicado aos alunos e alunas da UEG), quais eram os conhecimentos e percepções que estes estudantes detinham acerca do patrimônio arqueológico e das histórias dos povos antigos (antes do colonizador) no estado de Goiás.

2.5.1 Abordagens na execução das atividades

Na escola municipal em Palestina de Goiás, as ações educativas, foram desenvolvidas em duas turmas, uma matutina e outra vespertina. Com esses grupos formados por crianças de idades entre 8 e 9 anos, tratamos acerca das temporalidades de ocupação humana no Brasil e em Goiás, contexto geral sobre a diversidade cultural brasileira, os sítios arqueológicos goianos, a arte rupestre (pinturas e gravuras) e o patrimônio arqueológico de Palestina de Goiás. Posteriormente pedimos às crianças para desenharem em papel algum desenho que representassem o conteúdo que foi apresentado durante o encontro (figura 10). Esse material foi recolhido como fonte de pesquisa para este trabalho que seguem em anexo I. Em seguida, distribuímos uma cabaça (material vegetal rígido), tintas à base de água e pinceis para que produzirem novamente os desenhos, sendo esse, uma lembrança das nossas atividades para levarem para a casa (figura 8).

Figura 13: Atividades realizadas na Escola Municipal Maria Izabel de Figueiredo.



Créditos: Viana, 2022.

Aos (as) alunos (as) e professores (as) da UEG em Iporá, a atividade consistiu em uma “aula aberta” (figura 9), com o intuito de apresentar os sítios arqueológicos e as pesquisas de Palestina de Goiás e região, focando, sobretudo, os grafismos

rupestres enquanto memória dos povos antigos. A atividade iniciou apresentando o projeto de pesquisa do mestrado e aplicando um questionário⁶, que foi anexado na íntegra nesse trabalho (anexo II). Com esse questionário, buscávamos obter informações sobre o conhecimento que essas pessoas, estudantes e moradores dessa região, teriam sobre os sítios arqueológicos, especificamente os de Palestina de Goiás.

Também buscávamos avaliar o conhecimento que os estudantes tinham sobre o patrimônio arqueológico e os grafismos rupestres, bem como sobre a história profunda da ocupação humana em Goiás. Foi decidido aplicar o questionário antes da “aula-aberta” para que, as respostas não fossem influenciadas pelos conteúdos apresentados. A “aula-aberta” foi estruturada em três partes, e a cada intervalo, foi cedido um espaço para que o público interagisse com perguntas e percepções. No final, entregamos como lembrança, adesivos produzidos para a ocasião com a temática “Patrimônio Arqueológico do Sudoeste de Goiás” e deixamos à mostra, na mesa, algumas réplicas de materiais arqueológicos para que público pudesse conhecer a diversidade dos vestígios arqueológicos.

Figura 14: "Aula-aberta" sendo realizada para os estudantes na UEG em Iporá.

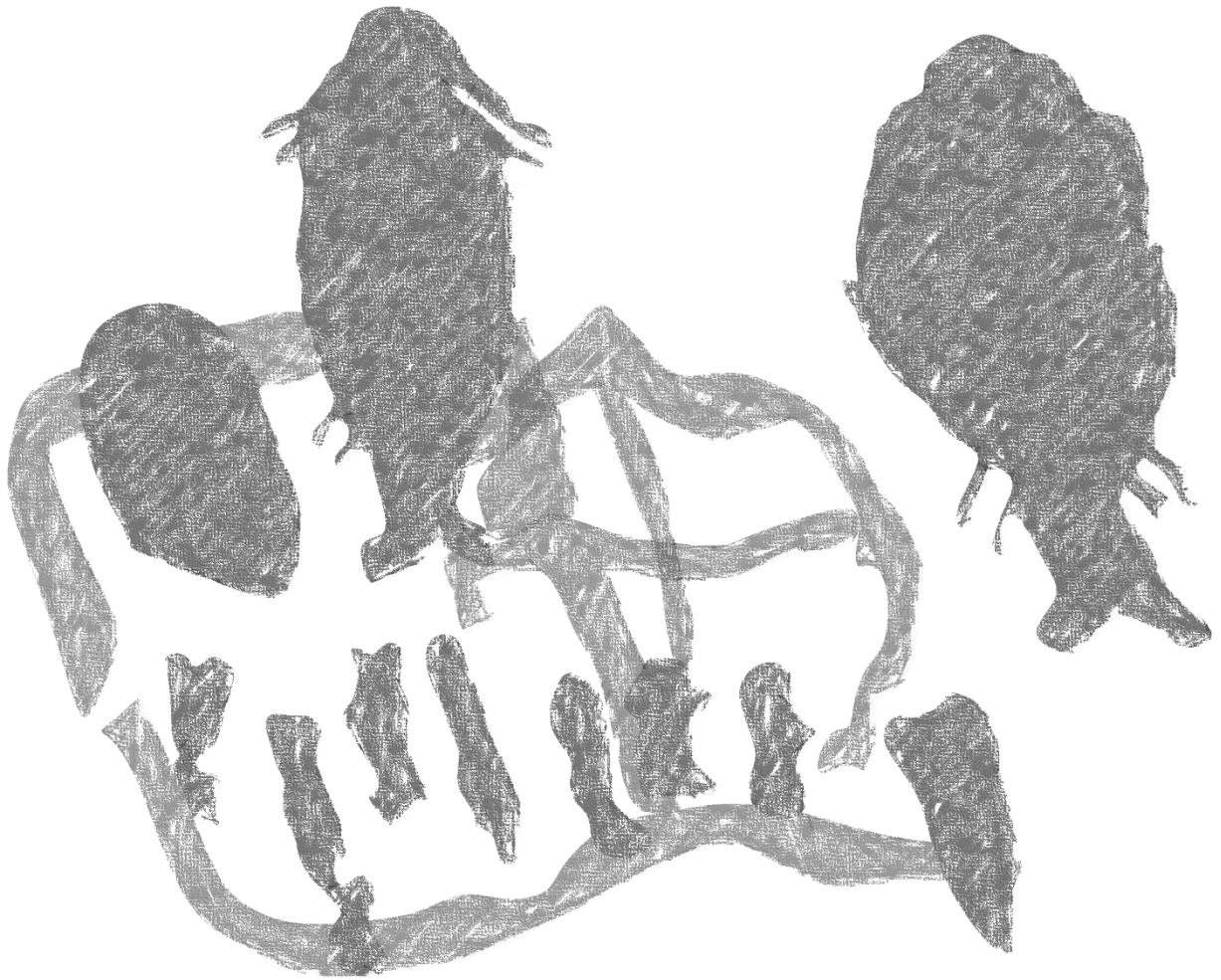


Créditos: Viana; Macedo, 2022.

Esses dois eventos, onde utilizamos os métodos aplicados acima, nos serviram para dialogar e discutir com os resultados que serão apresentados no próximo capítulo.

⁶ O questionário, assim como as atividades educacionais, foi aprovado pela Comissão de Ética da PUC-Goiás pelo número 4753522.5.0000.0037, conforme o registrado na Plataforma Brasil.

CAPÍTULO TERCEIRO



3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE TORRES DO RIO BONITO

A seguir, trarei os resultados das pesquisas realizadas em campo e em laboratório dos grafismos rupestres dos abrigos GO-CP-29, GO-CP-33, GO-CP-34 e GO-CP37 (A, B e C). Ainda que alguns sítios não tenham sido localizados nessa etapa, foi utilizada a coleção documental, composta por fotografias, decalques, pranchas, croquis e caderneta de campo, produzida pela da equipe de Schmitz, na década de 1980 para dialogar com as propostas apresentadas para essa dissertação. Todavia, nem todos as imagens fotográficas dessa época foram encontradas, tendo apenas as pranchas e decalques em plásticos para auxiliar na análise das figuras, o que dificultou reconhecer as cores e sobreposições de alguns grafismos rupestres.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ABRIGOS E DOS GRAFISMOS RUPESTRES

Os sítios arqueológicos de Torres do Rio Bonito, estão localizados na Bacia Sedimentar Paraná, onde afloram os morros de testemunhos e rochas areníticas da Formação Furnas e Ponta Grossa no período Eo-Devoniano (VIANA *et al.*, 2016; PROCÓPIO, 2019). Os abrigos investigados, se desenvolveram no médio e no topo dos testemunhos, com exceção do GO-CP-34, que está localizado na parte inferior, formados por depósitos de conglomerados ou diamictitos, os quais têm sido denominados de “campos de seixos” (VIANA *et al.*, 2016, p.193).

Os sítios arqueológicos dessa região, localizam a margem direita do rio Bonito, que nascem na serra Caiapó, numa cota de 1000 m e conflui no rio Caiapó, numa cota inferior a 500m. O rio drena chapadas e serras e na área do Torres do Rio Bonito, “flui lentamente, com alguns meandros abandonados, transformados em lagoas. Na época das chuvas extravasa o seu canal principal, criando áreas alagadiças de deposição quaternária” (SCHMITZ *et al.*, 1986, p.150). Próximos aos sítios arqueológicos, três córregos estão mais próximos dos abrigos: Areia (700 m do GO-CP-33), José Paraúna (200 m do GO-CP-34), Marimbondo (em média 600 m do GO-CP-29 e GO-CP-37). Esses nascem da Serra da Mangaba (em altitude ente 700 e 800m) e em períodos de secas reduzem consideravelmente seu volume.

3.2 SÍTIO GO-CP-29

O abrigo GO-CP-29, segundo Schmitz *et al.* (1986), localizado a cerca de 10 m do nível do solo, sendo acessado por uma encosta íngreme, está situado na extremidade norte do testemunho arenítico, orientado segundo a direção N/NW. “Esse fato, embora obrigue a realizar o acesso de forma não muito fácil (...) possibilita uma visão de todo o vale” (SCHMITZ *et al.*, 1980, p.160). A única evidência arqueológica, até o momento, foram as pinturas rupestres, um total de 304 figuras, distribuídas a partir de 30 cm do piso e alcançam até acima de 3 m de altura. Essas imagens foram pintadas exclusivamente nas paredes e encontram-se em diversas posições. A grande maioria das figuras são de cores vermelhas, seguidas pelos tons de laranja, amarela e outras apresentam figuras bicrômicas em vermelho e amarelo.

No quesito das temáticas, de acordo com a obra de Schmitz *et al.*, (1986), 55% dos grafismos rupestres possuem representações geométricas, 17% antropomorfos (forma de humanos), 16% foram consideradas zoomorfas (formas de animais) e outras 12% não foram classificadas em nenhum conjunto, por considerarem “figuras não identificadas”.

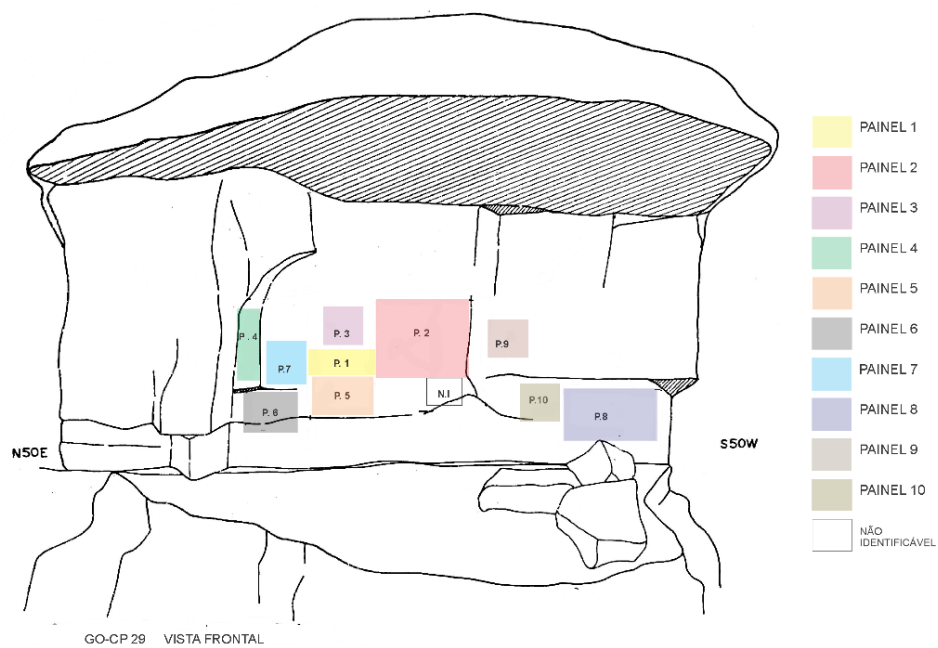
Ainda segundo Schmitz *et al.* (1986), as imagens já estavam em estado de má conservação na época do levantamento, sendo de maneira geral, apagadas e desgastadas. Talvez isso possa estar relacionada à incidência de luz solar que o abrigo recebe ao longo do dia como citado na obra: “está a aberto em direção Norte, sendo bem iluminado praticamente o dia todo” (SCHMITZ *et al.*, 1980, p.160). Outra informação importante para essa análise está na configuração física das paredes escolhidas como suportes para as pinturas; elas são “predominantemente lisas e verticais” e onde está o painel 1, o suporte possui algumas irregularidades em sua superfície. Na prancha dos painéis 2, 3 e 4, onde está a maior concentração das imagens, as figuras estão dispostas a partir de 1, 40/1,60 m do nível do solo e alcançam quase a altura média do teto de 6 m.

3.2.1 PAINÉIS DO SÍTIO GO-CP-29

O abrigo GO-CP-29 contém 10 painéis de grafismos rupestres, sendo cinco com figuras sobrepostas. Para melhor representar, utilizamos o croqui da obra de Schmitz *et al.* (1986), como mostra a figura 37, para exemplificar a distribuição dos painéis identificados e analisados no presente trabalho, e a seguir, uma imagem

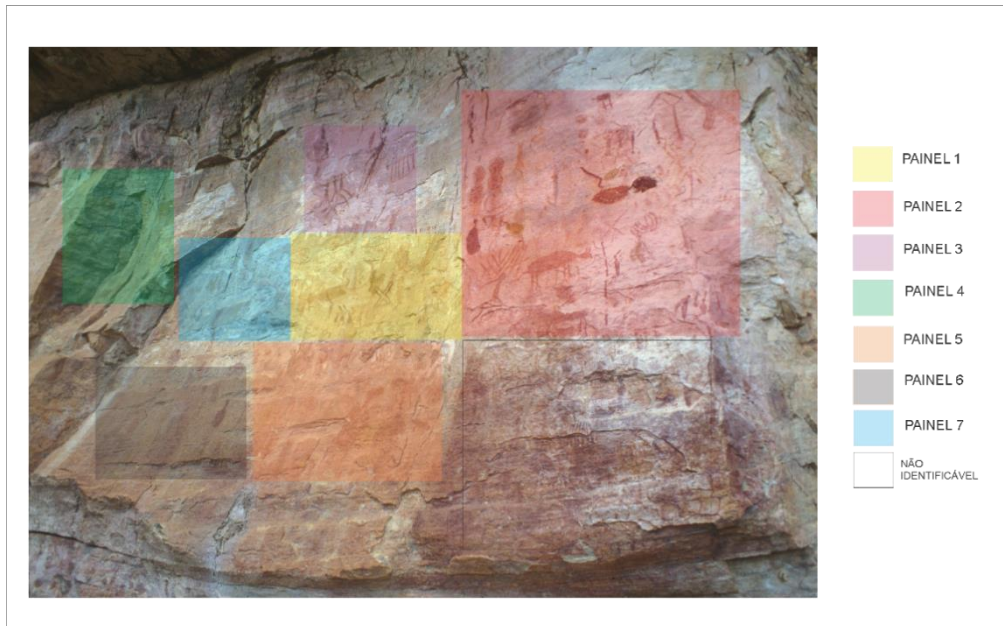
(figura 38) registrada na década de 1980 que evidencia a distribuição de sete desses; observa-se que na parte inferior, à direita, existe um painel que não foi possível de identificá-lo, devido ao processo de oxidação da rocha.

Figura 15: Croqui do sítio GO-CP-29 com a distribuição dos 10 painéis.



Fonte: Schmitz *et al.*, 1986, adaptado por Procópio, 2022.

Figura 16: Imagem fotográfica do sítio GO-CP-29 (frontal) com a distribuição dos sete painéis.



Fonte: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia. 1986, adaptado por Procópio, 2022.

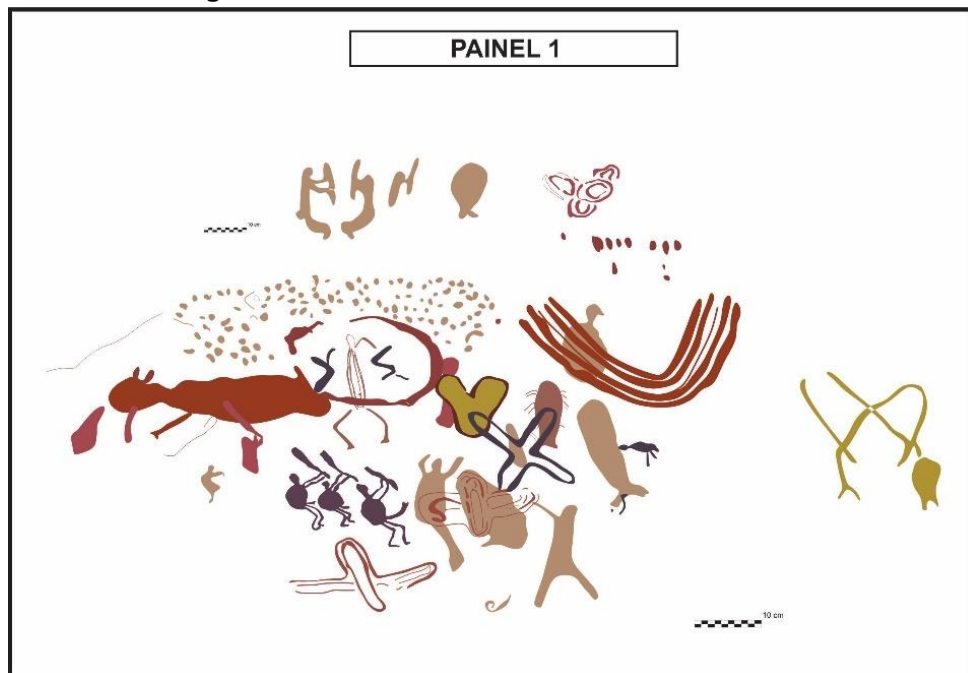
3.2.1.1 Painel 1

Figura 17: Imagem fotográfica do painel 1, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 18: Painel 1 do sítio GO-CP- 29 vetorizado.



Créditos: Procópio, 2023.

O painel 1 é composto por 33 figuras, das quais, 10 são grafismos antropomorfos (formas humanas), sete representações de animais, cinco geométricos, três figuras agrupadas e oito formas não identificáveis. Entre os grafismos temos, há uma diversidade de tipos de técnicas, como por exemplo, figuras preenchidas ou compostas por finos traços.

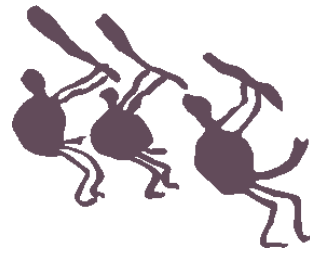
As dimensões das pinturas variam entre 4 cm e 60 cm de comprimento. Em relação as técnicas e composições, existem uma variedade de composições, que vão desde os agrupamentos de figuras como pontilhados e traços paralelos (curvos ou retos), as figuras isoladas. Existem diferentes tipos de cruciformes, que se sobrepõe à pinturas; há também uma diversidade de figuras de animais, principalmente aos representados por peixes, todavia, todos esses são desenhos preenchidos, o que difere por exemplo dos antropomorfos, onde uma caracteriza-se por figura vazada, (figura 41); os antropomorfos, parecem que estão executando movimentos ou ações, como é o caso do trio de figuras do sexo masculino que parecem estar se movendo e erguendo um instrumento roliço (figura 42.), formando uma cena. Como apresentado por Pessis, “a utilização do conceito de “ação” supõe sempre um movimento, o qual

pode ser mais ou menos pronunciado, e que se desenvolve em um tempo mensurável” (PESSIS, 1984, p.47). Sendo assim, a cena é composta por grafismos que sugerem ações e movimentos em um determinado espaço, sendo composta de temáticas variáveis como grupos de animais, caça, pesca, rituais e dentre outros

Figura 20: figura antropomorfa vazada.



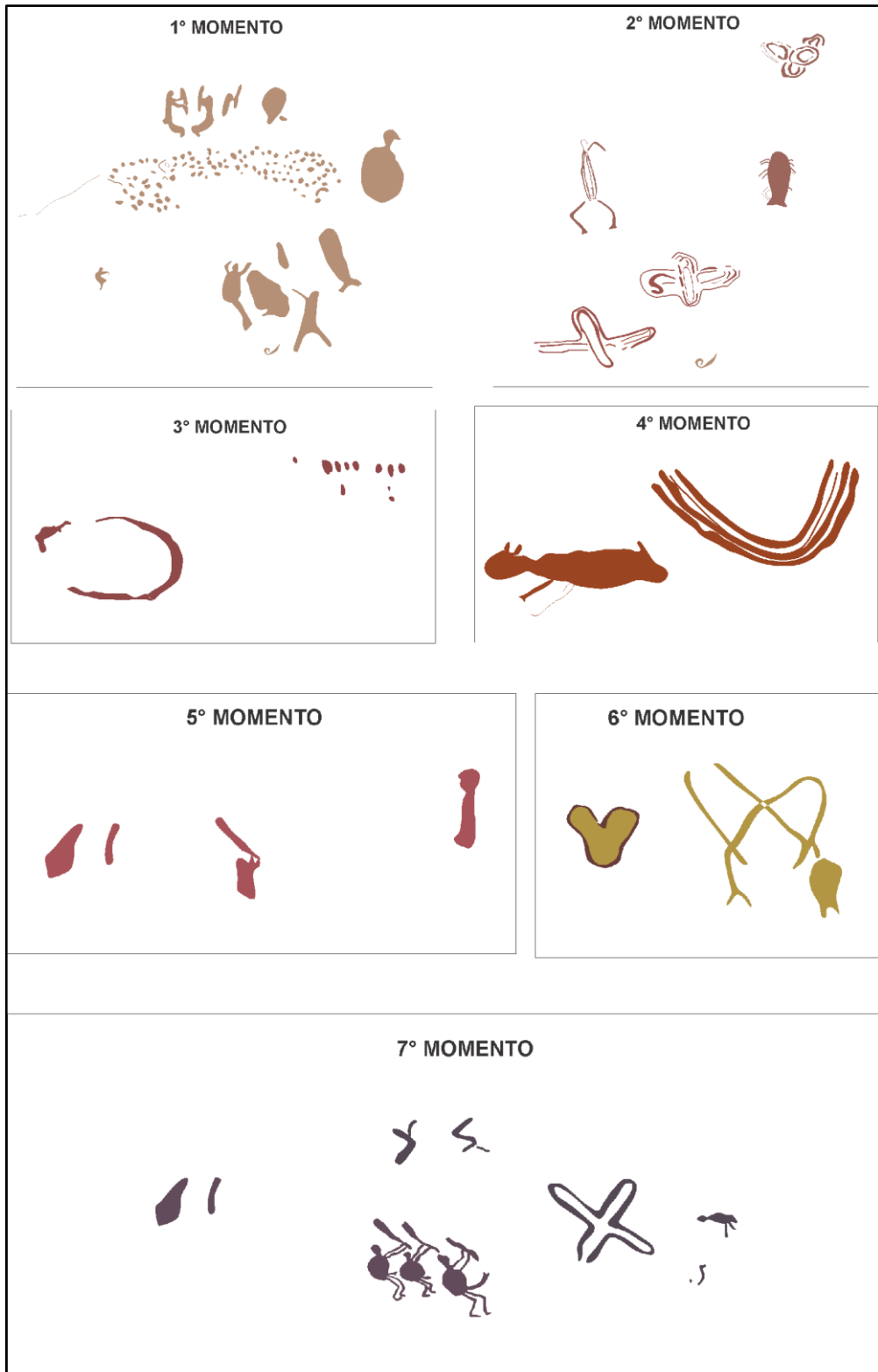
Figura 19: figuras antropomorfas com objeto roliço nas mãos.



Além da diferença de tonalidades que segue do rosa ao roxo, existe uma figura bicrômica geométrica, composta por preenchimento de cor amarelo e contorno vermelho. A outra figura de cor amarelo, é composta por uma composição de elementos geométricos e um antropomorfo (peixe).

Percebe-se que há uma diversidade de figuras sobrepostas e diante disso, foi dividido os prováveis momentos que esse painel foi pintado, segundo as relações diacrônicas, estilísticas e das nuances de cores.

Figura 21: Momentos do painel 1 do sítio GO-CP-29.



As figuras de cores mais claras, representadas pelo rosa claro, apresentam-se nesse painel, como as primeiras figuras que foram executadas, segundo a relação diacrônica e da nuance de cores. No segundo momento, as figuras que apresentaram composições de traços finos e cores semelhantes e o cruciforme estava sobreposta a figura de cor rosa. No momento terceiro, o círculo vermelho, sobreposto a figura antropomorfo, trata-se do tipo reciclagem de sobreposição, onde ocorre a inserção de um novo elemento gráfico, criando uma interação entre os motivos ou como se estivesse originando uma morfologia para a figura já disposta no painel. No quarto momento, a figura zoomorfa, da mesma forma que a anterior, parece interagir com o círculo, criando uma sobreposição mínima; a outra figura, de agrupamento de traços paralelos curvos, assim como a pintura de animal desse momento, são as duas maiores imagens que compõe esse painel. As figuras do momento cinco, em específico as duas à direita, também, de forma mínima, sobrepõe as figuras anteriores. No sexto momento, a figura bicrômica, cobre parcialmente a pintura anterior, sobrepondo de forma a manter a figura anterior. Na última intervenção, todas as pinturas de tonalidade roxo compõe esse momento; a figura em cruciforme de cor roxo, sobrepõe, de forma parcial e mínima quatro figuras; os dois pequenos traços curvos, paralelos, compõe as demais interações do antropomorfo de traços finos, sem preenchimento do segundo momento, e as demais, completam as intervenções desse painel.

3.2.1.2 Painel 2

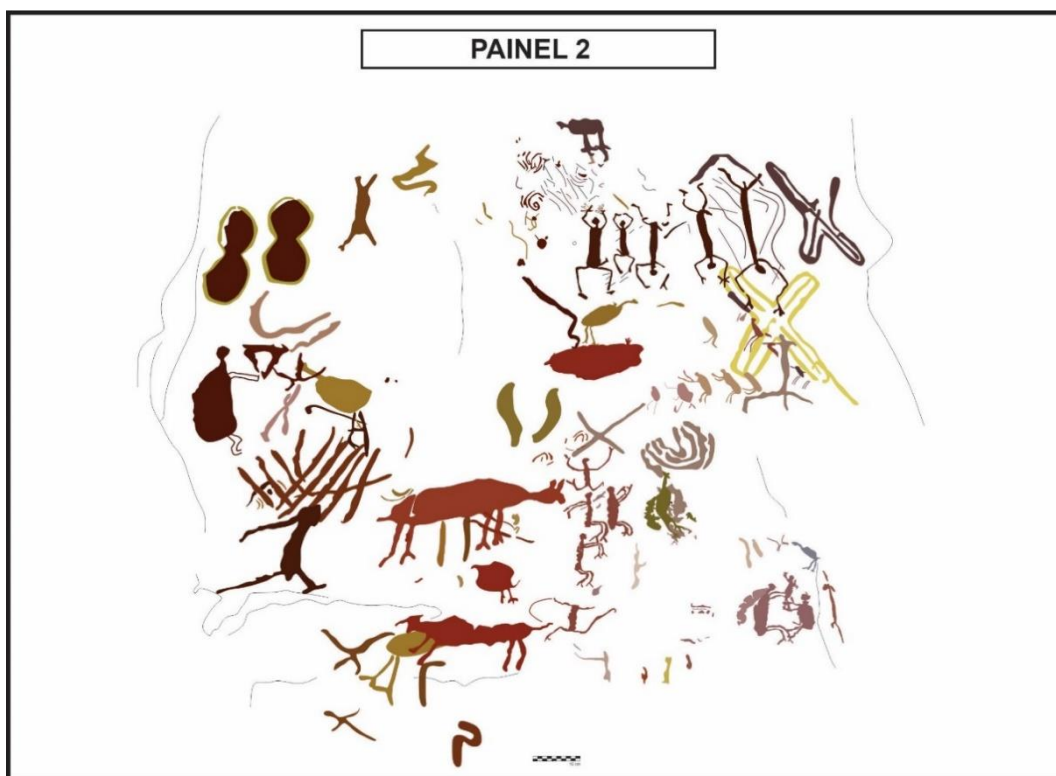
O painel 2 é o que apresenta maior número de figuras e sobreposições. São 24 figuras de representações humanas, sete figuras de animais, 16 geométricas e as demais não são possíveis de identificação. A dimensão das pinturas varia entre 5 cm e 70 cm de comprimento.

Figura 22: Imagem fotográfica do painel 2, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 23: Painel 1 do sítio GO-CP- 29 vetorizado.



Créditos: Procópio, 2023.

As figuras são compostas por diversidades de técnicas e estilos, entre os quais, a composição de duas figuras geométricas bicrômicas, associadas, de cores vermelhas e contornos amarelos, que foram executadas na parte superior do painel.

A maioria das pinturas foi executada com preenchimento interno, sobretudo as figuras de animais e humanas. A grande maioria das figuras antropomorfas, estão em conjuntos e parecem compor cenas.

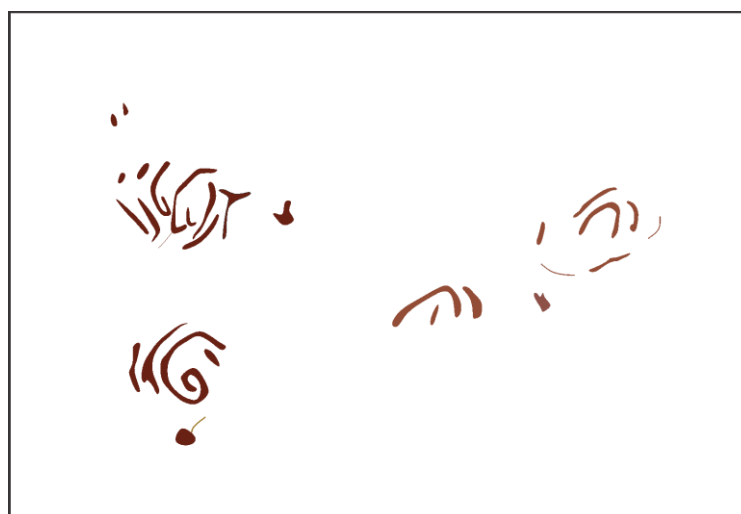
Figura 24: composição das figuras antropomorfas no sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

Dentre as técnicas utilizadas para a execução das figuras desse painel, como preenchimento, composição de traços, figuras abertas, identificou-se a aplicação de desenhos por meio de carimbo.

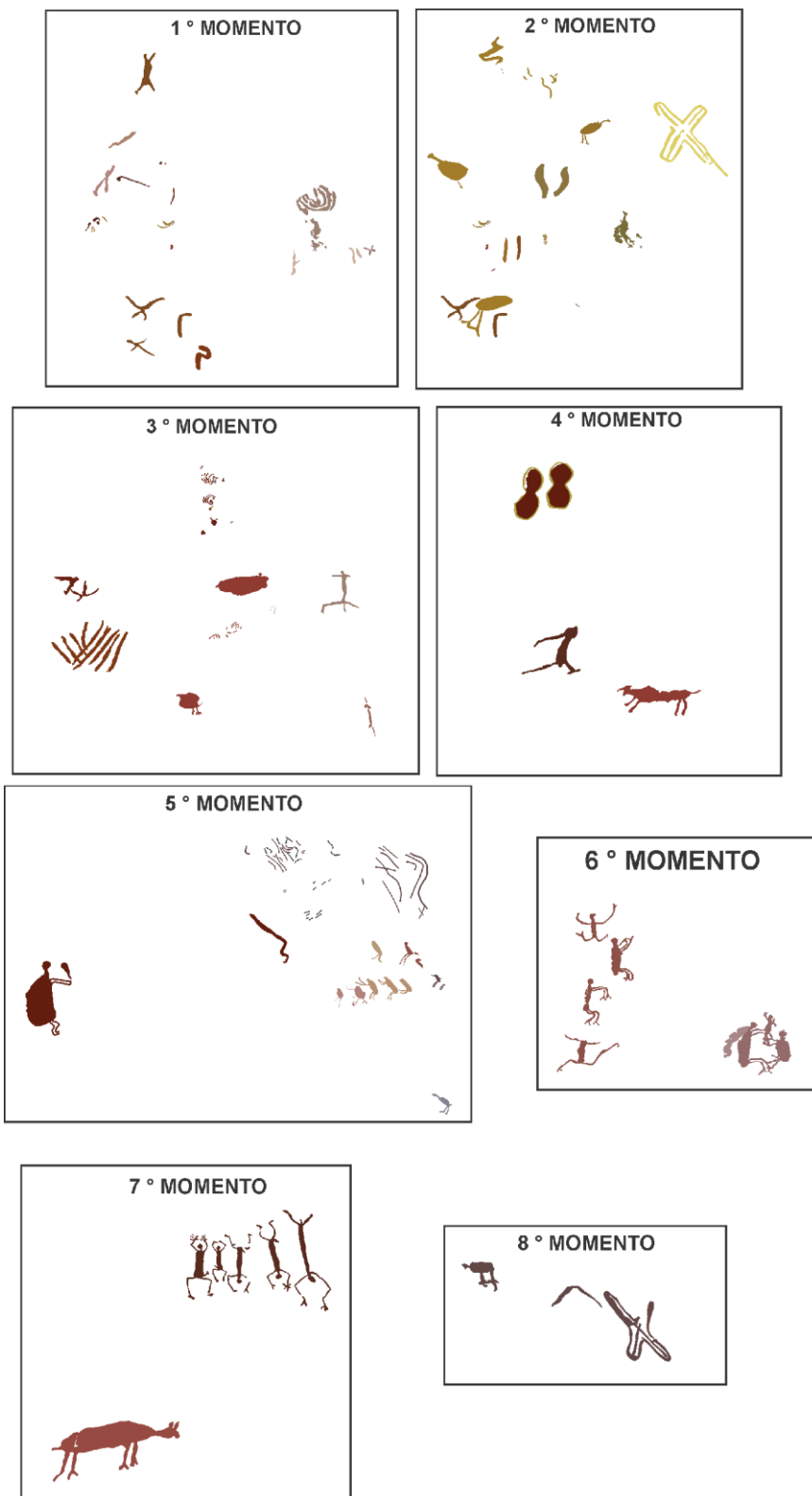
Figura 25: técnica aplicada por meio de carimbos (sítio GO-CP-29).



Créditos: Procópio, 2023.

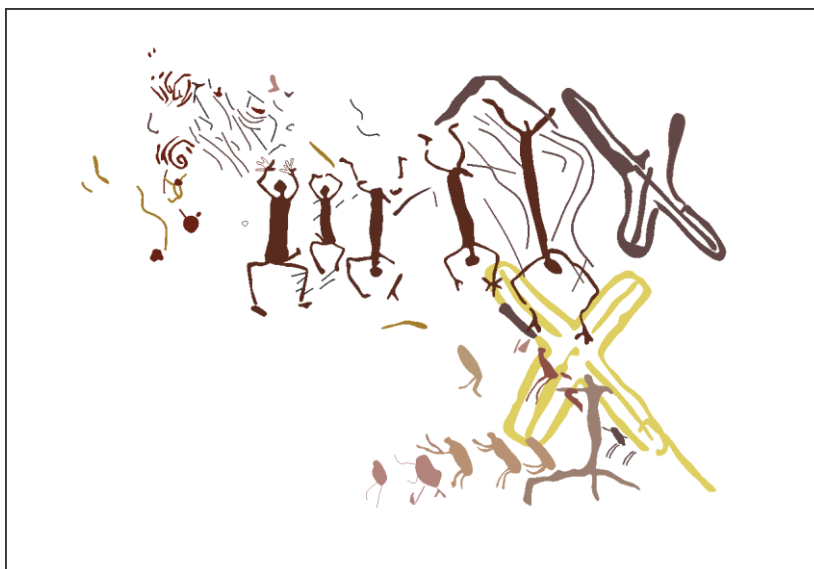
A seguir estão os momentos identificáveis no painel 2, a partir das sobreposições e nuances de cores.

Figura 26: momentos do painel 2 do sítio GO-CP-29.



Nos momentos cinco e sete, nota-se um tipo de sobreposição de obliteração sobre a figura do cruciforme amarelo, no momento segundo. Observa-se que, nos diferentes momentos de intervenção, houve a sobreposição parcial e quase que completa por figuras antropomorfas, ocorrendo uma alteração do motivo anterior.

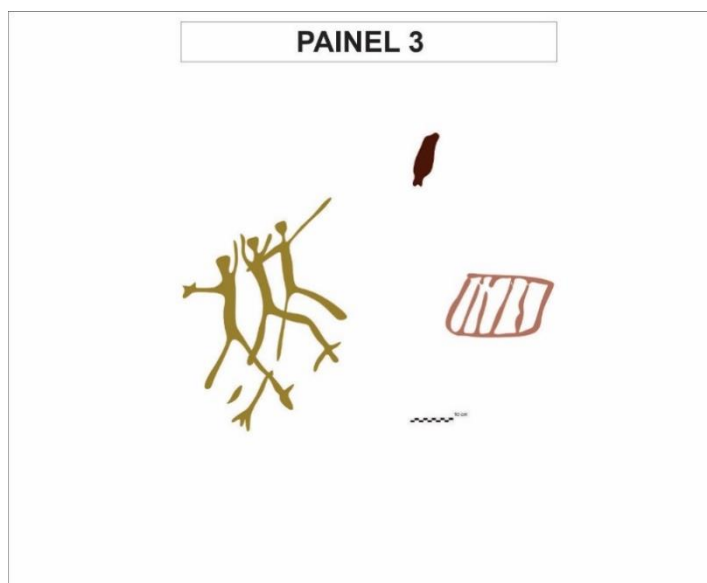
Figura 27: Sobreposição tipo obliteração no painel 2 (sítio GO-CP-29).



Créditos: Procópio, 2023.

3.2.1.3 Painel 3

Figura 28: Painel 3 do sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

O painel 3 encontra-se na parte mais alta do abrigo. Nessa porção, são poucas as figuras presentes; elas chegam a alcançar mais de 3 metros de altura, a partir do piso (SCHMITZ *et al.*, 1986). As três figuras desse painel correspondem a uma representação de um grupo humano (três antropomorfos de cores amarelas), um animal (peixe) e uma figura geométrica (gradeada). A figura composta pelas três formas humanas, parece estar em movimento sincrônico, onde os membros superiores e inferiores, se projetam na mesma direção. Esse conjunto em cena, tem em média 45 cm de altura e comprimento.

3.2.1.4 Painel 4

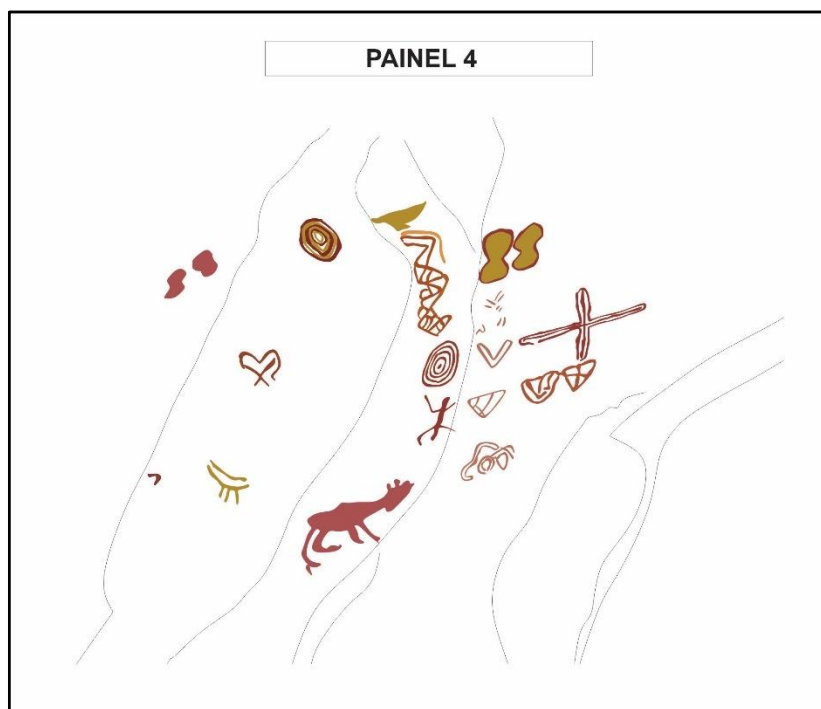
Figura 29: Imagem fotográfica do painel 4, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Apesar das figuras estarem pintadas em diferentes tipos de suportes rochosos, esse foi considerado apenas como um painel, por compartilhar de estilos gráficos semelhantes, como por exemplo, as formas geométricas com traços finos, sem preenchimentos e cores similares. Há a presença de figuras geométricas bicrômicas; a primeira é o conjunto de duas pinturas em cor amarela e contorno vermelho; a segunda, composta por círculos de traços vermelhos e preenchimento amarelo.

Figura 30: vetorização do painel 4 do sítio GO-CP-29.



Apesar de algumas figuras estarem próximas, associadas ou não, não há sobreposição de figuras nesse painel.

3.2.1.5 Painel 5

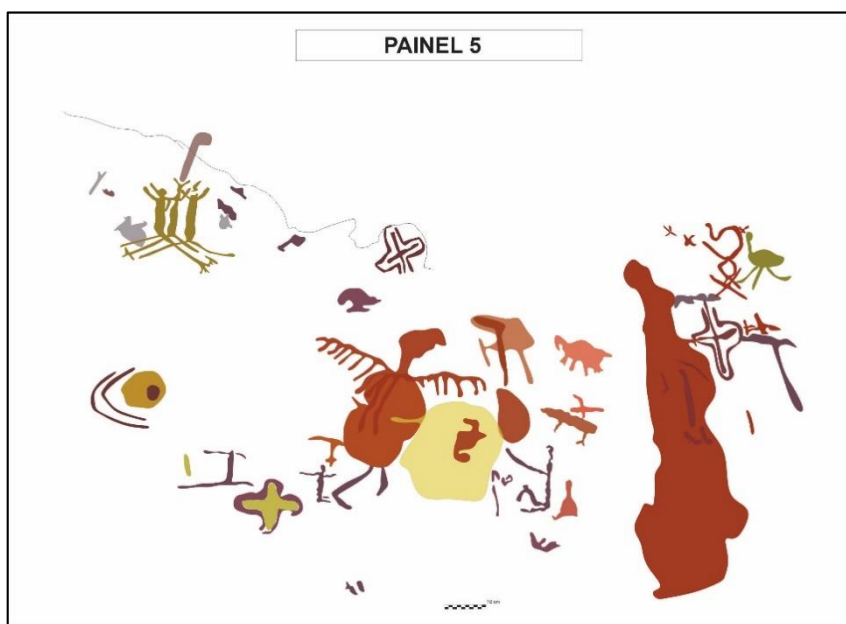
O painel 5, apesar das figuras estarem bastante desgastadas, podemos identificar na parte central o que seria, a princípio, a forma de uma ave de rapina ou pernalta. Todavia, ao utilizarmos o DStretch, percebemos que essa figura sofreu algumas intervenções em sua composição, ficando evidente que apenas as asas e a cabeça tenham recebido os mesmos contornos. As demais imagens, foram difíceis de serem identificadas, ficando evidente que a parte inferior do abrigo tenha sofrido alterações com as ações do tempo, comprometendo a conservação e a identificação dos grafismos.

Figura 31: Imagem fotográfica do painel 5, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 32: vetorização do painel 5 do sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

No painel 5 podemos observar a combinação de cores variam do vermelho ao amarelo. Existem algumas figuras bicrômicas, como por exemplo, o cruciforme amarelo com contorno vermelho e as linhas em tonalidade roxo e o círculo amarelo e roxo (à esquerda). Podemos observar a existência de uma composição, na parte

central do painel, de um zoomorfo, provavelmente uma ave, todavia, notamos que houve, pelo menos quatro sobreposições, resultando no tipo de obliteração, onde, pressupõe a intenção em anular as imagens originais. Essa aparente desordem, é observado em quase todo o painel, onde as representações não estão bem definidas e há uma diversidade de apagamento de uma figura por outra. Na parte superior, o conjunto de três figuras humanas em cores amarelas se repetem. Nota-se o movimento sincrônico, assim como ocorre no painel 3.

3.2.1.6 Painel 6

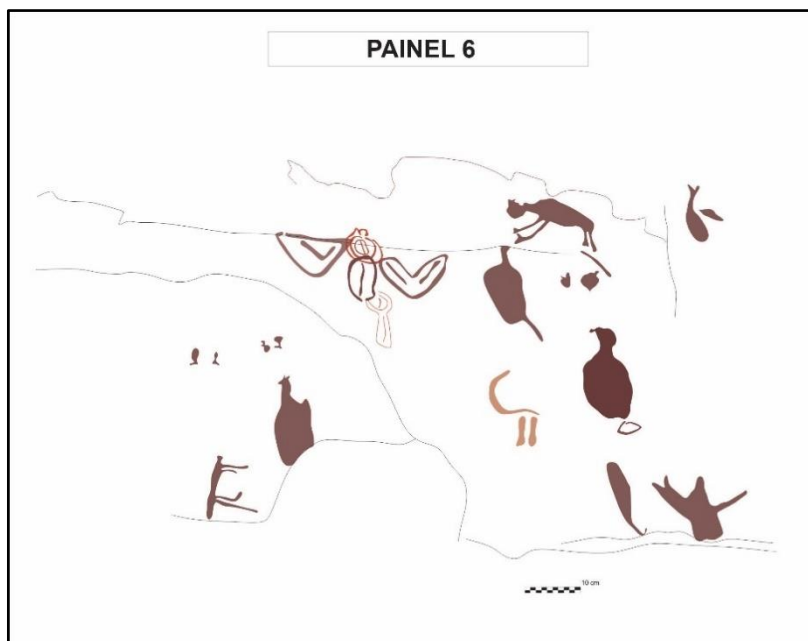
Da mesma forma que ocorreu com o painel 5, o painel de número 6 também sofreu com as ações de fatores naturais, apagando ou tornando as figuras pouco perceptíveis a olho nu. Com a ajuda dos softwares, conseguimos identificar a maior parcela de desenhos.

Figura 33: Imagem fotográfica do painel 6, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 34: vetorização do painel 6 do sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

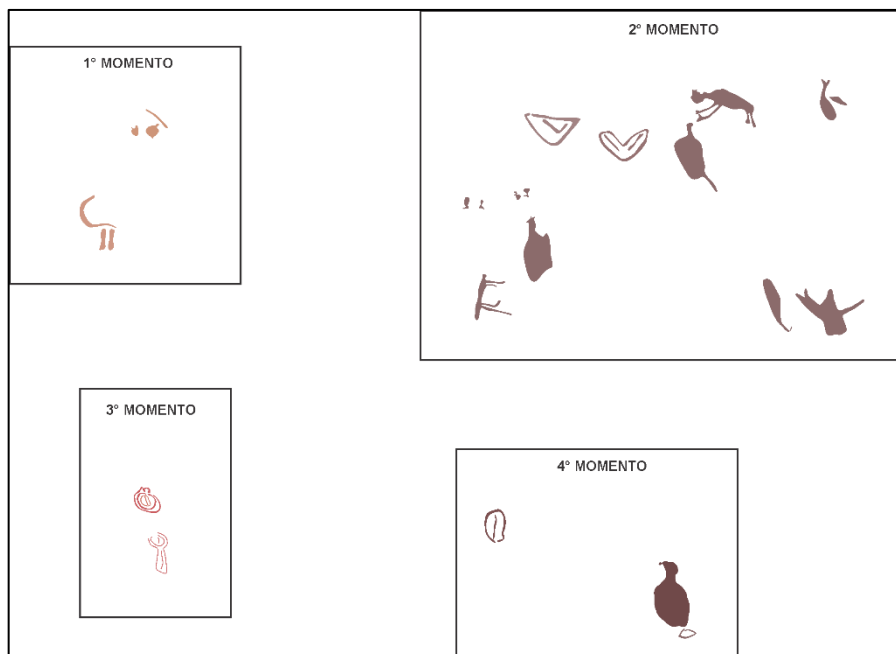
O painel é composto por figuras de animais, humanas e geométricas, as quais, apresentam sobreposições de três figuras geométricas, na parte superior do painel, conforme a imagem vetorizada (figura 57). O tipo de sobreposição é o mínimo, onde apenas parte dos grafismos geométricos, se sobrepõe a outros. Dessa forma, podemos relacionar a diacronia dos desenhos através das sobreposições e nuances de cores, sugerindo os possíveis momentos desse painel (figura 58).

Figura 35: sobreposição mínima das figuras geométricas do painel 6 (sítio GO-CP-29).



Créditos: Procópio, 2023.

Figura 36: momentos do painel 6 (sítio GO-CP-29)



Créditos: Procópio, 2023.

O momento primeiro é composto pelas figuras mais apagadas (rosadas), o segundo, pelas cores de tons claro, onde temos as duas figuras geométricas de tonalidades e técnicas similares (traços finos e sem preenchimento); o terceiro momento é composto pelas duas figuras geométricas similares, que interagem por meio da sobreposição, com as figuras anteriores; e por último, a figura geométrica que se sobrepõe as demais e a figura zoomorfa, que é a pintura que mais se destaca em cor e conservação do painel.

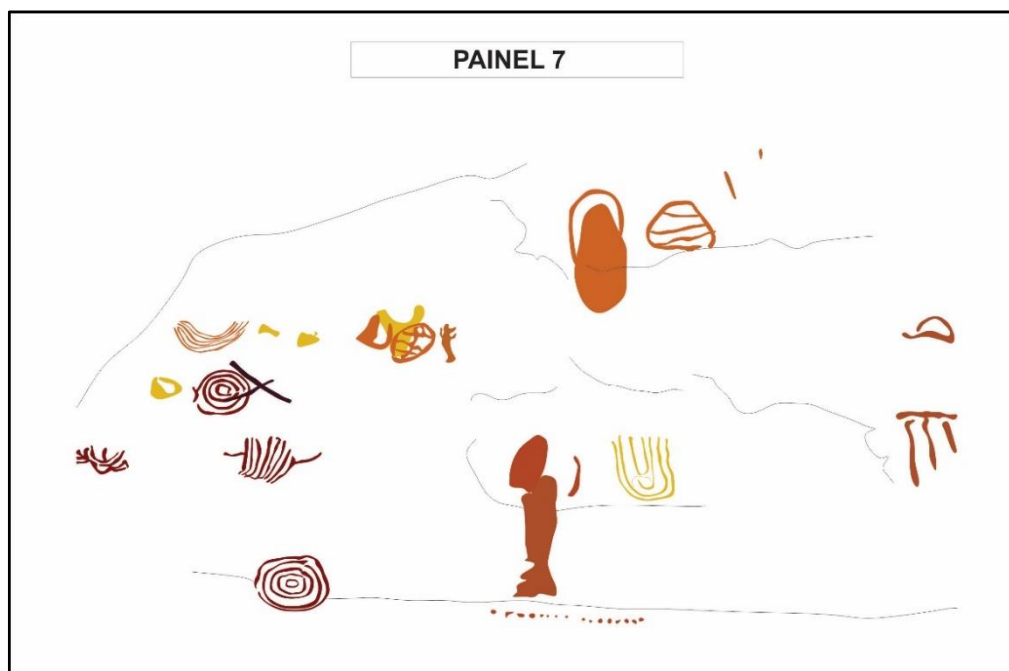
3.2.1.7 Painel 7

Figura 37: Imagem fotográfica do painel 7, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 38: vetorização do painel 7 do sítio GO-CP-29.



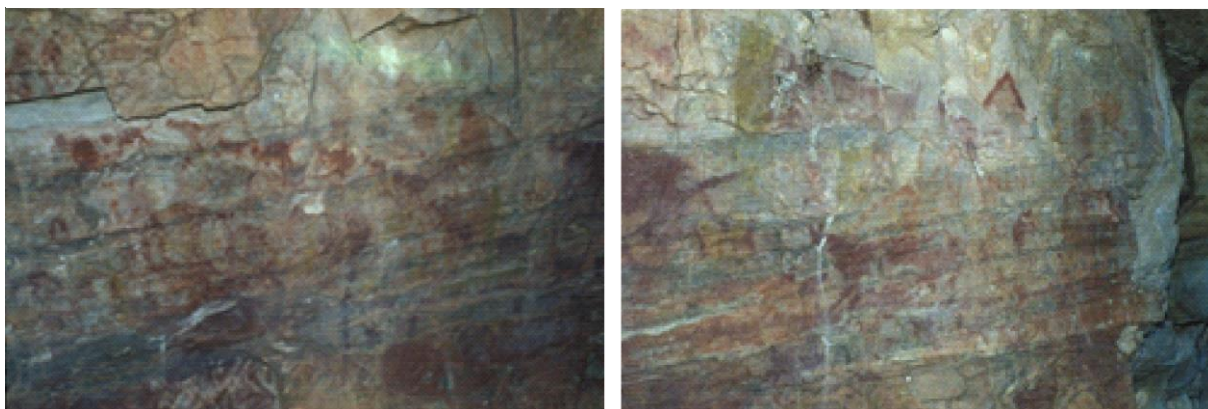
Créditos: Procópio, 2023.

O painel 7, é composto por 20 grafismos geométricos e duas sem formas definidas; as cores que predominam nesse painel, diferente das demais, são as de tonalidades laranja e amarelo. Apesar de algumas sobreposições, não foi possível de identificar os momentos. A maior parte das figuras geométricas são compostas por traços paralelos, curvos ou não e se, preenchimento. Na parte inferior, é possível ver um agrupamento de figuras pontilhadas.

3.2.1.8 Painel 8

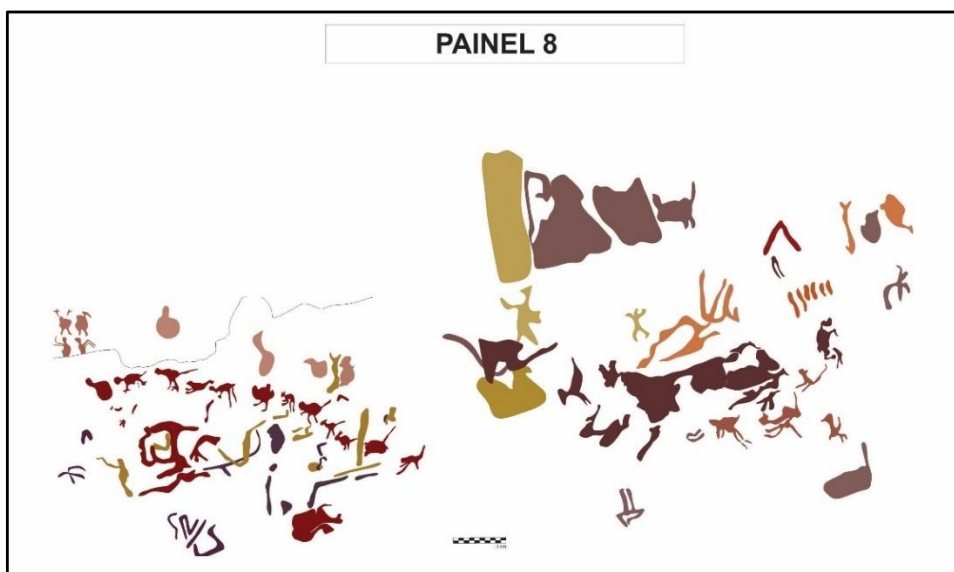
O painel 8, registrado em duas imagens pela equipe de Schmitz (1980), evidencia a oxidação da rocha, comprometendo a conservação das figuras. Através das análises dos decalques em laboratório, verifiquei que esse painel está a cerca de 70 cm do piso, o que provavelmente intensificou as ações do tempo. Pelas fotografias, esse painel encontra-se em um local com menos luz,

Figura 39: Imagens fotográfica do painel 8, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

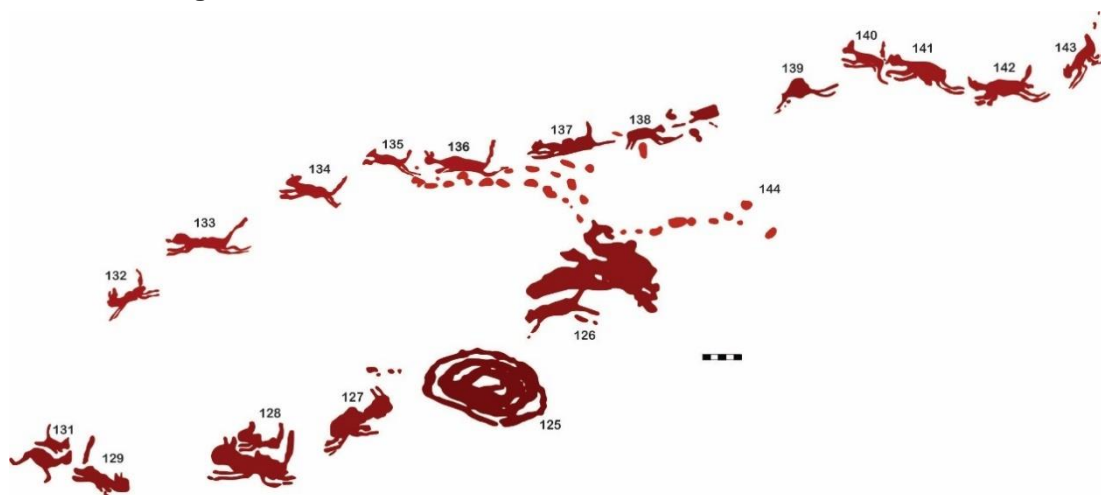
Figura 40: vetorização do painel 8 do sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

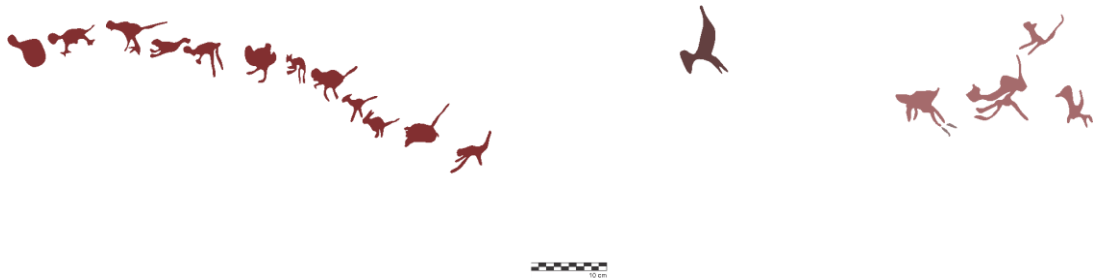
Apesar dos esforços em vetorizar as imagens pelas fotografias, muitas imagens não foram possíveis de serem identificadas, entre as quais, as figuras geométricas, zoomorfas e antropomorfas. Uma cena que chamou a atenção, é aquela representada por uma fila de animais, semelhantes aos identificados no trabalho anterior (PROCÓPIO, 2019) no sítio GO-CP-33 (Abrigo do Índio), conhecida pela população local como “ciranda dos macacos”.

Figura 41: “ciranda dos macacos” do sítio GO-CP-33 na ala A.



Fonte: Procópio, 2019.

Figura 42: enfileiramento de animais do painel 8 (sítio GO-CP-29), semelhante a "ciranda dos macacos" do sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2023.

Observa-se que, o movimento dos animais, em ambas as cenas se assemelham, principalmente pelo enfileiramento e o comportamento dos membros, que anunciam um salto ou uma corrida.

3.2.1.9 Painel 9

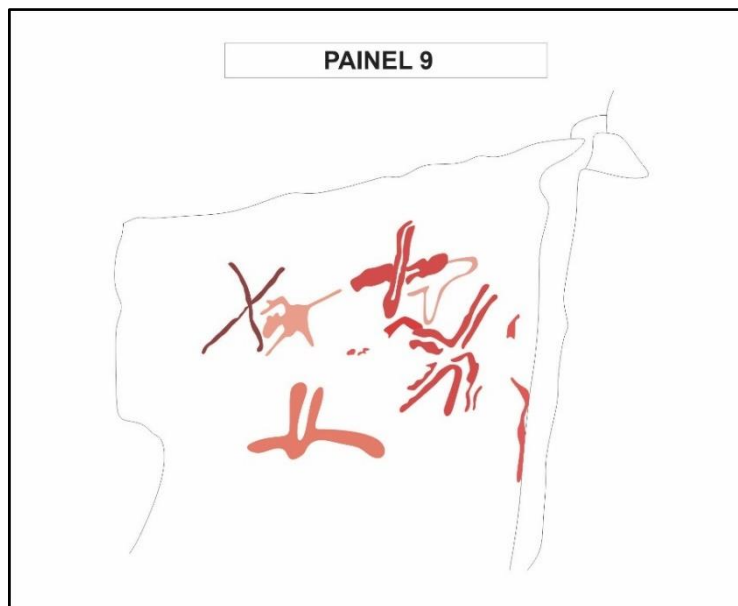
O painel 9, é composto apenas por figuras geométricas de cores diferentes de tons vermelhos. Isso é evidente, sobretudo com os grafismos em forma de cruciformes. Ao que tudo indica, pela prancha (SCHMITZ *et al.*, 1986), ele foi pintado em uma altura superior a 2 m de altura do nível do solo.

Figura 43: Imagem fotográfica do painel 9, do sítio GO-CP-29.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 44: vetorização do painel 9 do sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

Apesar de compor o único painel, as figuras se diferem em estilos gráficos e cores, podendo indicar que podem ter sido compostos por intenções diferentes. O que se pode afirmar é que, as figuras, parecem se interagir, pela aproximação e associação das pinturas.

3.2.1.10 Painel 10

Figura 45: Imagem fotográfica do painel 10, do sítio GO-CP-29.

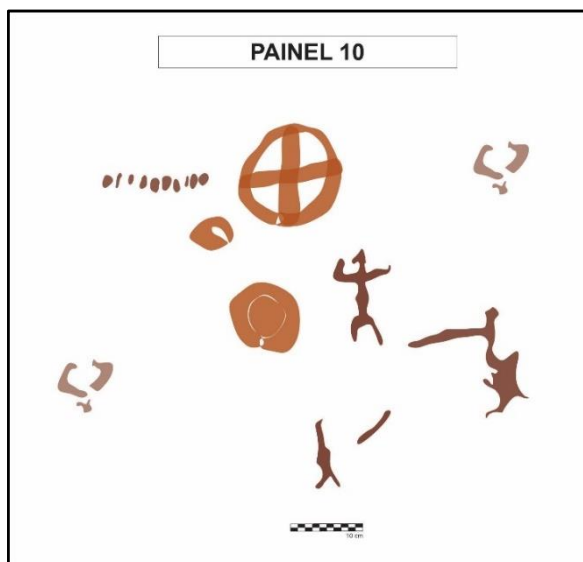


Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

O painel 10, apresenta o total de 10 figuras, entre as quais, geométricas e outras representações não identificáveis. As cores variam dos tons vermelhos e

laranjas. Há um agrupamento de figuras tipo bastonetes e um cruciforme contornado por um círculo.

Figura 46: vetorização do painel 9 do sítio GO-CP-29.



Créditos: Procópio, 2023.

3.3 SÍTIO GO-CP-33

O abrigo GO-CP-33, está localizado do topo de um testemunho arenítico, na extremidade noroeste, a cerca de 20 m de altura do nível de sua base. O acesso é difícil e perigoso, já que, para alcançar o abrigo, é necessário escalar as rochas íngremes, da qual, para a segurança dos visitantes, foi instalada um cabo de aço em 2002 pela equipe do IPHAN (PARDI, 2001), para auxiliar a subida. Do alto, é possível observar todo o vale.

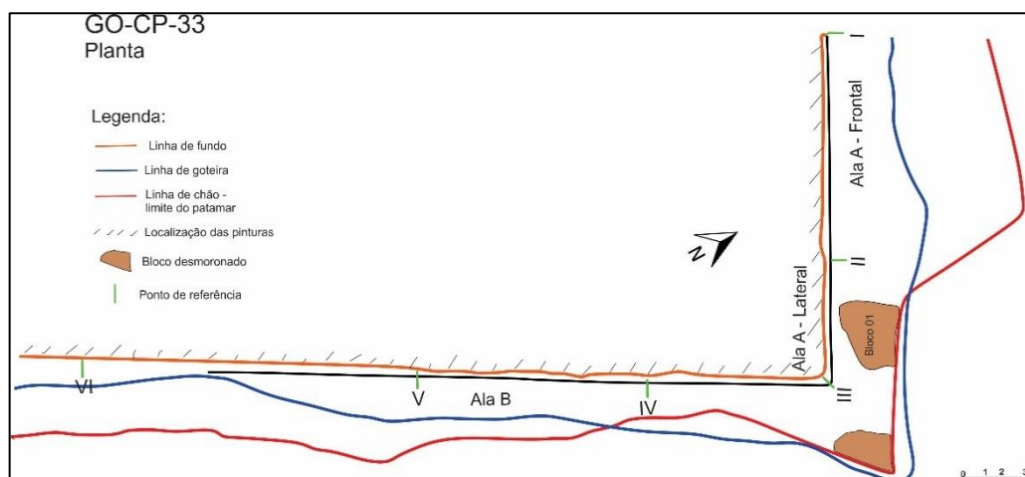
Esse abrigo apresenta o maior número de figuras do complexo arqueológico de Torres do Rio Bonito, chegando a quase 1000 imagens. Na Ala A, pesquisado em 2018/2019, foram contabilizadas 700 pinturas e na Ala B 287. A ocupação das pinturas se deu ao longo de toda extensão da face noroeste e nordeste do abrigo. A única evidência arqueológica, até o momento, são as pinturas rupestres. Há um relato de um morador local, quando visitamos a antiga fazenda Zé Paraúna, (atual proprietária,

Sebastiana Condor), que fala de outros vestígios arqueológicos encontrados em anos atrás. Isso descobri, quando questionei, por que o sítio GO-CP-33 era conhecido por Abrigo do Índio? Ele me respondeu, que quando seu avô subiu até lá a primeira vez, encontrou um arco grande de madeira (que se desfez ao pegá-lo) e uma panela de barro. Conforme suas palavras: “era coisa de índio; de índio que morava lá a muitos anos atrás. Por isso a gente passou a chamar de abrigo do índio”.

A ala B tem um total de 46 metros de comprimento (imagem XX), os tetos são mais baixos e o patamar do piso é menor em relação a da Ala A. As paredes em geral são verticais e sub-verticais e possuem superfícies regulares em sua maior proporção. Todavia, a maior parte das paredes do abrigo estão expostas as intempéries, principalmente as chuvas e a radiação solar, provocando o apagamento das pinturas e comprometendo a preservação das pinturas

Dentro do critério de análise para esse trabalho, possibilitaram registrar durante o levantamento em campo em 2022, um total de 46 painéis ao longo de toda ala B.

Figura 47: Planta do sítio GO-CP-33 e a divisão das áreas.



Fonte: Schmitz *et al.* (1986), adaptado por Procópio, 2019.

Assim como na ala A, a ala B possui a maior parcela de figuras geométricas, poucas representações humanas, de animais e objetos. As cores também predominam o tom avermelhado, seguido do amarelo e laranja e com algumas pinturas bicrômicas em cores vermelhas e amarelas.

3.3.1 Divisão das áreas na ala B do sítio GO-CP-33

A seguir, trago algumas imagens registradas em campo do abrigo GO-CP-33, para ilustrar a divisão das áreas da ala B.

3.3.1.1 Ala B – área III-IV

Figura 48: Visão parcial da área III-IV da área B, vista sudeste do abrigo GO-CP-33.



Fonte: Procópio, 2022.

Figura 49: Visão parcial da área III-IV da área B, vista nordeste do abrigo GO-CP-33.



Fonte: Procópio, 2022.

3.3.1.2 Ala B – área IV-V

Figura 50: Visão parcial da área IV-V da área B, vista sudeste do abrigo GO-CP-33.



Fonte: Procópio, 2022.

Figura 51: Visão parcial da área IV-V da área B, vista nordeste do abrigo GO-CP-33.



Fonte: Procópio, 2022.

3.3.1.3 Ala B – área V-VI

Figura 52: Visão parcial da área V-VI da área B do abrigo GO-CP-33. As duas primeiras de cima são vistas em direção à sudeste e as duas abaixo em direção a nordeste.



Fonte: Alfredo Palau Peña, 2018.

3.4 PAINEIS DO ABRIGO GO-CP-33 ALA B

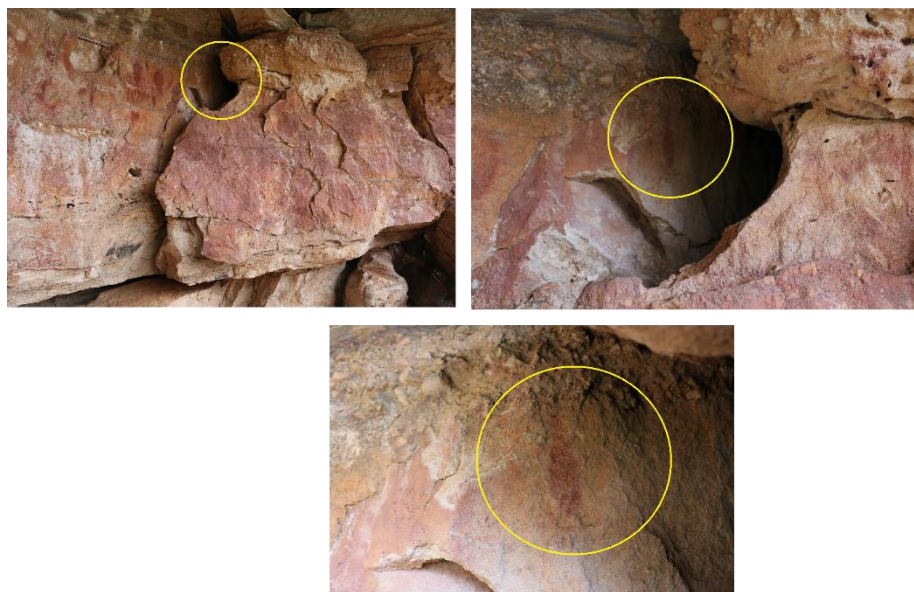
Na ala B, consegui vetorizar 310 figuras, todavia, esse quantitativo é superior a 400, pois muitas, devido ao apagamento, não foram identificadas. A maior parte dos grafismos rupestres concentra-se na área IV- V. Como veremos, três painéis se encontram na área III-IV, 23 estão localizados na área IV-V e 20 na porção V-VI.

3.4.1 Painéis da área III-IV

3.4.1.1 Painel 1

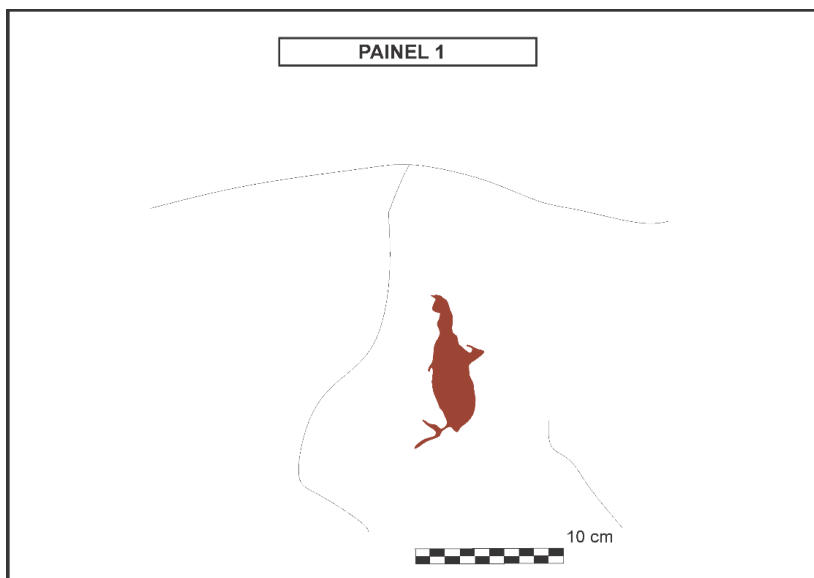
Localizado em uma parede, quase escondido, esse painel é composto apenas por uma figura de cor vermelha, sem forma definida e foi desenhada a 2,30 m de altura do nível do piso do abrigo, sendo considerado, segundo a metodologia proposta, em um alcance visual comprometido. Todavia, esse grafismo parece se esconder, pintado para não ser visto (BINANT *et al.*, 2018; PROCÓPIO; VIANA, 2021), o que colocaria em um alcance visual dificultado intencionalmente.

Figura 53: localização do painel 1 (sítio GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 54: vetorização do painel 1 do sítio GO-CP-33.



3.4.1.2 Painel 2

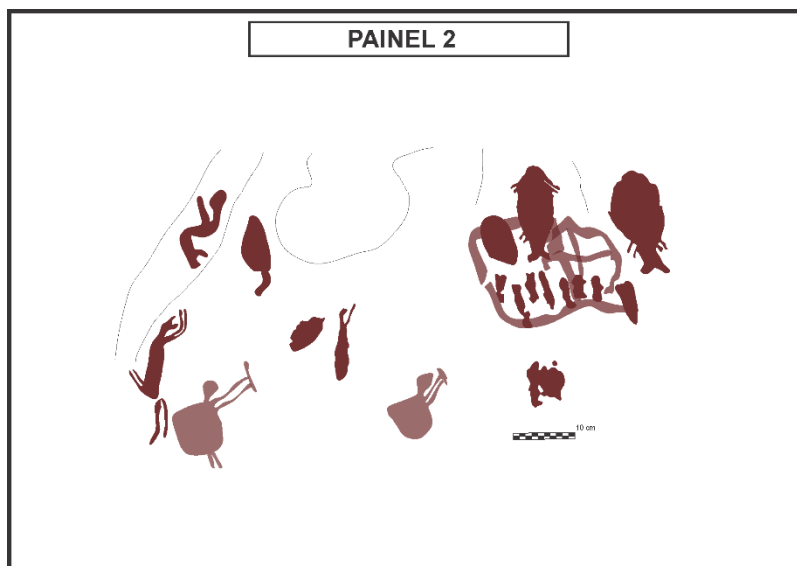
Composto exclusivamente por quatro figuras antropomorfas e três zoomorfas de tons vermelhos, a imagem desse painel, ao ser processado pelo software DStrech, evidenciou uma figura quase apagada, sobreposta pelos peixes; a princípio parece ser um desenho de uma rede. O painel encontra-se a 2 m do nível do solo e seria considerado um painel de alta visibilidade, devido a sua altura do campo de visão de uma pessoa. Por ser um painel, onde as cores estão preservadas e não haver outras figuras nesse campo visual, ele se destaca na paisagem do abrigo, sendo um dos primeiros painéis a ser visualizado nessa área.

Figura 55:localização do painel 2 (sítio GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 56: vetorização do painel 2 do sítio GO-CP-33.



3.4.1.3 Painel 3

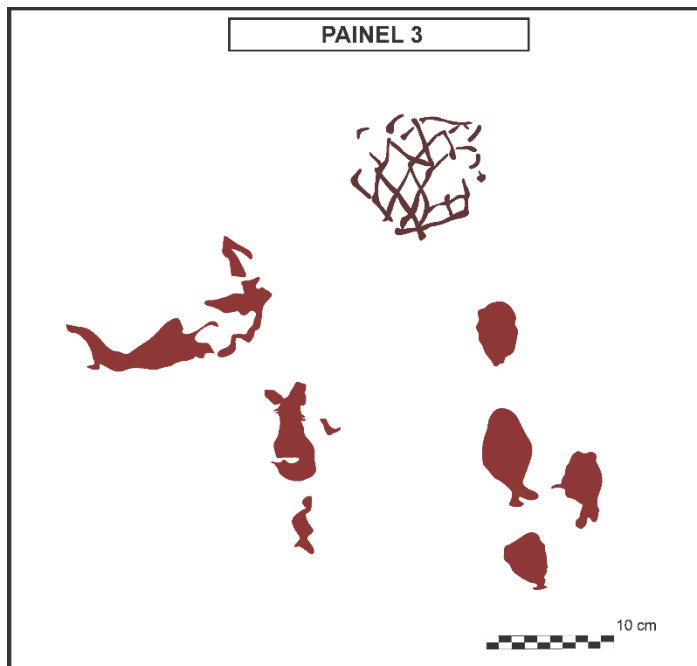
Localizada no teto, a cerca de 2,50 m de altura do nível do solo, acima do painel 2 e contém grafismos que remetem a um cardume de peixes e uma figura, cujas características, remetem à representação de uma rede (figura geométrica). Observa-se que esses dois grupos de zoomorfos (lado direito e esquerdo), se encontram paralelamente e parecem estar associados.

Figura 57: localização do painel 3 (sítio GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 58: vetorização do painel 3 do sítio GO-CP-33.



3.4.2 Painéis da área IV-V

3.4.2.1 Painel 4

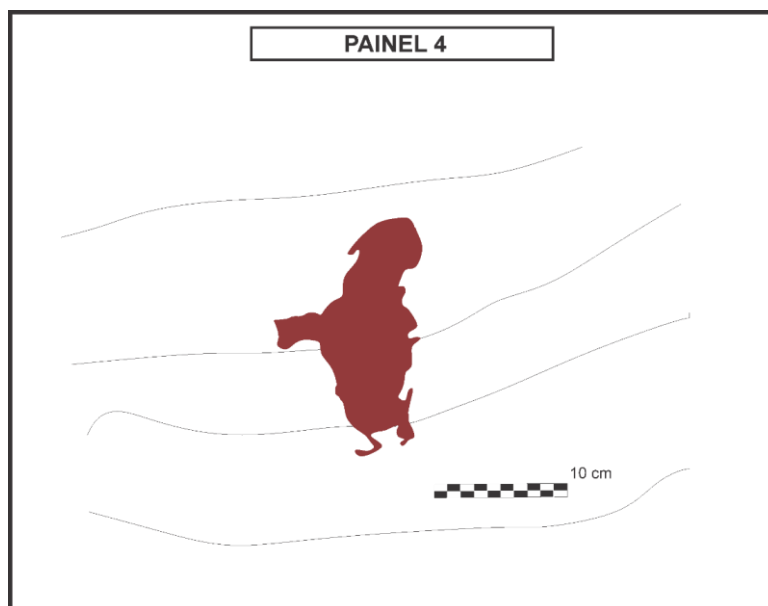
O painel 4 é composto apenas por uma figura de cor vermelha, de forma não identificada. Nota-se que ela foi desenhada sob uma superfície irregular, entre um pequeno teto e a parede do abrigo. O grafismo encontra-se a pouco mais que 1 m do nível do piso do abrigo e é considerado um painel de baixa visibilidade.

Figura 59: localização do painel 4 (sítio GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 60: vetorização do painel 4 do sítio GO-CP-33.



3.4.2.2 Painel 5

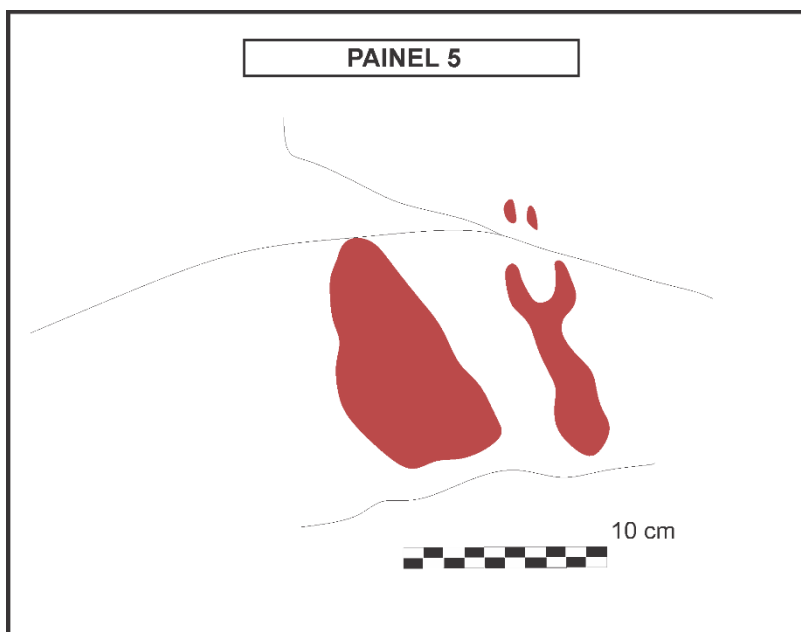
O painel 5 é composto por duas figuras de cor vermelha, todavia de representação indefinível e está localizado a cerca de 1,40 m do nível do solo, tendo o alcance visual baixo.

Figura 61: localização do painel 5 (sítio GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 62: vetorização do painel 5 do sítio GO-CP-33.



3.4.2.3 Painel 6

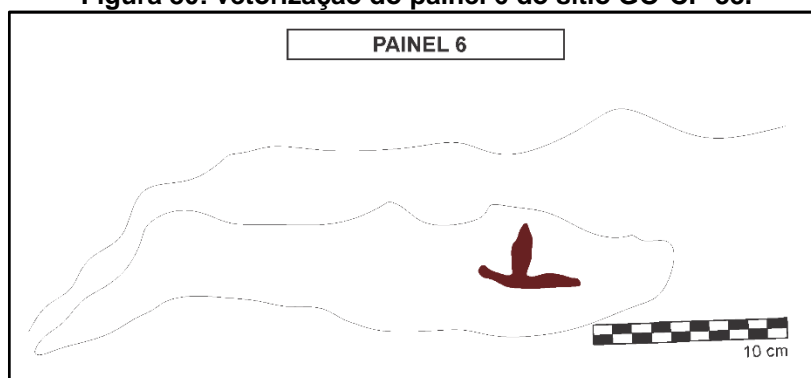
A figura geométrica do painel 6, encontra-se isolada, localizada na borda de um pequeno teto. A figura que mede 5 cm de comprimento, está localizada a cerca de 1,90 m do nível do solo e é considerada um painel de alta visibilidade.

Figura 63: localização do painel 6 (sítio GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 80: vetorização do painel 6 do sítio GO-CP-33.



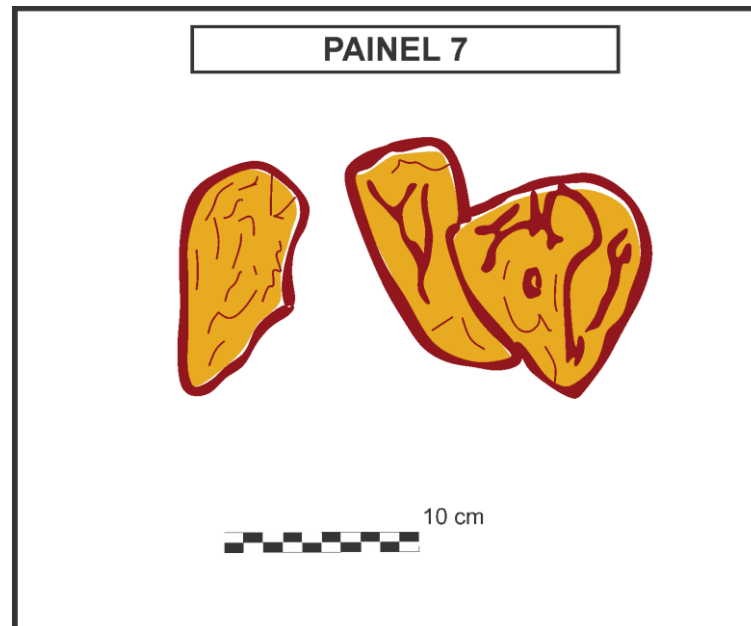
Créditos: Procópio, 2023.

3.4.2.4 Painel 7

O painel 7 não foi localizado durante as pesquisas de campo, realizadas em maio de 2022 ou por outras incursões ao sítio executadas no âmbito do projeto de Viana (2019). Todavia, achei importante trazer esses grafismos retirados da prancha (SCHMITZ *et al.*, 1986) para apresentar a diversidade das composições gráficas. Trata-se de três figuras geométricas bicrômicas, onde há contornos de cor vermelho

e preenchimento diversificado entre as cores amarelo e vermelho. Na análise do decalque e da prancha, notei que esse conjunto gráfico se encontra isolado das demais figuras e parece estar a cerca de 70 cm do nível do solo, considerado de baixa visibilidade.

Figura 64: imagem vetorizada do painel 7 do sítio GO-CP-33.

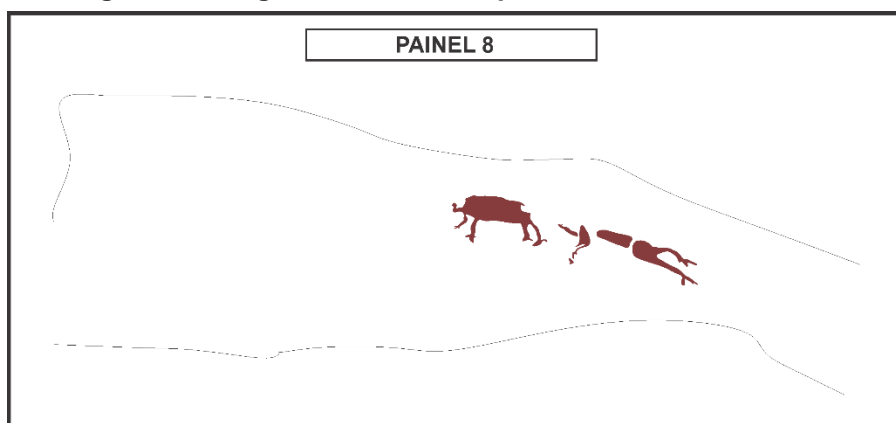


Fonte: Schmit *et al.*, 1986, editado por Procópio, 2023.

3.4.2.5 Painel 8

Localizado em uma parede de superfície regular, a mais de 3 m de altura do nível do solo, próximo a um teto, as figuras quase apagadas, são de cores vermelhas e a princípio, o grafismo a esquerda parece ser uma figura zoomorfa. Como a imagem fotográfica foi realizada à distância, não conseguimos medir a dimensão dos grafismos através de uma escala gráfica. Dentro da metodologia estabelecida, foi considerado um painel de altíssima visibilidade.

Figura 65: imagem vetorizada do painel 8 do sítio GO-CP-33.

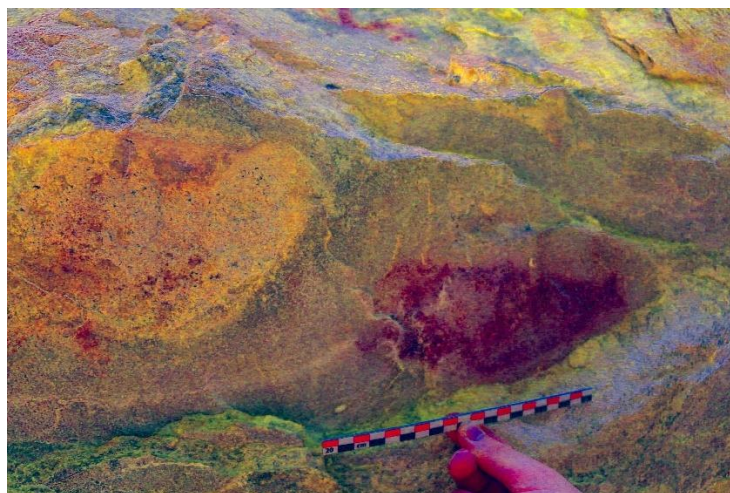


Créditos: Procópio, 2023.

3.4.2.6 Painel 9

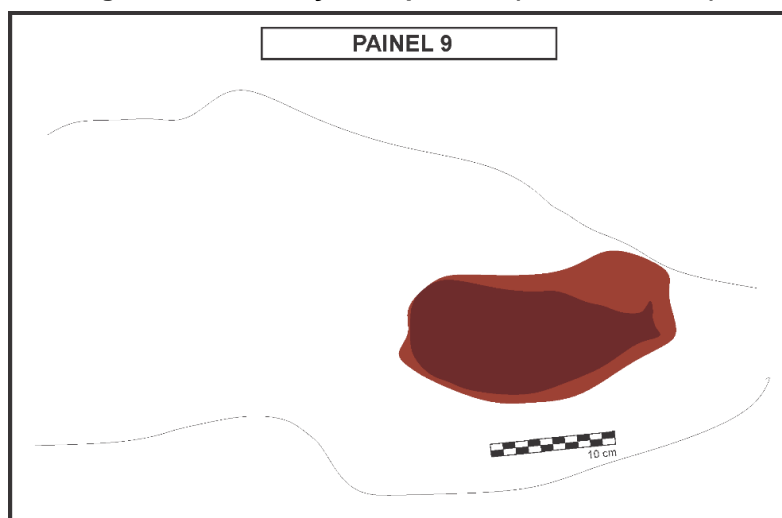
A figura do painel 9, identificada em um pequeno teto de superfície lisa, a cerca de 1,80 m do nível do solo, a figura, sem forma definida, possui duas tonalidades de cores vermelhas em sua composição. É um painel de alta visibilidade.

Figura 66: localização do painel 9 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

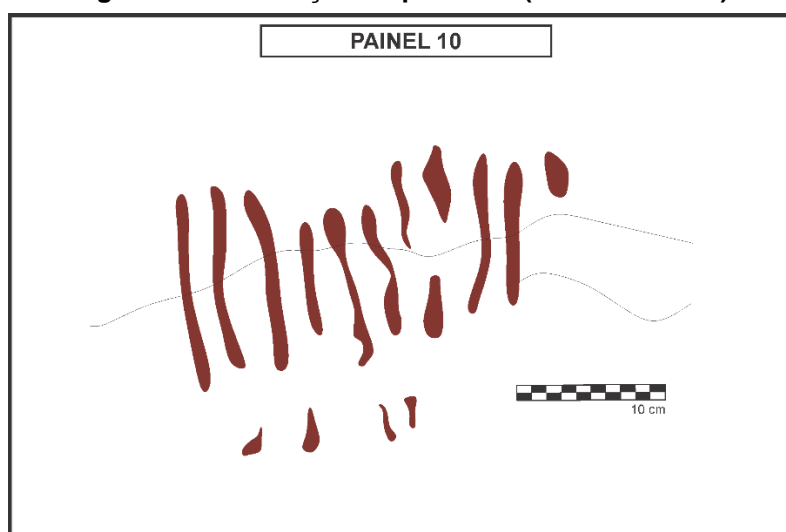
Figura 67: vetorização do painel 9 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.7 Painel 10

O painel 10 trata-se de figuras agrupadas em forma de bastonetes de cores vermelhas, localizado em um teto superior a 1,80 m, considerado de alta visibilidade. A composição desse agrupamento, já foi notado na ala A, evidenciando a ocorrência de conjuntos estilísticos similares, pintados exclusivamente em tetos ou em alturas superiores a 1,80 m em relação ao nível do solo (PROCÓPIO, 2019).

Figura 68: vetorização do painel 10 (sítio GO-CP-33).

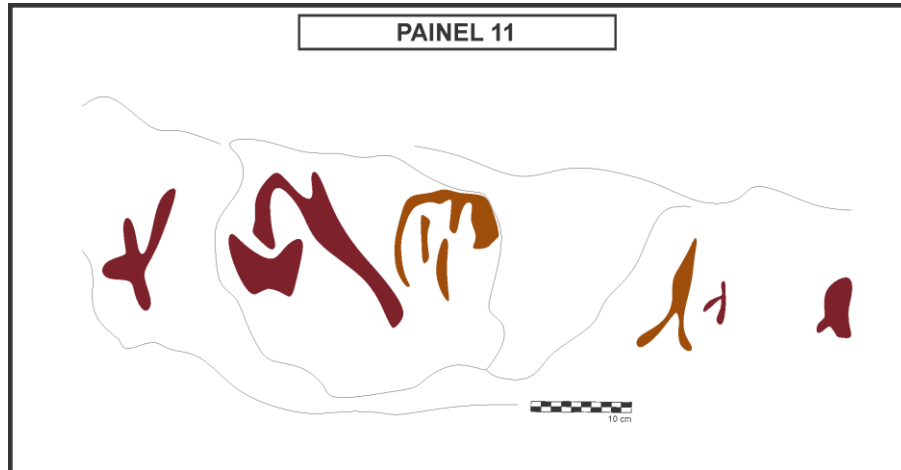


3.4.2.8 Painel 11

As figuras do painel 11, de representações não definidas, possuem cores vermelhas e laranjas e estão localizadas em um teto, a cerca de 1,80 m do nível do

solo. Suas dimensões não ultrapassam 13 cm de comprimento. É um painel de alta visibilidade

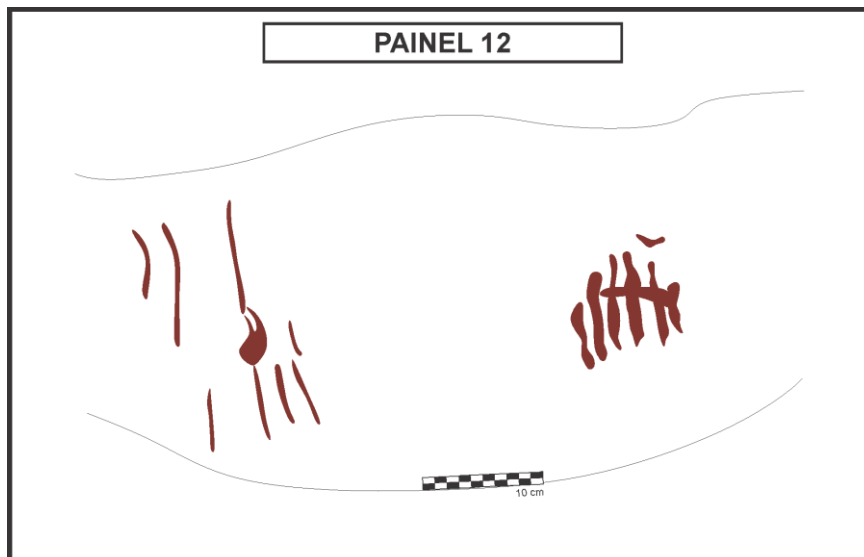
Figura 69: vetorização do painel 11 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.9 Painel 12

O painel 12 contém dois agrupamentos de figuras geométricas, semelhante a bastonetes. Localizados em um teto a cerca de 1,80 m do nível do solo, são grafismos de cores vermelhas e estão posicionados próximo ao painel 10. O painel é considerado, segundo os critérios metodológicos, de alta visibilidade.

Figura 70: vetorização do painel 12 (sítio GO-CP-33).

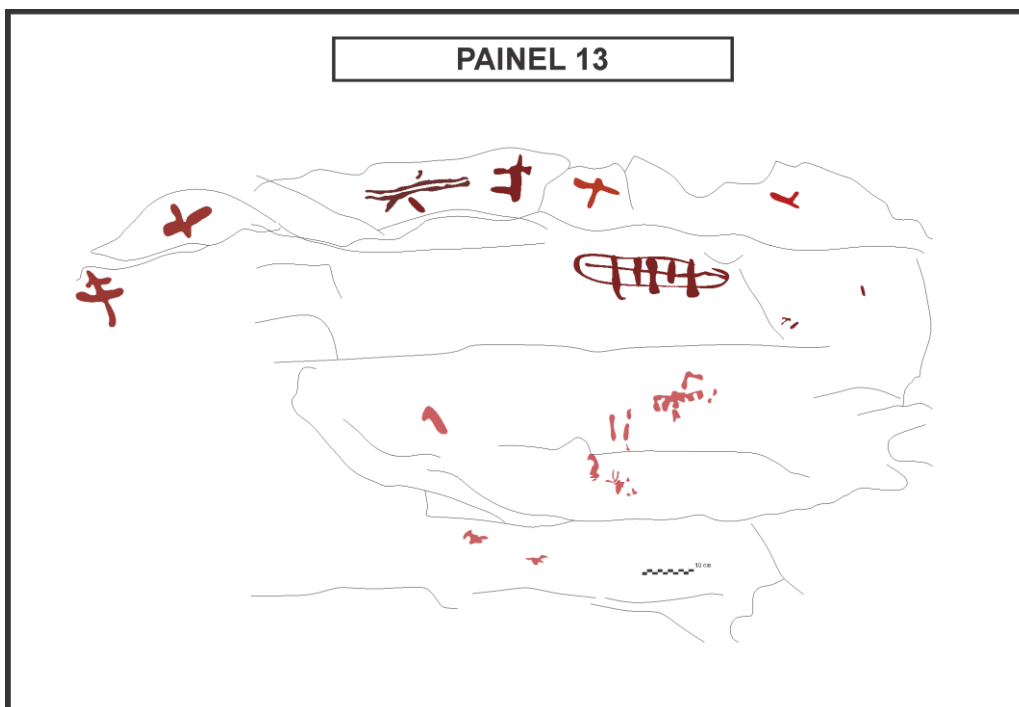


3.4.2.10 Painel 13

As figuras do painel 13 estão localizados em tetos e paredes, e em geral, são compostos por traçados em linhas paralelas ou transversais. Os grafismos alcançam quase o nível do solo do abrigo, e estão posicionados entre 70 cm e 2 m de altura. São figuras rupestres geométricas e outras sem formas definidas; suas dimensões

são entre 3 cm e 22 cm de comprimento e as cores têm uma variação de tons vermelhos. Diante disso, é um painel com figuras que estão distribuídas entre baixa a alta visibilidade no abrigo.

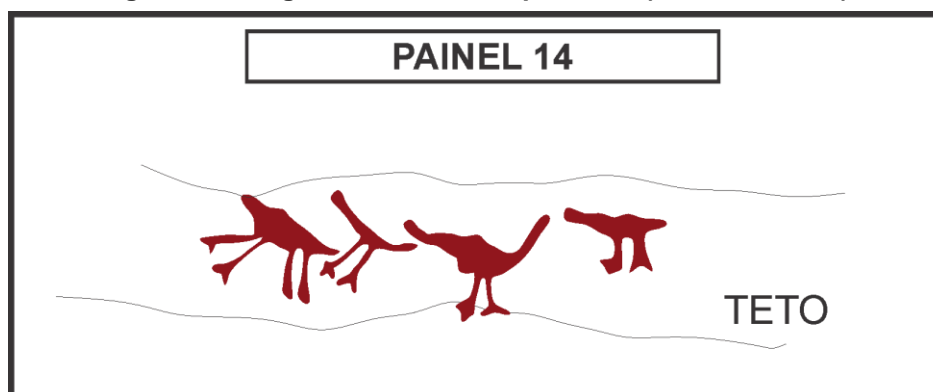
Figura 71: vetorização do painel 13 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.11 Paine14

O painel 14 também não foi identificado em campo, todavia achei importante trazer os grafismos para representar um conjunto estilístico presente em outros painéis do sítio GO-CP-33: a cena de animais. São quatro figuras zoomorfas em um teto de cores vermelhas e o painel, de acordo com a prancha (SCHMITZ *et al.*, 1986) tem entre 30 cm de comprimento e 10 cm de altura. Está localizado em um teto, em altura média de 2 m do nível do piso do abrigo e é considerado um painel de alta visibilidade.

Figura 72: Imagem vetorizada do painel 14 (sítio GO-CP-33).

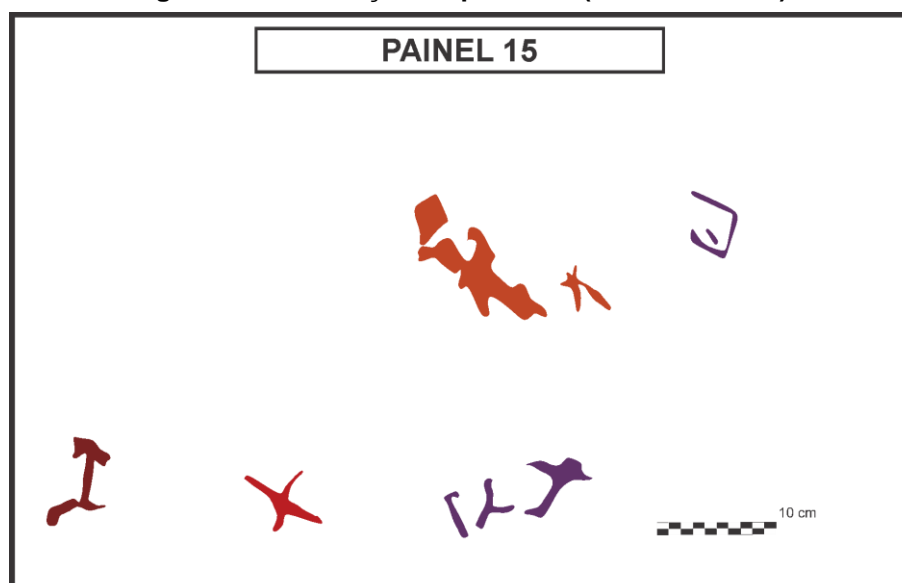


Fonte: Schmit *et al.*, 1986, editado por Procópio, 2023.

3.4.2.12 Paine 15

As figuras geométricas e de formas não identificáveis do painel 15, estão em uma parede de superfície irregular, a cerca de 1,40 m do nível do solo. As pinturas possuem tonalidades que variam entre o vermelho e o roxo e suas dimensões não ultrapassam a 10 cm de comprimento. O painel é considerado de média visibilidade.

Figura 73: vetorização do painel 15 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.13 Paine 16

O painel 16 está localizado na parede do abrigo, a mais de 2 m de altura e estão dispostos de forma isolado das demais pinturas. Os grafismos geométricos parecem que estão associados e suas cores variam dos tons vermelho claro e escuro. Como não foi possível de alcançar as figuras, a escala não foi posicionada, todavia,

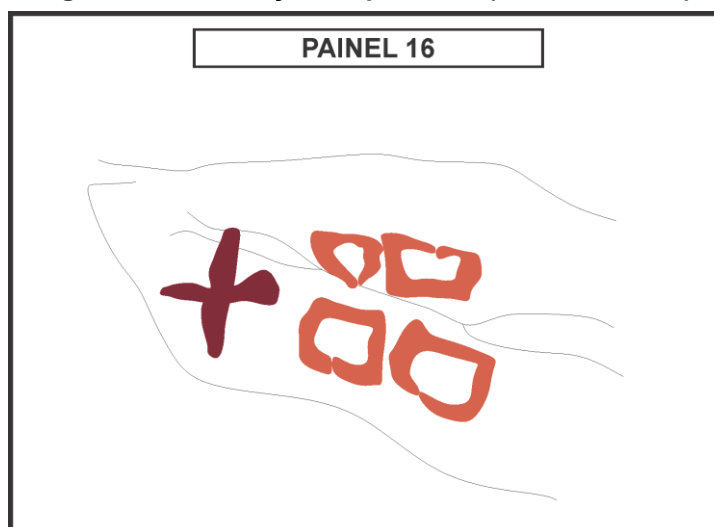
segundo a obra de Schmtiz *et al.* (1986), medem entre 8 cm e 12 cm. Segundo o critério de alcance visual, é um painel de altíssima visibilidade.

Figura 74: imagem do painel 16 no sítio GO-CP-33



Créditos: Procópio, 2022.

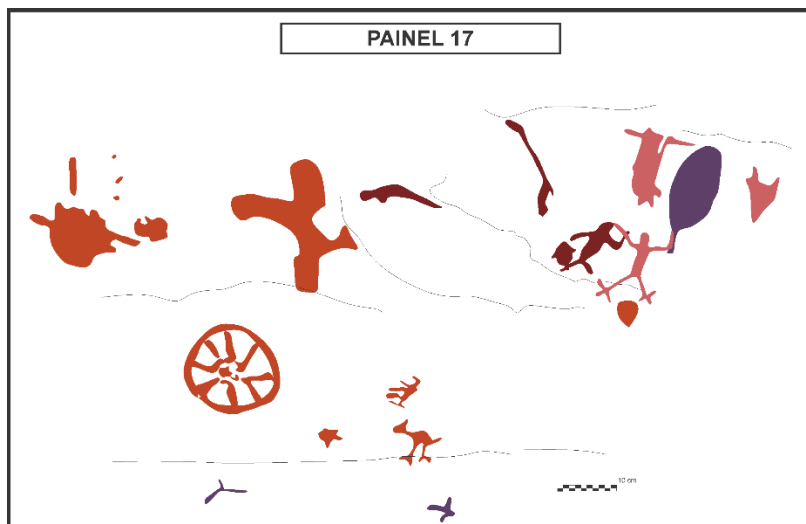
Figura 75: vetorização do painel 16 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.14 Paine 17

O painel 17 é composto por uma variação de figuras geométricas, zoomorfas e por outras de formas não definidas; as cores variam do vermelho, roxo e laranja. Os grafismos estão distribuídos em uma parede regular plana, a partir de 90 cm do nível do solo. Há outras imagens que não foram possíveis de serem analisadas, devido ao apagamento das pinturas no painel. Observa-se que existe uma figura (biomorfa) se sobrepondo minimamente duas pinturas. Diante da distribuição das figuras, o painel é considerado de baixa visibilidade.

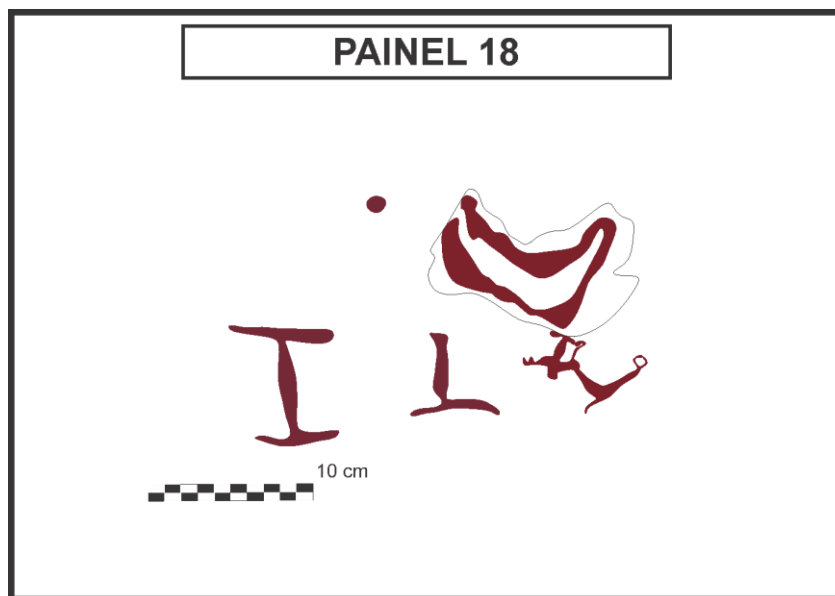
Figura 76: vetorização do painel 17 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.15 Painel 18

Composto por figuras geométricas de cores vermelhas, o painel 18 está localizado em uma parede plana, a cerca de 1,50 m do nível do solo, e é considerado um painel de baixa visibilidade. As pinturas têm entre 5 e 15 cm de comprimento e parecem estar associadas.

Figura 77: vetorização do painel 18 (sítio GO-CP-33).

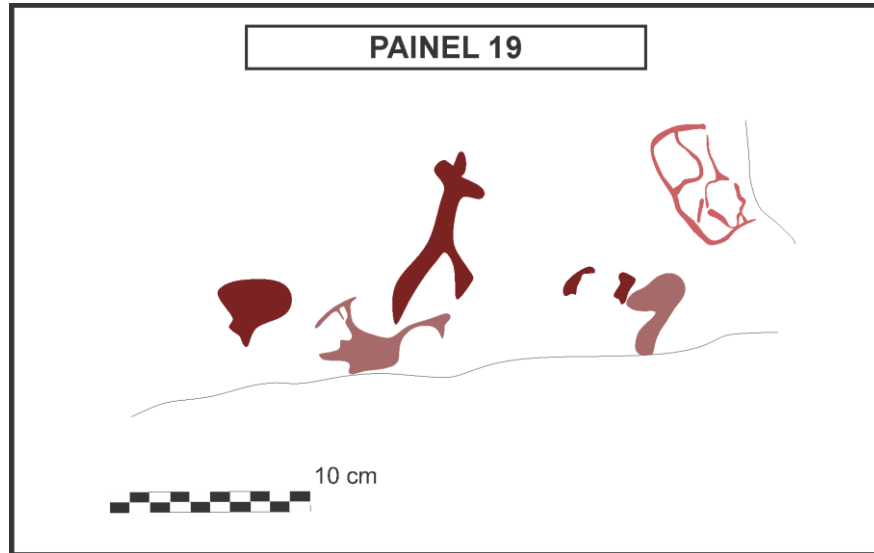


3.4.2.16 Painel 19

O painel 19 é composto de figuras de formas indefinidas e geométricas de tons vermelhos, localizado em uma parede plana, a cerca de 1,60 cm do nível do solo e é

considerado de média visibilidade. As figuras medem entre 2 cm e 10 cm de comprimento e está disposta próximo aos painéis 17 e 18.

Figura 78: vetorização do painel 19 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.17 Painel 20

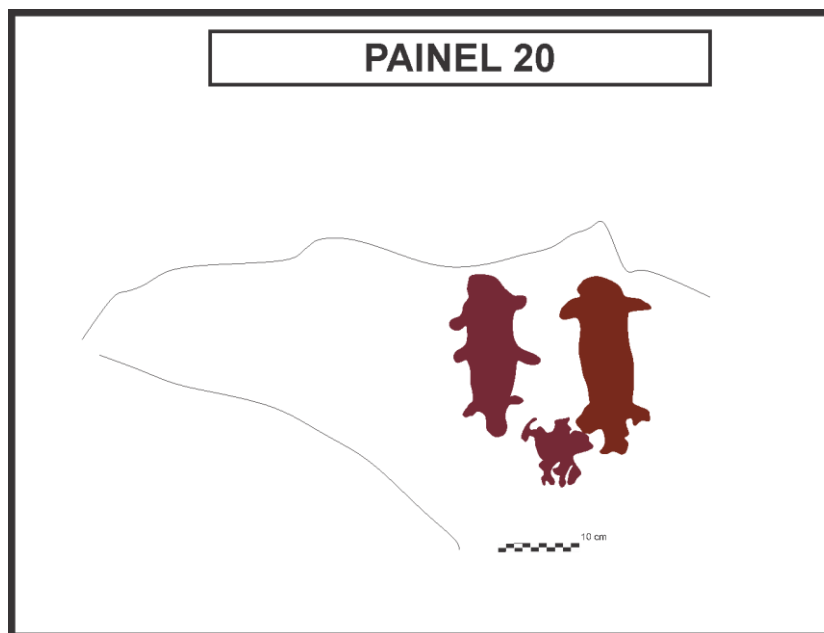
O painel 20, está localizado em uma altura superior a 2 m de altura do nível do solo e foi desenhado sob uma parede irregular, em uma superfície rochosa ondulada. Formada por grafismos zoomorfos (peixes) e um grafismo não identificado, contém tons vermelhos diferentes, não sendo possível afirmar que foram compostos em momentos diferentes. Apesar de estarem próximo, poderíamos entender que foram compostas de forma associadas. O painel é considerado de alta visibilidade.

Figura 79: localização do painel 20 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

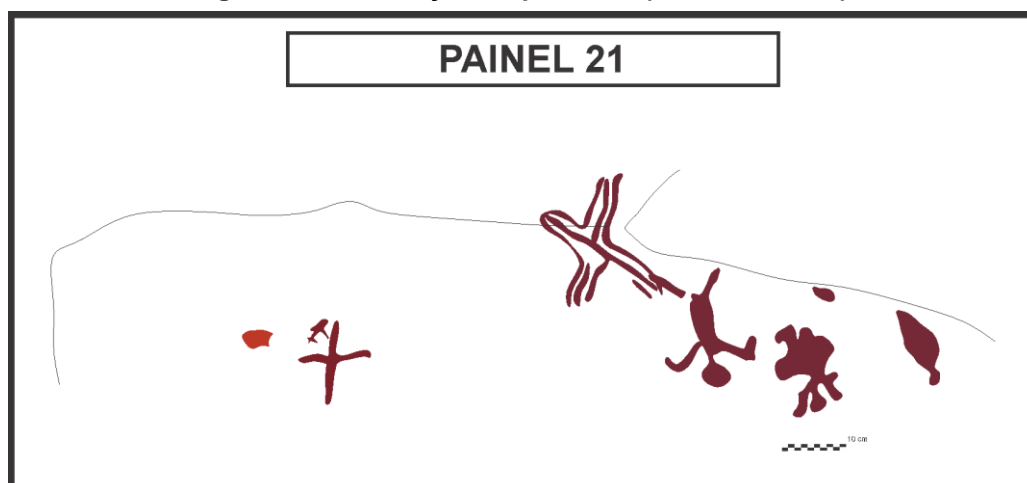
Figura 80: vetorização do painel 20 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.18 Painel 21

O painel 21, está localizado em sequência do painel 20 e é composto por figuras diversas como as geométricas, antropomorfa e formas não definidas. Nota-se que, a figura humana que está de cabeça para baixo, se sobrepõe a pintura em cruciforme, podendo ser observado dois momentos distintos. As figuras têm tamanhos diferentes, entre 3 e 15 cm de comprimento e há uma variação no estilo dos dois cruciformes pintados; o menor, composto por dois traços que se cruzam e o outro, maior, por composições de traços externos e internos. O painel, por estar no mesmo nível de altura do anterior, é considerado de alta visibilidade.

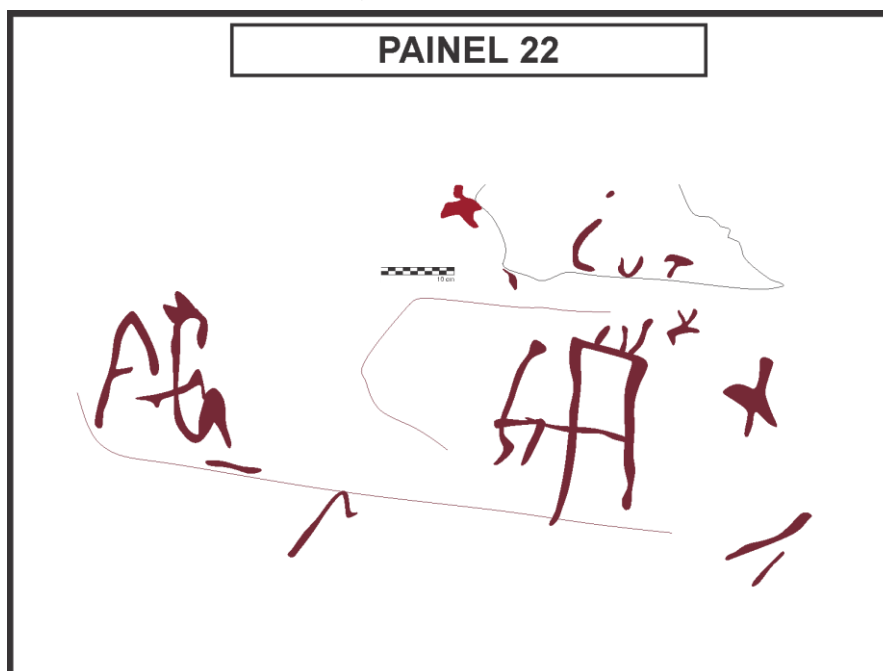
Figura 81: vetorização do painel 21 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.19 Painel 22

O painel 22, localizado em uma parede plana, abaixo do painel 21, é composto por grafismos geométricos distintos e outros de formas não definidas. Em geral, as pinturas são de cores vermelhas e estão posicionadas a partir de 1,20 cm do nível do solo e é considerado um painel de baixa visibilidade.

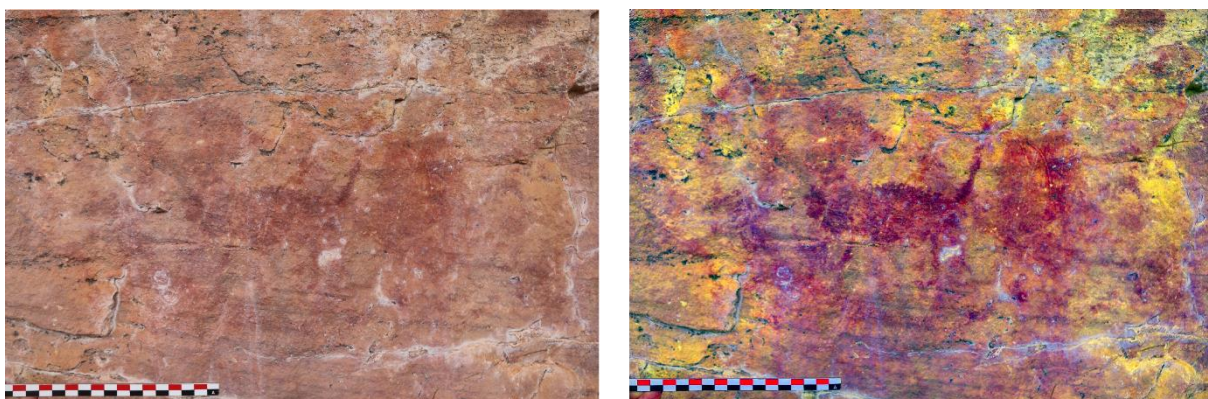
Figura 82: vetorização do painel 22 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.20 Painel 23

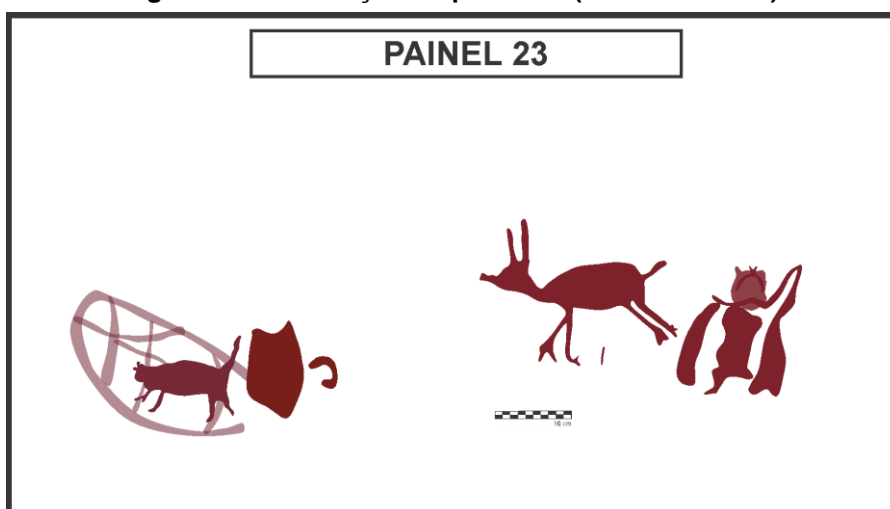
Localizado em uma parede de superfície plana, o painel 23 é composto por figuras zoomorfas, geométrica e de formas indefinidas. As pinturas estão posicionadas a partir de 1,40 m do nível do piso do abrigo e alcançam em média até 1,60 m de altura; diante disso, é classificado como um painel de baixa a média visibilidade. As duas figuras zoomorfas, apresentam certo tipo de movimento, como podemos observar o posicionamento das patas dianteiras e traseiras. No processamento da imagem fotográfica, foi identificado um grafismo geométrico gradeado, onde a figura zoomorfa o sobrepõe.

Figura 83: Imagem da figura evidenciada no DStretch do painel 23 (GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

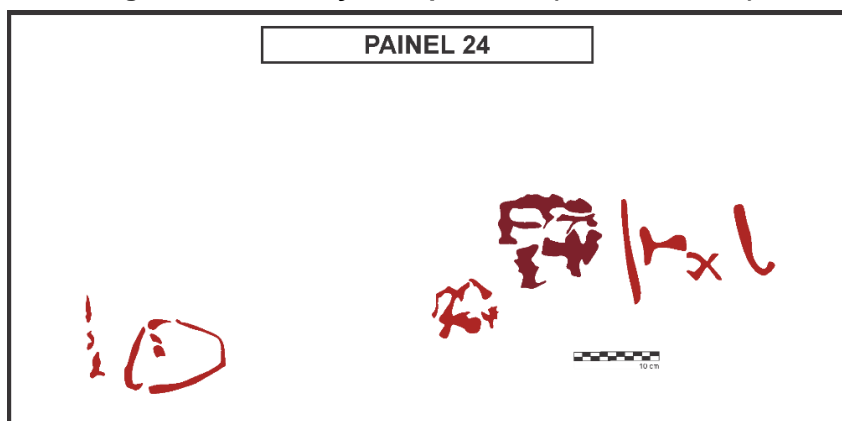
Figura 84: vetorização do painel 23 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.21 Painel 24

Os grafismos do painel 24, localizado em uma parede plana, a cerca de 1,30 m do nível do solo, possuem formas indefinidas e outras geométricas, de tons variados de vermelhos. As figuras não ultrapassam a 13 cm de comprimento e estão dispostas de forma paralela. O painel é classificado em baixa visibilidade.

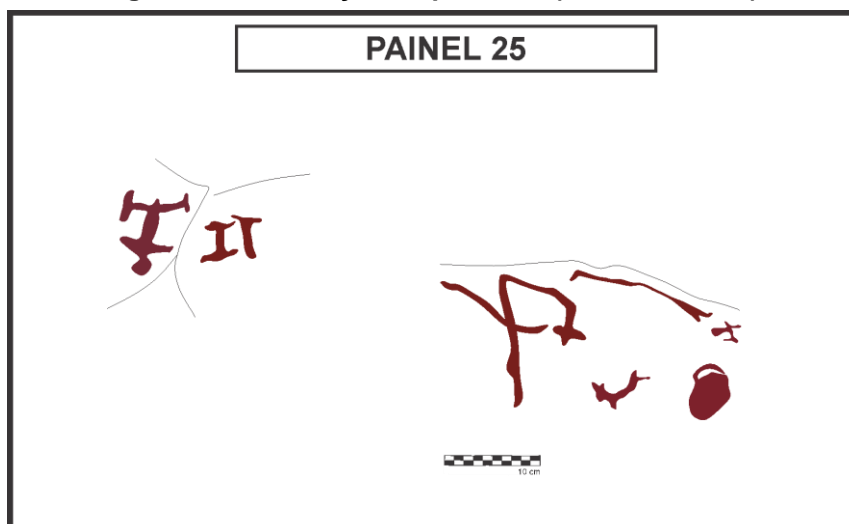
Figura 85: vetorização do painel 24 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.22 Painel 25

Localizados em uma parede a cerca de 1,80 m de altura em relação ao nível do solo e é considerado de alta visibilidade. O painel 25 é composto por figuras vermelhas de formas não identificáveis e outras geométricas.

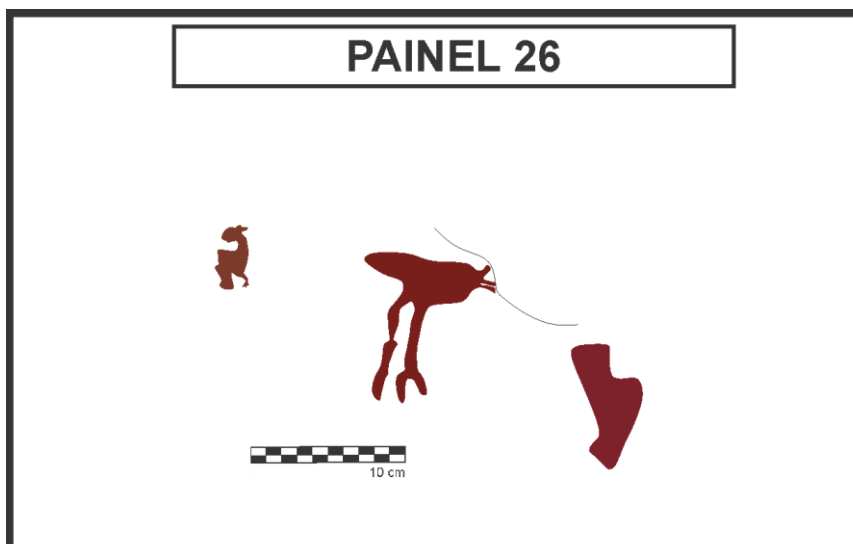
Figura 86: vetorização do painel 25 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.23 Painel 26

O painel 26, localizado a cerca de 1,50 m do nível do solo, em uma parede plana, contém figuras vermelhas, sendo uma, provavelmente a parcela de um desenho de animal (pintura central). As demais, não foram possíveis de identificar suas formas, apenas que são figuras preenchidas e sem contorno definido. O painel é considerado de baixa visibilidade.

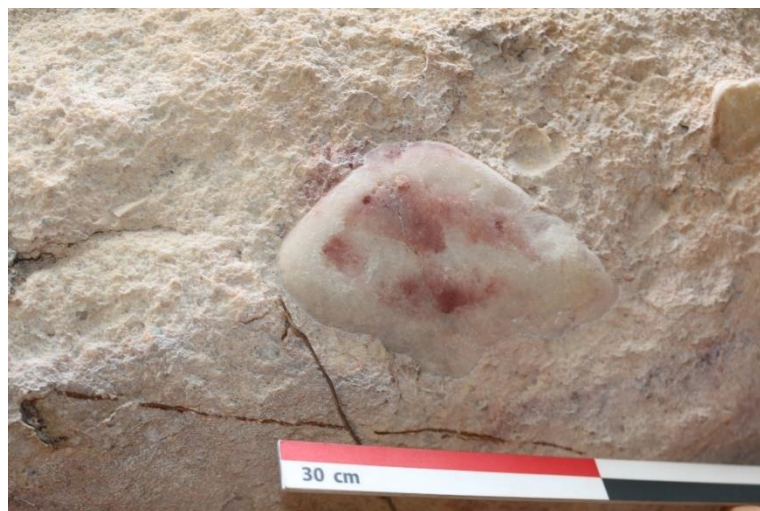
Figura 87: vetorização do painel 26 (sítio GO-CP-33).



3.4.2.24 Painel 27

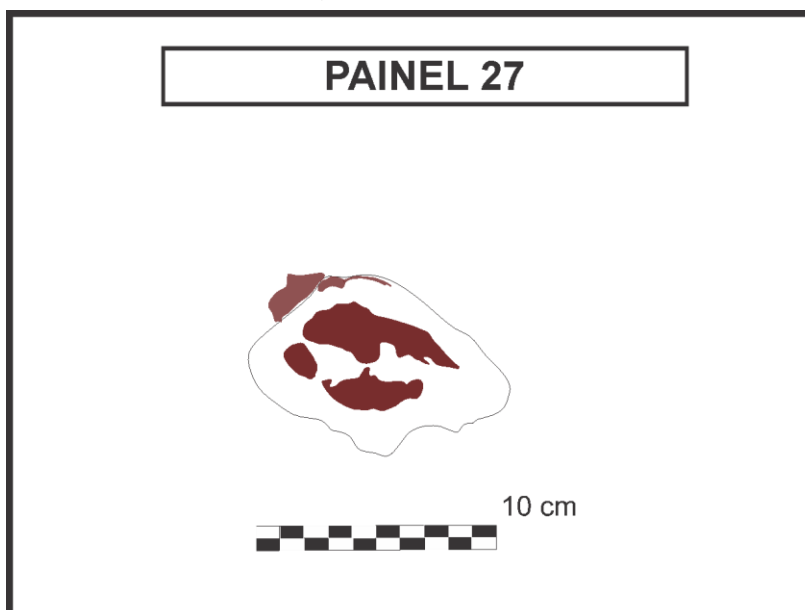
Essa figura, composta sob um seixo acoplado na parede do abrigo, é um painel peculiar em relação as demais e está localizado a cerca de 1,60 m do nível do solo. Apesar de não ter uma forma definida, o grafismo de cor vermelha foi composto cuidadosamente sob esse pequeno seixo, não ultrapassando a 10 cm de comprimento. Na classificação proposta, o painel é de média visibilidade.

Figura 88: localização da pintura no seixo no painel 27 (GO-CP-33).



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 89: vetorização do painel 27 (sítio GO-CP-33).

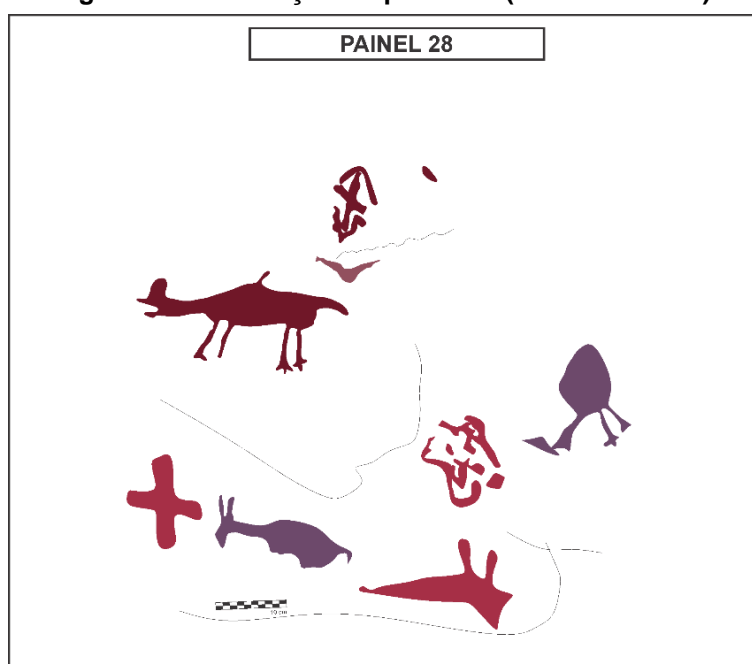


3.4.3 Painéis da área V-VI

3.4.3.1 Painel 28

O painel 28 está localizado entre 1,30 m e 1,70 m do nível do solo, foi composto em uma parede com superfícies irregulares e é classificado como um painel de baixa e média visibilidade. Os grafismos são zoomorfos, geométricos e outros de formas não identificados; as cores variam entre o vermelho e o roxo. Nota-se a presença de dois tipos de cruciformes, um (localizado acima), contém contorno de traços perpendiculares e o outro (abaixo), formado pelo cruzamento de dois traços. As dimensões dos grafismos variam entre 2 cm e 27 cm de comprimento.

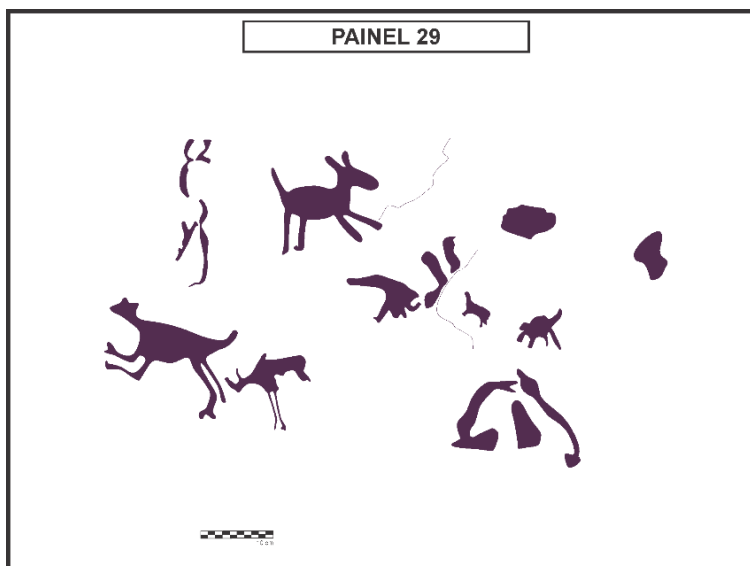
Figura 90: vetorização do painel 28 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.2 Painel 29

O painel 29, localizado em uma parede plana, a cerca de 1,60 m de altura em relação ao nível do solo, contém grafismos zoomorfos em movimento e outras figuras não definidas, todos de cores de tonalidade roxo. A dimensão das figuras varia entre 5 cm e 22 cm de comprimento. O painel é considerado de média visibilidade.

Figura 91: vetorização do painel 29 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.3 Painel 30

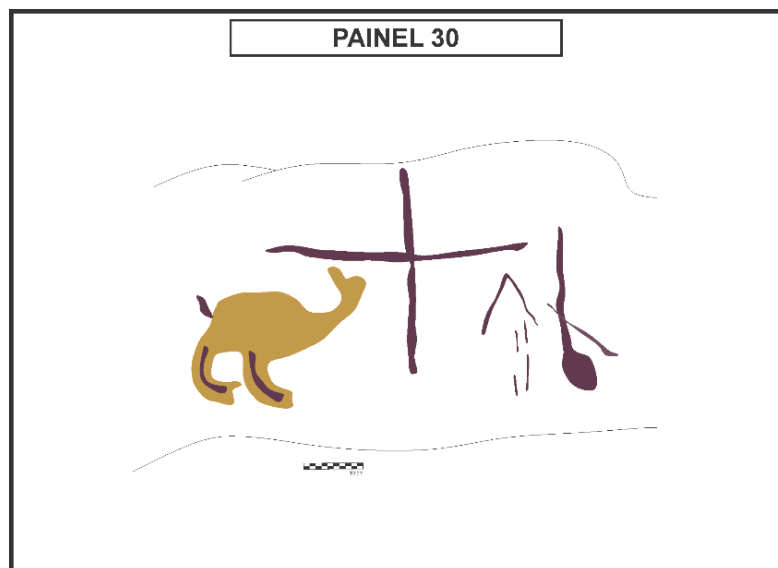
O painel 30, localizado em uma parede a cerca de 1,20 m do nível do piso do abrigo, considerado de baixa visibilidade. Ele possuiu três figuras geométricas de cores roxos e uma figura zoomorfa bicrômica, composta pela cor amarela e alguns detalhes com a tonalidade roxa. Composta em um mesmo nível, todas as figuras estão dispostas paralelamente. Observa-se que, a figura em amarelo (zoomorfa) parece interagir com a figura em cruciforme.

Figura 92: localização do painel 30 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 93: vetorização do painel 30 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.4 Painel 31

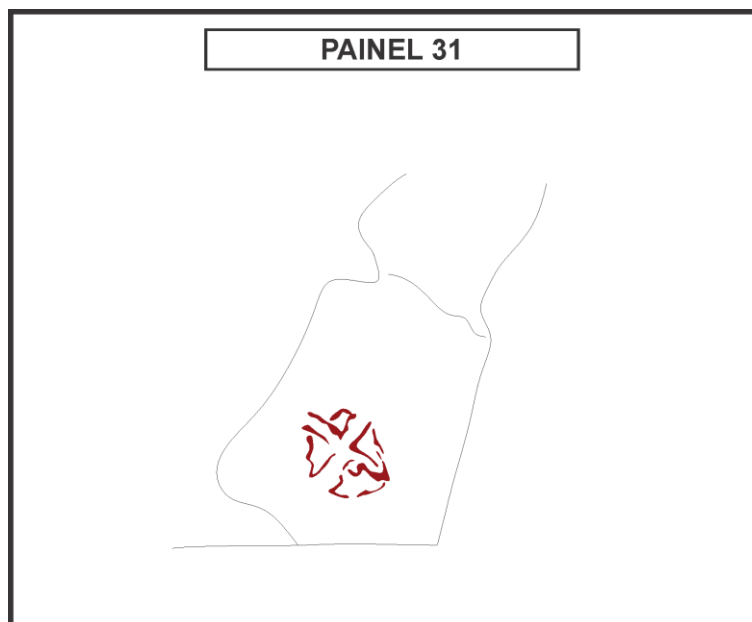
Essa figura foi descoberta durante a etapa de campo em maio de 2022 e estava praticamente encoberta pela vegetação; trata-se de uma figura geométrica vermelha, localizada em uma parede irregular, a cerca de 1,50 m do nível do solo e mede em torno de 20 cm de comprimento. O painel, apesar de estar praticamente escondido, por causa da vegetação, é considerado de média visibilidade.

Figura 94: localização do painel 31 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

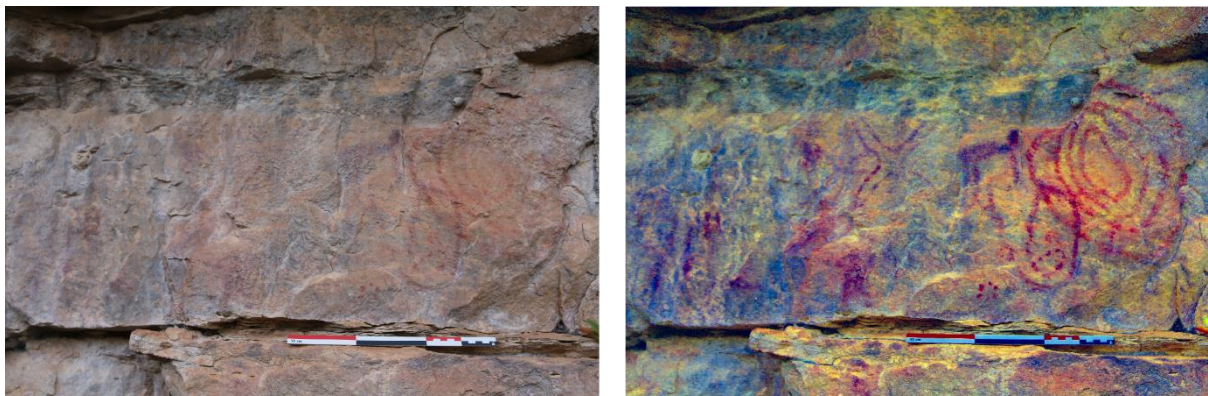
Figura 95: vetorização do painel 31 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.5 Painel 32

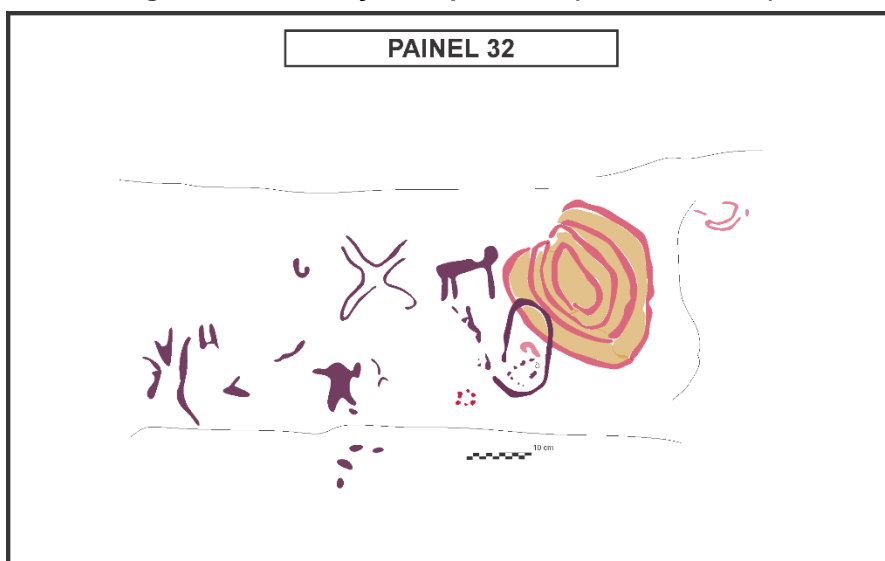
O painel 32, localizado em uma parede plana, a cerca de 1,50 m do nível do piso do abrigo, é composto por diversas figuras geométricas e outras não identificáveis. Há uma figura bicrômica de cores vermelha e amarela que está sobreposta pelas demais figuras de cores roxos, nesse caso, consideremos o tipo mínimo de sobreposição. As figuras têm tamanhos variados entre 2 cm e 10 cm de comprimento. O painel é classificado em média visibilidade.

Figura 96: localização do painel 32 no sítio GO-Cp-33.



Créditos: Procópio, 2022.

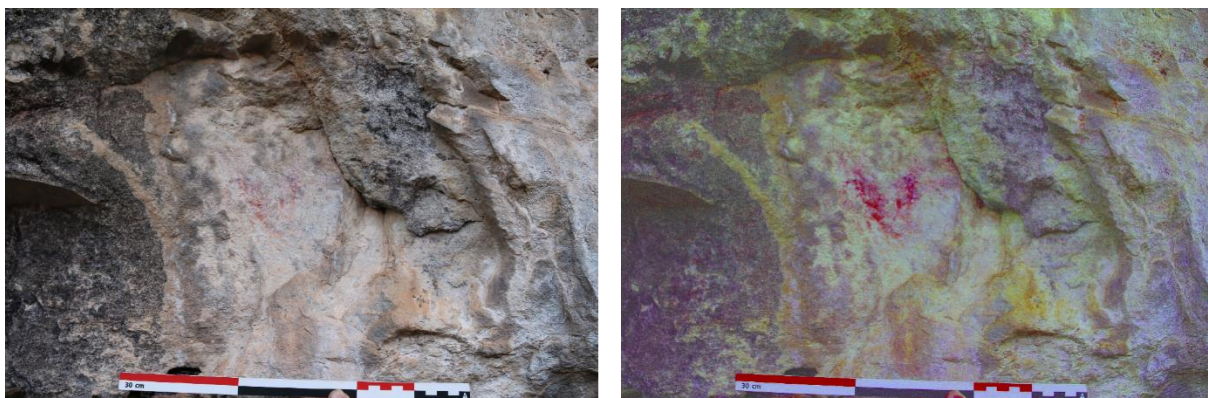
Figura 97: vetorização do painel 32 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.6 Painel 33

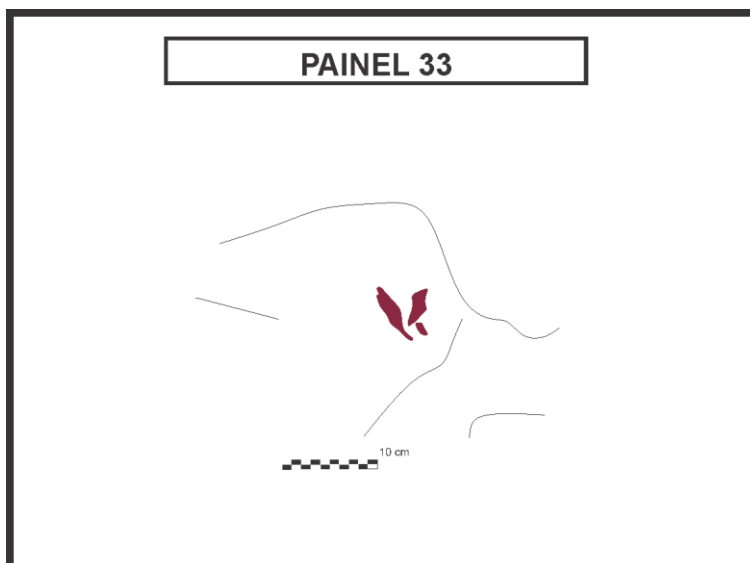
O painel 33 é composto apenas por uma figura vermelha, de forma não definida, localizada em entre paredes irregulares. O grafismo está isolado e encontra-se a cerca de 1,70 m do nível do solo e tem em média 7 cm de comprimento. Mesmo tendo a pintura quase apagada, o painel é classificado em média visibilidade.

Figura 98: localização do painel 33 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

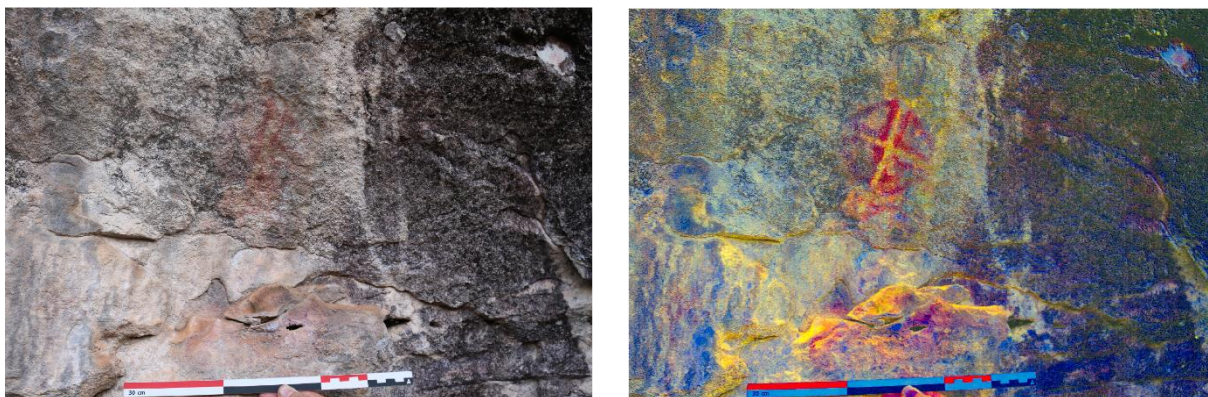
Figura 99: vetorização do painel 33 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.7 Painel 34

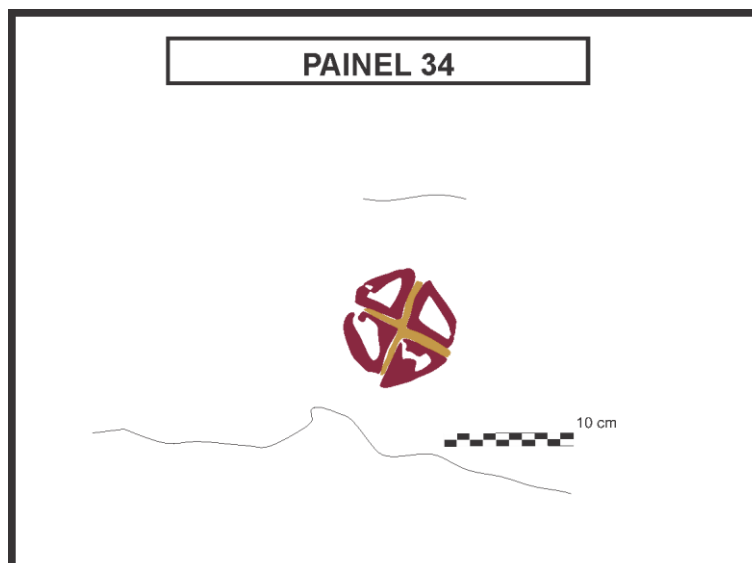
A figura do painel 34, também é a única desenhada na parede irregular do abrigo, encontra-se a cerca de 1,65 m do nível do solo e é considerado de média visibilidade. Trata-se de uma figura geométrica bicrômica e tem em média 8 cm de comprimento. É considerado um painel de média visibilidade.

Figura 100: localização do painel 34 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

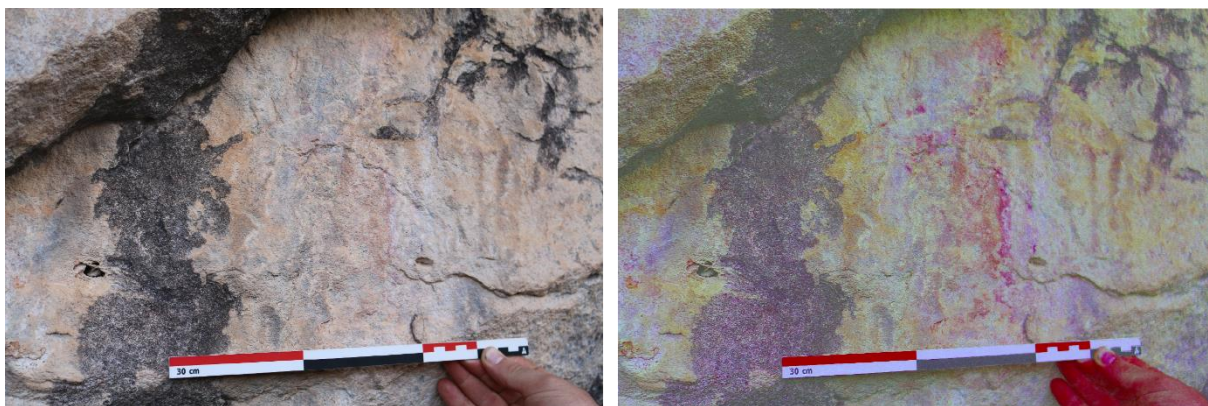
Figura 101: vetorização do painel 34 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.8 Painel 35

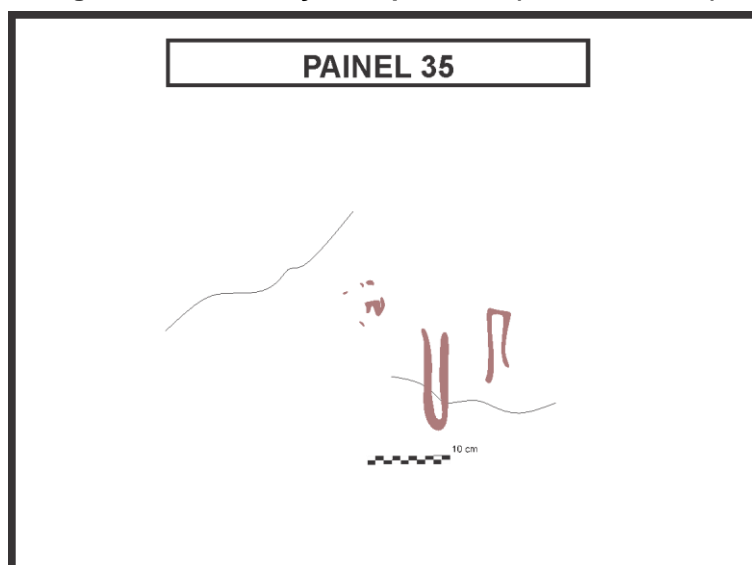
O painel 35 é composto por desenhos em traços e estão localizados a cerca de 1,60 m do nível do solo. Os grafismos estão quase apagados na parede de superfície plana e as cores claras, quase rosadas, foram desenhadas em uma pequena área de um suporte rochoso escurecido. É considerado um painel de média visibilidade.

Figura 102: localização do painel 35 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

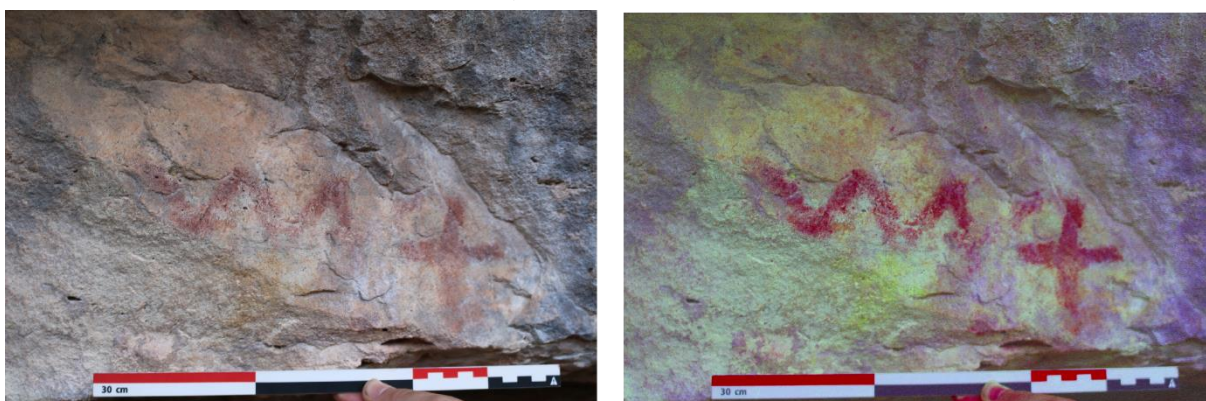
Figura 103: vetorização do painel 35 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.9 Painel 36

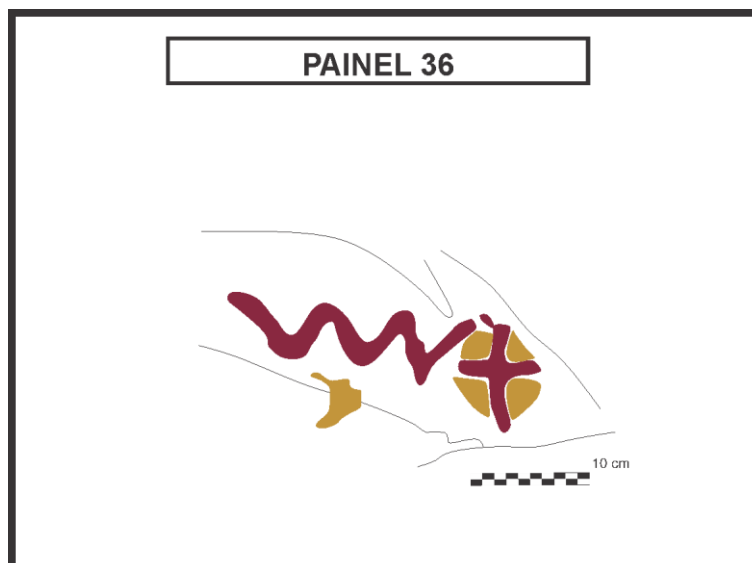
A princípio, quando identificamos essa figura no painel, de superfície irregular, parecia ser um grafismo composto apenas de cor vermelha; todavia, ao processarmos a imagem no software DStretch, identificamos que se tratava de um grafismo bricrômico, contornado por traços de cor vermelha e preenchida pela cor amarelo. A figura encontra-se isolada e está localizada a cerca de 1,50 m do nível do piso do abrigo. É um painel de baixa visibilidade.

Figura 104: localização do painel 36 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

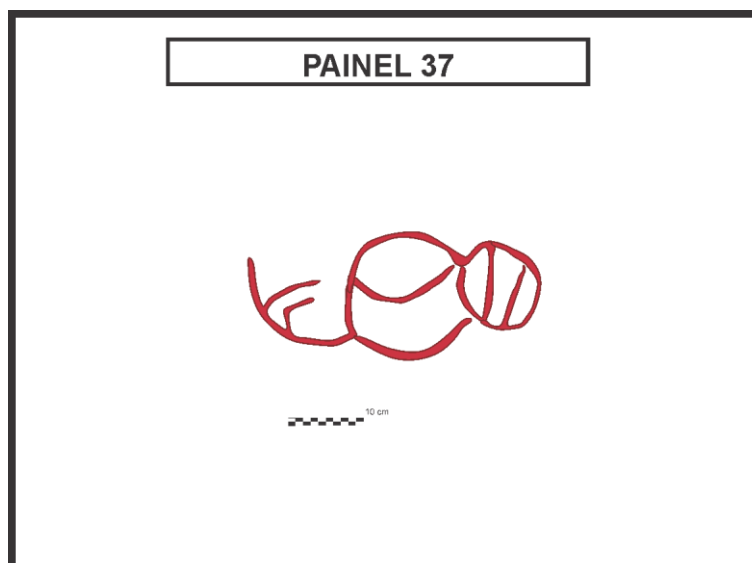
Figura 105: vetorização do painel 35 (sítio GO-CP-33).



3.4.3.10 Painel 37

Assim como alguns painéis, esses grafismos, desenhado a cerca de 1,50 m do nível do piso do abrigo não foram identificados em campo em 2022. Apenas foi vetorizado através da prancha (SCHMITZ *et al.*, 1986) para evidenciar a diversidade dos grafismos presentes no Abrigo do Índio. Esse painel, possuem figuras geométricas e aparentemente, compartilham de traços comuns e foi classificado em média visibilidade.

Figura 106: imagem vetorizada do painel 37 do sítio GO-CP-33.



3.4.4 GRAFISMOS IDENTIFICADOS – NOVOS DADOS

Os demais painéis a seguir (até o de número 46) não foram apresentados nos decalques ou pranchas pela equipe de Schmitz (1980). Acreditamos, que por estarem quase apagados, passaram despercebidos; os grafismos rupestres dessa área, estão localizados nos suportes rochosos na parte sudeste do abrigo e estão sofrendo com os impactos naturais.

Figura 107: vista da parte sudeste do abrigo.



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 108: estrutura do abrigo da porção sul (GO-CP-33).

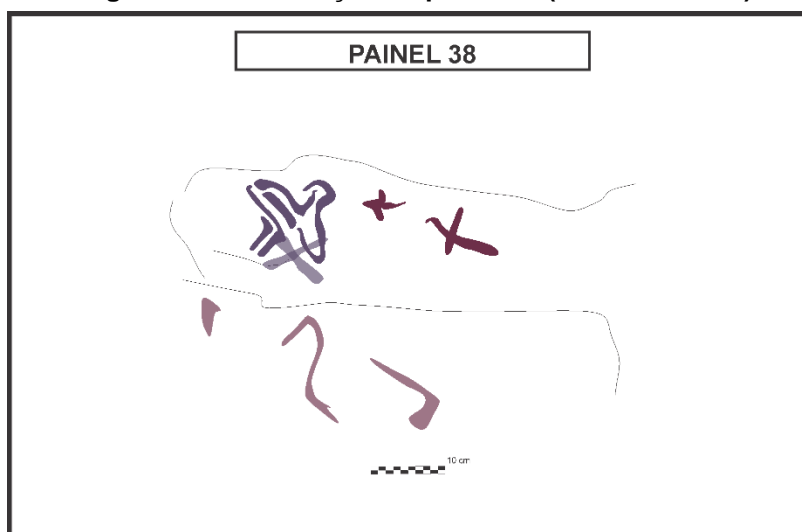


Créditos: Procópio, 2022.

3.4.4.1 Painel 38

O painel 38 contém figuras geométricas, algumas em formas de cruciformes e estão localizadas em uma parede, a cerca de 70 cm do solo. Observa-se que, há uma sobreposição, possível de ser notada apenas pelo processamento digital. As dimensões das figuras variam entre 5 e 15 cm de comprimento. O painel é classificado em baixa visibilidade.

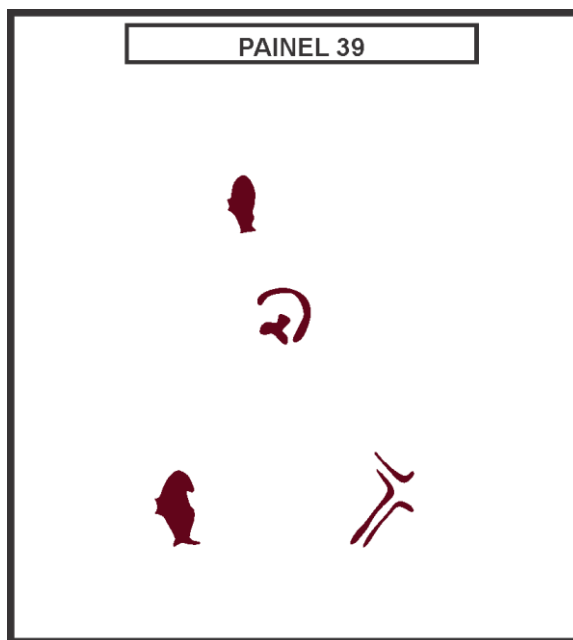
Figura 109: vetorização do painel 38 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.2 Painel 39

Composta por figuras vermelhas, as pinturas apresentam formas zoomorfas, geométricas e outras não definidas. O painel 39 está localizado em uma parede plana, a cerca de 50 cm do solo.

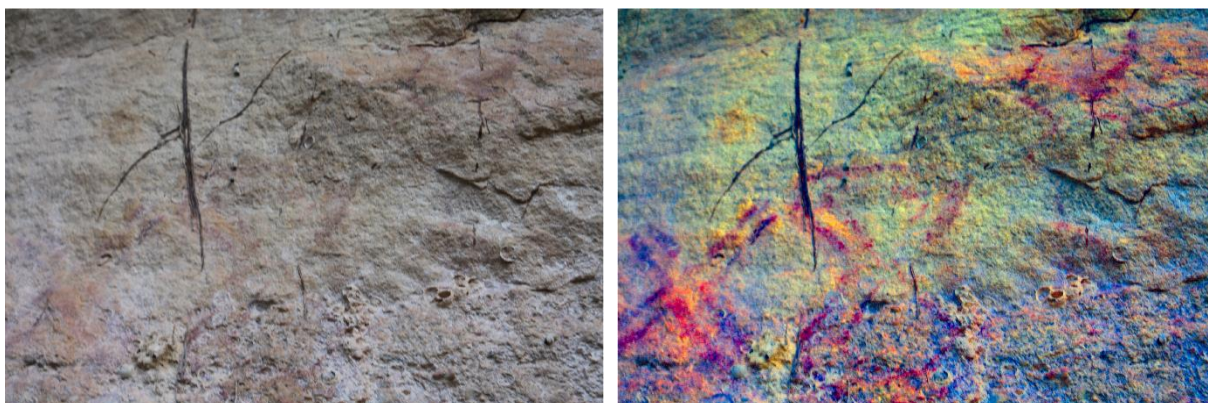
Figura 110: vetorização do painel 39 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.3 Painel 40

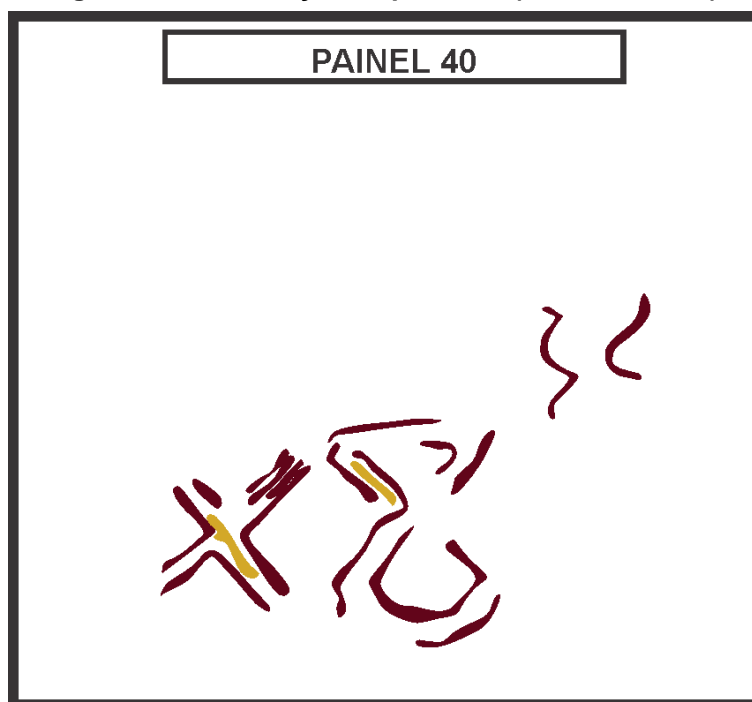
O painel 40 é composto por figuras geométricas e contém alguns traços de preenchimento de cor amarelo. Localizado em uma parede de superfície irregular, a cerca de 80 cm do nível do piso do abrigo, as pinturas estão quase apagadas, sendo evidenciadas apenas pelo software DStretch. O painel é considerado de baixa visibilidade.

Figura 111: localização do painel 40 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

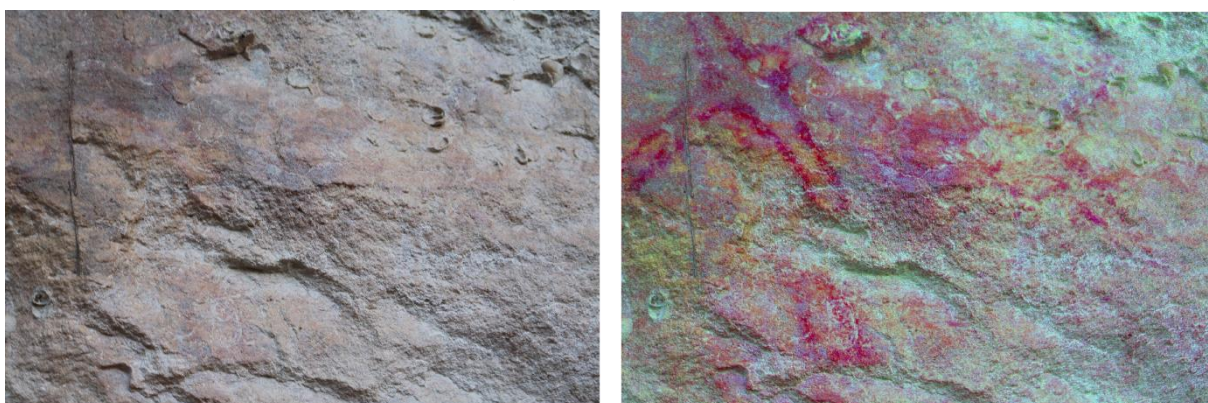
Figura 112: vetorização do painel 40 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.4 Painel 41

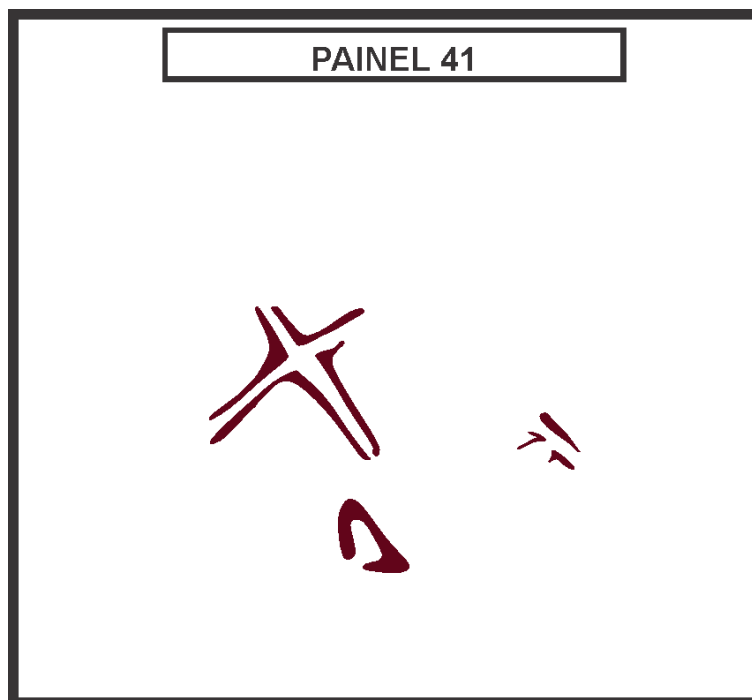
Assim como o painel anterior, o de número 41 só foi possível de identificar durante o processamento digital. É composto por figuras geométricas, sendo uma delas em forma de cruciforme e está localizado a cerca de 90 cm do nível do solo, considerado um painel de baixa visibilidade.

Figura 113: localização do painel 41 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

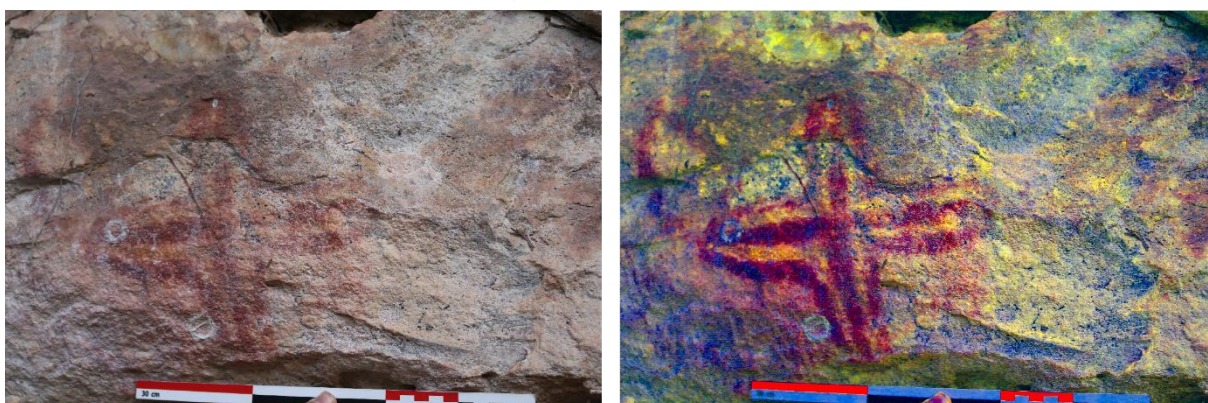
Figura 114: vetorização do painel 41 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.5 Painel 42

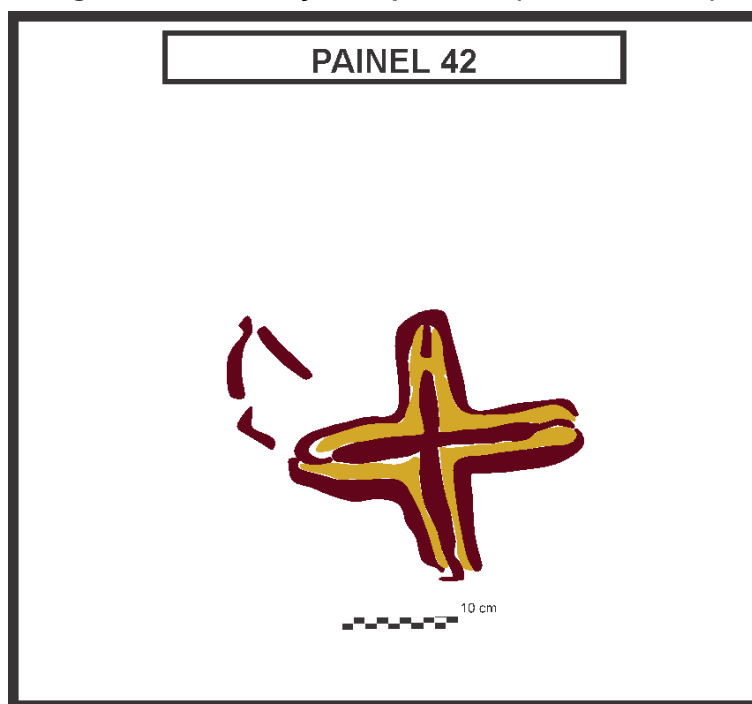
Localizado a cerca de 55 cm do nível do piso, o painel 42 ainda tem suas cores preservadas. Composto por figuras geométricas, sendo um cruciforme bicrômico de cores vermelha e amarela e a outras por traços vermelhos, o painel é considerado de baixa visibilidade.

Figura 115: localização do painel 42 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

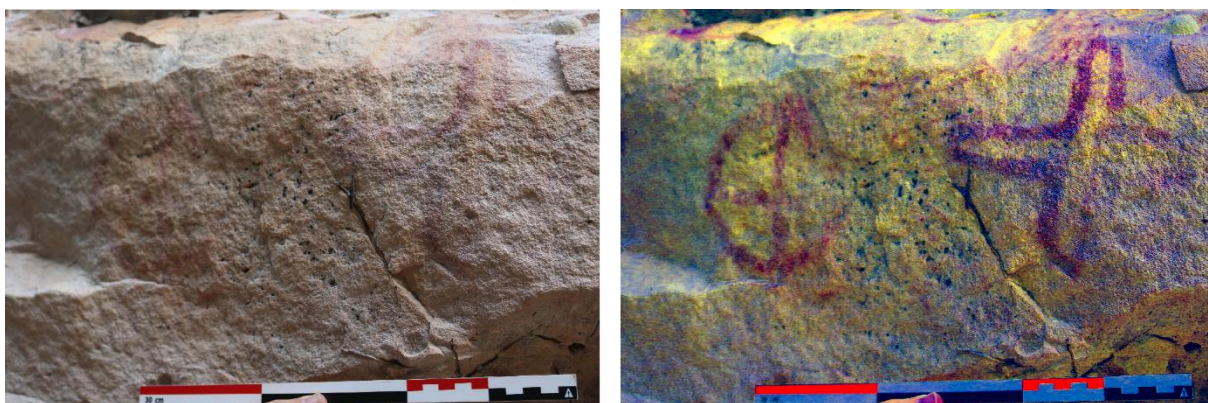
Figura 116: vetorização do painel 42 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.6 Painel 43

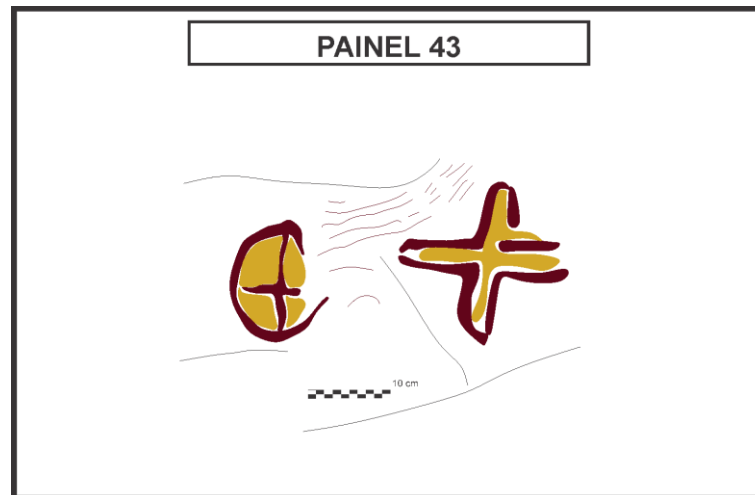
O painel 43 foi composto em uma superfície irregular, a cerca de 60 cm do nível do sol e contém figuras geométricas, sendo duas bicrômicas de cores vermelha e amarelo. As pinturas medem em torno de 10 cm de comprimento e apresentam entre si, um conjunto de grafismos de traços finos vermelhos paralelos. O painel é classificado em baixa visibilidade.

Figura 117: localização do painel 42 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

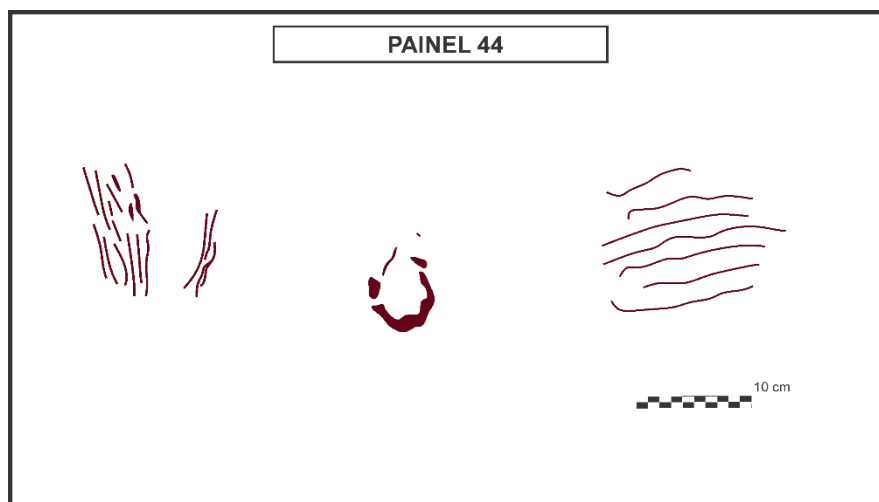
Figura 118: vetorização do painel 43 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.7 Painel 44

O painel 44, localizado em um teto, é composto por dois agrupamentos de figuras em linhas paralelas, de traços finos (semelhantes à do painel 43) e por uma figura geométrica, todas em cores vermelhas. Estão localizados a cerca de 1m do nível do solo e medem em média 10 cm de comprimento. O painel é considerado de baixa visibilidade.

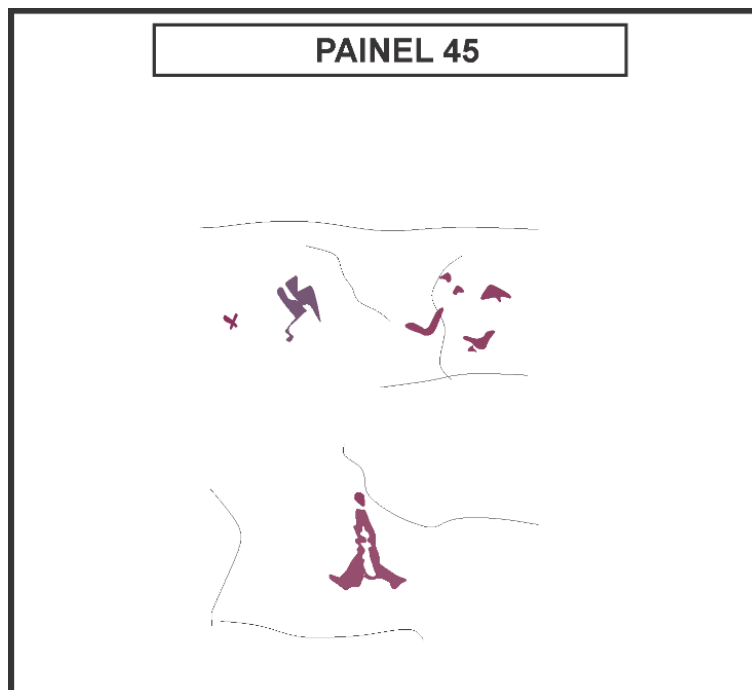
Figura 119: vetorização do painel 44 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.8 Painel 45

Localizados em superfície irregular, o painel 45 está a pouco mais de 30 cm do nível do solo e é composto por figuras de tons vermelhos de formas não identificadas e é considerado um painel de baixíssima visibilidade.

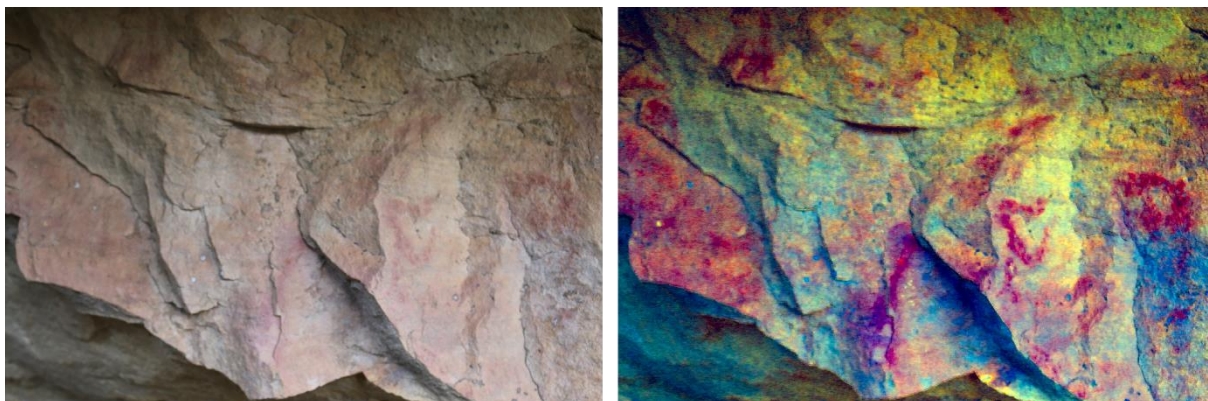
Figura 120: vetorização do painel 45 (sítio GO-CP-33).



3.4.4.9 Painel 46

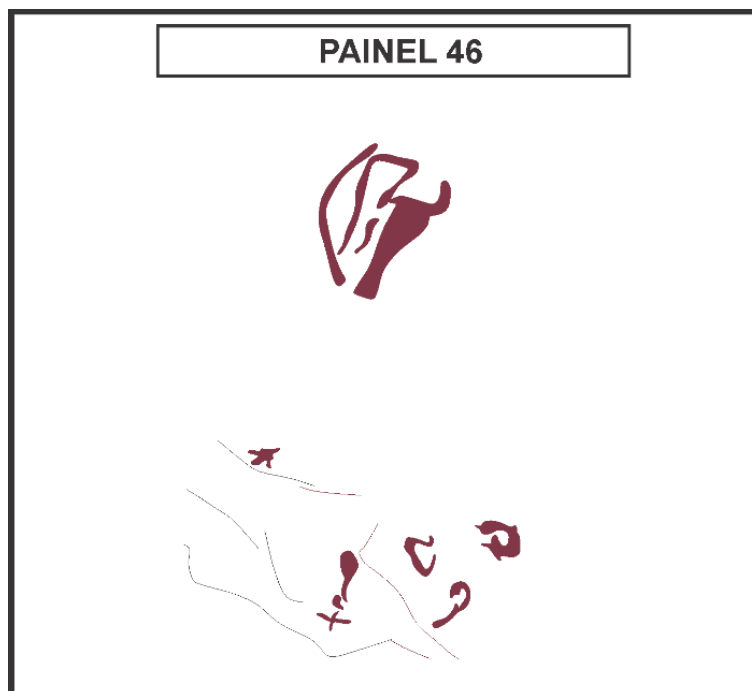
O painel 46 também foi composto em uma parede com superfícies irregulares, formando diferentes camadas. As figuras de tons vermelho são geométricas e outras de formas indefinidas e está localizado a cerca de 50 cm do nível do piso do abrigo e é considerado um painel de baixíssima visibilidade.

Figura 121: localização do painel 46 no sítio GO-CP-33.



Créditos: Procópio, 2022.

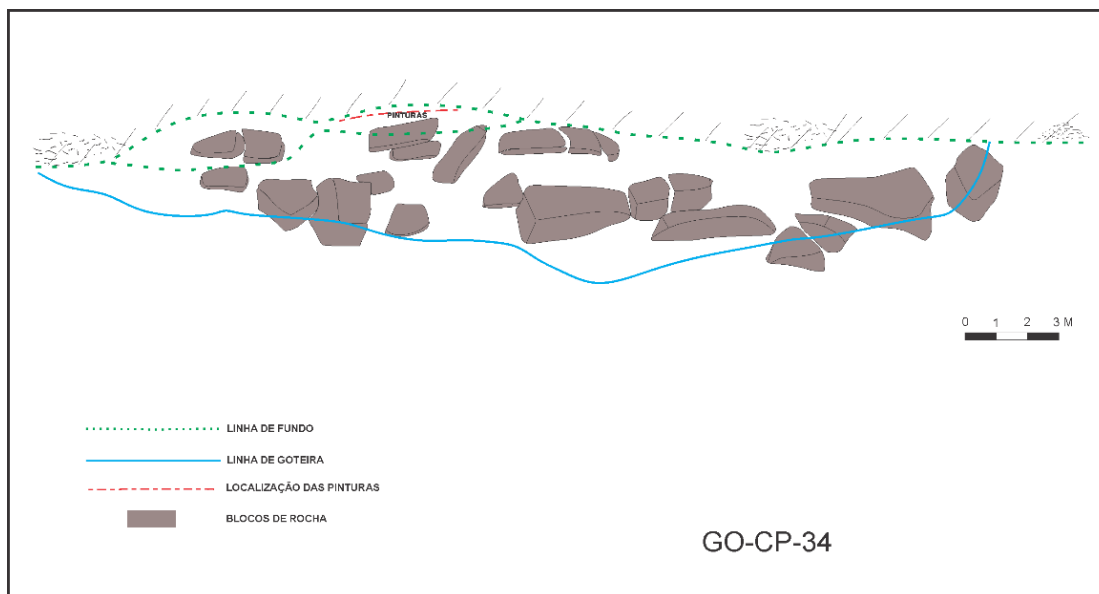
Figura 122: vetorização do painel 46 (sítio GO-CP-33).



3.5 SÍTIO GO-CP-34

A principal característica do sítio GO-CP-34 é que ele se situa à frente de uma área denominada de “campo de seixos”, e diferente dos demais, localiza-se na face sudoeste de um testemunho de arenito (SCHMITZ *et al.*, 1986). Conforme descrito no diário de campo de 1980, o recurso hídrico mais próximo estava a 200 m de distância. Seu espaço abrigável pela presença do teto rochoso, é de aproximadamente 32 m de comprimento (figura 21). As paredes são subverticais e com poucas irregularidades. Diferente dos demais sítios apresentados anteriormente, esse abrigo se situa na face sudoeste do morro de testemunho.

Figura 123: Planta do sítio GO-CP-34.



Fonte: Schmitz *et al.* (1986), adaptado por Procópio, 2022.

Como mencionado anteriormente, esse é o único abrigo da região de Torres do Rio Bonito que possui datação radiocarbono de 1.020 +/- 65 anos A.P (930 d.C), obtida a partir dos vestígios de carvão de uma fogueira, coletados em uma sondagem, no nível entre 10 e 20 cm de profundidade. Além das pinturas, foram identificados na década de 1980, materiais líticos na superfície e fragmentos cerâmicos coletados na proximidade e dentro do abrigo, correspondem a fase denominada de Mossâmedes da tradição Aratu-Sapucai (SCHMITZ *et al.*, 1986). Posteriormente, esses materiais líticos foram estudados em trabalho de final de curso por Rossi (2015).

Os registros gráficos estão distribuídos em maior proporção nas paredes, e poucas estão pintadas em tetos. A predominância são as figuras geométricas, em especial os agrupamentos de pontilhados, mas há também representações zoomorfas e antropomorfas. Segundo Schmitz (1986), mais da metade dos grafismos rupestres são de cores vermelhas (585) e as outras em tons laranjas (42%).

Figura 124: Bordas de fragmentos cerâmicos identificados no sítio GO-CP-34.



Fonte: Acervo IGPA. Créditos: Procópio, 2022.

Figura 125: Instrumentos líticos em arenito, identificados no sítio GO-CP-34.



Fonte: Acervo IGPA. Créditos: Procópio, 2022.

Figura 126: Figura 24: Percutor identificado no sítio GO-CP-34.



Fonte: Acervo IGPA, Créditos, Procópio, 2022.

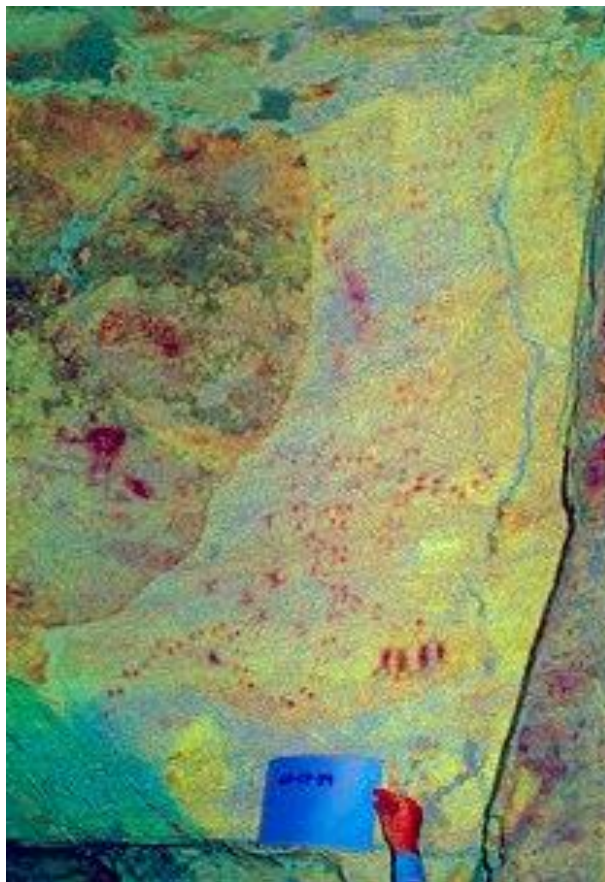
3.5.1 PAINÉIS DO ABRIGO GO-CP-34

Os painéis do sítio GO-CP-34, só foram possíveis de serem analisados e vetorizados a partir das pranchas (SCHMITZ *et al.*, 1986) e das poucas imagens fotográficas disponíveis no acervo do IGPA.

3.5.1.1 Painel 1

Apesar de não termos as medidas e as alturas onde está localizado o painel 1, observamos que pela imagem fotográfica da década de 1980, foi pintado a partir de uma altura média de 1,80m e se estende a alguns centímetros acima. Trata-se de figuras zoomorfas, sendo uma disposta isolada (à esquerda) e outras em conjuntos e de dezenas de grafismos pontilhados em cores vermelhas.

Figura 127: imagem fotográfica editada no DStretch do painel 1 do sítio GO-CP-34.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 128: vetorização do painel 1 (sítio GO-CP-34).



3.5.1.2 Painel 2

O painel 2, assemelha-se no estilo anterior, onde há uma figura zoomorfa e algumas manchas e pontilhados em cores vermelhas. A figura não foi identificada nas fotografias da década de 1980, por isso, a cor escolhida para representar foi o tom a seguir.

Figura 129: vetorização do painel 2 (sítio GO-CP-34).

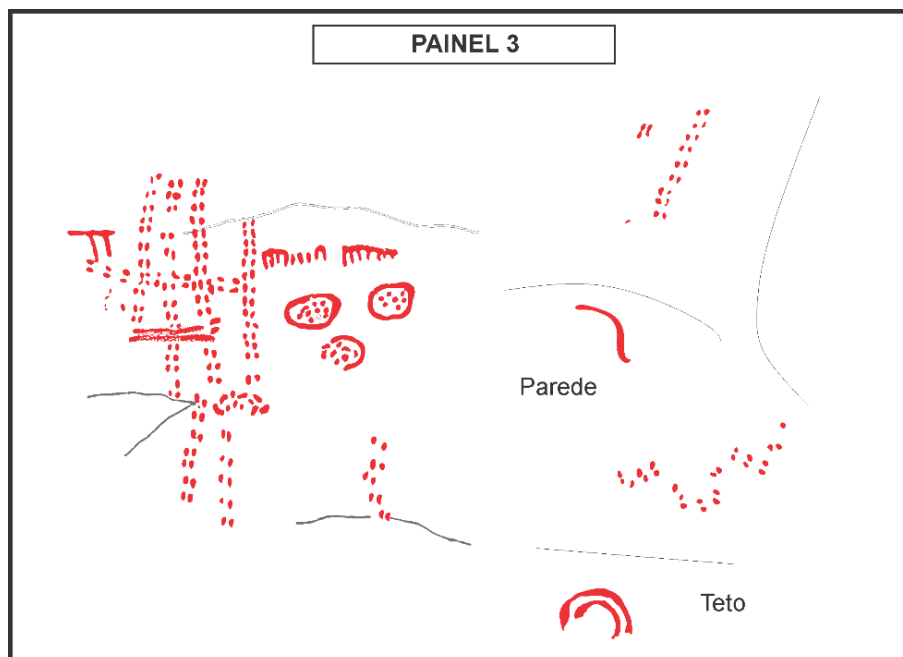


Fonte: Decalque em plástico (SCHMITZ *et al.*, 1980), editado por Procópio, 2023.

3.5.1.3 Painel 3

O painel 3 foi vetorizado a partir da prancha disponível na obra de Schmitz e equipe (1986). Trata-se de grafismos geométricos de cores vermelhas e novamente se repetem os pontilhados por toda a parede. Apenas uma figura no teto foi registrada, que são duas linhas curvas paralelas. Há uma variedade na composição e agrupamentos das figuras, onde a os pontilhados ora estão posicionados verticalmente, ora horizontalmente ou em curvas. Da mesma forma, a cor escolhida para representar, a vermelha, foi padronizada para todos os grafismos.

Figura 130: vetorização do painel 3 (sítio GO-CP-34).



Fonte: Decalque em plástico (SCHMITZ *et al.*, 1980), editado por Procópio, 2023.

3.5.1.4 Painel 4

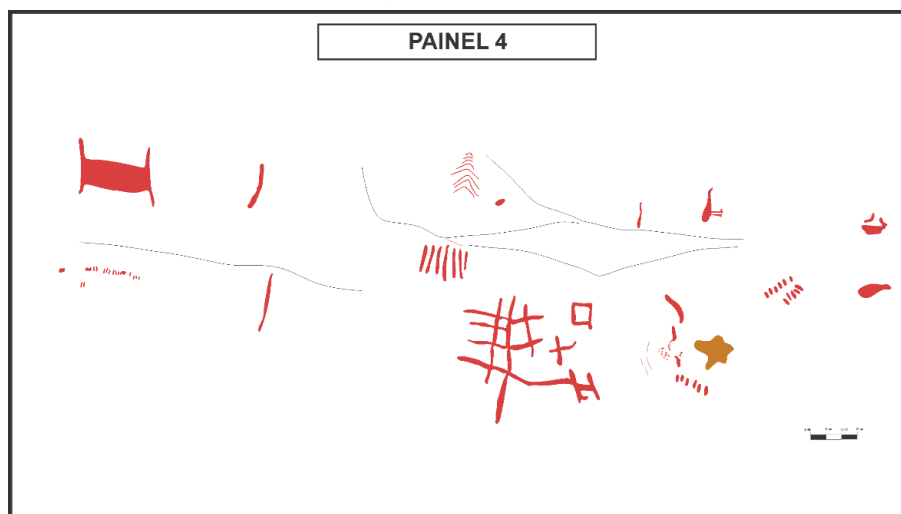
O painel 4 foi composto por figuras geométricas e zoomorfas de cores vermelhas e laranja e está localizada em um a parede plana. Pela imagem fotográfica a seguir (SCHMITZ *et al.*, 1980), é possível visualizar apenas parcela desse painel.

Figura 131: imagem fotográfica editada pelo DStrech do painel 4, do sítio GO-CP-34.



Créditos: Acervo PUC-Goiás/IGPA – Coleção Alto Araguaia.

Figura 132: vetorização do painel 4 (sítio GO-CP-34).



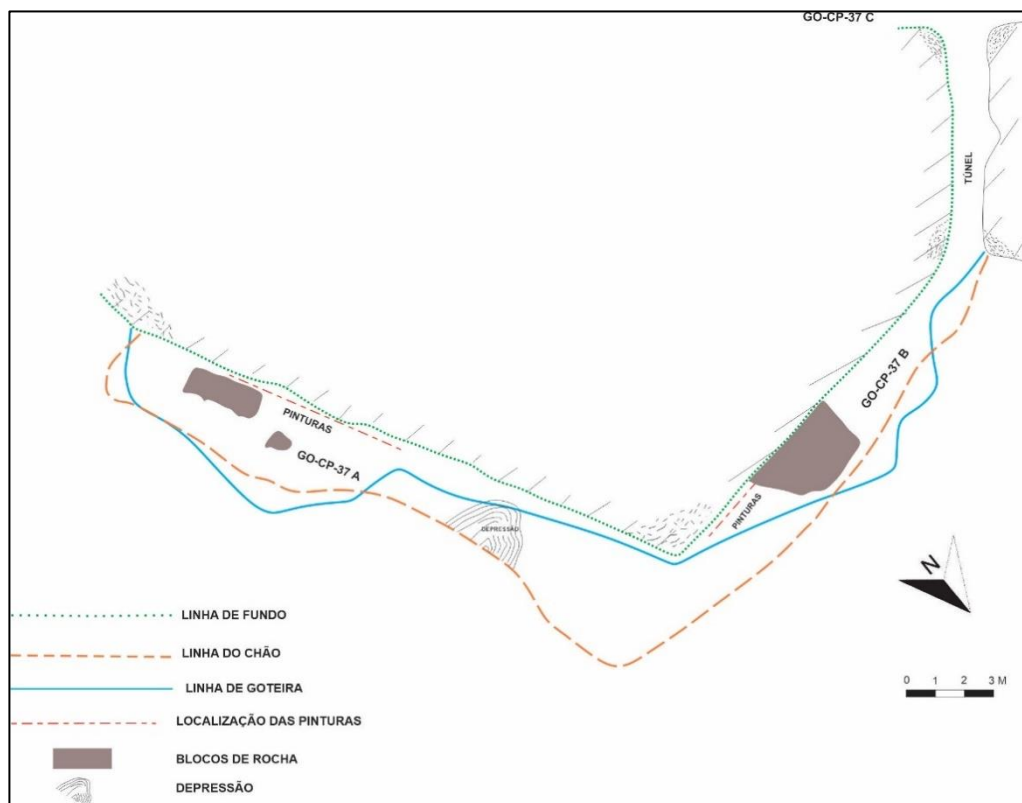
Fonte: Decalque em plástico (SCHMITZ *et al.*, 1980), editado por Procópio, 2023.

Há uma variação estilística na composição das figuras, onde as figuras geométricas à direita, por exemplo, foram desenhadas por traços paralelos, cruzados e curvados. Existe uma figura pequena, pelos contornos, trata-se de uma figura zoomorfa; há também figuras não definidas, uma em cor laranja e um outro grafismo com preenchimento em vermelho (à esquerda).

3.6 SÍTIO GO-CP-37

Como foi apresentado no capítulo anterior, o sítio GO-CP-37, possui três áreas abrigadas distintas em um mesmo morro de testemunho (figura 25), visto que, foram descritas em conjunto como um único sítio arqueológico pela equipe de Schmitz (1986), por apresentarem características físicas similares do abrigo. Todavia, como se trata de evidências gráficas e localizações distintas, considero ser nessa pesquisa, três unidades arqueológicas distintas. Os sítios GO-CP-37 A e B estão na parte alta da rocha, próximo ao topo do testemunho, com um declive superior de 30 metros (SCHMITZ *et al.*, 1986), sendo o segundo de difícil acesso. O GO-CP-37 C, na atualidade, não está acessível de forma natural, como veremos a seguir.

Figura 133: Planta do sítio GO-CP-37.



Fonte: Schmitz *et al.* (1986), adaptado por Procópio, 2022.

3.6.1 ABRIGO GO-CP-37 A

Nesse sítio, as figuras encontram-se predominantemente nos pequenos tetos escalonados, com representações, em maioria figuras geométricas de cores vermelhas (figura 26). A predominância das pinturas, são de tons vermelhos e de formas geométricas, em especial as figuras de agrupamentos de traços paralelos, bastonetes, linhas curvas e pontilhados.

Figura 134: Teto pintado com figuras geométricas em tons vermelhos (à esquerda) e figuras geométricas pontilhadas e linhas curvas vermelhas na parede (à direita).

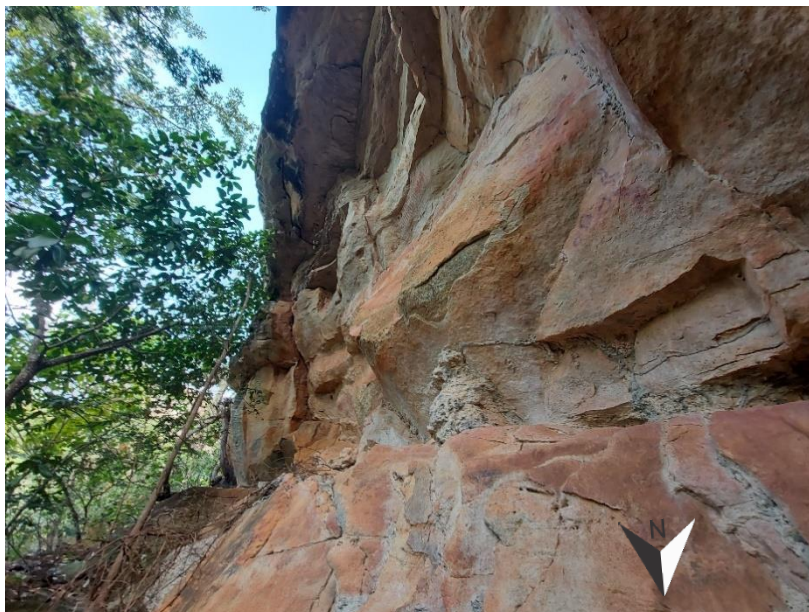


Créditos: Rezende, 2022.

3.6.2 ABRIGO GO-CP-37 B

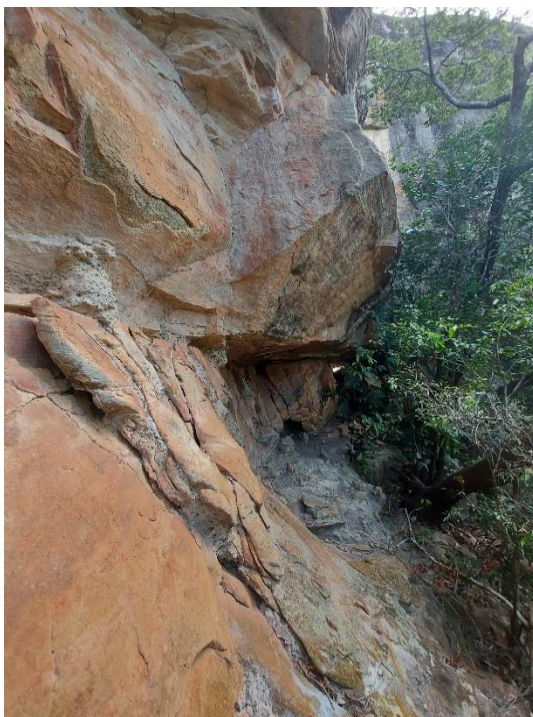
O abrigo B do sítio GO-CP-37, encontra-se em um terreno inclinado, sob rochas em ângulo a quase 90° como mostra as imagens (figuras 27 e 28). Os acessos às áreas pintadas, são possíveis através das estreitas plataformas, possíveis de serem escaladas até o segundo piso do abrigo (o primeiro é o nível do solo). As imagens mais altas, não foram acessadas, pois estão em alturas superiores a 2,00 m.

Figura 135: Abrigo B (GO-CP-37), vista parcial do sítio. Foto a partir do primeiro nível do abrigo, evidenciando o segundo piso.



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 136: Abrigo B (GO-CP-37), vista parcial do sítio evidenciando a inclinação das rochas em 90°.



Créditos: Procópio, 2022.

A maioria das figuras, encontra-se nas paredes, das quais, predomina as representações geométricas, sobretudo o agrupamento de grafismos pontilhados. As cores têm uma variação de tons vermelho e roxo e algumas apresentam cores amarelo e laranja. Identificamos outras pinturas que não foram apresentadas nos croquis e pranchas pela primeira equipe na década de 1980. São painéis que estão praticamente apagados e só foi possível notá-los apenas com o processamento de imagens, feitas pelo software DStrech. Trata-se de um conjunto de figuras pontilhadas, espalhadas pelas paredes e tetos, formando uma espécie de “caminhos”. Principalmente na parte norte do abrigo, nos níveis inferiores, a concentração é maior. Os pontilhados, nesse conjunto de sítios (A, B e C) é recorrente e parece ter sido compostos pelas pontas dos dedos em pares, untados por tinta.

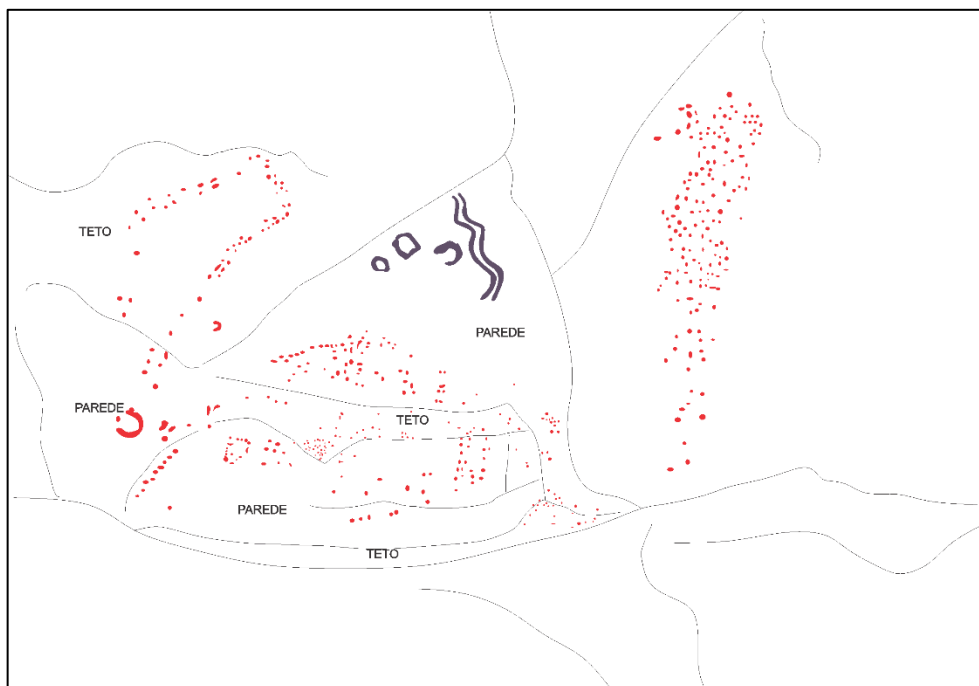
Na imagem a seguir, (figura 29) processada pelo DStrech da parte inferior do abrigo B (GO-CP-37). Circulado em amarelo, podemos notar muitos agrupamentos de figuras pontilhadas. Na figura 30, a imagem vetorizada dos grafismos evidenciados.

Figura 137: grafismos circutados em amarelo, evidenciados durante o processamento digital.



Créditos: Procópio, 2022.

Figura 138: vetorização dos grafismos evidenciados.



Créditos: Procópio, 2022.

Outros grafismos rupestres, foram evidenciados no suporte do abrigo B (GO-CP-37). Trata-se também de um agrupamento de figuras pontilhadas em vermelho e uma figura de traços curvos, como mostra a figura 31 a seguir.

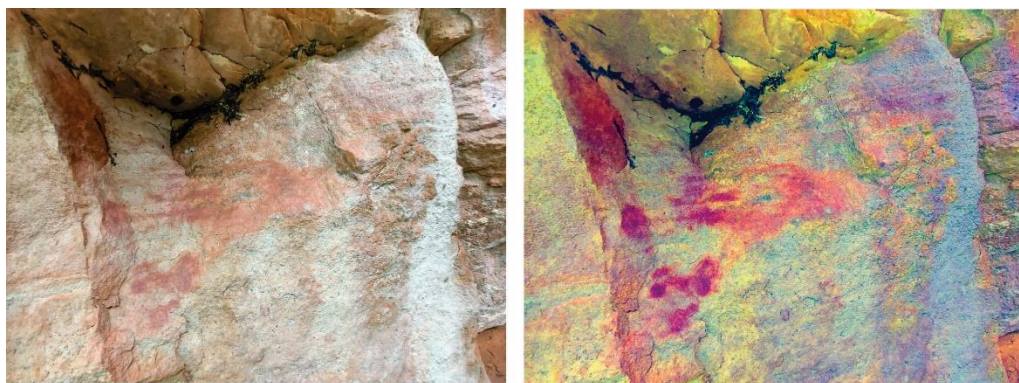
Figura 139: Figuras identificadas durante o processamento digital.



Créditos: Procópio, 2022.

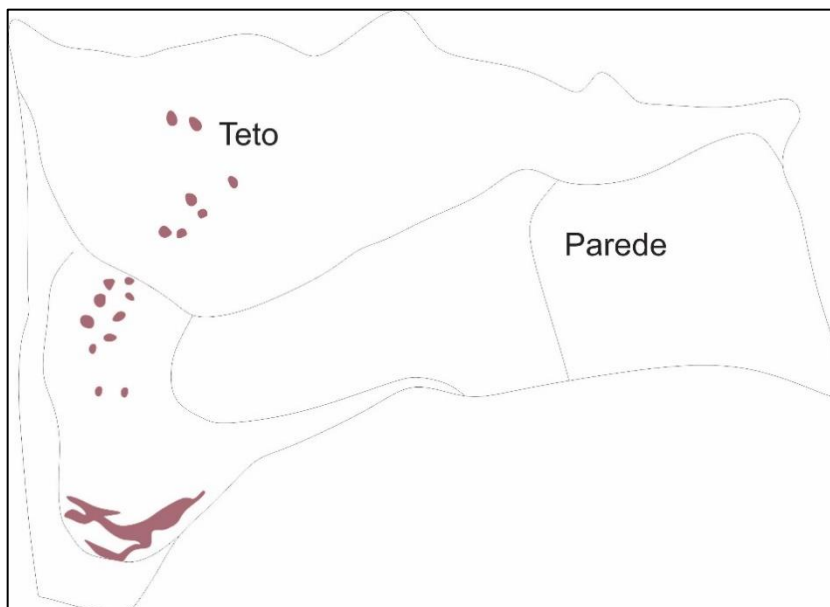
Outro painel muito particular, não foi descrito ou desenhado nas pranchas pela equipe de 1980; trata-se de uma figura sem forma definida, dentro de um pequeno nicho, quase escondido (figura 32). Essa figura, está acompanhada de agrupamentos de pontilhados, desenhados na parede e no teto (figura 33).

Figura 140: Grafismos rupestres dentro do nicho.



Créditos: Procópio, 2022.

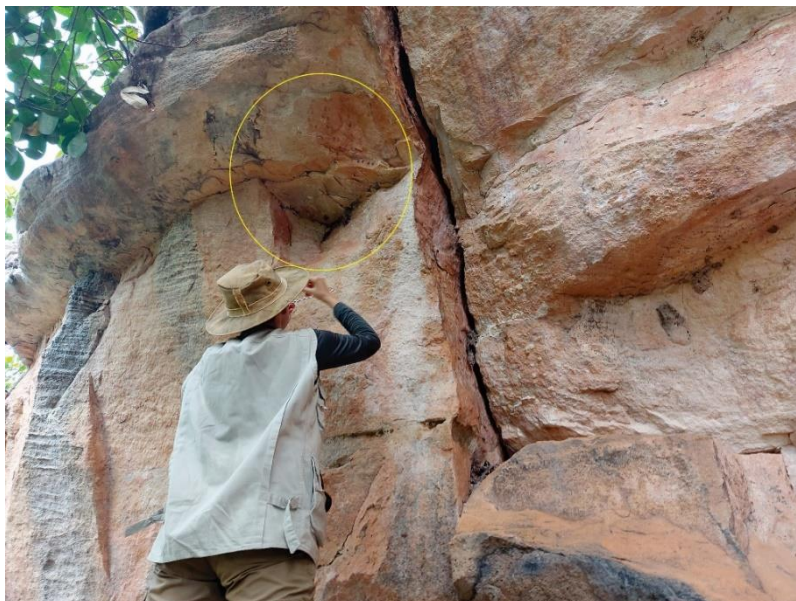
Figura 141: imagem vetorizada dos grafismos rupestres no nicho.



Créditos: Procópio, 2022.

Acima desse nicho, um outro painel, foi identificado (figura 34). A superfície escolhida para pintar um conjunto de pontilhados de tonalidade roxo, parece ter ocorrido após um pequeno em uma área de deslocamento de rocha, evidenciada pela diferença de cor e textura do suporte (figura 35).

Figura 142: localização dos painéis evidenciados circulos em amarelo.



Créditos: Rezende, 2022.

Figura 143: área de deslocamento onde foi pintado os pontilhados.



Créditos: Procópio, 2022.

Quanto as cores vermelhas, identificamos em campo em 2022, observamos que há uma variação do mais claro, apresentando uma tonalidade quase rosada até ao mais escuro, que se aproxima da cor roxa.

Outro aspecto importante, refere-se as alturas em que encontra os grafismos rupestres e o acesso a eles. São locais, onde a altura ultrapassa a 2 m do nível do

segundo piso do abrigo. Notamos durante o processamento das imagens, que há algumas figuras sobrepostas, sobretudo no painel 3, como veremos adiante.

3.6.3 ABRIGO GO-CP-37 C

Na obra de Schmitz *et al.* (1986), é descrito que todas as figuras estão representadas no teto, todavia, todavia como foi observado pela imagem editada pelo DStrech, existem figuras nas paredes, iguais as que foram desenhadas no teto, em forma de pontilhados. Como não foi possível acessar o abrigo, apenas alguns registros fotográficos, foram realizados à distância, inviabilizando a análise total das figuras; o que podemos afirmar até o momento é que, todas (100%) são geométricas de cores vermelhas e laranjas.

Figura 144: Imagem editada no DStrech, registrada à distância do abrigo C do sítio GO-CP-37.



Créditos: Procópio, 2022.

3.7 PAINÉIS DO SÍTIO GO-CP-37

Em geral, os grafismos que serão apresentados, se assemelham com as temáticas apresentadas anteriormente. Contudo algo que chama a atenção nesses abrigos, são as figuras pontilhadas em vermelho. Há uma série desses conjuntos nas paredes e tetos dos abrigos, assim como ocorreram no sítio GO-CP-34.

3.7.1 ABRIGO GO-CP-37 A

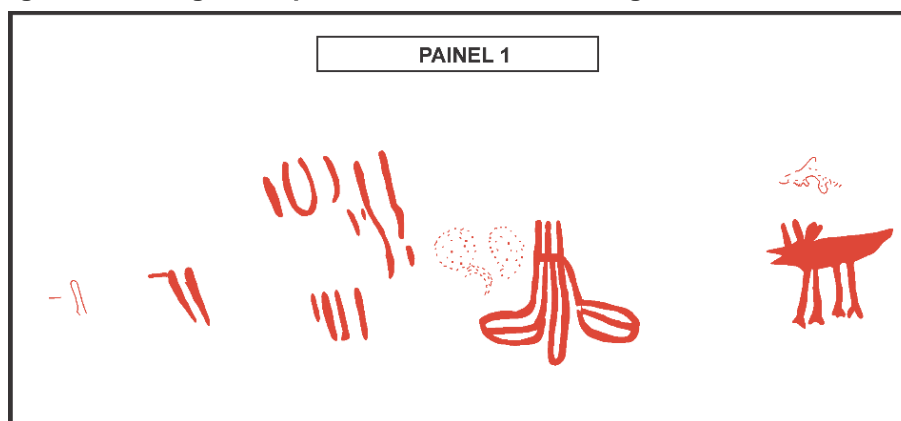
Não foi localizado no acervo as imagens da década de 1980 de todo o sítio GO-CP-37 (A, B e C). Os painéis a seguir (GO-CP-37 A), foram difíceis de serem

acessados e localizados como foi descrito anteriormente, sendo assim, poucas imagens fotográficas na etapa de campo de maio de 2022 foram registradas.

3.7.1.1 Painel 1

O painel 1 localizado em uma parede, foi vetorizado a partir dos decalques em plásticos do acervo e por isso não temos informações da altura do painel em relação ao nível do solo e nem a dimensão das imagens. As figuras geométricas, são compostas por agrupamentos de traço, como por exemplo, os bastonetes e pontilhados; há um grafismo zoomorfo, que se encontra isolada das demais figuras. Apenas o decalque desse painel foi identificado no acervo, não sendo possível definir exatamente as variações e tonalidades das cores em vermelho.

Figura 145: imagem do painel 1 vetorizada do abrigo A do sítio GO-CP-37.

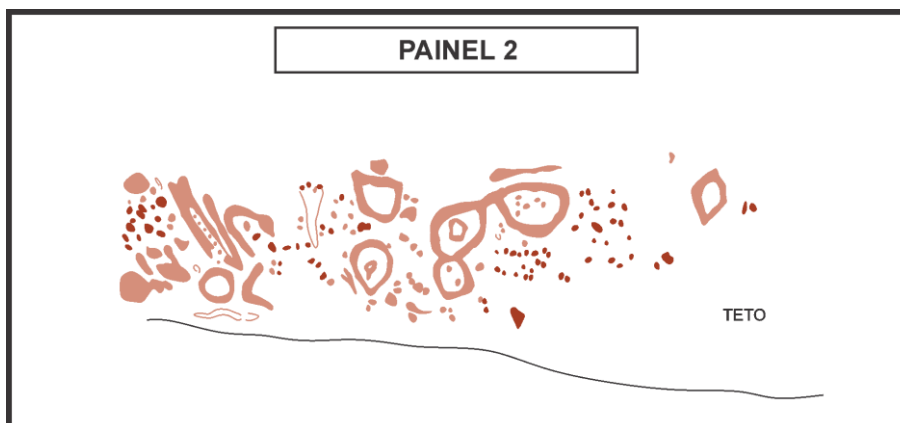


Fonte: Decalque em plástico (SCHMITZ *et al.*, 1980), editado por Procópio, 2023.

3.7.1.2 Painel 2

O painel 2, localizado em um teto, a cerca de 2 m de altura do nível do piso do abrigo, é composto por cores claras de tom rosado e outras pontilhadas em cores vermelhas. A dimensão das figuras varia entre 0,5 cm (no caso dos pontilhados) a 12 cm de comprimento.

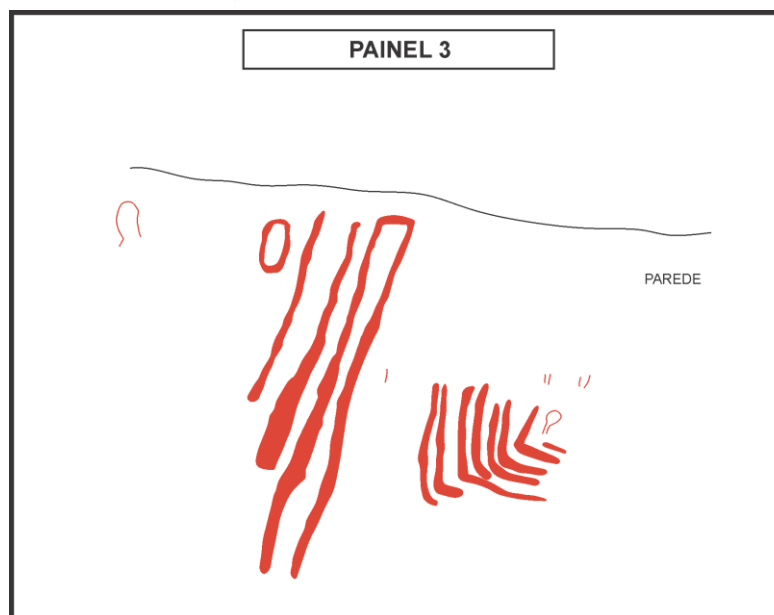
Figura 146: vetorização do painel 2 do abrigo A do sítio GO-CP-37.



3.7.1.3 Painel 3

O painel 3, localizado na parede, é composto por agrupamentos de figuras geométricas paralelas e perpendiculares, e uma circular. As cores em tom vermelho, foi definido a partir da descrição das pranchas da obra de Schmitz *et al.* (1986).

Figura 147: vetorização do painel 3 do abrigo A do sítio GO-CP-37.



3.7.1.4 Painel 4

O painel 4 localizado na parede do abrigo, é composto por duas figuras geométricas em forma de cruciformes de cores vermelhas. Assim como ocorreu com alguns painéis do abrigo GO-CP-37 A, esses grafismos foram vetorizados a partir dos decalques em plásticos, por isso as cores foram padronizadas em um tom de vermelho.

Figura 148: vetorização do painel 4 do abrigo A do sítio GO-CP-37.



3.7.1.5 Painel 5

O painel 5, localizado na porção extrema da parede do abrigo, parece quase se esconder. Os grafismos são exclusivamente geométricos de cores vermelhos, formam agrupamentos de linhas paralelas sinuosas e por pontilhados.

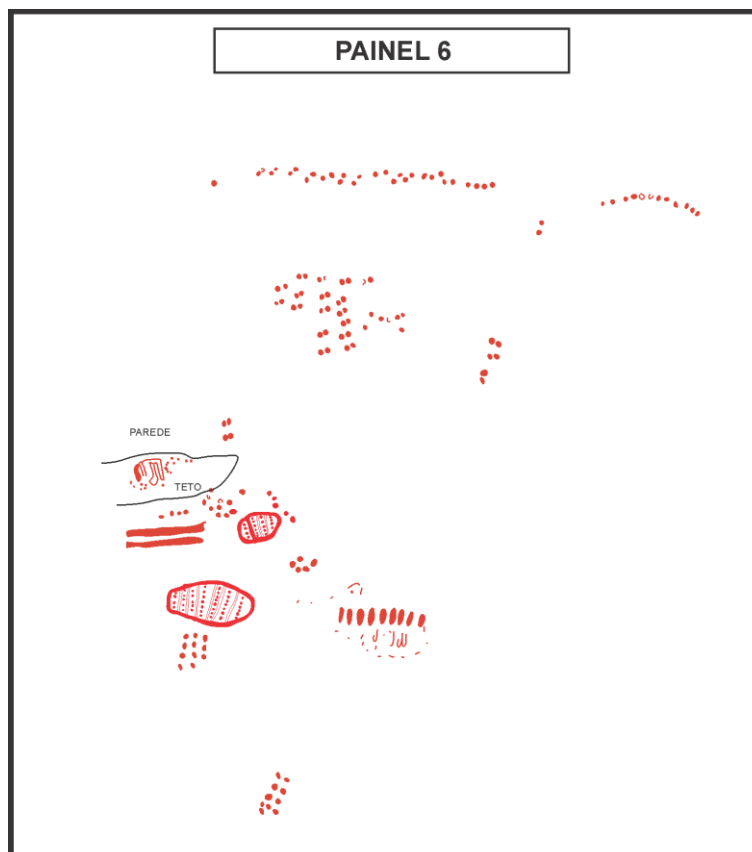
Figura 149: vetorização do painel 5 do abrigo A do sítio GO-CP-37.



3.7.1.6 Painel 6

Localizado na parede do abrigo, o painel 6 se assemelha com o estilo gráfico do painel 3 do sítio GO-CP-34. Os agrupamentos de figuras pontilhadas, os semicírculos e bastonetes, são compostos de forma vertical ou horizontal, formando diferentes agrupamentos. Apenas um grafismo foi identificado no teto. Os grafismos em círculos, são preenchidos por linhas e pontilhados horizontalmente.

Figura 150: vetorização do painel 6 do abrigo A do sítio GO-CP-37.

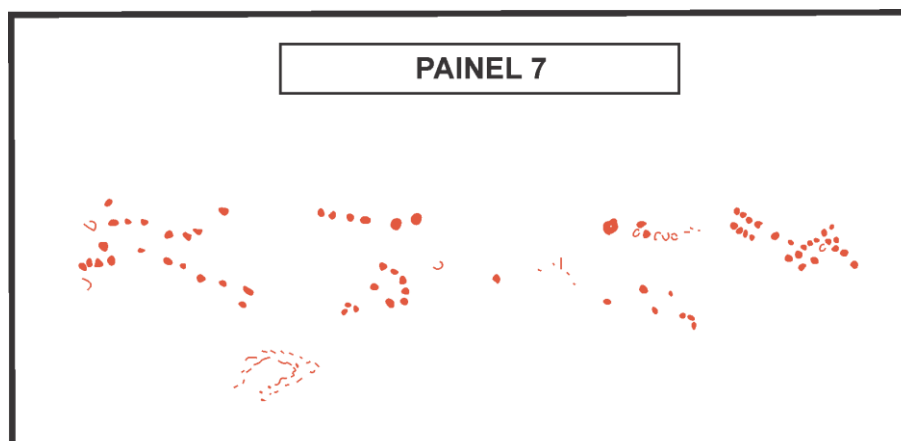


Fonte: Decalque em plástico (SCHMITZ *et al.*, 1980), editado por Procópio, 2023.

3.7.1.7 Painel 7

O painel 7 está localizado no teto do abrigo e é composto exclusivamente por grafismos de agrupamentos de pontilhados em cores vermelhos. As pinturas parecem se agruparem paralelamente na horizontal.

Figura 151: vetorização do painel 7 do abrigo A do sítio GO-CP-37.



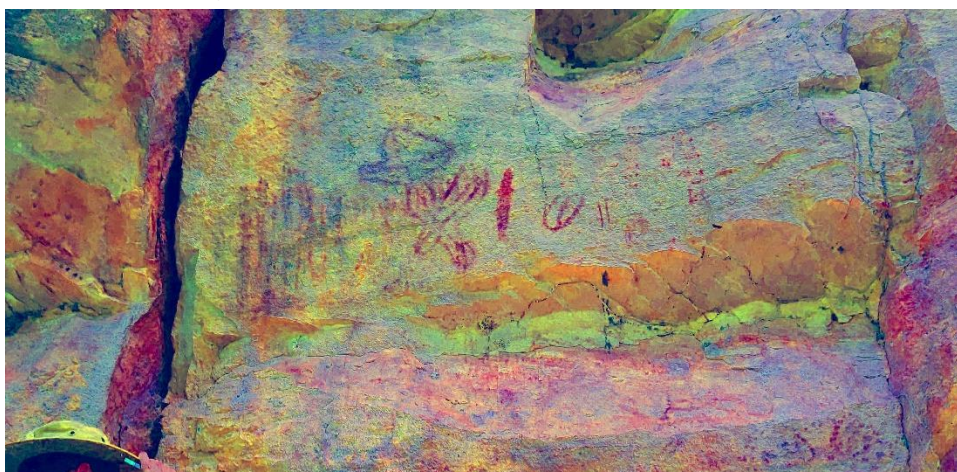
3.7.2 ABRIGO GO-CP-37 B

No abrigo GO-CP-37 B, os pontilhados também estão presentes. Em alguns painéis, como veremos a seguir, estão compostos por dezenas desses grafismos e em cores vermelhas e roxos.

3.7.2.1 Painel 1

O painel 1 está localizado a cerca de 2 m de altura do nível do segundo piso acessado e sua parede é irregular, formando uma leve curvatura ao meio. As figuras são geométricas (bastonetes, cruciformes, pontilhados e outros) e contém uma figura zoomorfa vermelha (peixe). Há uma variação de cores de tons vermelhos, roxos e amarelos; existem algumas sobreposições que permitiu identificar alguns momentos de construção desse painel gráfico.

Figura 152: localização do painel 1 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



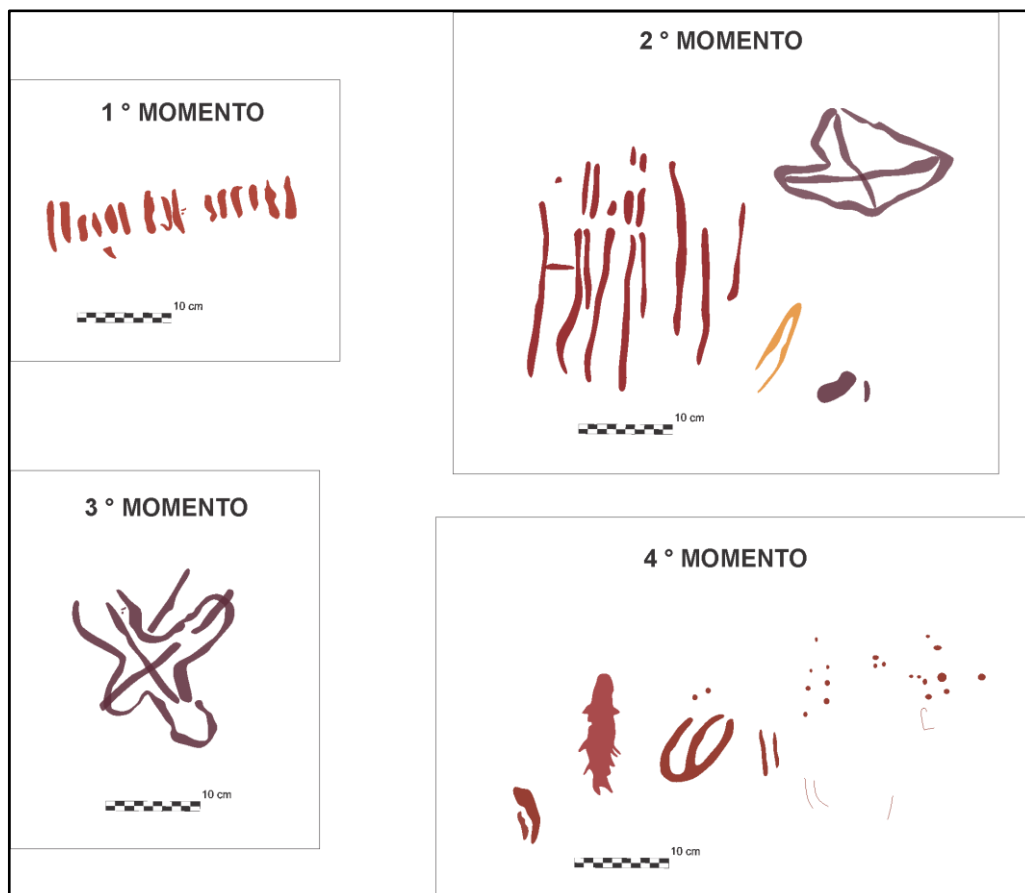
Crédito: Procópio, 2022.

Figura 153: vetorização do painel 1 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

Figura 154: momentos do painel 1 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.2 Painel 2

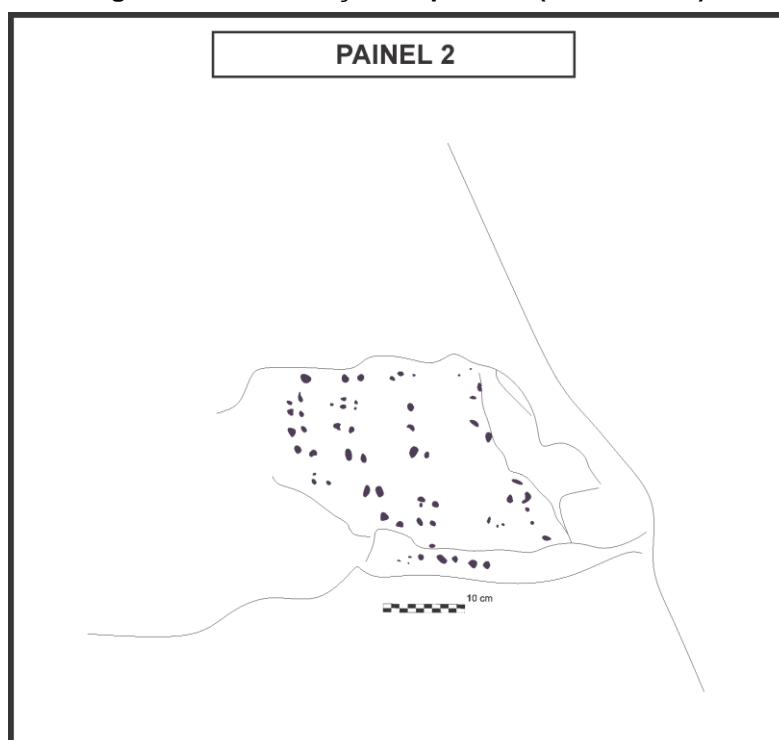
O painel 2, está localizado na parede no abrigo, a cerca de 1,80 m do nível do segundo piso rochoso do abrigo. Ele é composto por dezenas de pontilhadas de cores do tom roxo e foi identificado apenas na etapa de campo, que realizamos em maio de 2022.

Figura 155: localização do painel 2 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 156: vetorização do painel 2 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.3 Painel 3

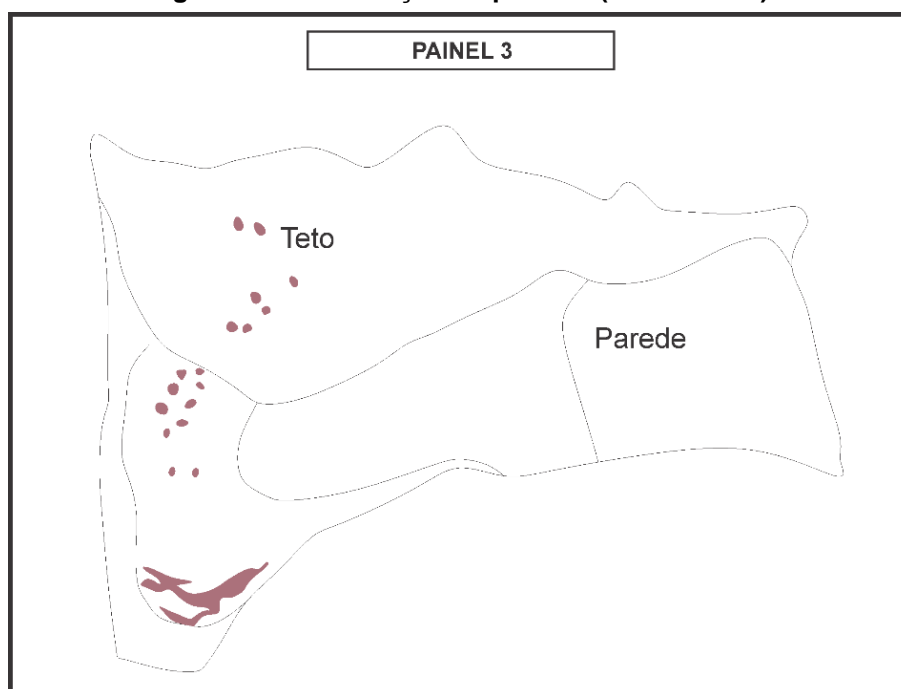
O painel 3, foi composto em um pequeno nicho como mostra a imagem XX. Assim como o painel anterior, as figuras não foram identificadas pela equipe de Schmitz em 1980. Há uma figura sem forma definida e grafismos em agrupamentos de pontilhados na parede e teto. As cores quase apagadas, estão em tons rosados, como mostra a figura a seguir.

Figura 157: localização do painel 2 abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 158: vetorização do painel 3 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.4 Painel 4

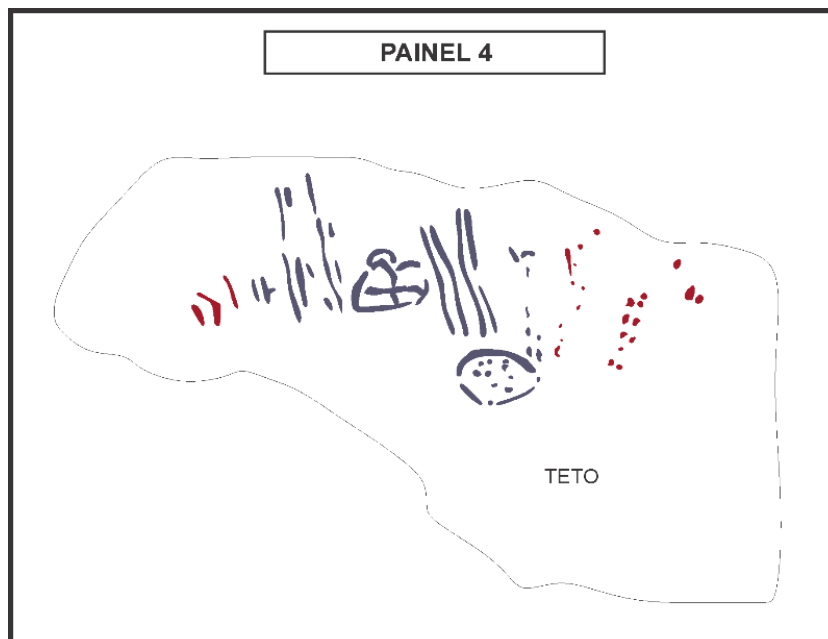
O painel 4 está localizado em um teto e é quase imperceptível a olho nu e foi notado à distância, sem possibilidade de mensurar suas dimensões. Com o processamento digital, identificamos que são grafismos geométricos, entre os quais estão os agrupamentos de grafismos pontilhados e bastonetes. As cores variam do roxo ao vermelho. Esse painel também não foi identificado pela equipe de Schmitz em 1980.

Figura 159: localização do painel 4 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 160: vetorização do painel 4 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.5 Painel 5

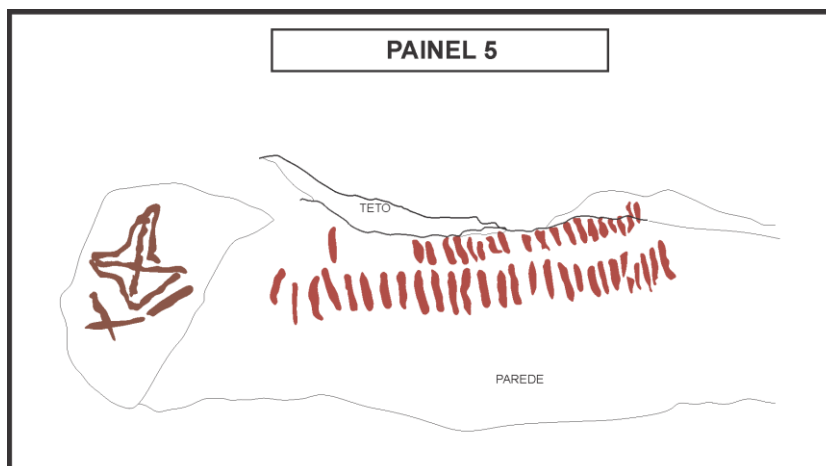
O painel 5, é localizado no alto, em uma parede irregular do abrigo, sendo avistado apenas à distância. É composto por agrupamento de grafismos bastonetes paralelos e outras figuras geométricas em formato de cruciformes.

Figura 161: localização do painel 5 abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 162: vetorização do painel 5 (GO-CP-37 B).

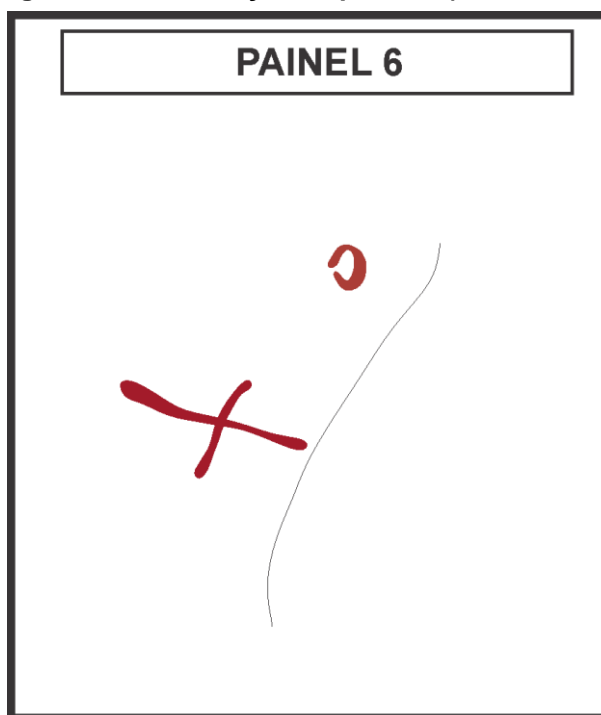


Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.6 Painel 6

O painel 6, está localizado na lateral, à esquerda do painel 5 e é composto por duas figuras em cores vermelhas, um semicírculo e um cruciforme.

Figura 163: vetorização do painel 6 (GO-CP-37 B).

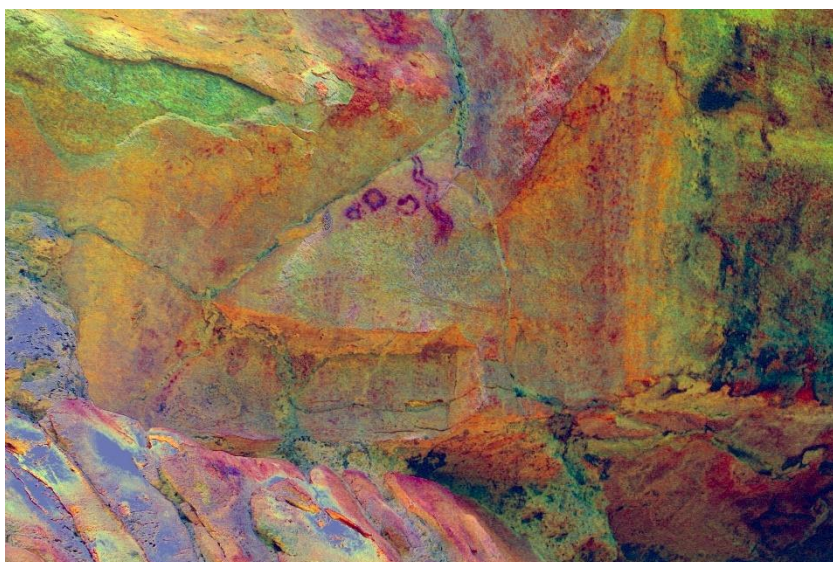


Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.7 Painel 7

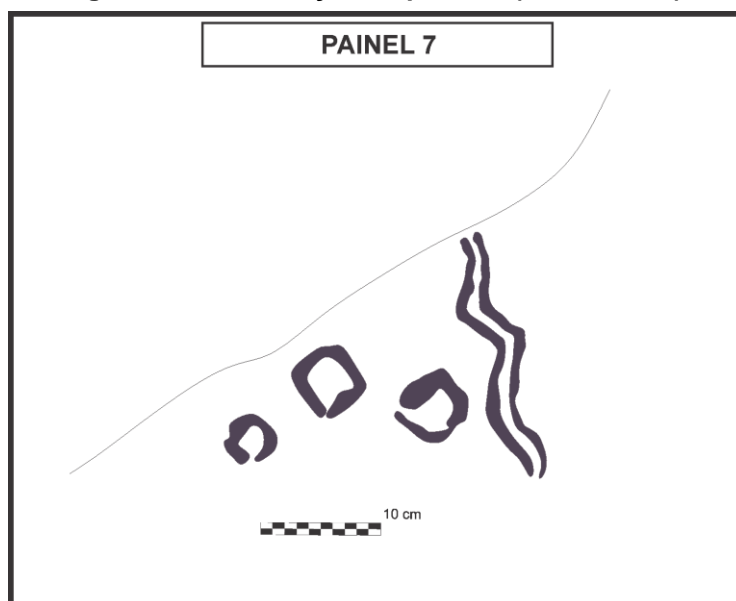
O painel 7 é composto por figuras geométricas de cor roxos e está localizada na parte inferior do abrigo, a cerca de 1, 20 m do segundo piso rochoso (inclinado).

Figura 164: localização do painel 7 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 165: vetorização do painel 7 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.8 Painel 8

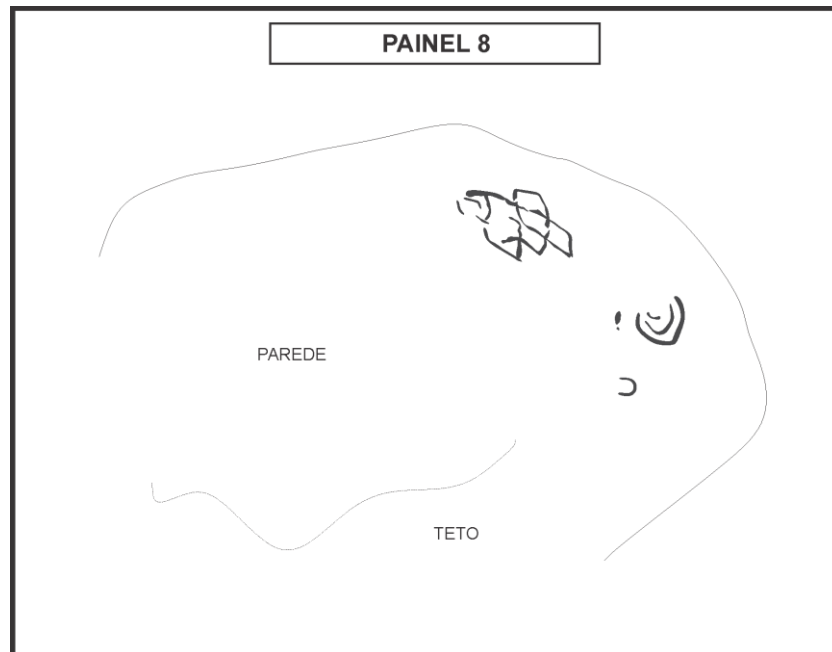
O painel 8 está localizado em uma parede inclinável do abrigo e é composto por figuras geométricas de cores roxas. Acredita-se, que ele está a cerca de 2 m do segundo piso do abrigo.

Figura 166: localização do painel 8 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 167: vetorização do painel 8 (GO-CP-37 B).



Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.9 Painel 9

O painel 9 foi identificado apenas no momento do processamento digital, pelo software DStretch. Como foi informado anteriormente, esses grafismos também não foram representados na documentação da equipe de Schmitz. Localizado na parede, esse painel é de acesso restrito; os grafismos são geométricos, sendo a maioria por agrupamentos de pontilhados em cores vermelhas. O registro foi feito apenas à distância, o que não possibilitou o dimensionamento dos grafismos, todavia, sabe-se que o painel se encontra a pelo menos a 1 m do segundo nível do piso do abrigo.

Figura 168: localização do painel 9 editado pelo DStretch, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 169: vetorização do painel 9 (GO-CP-37 B).

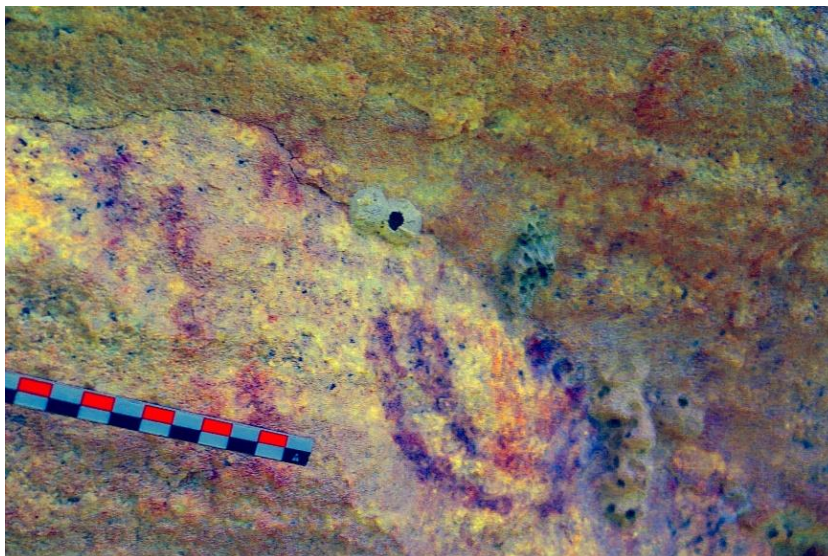


Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.10 Painel 10

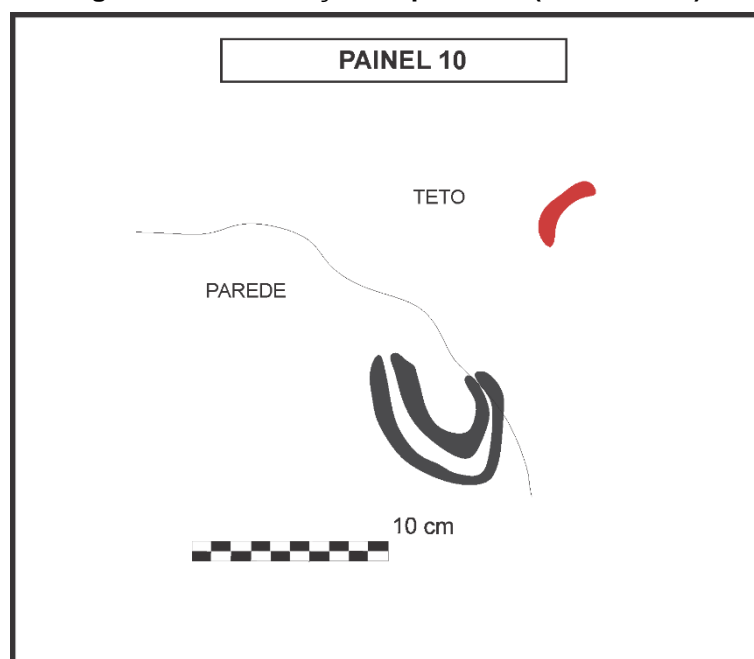
Localizado entre a parede e teto do abrigo, os grafismos são compostos por um traço vermelho (no teto) e dois traços semilunares paralelos de cor roxo na parede/teto. A dimensão das figuras tem em média 6 cm de comprimento.

Figura 170: localização do painel 10 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 171: vetorização do painel 10 (GO-CP-37 B).



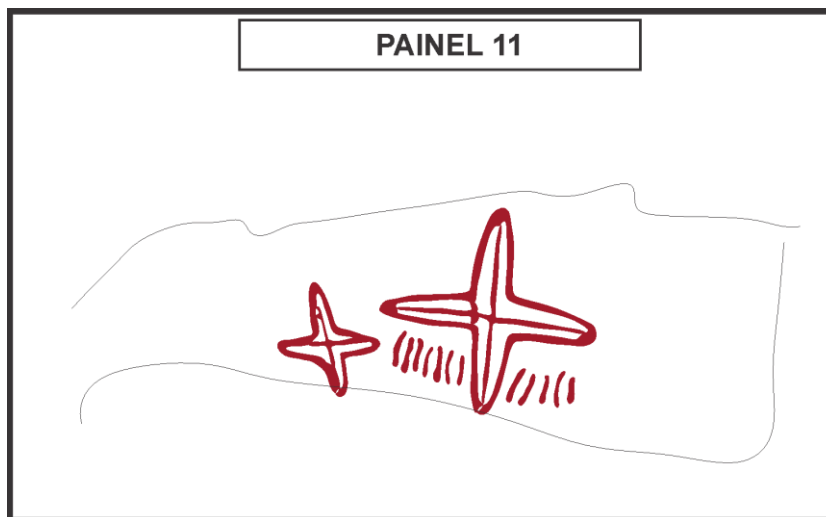
Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.11 Painel 11

O painel 11 não foi possível de ser localizado em campo (maio/2022) e nem mesmo pelas imagens fotográficas processadas digitalmente. Pelas pranchas da obra (SCHMITZ *et al.*, 1986), realizamos a vetorização das figuras geométricas de cores

vermelhas; trata-se de um agrupamento de bastonetes, que parecem ter sido desenhados em momento anterior as figuras cruciformes. Os grafismos em forma de cruciformes justapostos, se assemelham pela composição estilística, mas se diferem nas dimensões.

Figura 172: imagem do painel 11 vetorizada do abrigo B do sítio GO-CP-37.



Fonte: Prancha (SCHMITZ *et al.*, 1986), editado por Procópio, 2023.

3.7.2.12 Painel 12

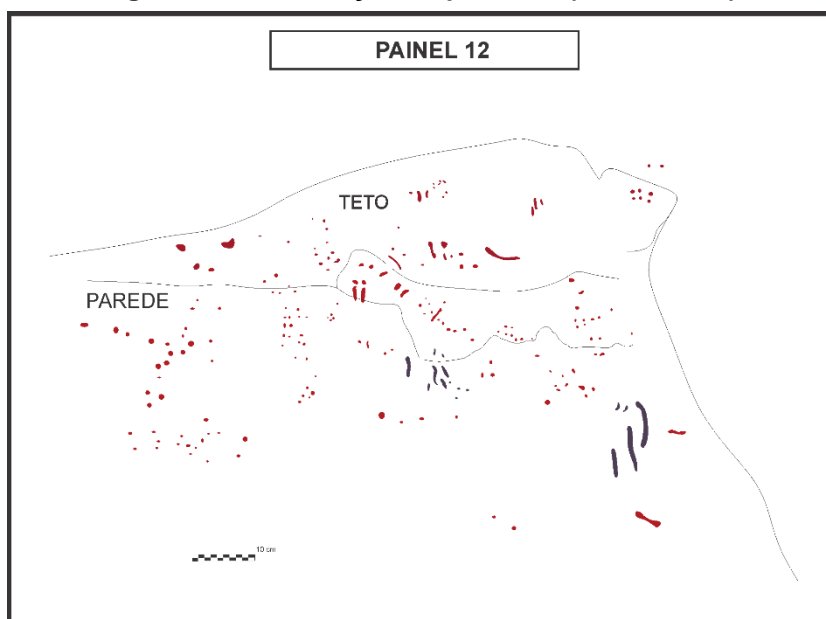
O painel 12 está localizado a partir de 1m do segundo piso do abrigo e estão distribuídos na parede e teto do abrigo. As figuras são compostas por figuras geométricas, sobretudo pelo agrupamento de pontilhados de cores vermelhas, que se dispersam por todo o espaço, aparentemente sem uma direção definida. Os demais, são traços paralelos de cores roxas ou vermelhas.

Figura 173: localização do painel 12 editado pelo DStrech, abrigo B sítio GO-CP-37.



Crédito: Procópio, 2022.

Figura 174: vetorização do painel 12 (GO-CP-37 B).

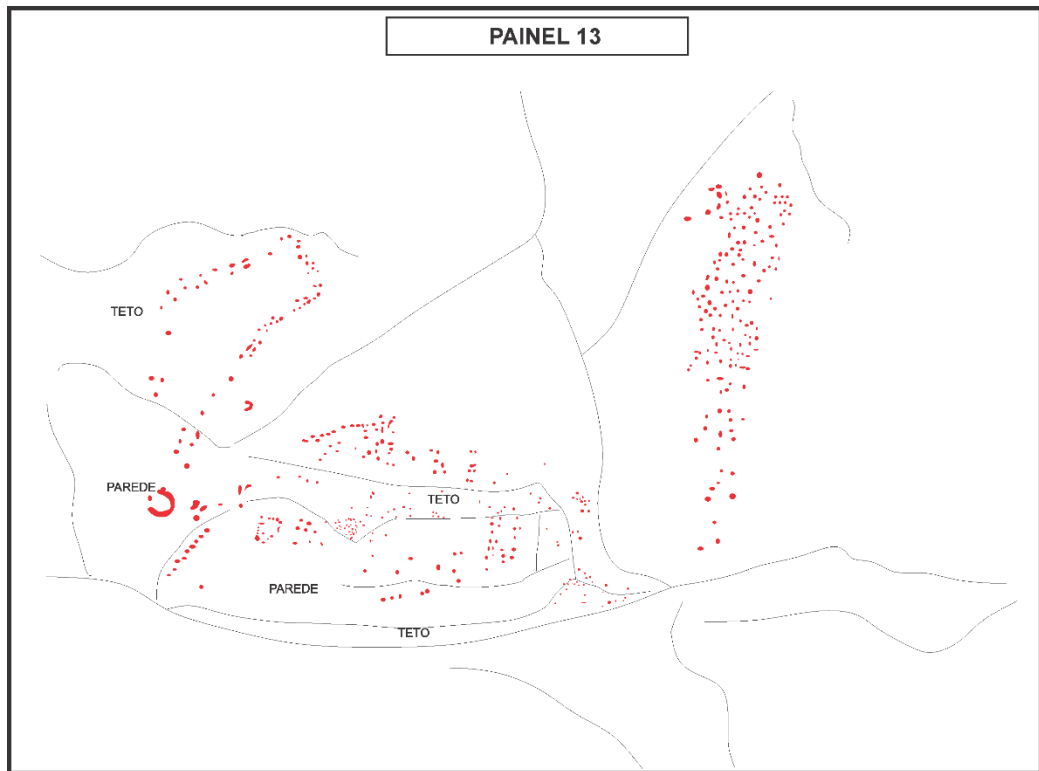


Crédito: Procópio, 2023.

3.7.2.13 Painel 13

O painel 13, localizado na parte inferior no segundo piso do abrigo, em paredes e tetos, é constituído por dezenas de agrupamentos de pontilhados e uma figura semicircular, todas em cores vermelhas.

Figura 175: vetorização do painel 13 (GO-CP-37 B).



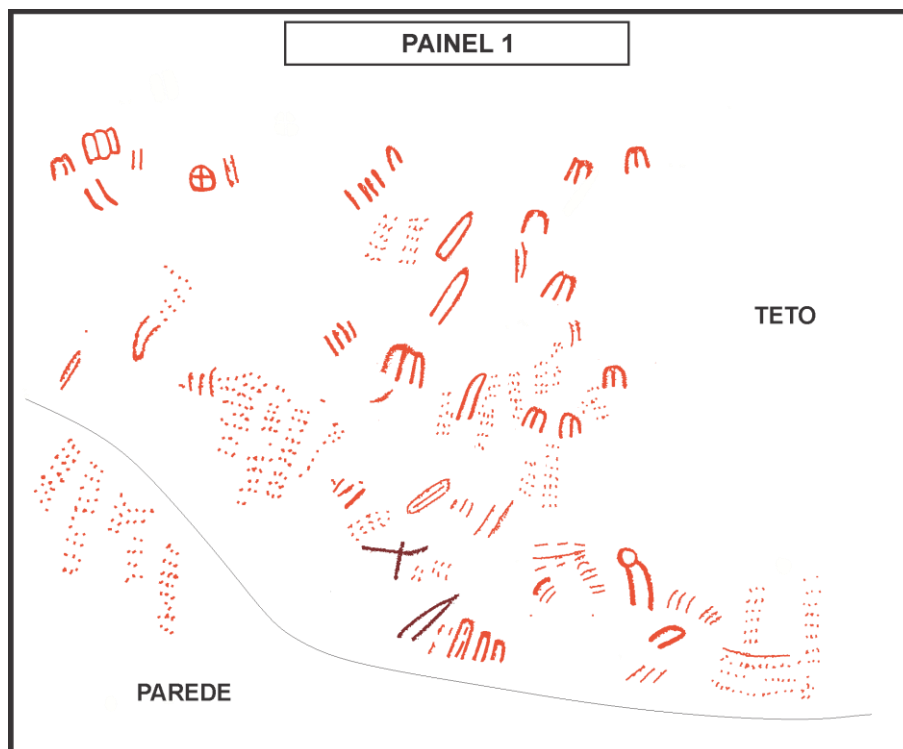
Crédito: Procópio, 2023.

3.7.3 ABRIGO GO-CP-37 C

3.7.3.1 Painel 1

Esse painel, o único possível de identificar à distância, é composto por figuras geométricas, e assim como ocorre nos painéis dos abrigos anteriores, é constituído por agrupamentos de pontilhados e bastonetes. Outras figuras geométricas também estão presentes, como cruciforme, e outras composições indefinidas. As cores dos grafismos são laranjas e vermelhas e estão localizadas majoritariamente no teto.

Figura 176: imagem do painel 1 vetorizada do abrigo C do sítio GO-CP-37.



Fonte: Prancha (SCHMITZ *et al.*, 1986), editado por Procópio, 2023.

Essas extensas análises, nos serviram para pensarmos sobre a ocupação dos diferentes grupos que ocuparam esses espaços. Todo o vestígio gráfico, bem como o seu contexto arqueológico e a paisagem, serviram para discutirmos sobre a construção das histórias e memórias, bem como nos fazem refletir sobre os lugares persistentes que foram ocupados ao longo do tempo por essas populações.

CAPÍTULO QUARTO



4 AÇÕES EDUCATIVAS

4.1.1 ESCOLA MUNICIPAL MARIA IZABEL DE FIGUEIREDO – PALESTINA DE GOIÁS

No dia 09 de março de 2023, nos períodos matutino e vespertino, realizamos ações educativas, sobre o patrimônio arqueológico de Palestina de Goiás, com os (as) alunos (as) e professores (as) das turmas no quarto ano. No período da manhã participaram das atividades, dez crianças e dois professores (as) e a tarde, doze alunos (as) e dois professores (as). A princípio, foi feita uma roda de conversa sobre a arqueologia, diversidade cultural, temporalidade da história do Brasil e Goiás e sobre os sítios arqueológicos e os grafismos rupestres de Palestina de Goiás. Durante a conversa, notei que, as crianças não tinham o conhecimento sobre a história profunda dos povos antigos que ocuparam o nosso país e as temporalidades da história. Segundo as professoras responsáveis pelo ensino dessa turma, o conteúdo ainda seria abordado no próximo semestre, por isso o desconhecimento. Ao mostrar em slide projetado, as imagens dos sítios arqueológicos de Palestina de Goiás, percebi que a maioria também desconhecia esses lugares. Ao questionar se já tinham visitado esses sítios, ou se sabiam da existência deles, a maior parcela das duas turmas respondeu “não”. A professora da turma da tarde, me informou que já estava organizando uma visita aos sítios arqueológicos da região do Córrego do Ouro, sobretudo o sítio Buriti Feio (GO-CP-04). Diante dessa informação, no final, reforcei sobre a preservação dos sítios e como podem refletir sobre a história das pessoas que viveram nesses abrigos.

Apesar de não dominarem o conteúdo, as crianças das duas turmas estavam interagidas com o assunto “diversidade cultural de Goiás” e me mostraram os cartazes colados nas paredes, de trabalhos recentes que fizeram sobre esse tema. A professora reforçou que o assunto é “novo” e estão explorando a temática. Após a apresentação, solicitei as crianças que desenhassem o que mais gostaram ou sobre o que chamaram a atenção, e percebi, que muitas delas passaram a relacionar as pinturas rupestres com os antigos indígenas, e outras copiaram alguns motivos dos estilos gráficos apresentados. Dessa forma, os desenhos feitos a lápis sob uma folha de papel em branco, foram o resultado recolhido para essa etapa, da qual apresento a seguir.

Logo em seguida, entregamos as crianças tintas, pinceis e uma cabaça vegetal para que pudessem replicar os desenhos feitos em papéis. Esse material finalizado,

foi levado por elas como lembrança da nossa atividade, com os adesivos com motivos rupestres vetorizados dessa pesquisa, para poderem servir como referência do patrimônio arqueológico da região sudoeste de Goiás.

Figura 177: desenhos realizados pela turma do 4º ano (matutino).

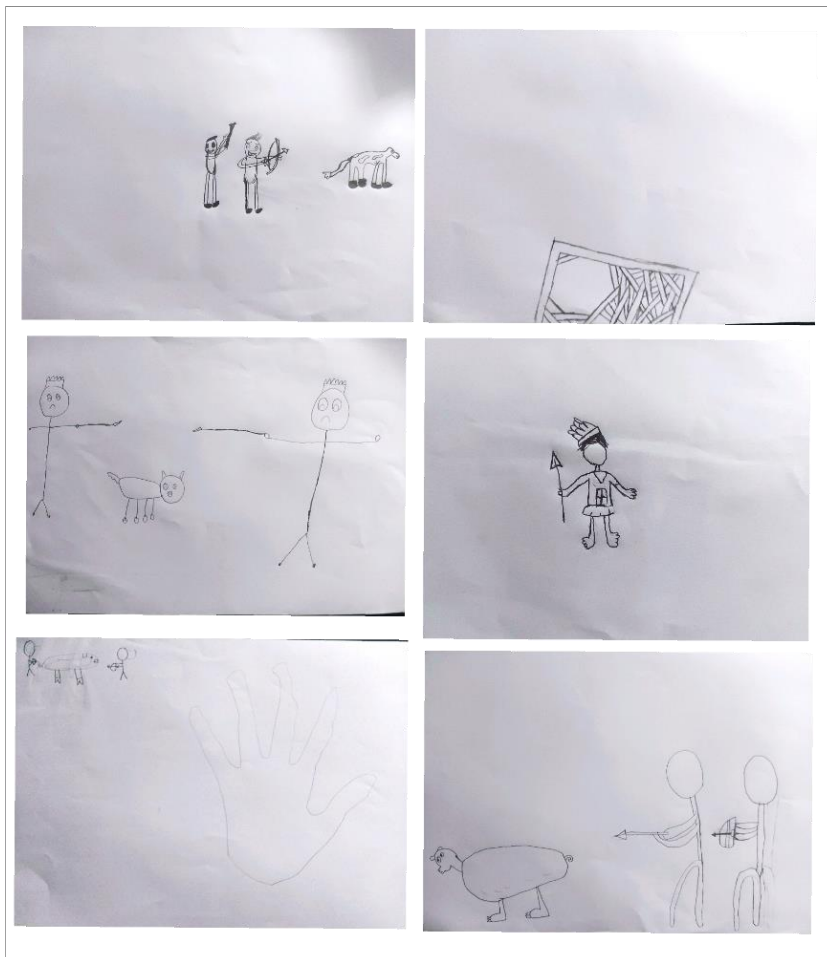


Figura 178: desenhos realizados pela turma do 5° ano (matutino).

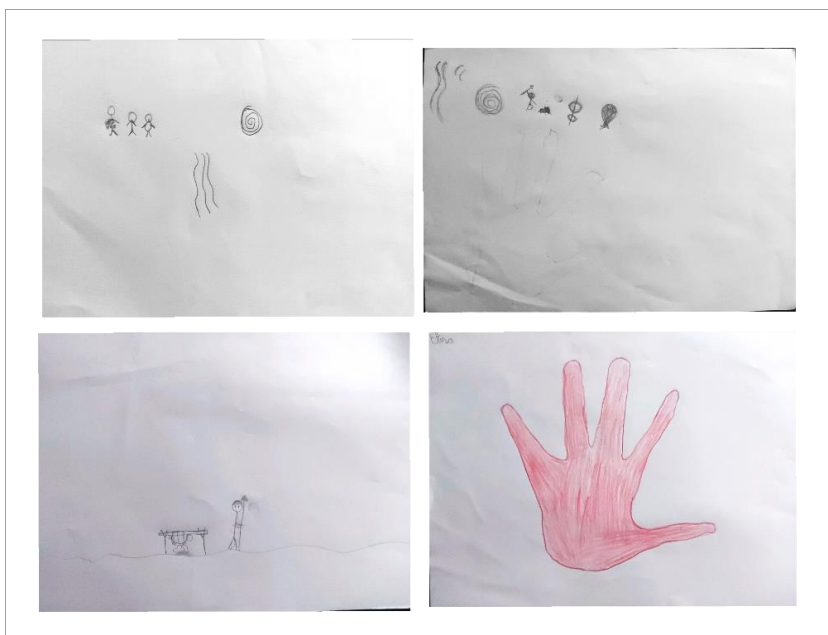


Figura 179: desenhos realizados pela turma do 4° ano (vespertino).



Figura 180: desenhos realizados pela turma do 4° ano (vespertino).

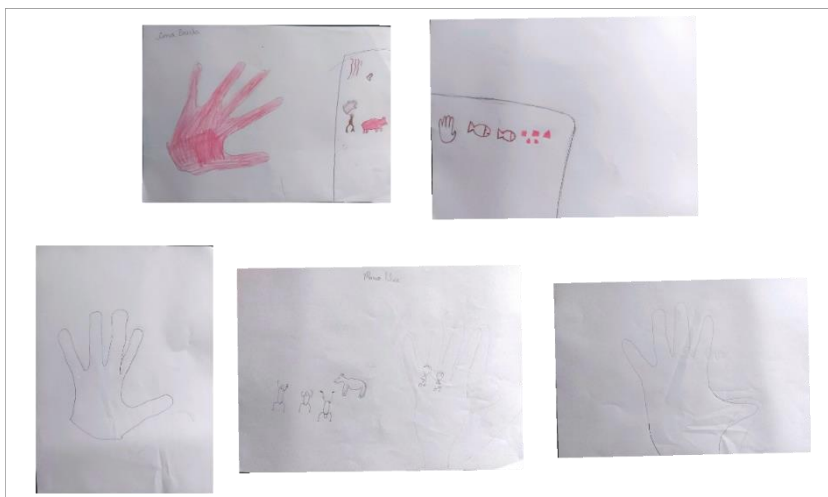


Figura 181: pinturas realizadas pelas turmas da escola municipal em Palestina de Goiás.



4.2 CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – IPORÁ

O encontro com os estudantes e docentes do curso de História da UEG em Iporá, ocorreu também no dia 09 de março, no período noturno, no miniauditório da universidade. Esse encontro, foi programado juntamente com o coordenador do curso e docente, Tiago de Jesus Vieira, que prontamente se prontificou em contribuir para a execução das atividades. Dessa forma, nossa “aula-aberta”, foi inserida junto ao evento da I semana de integração do curso de História. O convite, estendido para os demais cursos, teve a participação de pessoas de diferentes áreas profissionais e acadêmicas. Todavia, o número de participantes do questionário, foi menor, pois nem todos concordaram em participar da pesquisa.

Aos que participarão, foi distribuído o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde, a partir da leitura, esclareci junto aos voluntários, o objetivo da pesquisa e do questionário, a ética aplicada junto a CE da PUC-Goiás, os termos de participação e divulgação dos dados da pesquisa e respondi às dúvidas que surgiram. Enfatizei que, a participação era voluntária e que mediante a recusa, todos (as) poderiam participar da aula-aberta, mas apenas aqueles que assinaram o termo, poderiam responder o questionário.

Diante dessa informação, distribuímos o questionário, com o TCLE, e cedemos 20 minutos para o preenchimento. O objetivo de entregar o questionário antes da “aula-aberta”, como já foi esclarecido, é que as informações dos conteúdos não interferissem nas respostas. Após a devolutiva, iniciei a apresentação, onde foi

dividida em três momentos e a cada intervalo, foi aberto ao público, as dúvidas e percepções. Nessa fase, percebi que o tema da arqueologia e o patrimônio arqueológico era algo inédito para a maioria, apesar de terem informações sobre o assunto, muitos ficaram surpreendidos ao notarem que no Brasil, e principalmente, em Goiás, havia vários sítios arqueológicos. Muitos, por exemplo, desconheciam que em Palestina de Goiás, município localizado a cerca de 65 km de Iporá, havia um complexo arqueológico com 48 sítios registrados no IPHAN. Isso, ficou mais evidente, com o questionário, como será apresentado a seguir.

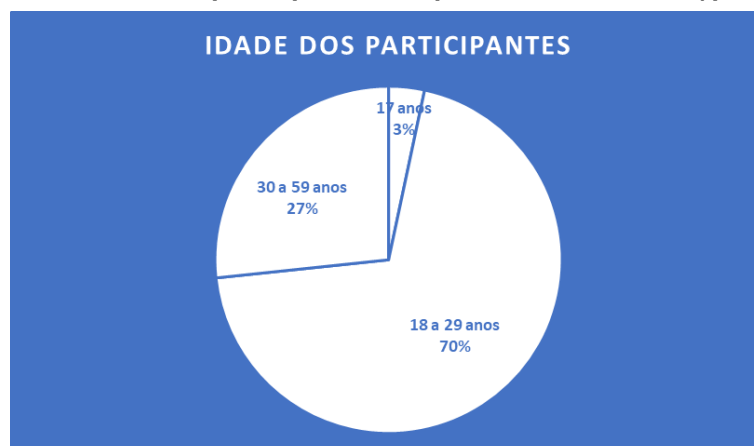
Após a exposição, convidamos o público, para ver alguns exemplares de réplicas de materiais arqueológicos que colocamos na mesa. Com isso, as pessoas puderam interagir e esclarecer suas dúvidas sobre a temática exposta. No final, distribuimos como lembrança da atividade, os adesivos do patrimônio arqueológico da região sudoeste de Goiás. Nesse momento, um estudante, morador de xxx me contou a seguinte história: -“minha avó, mora pertinho da fazenda da dona Ana⁷, onde tem os sítios arqueológicos, mas eu nunca fui lá conhecer. Na verdade, eu sempre tive curiosidade, mas meu pai nunca me levou lá. Sabe como é esse povo antigo, né professora! Mas agora eu vou sabendo de tudo isso, eu vou lá conhecer”.

Essa informação me fez refletir sobre a importância das pesquisas arqueológicas transcenderem os muros da academia. Nas atividades desenvolvidas nas instituições de ensino, notei a carência de informações e conhecimento que a própria comunidade local tem sobre o patrimônio arqueológico. E perceber a surpresa e o fascínio das pessoas ao descobrirem...

Diante disso, apresento a seguir, a resposta dos 30 participantes, que tinham até a presente data entre 17 e 59 anos, sendo a maioria (36%) composto por alunes do primeiro e sétimo período (20%) do curso de História, conformes os gráficos 1 e 2.

⁷ Dona Ana, assim como o Sr. Abraãozinho, é um casal que mora a mais de 50 anos na região onde estão os sítios arqueológicos do Córrego do Ouro. A fazenda do casal, serve de base para as pesquisas arqueológicas desde 2002. Em frente à casa, está localizado o sítio Buriti Feio (GO-CP-04), um dos poucos estruturado para visitação.

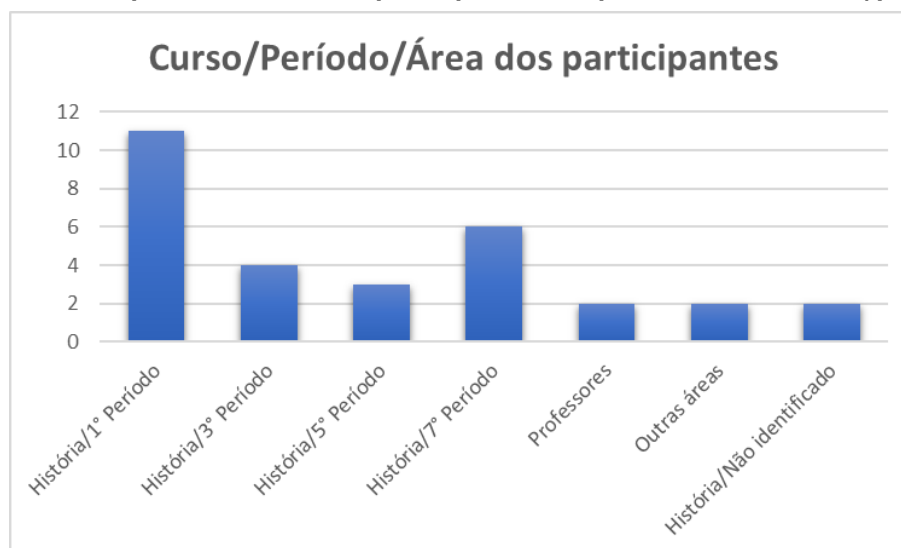
Gráfico 1: idade dos participantes do questionário da UEG (Iporá-GO).



No questionário, identifiquei uma aluna com 17 anos de idade (3%), 18 participantes com idades entre 18 e 29 anos (70%) e 27 % correspondem a idade de 30 a 59 (oito pessoas).

Sobre o período correspondente do curso de História da UEG, ou de outras áreas e professores entre os participantes, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 2: curso, período e área dos participantes do questionário da UEG (Iporá-GO).



Observa-se que, a maior participação são dos (as) alunos (as) do primeiro período, onze no total, seguido do 7º, com seis, 3º período, com quatro alunos, 5º, com 3 e professores, outras áreas e períodos do curso de história não identificados, foram dois em cada seção.

4.2.1 Questões e objetivos – mais que respostas – reflexões para pensarmos sobre o conhecimento da história profunda e o patrimônio arqueológico de Goiás

O questionário, conforme as tabelas de 1 a 5, foram elaboradas de forma simples e objetiva, para que todos os participantes tivessem condições de responder, mesmo sem nenhum conhecimento na área. As seis questões, com exceção de número 5, foram perguntas objetivas (sim ou não) e explicativas. A intenção dessas perguntas era compreender se o público detinha o conhecimento sobre o patrimônio arqueológico e a história dos povos antigos, sobretudo em Goiás. Com isso, através das respostas sim e/ou não, conseguimos processar dados quantitativos para dimensionar a problemática apresentada nesse trabalho. A seguir, as questões e as respostas objetivas e as tabelas e gráficos para representar os números.

Questão 1: Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Tabela 2: números de respostas da questão 1.

Questão 1	Total
Sim	26
Não	4

Questão 2: Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Tabela 3: números de respostas da questão 2.

Questão 2	Total
Sim/Sim	6
Não/Não	17
Sim/Não	6

Questão 3: Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Tabela 4: números de respostas da questão 3.

Questão 3	Total
Sim	25
Não	5

Questão 4: Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Tabela 5: números de respostas da questão 4.

Questão 4	Total
Sim	27
Não	3

Questão 5: O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Sobre essa pergunta, trago as principais respostas obtidas.

Tabela 6: principais respostas da questão 5.

Questão 5	Total
Comunicaria alguma autoridade	3
Doaria para uma unidade de pesquisa	1
Encaminharia para um centro de pesquisa	2
Entraria em contato/Informaria com alguma universidade	2
Entraria em contato com o IPHAN	1
Guardaria e depois procuraria um profissional	1
Guardaria/Ficaria com material	5
Informaria a um (a) pesquisador (a)	4
Levaria a um especialista	4
Levaria a um museu ou universidade	2
Levaria para um professor de história	1
Procuraria um órgão competente	1
Nada, não saberia identificar	1
Não sei	2

Questão 6: Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Tabela 7: números de respostas da questão 6.

Questão 6	Total
Sim	10
Não	20

Sobre as perguntas objetivas do questionário, temos as seguintes porcentagens:

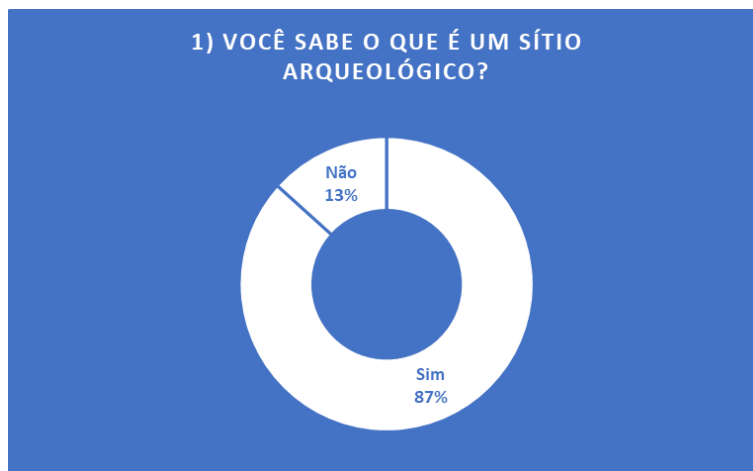
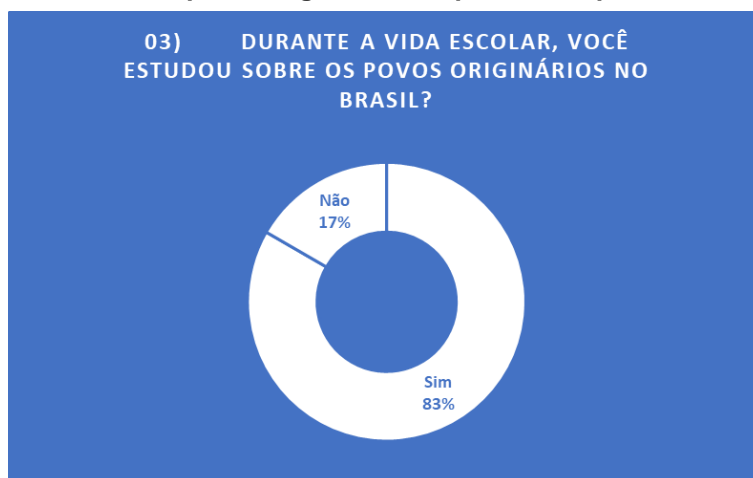
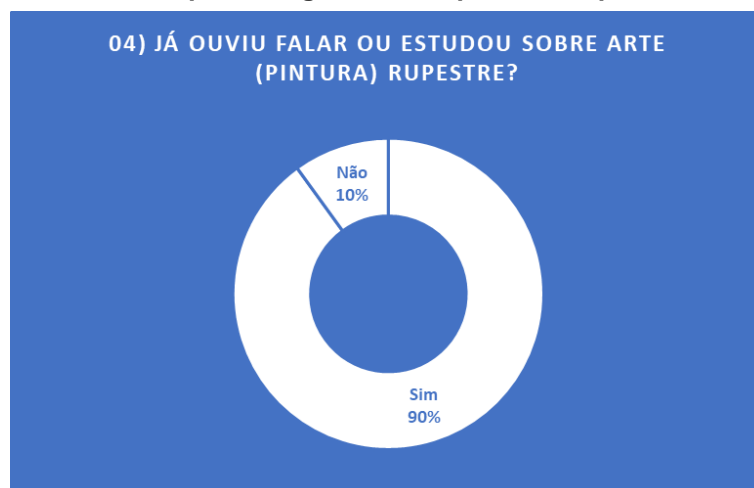
Gráfico 3: porcentagem das respostas da questão 1.**Gráfico 4: porcentagem das respostas da questão 2.****Gráfico 5: porcentagem das respostas da questão 3.**

Gráfico 6: porcentagem das respostas da questão 4.**Gráfico 7: porcentagem das respostas da questão 6.**

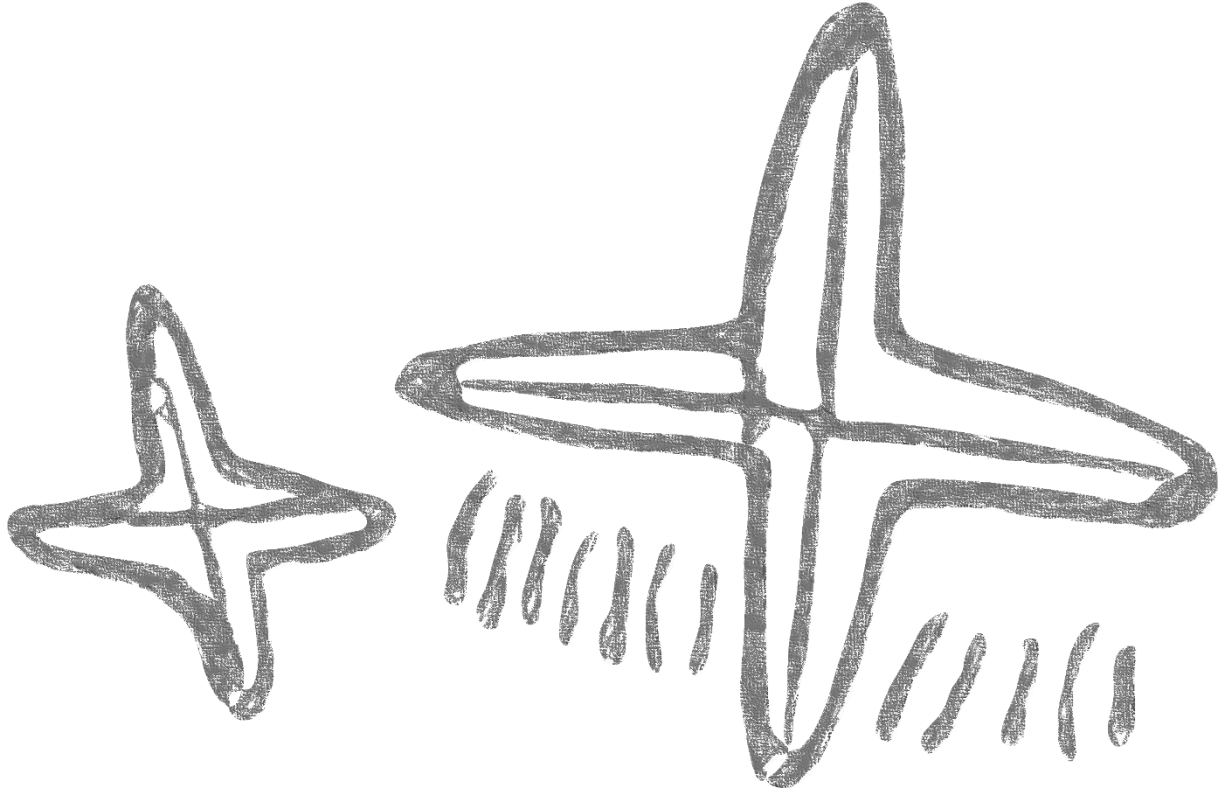
Como podemos observar, mesmo a maioria dos participantes terem conhecimento sobre questões sítios arqueológicos, arte rupestre e terem estudado sobre os povos originários do Brasil, a maioria (67%) desconhecem sobre a história profunda de Goiás, sobretudo dos povos que habitavam a região de Goiás, antes da invasão dos bandeirantes. Bem como, a maioria (58%) não sabem da existência de sítios arqueológicos da região onde moram.

Na questão 5, sobre o que fariam se encontrassem algum material ou vestígio arqueológico, mesmo com respostas distintas, quase todos os participantes, de

alguma forma, direcionariam ou comunicariam a instituições ou pessoas habilitadas para providenciarem o direcionamento adequado. Alguns, não saberiam o que fazer ou guardariam o material arqueológico, por desconhecer as orientações cabíveis.

No mais, esses dados serão discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO QUINTO



5 DISCUSSÕES DOS DADOS E FINALIZAÇÕES

A expressividade de informações e resultados obtidos através dessa pesquisa de dissertação, mesmo em meio a tantos obstáculos encontrados, permitiu compreender mais um pouco sobre as sociedades pretéritas que ocuparam os espaços do Planalto Central. Inseridos nesse grande território brasileiro, os vestígios presentes nos sítios arqueológicos em Torres do Rio Bonito, em Palestina de Goiás, podem ser comparados às fissuras de um muro, onde podemos espreitar o passado. As centenas de grafismos rupestres ali presentes, nos contam parcelas de histórias de pessoas que não estão mais vivas, mas que permite que observemos em silêncio; como sussurros, os desenhos, as rochas, a paisagem, vão formando as “páginas” dessa história. Se esforçarmos e ficarmos atento, vamos conseguir lê-las. Paraphrasing Vitor Oliveira Jorge (2000): “todo o espaço é uma imensa sobreposição de “textos” onde está escrita a experiência da nossa espécie e que só esperam por quem os saiba ler” (JORGE, 2000, p.99). E foram nessas tentativas de leituras e interpretações que produzi os dados e realizei as discussões e conclusões dessa pesquisa.

Quando observei as inúmeras pinturas nos sítios em Torres do Rio Bonito a primeira vez, eu me questioneei. Por que tantas imagens foram desenhadas nesses abrigos? Por que a “insistência” e persistência em pintar nas rochas, onde muitas vezes, os lugares escolhidos para executar a tarefa, parece tão difícil de alcançar? Por que tão alto? Por que tão escondido? Por que tão pequeno ou grande o desenho? Essas perguntas me motivaram desde 2018 a investigar os grafismos rupestres do complexo arqueológico de Palestina de Goiás. Quem já teve a oportunidade de conhecer de perto, percebeu que esses grafismos são diferentes de muitos outros lugares no Brasil.

Quando iniciaram as primeiras pesquisas nessas áreas, a tendência nos estudos da arqueologia, advindos do Histórico Culturalismo, era a classificação e o ordenamento da cultura material, sobretudo nos aspectos advindos do difusionismo e evolucionismo europeu (COSTA,2013). Essa vertente busca, certas regularidades culturais para explicar a diversidade e a dinâmica cultural (SYMANSKI, 2021) dos vestígios arqueológicos, no tempo e no espaço.

Nos estudos dos grafismos rupestres, essa orientação epistemológica, estabeleceu os critérios teóricos-metodológicos para a definição das tradições e estilo rupestres. As grandes tradições rupestres no Brasil foram divididas, segundo Prous (2019), em sete, denominadas em: Meridional, Geométrica, Planalto, Nordeste, Agreste, São Francisco e Amazônica. Como apresentou Linke (2014): “Classificar virou um modo de enquadrar os vestígios em uma suposta ‘realidade’ cultural: a tradição” (LINKE, 2014, p.3). No caso dos grafismos rupestres em Palestina de Goiás, os pesquisadores da década de 1980 (SCHIMITZ *et al.*, 1980), não os incluíram em nenhuma delas. Isso se deve pelo fato de não encaixarem dentro desses critérios pré-definidos; conseqüentemente, as representações gráficas dessa região, receberam uma categorização própria, denominado de Estilo Caiapônia. Esse estilo regional, a princípio, estava expressamente marcado, como Barberi (1984) e equipe de Schmitz (1986) descreveram, pela liberdade de expressão e pelo movimento.

Lendo as duas obras, identifiquei que a palavra liberdade estão se referindo justamente a não regularidades das representações nos sítios em Palestina de Goiás, comparada à de outras regiões no Brasil. A interpretação que se faz, baseia-se no fato de existirem, dentro do Estilo Caiapônia, um pouco de tudo (de cada tradição), com uma “pitada” de regionalidade, formando um estilo próprio do complexo.

Mesmo que alguns estilos gráficos desses sítios apresentem, em raros casos, algumas semelhanças com os grafismos rupestres das grandes tradições (Tradição Planalto, Nordeste e Geométrica), em geral, eles possuem suas próprias características de composição. “No presente momento não incluímos o estilo Caiapônia em nenhuma das grandes tradições já definidas por não estarem suficientemente claras as suas relações” (SCHMITZ *et al.*, 1986, p. 301).

A apropriação, a construção, a transformação e o uso/manejo da paisagem por grupos humanos em diferentes períodos da história, podem contribuir, como foi apresentado (RUBIN *et al.*, 2020), para o entendimento do comportamento e das práticas culturais desenvolvidas nesses espaços. A inserção dos abrigos na paisagem, a sua localização no contexto fisiográfico, a estrutura dos sítios e o acesso a eles, os tipos de evidências arqueológicas e dentre outros, foram elementos importantes que observamos durante a investigação.

Ao analisarmos os sítios dessa pesquisa, percebe-se, a existência de elementos comuns quanto sua localização no compartimento dos espaços naturais e na sua morfologia. Salvo o sítio GO-CP-34, os demais sítios estão inseridos no alto dos testemunhos areníticos e de difíceis acessos, onde a única evidência materializada, até o momento, são os grafismos rupestres. Isso faz aventar duas hipóteses: devido ao acesso ser dificultado e estar localizado em locais altos, seriam os abrigos frequentados por públicos “selecionados”, ou como propôs Ribeiro (2008) “uma auditório pré-concebido”? E seriam esses locais, escolhidos para práticas específicas, como rituais ou cerimoniais, como já aventado para o sítio Abrigo do Índio (PROCÓPIO; VIANA, 2021) e agora estendido as demais aqui em análise?

Sabemos também que os sítios GO-CP-29, GO-CP-33 e GO-CP-37 A, estão localizados na extremidade norte dos morros de testemunho, permitindo ter uma visão de todo o vale. Diante disso, é possível que esses sítios poderiam ter sido usados como locais estratégicos do grupo. Sabendo que os “locais pintados foram resultado de escolhas culturais (...) acredita-se que as pinturas foram postas em locais que se julgavam apropriados e adequados” (LINKE, 2013, p.119). Outro elemento a ser notado nas estruturas dos abrigos, são os curtos tetos e espaços para proporcionarem abrigo a uma grande quantidade de pessoas e por longos períodos. Isso reforça a ideia da ocupação temporária desses abrigos e o uso desses espaços para práticas sociais específicas.

Os grafismos rupestres são vestígios que nos permitem perceber a relação entre pessoas e paisagem, pois entendemos que a paisagem está vinculada às atribuições e significados sob a ótica cultural de cada grupo (CORTELETTI; DEBLAIS, 2018). Além da localização do sítio, como foi discutido anteriormente, as intervenções feitas nos suportes rochosos do abrigo, através dos grafismos rupestres, permitiram perceber a formação da paisagem cultural, como já foi apresentado em trabalhos de outras regiões do Brasil, como em Minas Gerais (LINKE, 2008; ISNARDIS, 2009; ISNARDIS e LINKE, 2010).

A partir do tipo de suporte e da localização das figuras no painel, baseado nas compartimentações naturais do abrigo, podemos observar uma variação de escolhas dos autores (das autoras). O estilo da figura, a temática, as suas dimensões e o seu alcance visual, revelam as estratégias culturais dessas pessoas, onde é nítido que não foram escolhas aleatórias.

O sítio GO-CP-29 contém pouco mais que 300 figuras, onde a maioria dos painéis, se destacam na paisagem pelos seguintes aspectos: pela densidade de pinturas e suas dimensões que, comparado aos outros sítios, são mais expressivos; pela diversidade de temáticas e cores; e pelas diversas sobreposições de figuras, situação não comum para o complexo arqueológico de Palestina de Goiás.

Além das sobreposições, as imagens de figuras humanas em cenas ou em movimentos, presentes no mesmo suporte rochoso do abrigo GO-CP-29, é outro diferencial desse sítio. Através dos membros do corpo das figuras humanas, como a flexão das pernas e braços, por exemplo, permitem reconhecer os gestos e ações sugeridas, como uma dança, atividades de caça, uma brincadeira ou um ritual. Da mesma forma, outros atributos e acessórios que compõe o contexto cenográfico, como os porretes em mãos, ajudam na compreensão, como sugere Etchevarne (2009), da ação dos indivíduos representados e envolvidos em cena.

Seguindo essa mesma perspectiva, as cenas e os movimentos dos animais, foram reproduzidos. Os quadrúpedes, sugerem ações e movimentos, pela posição das patas dianteiras e traseiras, bem como pela posição da cabeça, orelhas e cauda. As inúmeras figuras vazadas e de traços finos, evidenciam o tratamento e o cuidado para a execução dos desenhos. Dessa forma, pode-se sugerir, que houve um planejamento prévio para a escolha do local a ser executado, da pessoa qualificada para desenhar, ou seja, é possível que houve uma demanda de tempo para realização desses desenhos. Isso reforça também, a importância do registro gráfico para os grupos que habitaram a região de Palestina de Goiás e o do tempo envolvido na construção de memória social através da criação de narrativas.

No entanto, o abrigo GO-CP-29, se particulariza por conter muitas sobreposições gráficas formando um palimpsesto rupestre que possibilitou uma investigação diacrônica para identificar os momentos gráficos da construção dos painéis gráficos do sítio. Diferente de alguns autores e autoras (LINKE; ISNARDIS), que utilizaram dessa metodologia para avaliar os conjuntos estilísticos da região investigada, esse trabalho, pelas inúmeras dificuldades já apresentadas e por ser apenas uma parcela de todo o contexto de Palestina de Goiás, trará apenas os diferentes momentos de intervenção dos painéis em análise. Isso significa dizer que não estamos definindo conjuntos estilísticos para a região, todavia, esses estudos podem contribuir para uma investigação macro desses sítios arqueológicos.

As repetidas intervenções no painel podem indicar, as complexas negociações envolvidas na construção permanente da memória social e na manutenção da paisagem. Os painéis do sítio GO-CP-29, nessa perspectiva, resultou de uma sucessão de histórias que, longe negando ou ressignificando as figuras anteriores, foram integradas e intercaladas na superfície rochosa, compondo uma narrativa construída (RECALDE, 2018) ao longo do tempo por muitas gerações, e inclusive incorporando-as.

Outro fator que evidencia a relação da permanência da memória social e a manutenção das narrativas, é observado na forma como ocorrem as sobreposições. Como vimos, as figuras sobrepostas por motivos diferentes, resultam numa aparente substituição ou anulação da imagem. Ao contrário, quando a interação entre a figura mais recente e a antiga ocorrem minimamente, ocorrendo uma pequena sobreposição. Ou ainda, quando o processo de evocação foi produzido completando motivos ou repintando figuras pré-existentes, onde não só a forma, mas também a cor foi respeitada, como é o caso da imagem do painel 1.

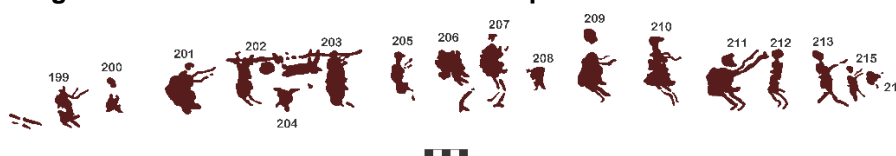
Diferente do que ocorre no sítio apresentado anteriormente, o Abrigo do Índio (GO-CP-33), apesar de ter muitas figuras, chegando a cerca de 1000 figuras, as sobreposições não ocorreram com tanta frequência. No trabalho de 2019, registrei apenas duas figuras sobrepostas, e na presente pesquisa, foram sete sobreposições identificadas na ala B, duas do tipo reciclagem e cinco do tipo mínimo. As figuras humanas, poucas vezes foram desenhadas. Os zoomorfos, por sua vez, aparecem em quase todos os painéis, principalmente em forma de animais quadrúpedes e peixes, os quais poderiam estar associados ao que foi caracterizado como tradição Planalto. Segundo estudos realizados nos sítios arqueológicos de Minas Gerais, as figuras dessa tradição, são sempre as figuras mais antigas presentes nos sítios (PROUS, 2011), um indicativo importante para relacionar as imagens do GO-CP-33 com as demais do Planalto Central.

No entanto, as figuras de formas não definidas e as imagens geométricas, são as que estão mais quantitativamente representadas. Elas se apresentam, aparentemente, desorganizadas para os expectadores da atualidade. Todavia, isso reforça os discursos de que, teriam sido construídos como histórias paralelas, a partir da conjunção de figuras comuns ou compartilhadas ou ainda por motivos comuns, mas organizados em novas expressões.

Todavia, pode-se observar que além das sobreposições, algumas figuras parecem incorporar outras já existentes no paredão, o que pode ser compreendido como uma forma de compartilhar e/ou complementar a imagem. Situações semelhantes foram registradas em outros sítios do território brasileiro, como no Vale do Peruaçu, por Linke e equipe (2020).

Em relação as cenas e as figuras que denotam movimento ou ação, temos uma imagem bastante peculiar, estudada no trabalho anterior (PROCÓPIO, 2019), onde estão representadas diversas figuras humanas em miniaturas, muitas do sexo masculino (evidenciadas pela presença do falo), enfileiradas, executando alguma atividade em grupo. Essa cena está pintada rente ao chão do abrigo (GO-CP-33), quase imperceptível, considerado um painel de baixíssimo alcance visual.

Figura 182: cena miniaturizada de antropomorfos no sítio GO-CP-33



Fonte: Procópio, 2019.

No painel 2 do sítio GO-CP-33, as figuras zoomorfas se assemelham à cena anterior, pois evidenciam, movimentos ou ações em grupos. E da mesma forma que ocorre no painel 1 do sítio GO-CP-29, as duas figuras carregam também em suas mãos um objeto roliço, que poderia ser um porrete (borduna) ou um propulsor. Esse tipo de objeto, se assemelham aos citados pelos cronistas e viajantes do século XVIII, no sertão goiano, como apresentado do capítulo 2.

Figura 183: antropomorfos em movimento no painel 2 da ala B (GO-CP-33).



As figuras bicrômicas da ala B, sobretudo as identificadas em campo em maio de 2022, possuem características de execução comuns. Com exceção do painel 30, onde a representação bicrômica é zoomorfa, as demais são figuras geométricas ou

de forma indefinida. A única que se encontra sobreposta é a figura do painel 32; as demais, dos painéis 7, 34, 36, 40, 42 e 43, mesmo que estejam associadas a outras figuras, encontram-se “isoladas” das demais pinturas, aparentemente, sem interação com outros desenhos. Isso implicaria em deduzir também, como propõe Recalde (2018), a flexibilidade desse sistema simbólico com o espaço, onde os pertences eram negociados. Esse afastamento, não implicaria em imutabilidade, mas na construção de uma memória ressignificada ou em uma nova memória social.

O abrigo GO-CP-34, é o sítio que dentre os demais pesquisados, possui menor número de representações gráficas, sendo a maior parte composta por figuras pontilhadas agrupadas. Observa-se também que há poucas associações de figuras, entre motivos diferentes ou iguais, assim como, muitos grafismos isolados. Através da análise das imagens fotográficas disponíveis em acervo, não foram identificadas sobreposições de figuras. Essas composições, podem evidenciar as fronteiras entre os espaços, à medida que as narrativas foram sendo inseridas nos suportes rochosos.

Os abrigos A, B e C do sítio GO-CP-37, apresentam particularidades em relação a estrutura rochosa de cada um, no acesso que se dá a eles e na disposição das figuras nas paredes e tetos. Na temática das pinturas, os abrigos se assemelham pelos desenhos geométricos, em especial o agrupamento de pontilhados. A recorrência desse tipo de grafismos nos três abrigos, pode ser entendido como um lugar de experiências relacionadas com a paisagem, pessoas e objetos, onde as práticas de uma representação e talvez, da regulamentação de um sistema de símbolos culturais de um grupo, foi praticado e executado de diferentes formas. Como apresentou Bender (2006), o mesmo lugar pode ser experimentado por pessoas diferentes ao mesmo tempo, assim como o lugar pode ser experienciado em diferentes momentos pela mesma pessoa. Além disso, consideramos os efeitos variáveis de particularidade histórica e cultural, as permutações sobre como as pessoas interagem com o lugar e paisagem são quase intermináveis.

Sobre os grafismos geométricos, temos que considerar que essas representações gráficas têm um caráter mnemônico e estão profundamente enraizadas na vivência e nos enredos dos grupos produtores (RIBEIRO, 1985). As relações sociais e os símbolos culturais, só podem ser decodificados por aqueles que entendem profundamente o conhecimento cosmológico e a organização social referentes aos elementos culturais do grupo. Ou seja, esses aspectos culturais e as

visões de mundo, só podem ser acessados por aqueles que compartilham e vivenciam esse sistema. Nesse caso, como apresenta Didi-Huberman (2010), a imagem perpassa a linearidade do tempo, ela sobrevive os diferentes tempos e atravessa a contemporaneidade. A memória registrada pela imagem é reconfigurada no presente, diante do olhar de quem a vê. Por isso, nós pesquisadoras (es), precisamos ter cautela em nossas análises, pois não devemos projetar a visão de mundo que temos, sobre os valores da realidade do passado. Diante de nós, a imagem atemporal, é também dialética, pois permite nos aproximar o passado com o presente (DIDI-HUBERMAN, 2021; QUADROS, 2021).

5.1 AÇÕES EDUCATIVAS

5.1.1 Uma reflexão sobre o pensamento hegemônico e colonialista – a arqueologia rumo a decolonialidade

A partir da concepção de uma trajetória linear, unidirecional e contínua – originada no Iluminismo do século XVI – que tinha a Europa e os europeus como os principais agentes da modernidade/colonialidade, se constituiu o paradigma de evolução cultural (MORGAN, 1877), que classificava os povos como primitivos ou civilizados, tradicionais ou modernos. O tempo vetorial (unidirecional) é um dos suportes epistêmicos da modernidade, que direcionou o surgimento da disciplina arqueológica e que está estreitamente ligado a uma visão particular da estratigrafia, dando respaldo material para o tempo vetorial da história humana criada pelo ocidente (HABER, 2008).

A partir dos anos de 1970, sobretudo com a criação do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) no final de 1990, intelectuais latino-americanos, têm discutido uma renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI. “O movimento de descobrimento e de revalorização das teorias e epistemologias do sul tem crescido nos últimos anos em diversas áreas e universidades do mundo” (BALLESTRIN, 2013, p.66).

Esse movimento epistemológico também influenciou a arqueologia nas últimas décadas. Movimentos em direção à descolonização do pensamento arqueológico, sobretudo na América do Sul envolveram a transformação do conhecimento hegemônico, orientados pelo conhecimento universal e teórico-metodológico colonialista.

Todavia, mesmo caminhando para uma ruptura do conhecimento hegemônico colonialista, conforme Haber (2008), as observações oferecidas pela arqueologia são, inevitavelmente ainda guiadas por uma experiência colonial. Conforme apresenta Noelli e Ferreira (2007), baseado no arqueólogo sul-africano Martin Hall (2000) e em Gosden (2002), as “representações coloniais ainda povoam as interpretações sobre a cultura material dos “países periféricos”. Os arqueólogos, de um modo geral, continuam aprisionados por estereótipos coloniais” (NOELLI; FERREIRA, 2007, p.1257).

Nesse caminho, de propor uma arqueologia decolonial, diferentes pesquisadores em todo o Brasil têm desenvolvidos pesquisas que consideram outras percepções e narrativas. Entre centenas de trabalhos desenvolvidos, trago alguns exemplos: Arqueologia de gênero – desenvolvidas a partir dos anos de 1980/1990, traz a teoria de gênero, teoria queer e o feminismo teórico e militante (PAGNOSSI, 2017; RIBEIRO, 2017; FURQUIM; JÁCOME, 2019; BAUDELARIE, 2021); Arqueologia negra e da diáspora africana – surge em meados de 1990 e tem a proposta contracolonial de abarcar epistemologias e cosmopercepções de povos africanos e afrodescendentes pela memória, oralidade, materialidade e lugares (COSTA e SOARES, 2022; HARTEMANN e SOARES, 2018; SYMANSKI, 2014; FERREIRA, 2009); Arqueologia indígena, Arqueologia Colaborativa e História indígena – sob a perspectiva indígena, busca-se romper a epistemologia ocidental e através da narrativa dos povos originários, formular as interpretações e o significado dos vestígios arqueológico e suas implicações entre o passado e o presente (JÁCOME e WAI WAI, 2020; CORRÊA, 2013; OLIVEIRA, 2023, 2015; VILARIM *et al.*, 2022; SILVA, 2021,2012; TUYUKA e VALLE, 2019).

Os exemplos acima, não são os únicos trabalhos desenvolvidos no Brasil e nem se findam dentro desses contextos. Perceber a arqueologia sobre diferentes visões e narrativas, rompendo com a proposta da epistemologia europeia que configura toda teoria e metodologia, tem sido aplicado em diferentes pesquisas e em diversos países que reconhecem a necessidade de uma proposta decolonial, sobretudo os países advindos da violência colonialista. Desse modo, ser uma arqueóloga ou um arqueólogo “indisciplinada (o)” como sugere Haber (2008), significa exercer um saber fundado na ruptura metafísica, na forma cultural diferenciada adotada no conhecimento do passado. É quando a história é escrita de acordo com o

cânone do estado nacional, sendo conhecido de forma particular (pós-colonial), sem os moldes propostos pelo conhecimento colonial.

5.1.2 As ações educativas nas instituições de ensino em Goiás – como as pesquisas arqueológicas estão contribuindo para (ree)pensar a história dos povos originários e o patrimônio arqueológico?

Desde os primeiros momentos da pesquisa em campo até a elaboração de textos e a sua comunicação, a Arqueologia constrói diversas narrativas e, nesse processo, cria e articula com diferentes sujeitos. Enquanto isso, estabelece conexões que são dinâmicas e contextuais, onde o passado está sendo continuamente recriado e não pode ser visto como um dado inanimado, mas sim como uma trajetória, uma relação genealógica entre ele e o presente (HABER, 2008). Diante dessa reflexão, entende-se que, o produzir conhecimento arqueológico sobre esse longo período da História, é construir narrativas sobre histórias dos povos originários das Américas, como sugere Krenak (1992) e Munduruku (2012), uma História indígena.

Diante disso, é preciso elaborar discursos alternativos, fundamentados em uma revisão crítica que viabiliza a desconstrução de informações generalistas e colonialistas, que foram reforçados ao longo dos anos nas Américas, em especial no Brasil. A história dos povos indígenas, muitas vezes, é transportada para um suposto passado imemorial e neutro, quase fictício, que se pretende sem relação com o mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, as discussões sobre os povoamentos das Américas, deve ser entendida como narrativas sobre as origens dos povos ameríndios e, portanto, podem ser considerados marcos fundadores de uma longa história profunda.

No Brasil, essa dissociação entre sociedades ameríndias do presente e contextos arqueológicos desse longo do período de ocupação do continente – antes da invasão europeia – se consolidou também nas pesquisas científicas. A fragmentação do tempo, advinda de termos como a “pré” história, ainda persistem na historiografia, bem como na produção científica da arqueologia, criando não apenas a homogeneização, mas também a fragmentação do tempo e consequentemente a ruptura de outras narrativas (BUENO, 2019; OLIVEIRA, 2015; MUNDURUKU, 2012). Essa reprodução permeia no imaginário da população brasileira em geral, trazendo a noção de um passado incompreendido, imparcial e sem relação com o mundo atual e

com o cotidiano das pessoas. Isso provoca o não reconhecimento da sociedade com sua história profunda e logo, com o patrimônio arqueológico. Todavia, como foi apresentado no capítulo 2, esse pensamento hegemônico, é um projeto articulado e orquestrado por aqueles que operam o poder central moderno.

Para evidenciar como a experiência ou a falta do conhecimento dos povos originários permeiam nas instituições de ensino e na sociedade, bem como desassocia os sítios arqueológicos do presente com essas narrativas, utilizo como amostra importante o levantamento de dados pelo mestre Crisnamurte Alves Carneiro (2022) através de sua dissertação intitulada “Colonidade do saber: narrativas e iconografias indígenas nos livros didáticos de História do Colégio Ana Algemira do Prado em Palestina de Goiás”. Durante sua pesquisa de mestrado, Carneiro (2022) constatou, através de um questionário aplicado aos alunos do colégio estadual de Palestina de Goiás, que grande parte da população estudantil tinha “conhecimentos superficiais com relação às comunidades indígenas brasileiras, *sobretudo da sua vivência [grifo nosso]* em tempos pretéritos no espaço territorial onde hoje esses alunos vivem” (CARNEIRO, 2022, p. 136). O pesquisador verificou ainda que a maioria desses estudantes, moradores da região de Palestina de Goiás, apesar de terem conhecimento acerca da existência dos sítios arqueológicos, poucos tiveram contato *in loco* com esses espaços.

Essa realidade é semelhante ao levantamento realizado nas instituições de ensino em Palestina de Goiás e Iporá para compor a presente pesquisa. Apesar de se tratar de dois grupos distintos, com informações e conhecimentos diferentes, a falta da compreensão da história dos povos originários em Goiás e dos sítios arqueológicos da região, ficou evidente durante as atividades e ações educativas. O objetivo dessa avaliação, foi despontar o quão complexo é o problema do conhecimento da história e do patrimônio arqueológico, e nesse caso, no estado em Goiás. Como demonstram os dados, a maioria dos estudantes, cerca de 70% desconhecia a existência de sítios arqueológicos na região em que moravam ou estudavam e cerca 67% não conheciam a história dos povos que viviam em Goiás, antes da chegada dos bandeirantes e colonizadores .

Esse tipo de discussão sobre a história dos povos originários, acende não só a questão de outras narrativas e temporalidades, mas também a existência do patrimônio arqueológico. Além disso, a falta de conhecimento sobre esses sítios

arqueológicos, compromete a preservação deles, deixando-os sujeitos a destruição. Como apresentado no capítulo 2, Bezerra de Almeida (2003), acredita que o problema não é o desconhecimento, mas a forma como se conhece e por consequência se reconhecem na história e no patrimônio cultural. Todavia, acreditamos que, o principal entrave sobre essa relação está enraizado na herança colonialista, que se manifesta no conhecimento transmitido pelas instituições de ensino. Faz-se necessário que, pesquisadores e educadores, compreendam os processos de continuidade e de mudança dos grupos humanos ao longo dos tempos, uma vez que são considerados sujeitos dotados de agência, que ressignificaram as relações sociais e negociaram as suas culturas.

A dissertação de Oliveira (2016), apresenta uma pesquisa que também pode auxiliar na reflexão sobre essa discussão. Em sua pesquisa com a comunidade rural de Palestina de Goiás sobre o patrimônio arqueológico presente na região. As pessoas entendem “que as pinturas são naturais da rocha e, por essa razão, foram feitas por Deus” (2016, p.93) e são incrédulos na perpetuação da obra humana. Essa memória narrativa está embasada na raiz do discurso cristão, já que a maioria da população palestinese é oriunda da religião evangélica (45,95%) e católica romana (41,94%), segundo dados do IBGE (2010).

Outro dado importante é registrado pela equipe de Schmitz (1984), onde a comunidade na época contatada, associavam as pinturas com o “folclore local”, atribuídas aos gigantes. Segundo a pesquisa historiográfica, os lendários “índios gigantes”, estão relacionadas aos denominados Caiapó do Sul e que seriam os atuais Panará (GIRALDIN, 1977; ARTN *et al.*, 1998). Sem ter o objetivo fazer relações diretas entre os grafismos rupestres a esses indígenas, podemos notar que, a memória sobre a existência desses indígenas na região, ainda é perpetuada pela população local, sobretudo pelos antigos moradores da região, como evidenciei no levantamento em campo, em maio de 2022. Mesmo que, a região onde estão localizados os sítios, como apresentado no capítulo 1, tem sido ocupada na atualidade, majoritariamente por grandes proprietários do agronegócio, alguns antigos moradores da zona rural, ainda detém lembranças acerca da presença de povos originários naquele território.

Contudo, o que observamos, pelos dados apresentados, é um desconhecimento, não exclusivamente da existência dos sítios arqueológicos, mas da incompreensão da história profunda dos povos originários, evidenciada, dentre outros

vestígios, pelas memórias desenhadas nas rochas de Torres do Rio Bonito. Diante disso, questionamentos surgem: é intencional o apagamento das histórias e memórias por grupos detentores do poder educacional, político, econômico e religioso? Como a matriz curricular das instituições de ensino público municipal e estadual está sendo estruturada? O que a sociedade científica, na qual, incluo nós arqueólogas e arqueólogos, tem contribuído para a reflexão do da história dos povos originários e do patrimônio arqueológico?

5.2 CONCLUSÕES

Os elementos que compõe o repertório dos grafismos rupestres identificados em Torres do Rio Bonito – antropomorfos, zoomorfos e geométricos, integravam a estrutura do sistema simbólico dos grupos pretéritos. Sua análise fornece pistas para interpretar a materialização dos aspectos culturais e memórias, manifestada na execução recorrente de tipos específicos de motivos, ou mesmo uma forma peculiar de representação gráfica. representando seu design (ou seja, o cânone). Da mesma forma, sua repetição e circulação no tempo e no espaço os transformaram em um traço na memória coletiva (SEVERI, 2010), que fortaleceu o significado social de pertencimento do grupo.

Os tipos de sítio nos dizem sobre aspectos da ocupação dos espaços por grupos humanos no passado e para isso, são algumas características devem ser consideradas, como, por exemplo, a localização geográfica dos abrigos, sua estrutura e os tipos de vestígios arqueológicos encontrados (BUCO, 2014). Quanto a essas observações, percebemos que os sítios arqueológicos investigados em Torres do Rio Bonito, todos os seis sítios, possuem similaridades quanto a localização geográfica, pois se encontram sob testemunhos de arenitos, aflorados a margem direita do rio Bonito. Todavia, os tipos de vestígios arqueológicos identificados e as estruturas, se diferem.

A diversidade das temáticas, a disposição das imagens das figuras nos suportes rochosos, as sobreposições de figuras, a construção dos painéis gráficos e sua relação com a paisagem, nos permitiram pensar na incorporação das narrativas e nas histórias que foram sendo intercaladas e integradas, originando inclusive novas expressões e significados.

De um modo geral, os grafismos rupestres enquanto manifestação cultural contém informações possíveis de serem investigadas a partir da relação que eles se estabelecem entre si e com os demais vestígios presentes no contexto arqueológico. Sendo assim, a partir dos dados obtidos, espera-se colaborar com o fortalecimento das pesquisas na região, assim como contribuir na construção do mosaico histórico-cultural das ocupações humanas em tempos pretéritos na região sudoeste de Goiás. E, de uma forma mais ampla, a pesquisa visa contribuir para a compreensão da história profunda do Planalto Central do Brasil.

Nesse trabalho desenvolvido em Torres do Rio Bonito, mesmo utilizando alguns modelos que abarca a teoria norte-americana sobre os grafismos rupestres e algumas fontes da historiografia de cunho eurocentrista, não significa que se encontra enrijecida dentro desse parâmetro. Ao contrário, a partir das análises em campo, das disciplinas da história, da leitura de inúmeras referências e da reflexão dentro da epistemologia decolonial, buscou-se de forma crítica, repensar as pesquisas no âmbito da arqueologia. Contudo, não é possível descartar todo o conhecimento até aqui produzido (eurocêntrico ou não), visto que esses contribuem de forma base para referenciar os trabalhos atuais. Existem fontes e dados que só foram produzidos e que estão dentro da perspectiva colonialista. Considerando ainda que as pesquisas na arqueologia que foram realizadas dentro da configuração europeia e norte americana, ainda são desenvolvidas, todavia sob novas perspectivas. O que algumas arqueólogas e arqueólogos tem tentado fazer, é balizar as diferentes interpretações e visões, para contribuir com o pensamento decolonial. Ainda estamos em construção.

Sabendo das dificuldades em que se encontra o contexto “grafismo rupestre”, foi realizado um diálogo com outras perspectivas, a fim de perceber e interpretar o contexto iconográfico. É importante elencar mais uma vez que os grafismos rupestres é quase que uma parte isolada da categoria da pesquisa arqueológica. Dificilmente podemos relacionar as imagens com o contexto arqueológico dos sítios identificados, como mencionado anteriormente. É solitário. A sensação é que como se o pesquisador (nesse caso, eu, a pesquisadora), estivesse conversando sozinha com os paredões. Os limites que existe e o “afastamento” com o restante do contexto arqueológico, nos colocam (me coloca) nesse espaço solitário.

No mais, os grafismos rupestres de Torres do Rio Bonito, não estão inseridos em um contexto geográfico favorável para dialogar com as narrativas dos povos

originários, visto que, nessa região, não existem na atualidade comunidades indígenas que vivem próximo ao complexo arqueológico. Como foi visto, os conflitos que duraram séculos entre indígenas e colonizadores nessa região, deslocaram esses povos para um lugar que ainda não é possível de identificar. Nem sabemos se realmente exista algum remanescente desses grupos, temos apenas memórias e oralidades. Os únicos grupos étnicos existentes próximo estão no mínimo a 250 km de distância, que são os Bororos e Xavantes, todavia, sem relação até o momento, com os grupos que habitaram a região de Torres do Rio Bonito. No entanto, não podemos desconsiderar essa hipótese. Essa pode ser talvez, para trabalhos vindouros, uma oportunidade de identificar essas possíveis relações e quiçá, buscar narrativas para a interpretação do contexto gráfico dessas inúmeras imagens no complexo arqueológico de Palestina de Goiás. No mais, fica até aqui, essas breves reflexões e possibilidades.

Os estudos dos grafismos rupestres em Palestina de Goiás aqui apresentados, vem com essa proposta, de desvencilhar do conhecimento colonial presente nos diferentes conceitos formulados pelas disciplinas científicas. As pinturas que estão desenhadas nas rochas em Torres do Rio Bonito, contam a história dos grupos originários que habitaram essa região por muitos anos (milhares de anos). Não são apenas “estilos” delineados por tradições e classificações tipológicas culturais definidas na arqueologia. Antes de tudo, são manifestações de pensamentos, memórias e histórias de pessoas, que viveram nesses espaços em diferentes momentos. As suas crenças, percepções e visões do mundo, foram retratadas através de centenas de figuras.

No mais, trazer os dados sobre os grafismos rupestres, não só diz respeito a uma pesquisa científica, composta por metodologias e instrumentos, mas sobretudo, a intenção dessa pesquisa é evidenciar essas histórias indígenas, presente nas imagens memórias de seus produtores. É saber que nesses espaços, existiram pessoas com culturas e pensamentos que resistiram o tempo e que na atualidade estão quase que apagadas dos suportes rochosos e principalmente, da memória dos moradores da região. Como uma neblina, pouco existem na região pessoas que ainda lembram de histórias que mencionem o nome indígena em suas narrativas

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina Maria do Rego. Futuros imaginados: gesto patrimonial e o conceito de “diversidade cultural”. *Revista de Antropologia – Vivências*, n55, 2020, p.250-270.
- ALENCAR, E. PAISAGENS DA MEMÓRIA: NARRATIVA ORAL, PAISAGEM E MEMÓRIA SOCIAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, São Carlos, v. 16, n. 2, 2009. DOI: 10.4322/tp.v16i2.108. Disponível em: <https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/108>. Acesso em: 8 fev. 2023.
- ANDRADE DE LIMA, Tânia. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.
- BEZERRA DE ALMEIDA, Marcia. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. *Habitus, Goiânia*, v. 1, n. 2, p. 275-295, 2003.
- ARAÚJO, Astolfo GM; Walter A. NEVES; Luís B. Pilo. "Eventos de seca no Holoceno e suas implicações no povoamento pré-histórico do Brasil Central." *Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário, Recife: Pernambuco, Brasil, Associação Brasileira de Estudos do Quaternário (ABEQUA), CD-ROM*. 2003.
- ARNT, Ricardo; PINTO, Flávio Pinto, PINTO, Raimundo; MARTINELLI, Pedro. Panará. A Volta dos Índios Gigantes. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1998.
- ASHMORE, W.; KNAPP, A. B. (eds.) . *Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*, Blackwell Publishers, Malden, MA, 1999.
- ASNIS, G. Z. P., & MANO, M. (2020). Continuidades e discontinuidades: a Arqueologia Aratu-Sapucaí e a história indígena ‘Cayapó’. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, 34(34), 154-173. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2020.163394>
- ATAÍDES, Jézus Marco de. Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapódo Sul no Brasil Central. Goiânia: Editora UCG, 1998.
- BARBOSA, Altair Sales. 1981-1984 O período arqueológico Arcaico em Goiás. *Anuário de Divulgação Científica*, 10: 85-97, Goiânia.
- BAUDELARIE, Violet. Gêneros Perdidos: por uma arqueologia transfeminista. *TESSITURAS: REVISTA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA*, v. 9, p. 345-369, 2021.
- BENDER, Barbara. Place and Landscape. In: *Handbook of material culture*. Sage Publications, London; Thousand; New Delhi, 2006.
- BINANT, P.; VIANA, S.A.; PEÑA, A.P. “Ver, ser vista, e deixar de ser vista”: aspectos das relações dialéticas entre as pinturas rupestres de Caiapônia. *Revista Amazônica*. V.9, N.2, 2018.

- BOADO, F. C. Visibilidad e Interpretacion del registro arqueologico. *Trabajos de Prehistoria*, 1993, 50: 39-56.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BROCHADO, J. P., CALDERÓN, V., CHMYZ, I., Dias Jr, O., EVANS, C., MARANCA, S., ... & SIMÕES, M. F. (1969). Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.
- BRUZZONE, Felipe. *La memoria en la piedra – um estudio exploratorio sobre arte rupestre y memoria colectiva en el sitio Los Mellizos, Provincia de Choapa, Chile*. Santiago Chile, 2010.
- BUENO, Lucas. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um 'Novo Mundo'?. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 14, p. 477-496, 2019.
- BUENO, Lucas; DIAS, Adriana. (2015). Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. *Estudos Avançados*, 29(83), 119-147. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/105060>
- CAMPOS, A. P. Breve Notícia que dá o Capitão Antônio Pires de Campos. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geographico e Etnográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, Tomo XXV. Rio de Janeiro, 1862.
- CANDAU, Joël. Memória e identidade. 1º ed., 8º reimpressão: São Paulo, Contexto, 2021.
- CARRASCO PAGNOSSI, N. Construindo uma arqueologia de gênero. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 11, n. 1[18], p. 50–66, 2017. DOI: 10.20396/rap.v11i1.8646482. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8646482>. Acesso em: 3 fev. 2023.
- CARNEIRO, Crisnamurte Alves. Colonialidade do saber: narrativas e iconografias indígenas nos livros didáticos do Colégio Ana Algemira do Prado, em Palestina de Goiás. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2022.
- CASAL, Aires. *Corografia Brasilica*. Fac-símile da edição de 1817. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945 [1817].
- CHAVES, Elaine de Alencastro. *Os Cayapó de Maria? Um estudo da cultura material de um sítio Jê na bacia do Rio Fartura em Goiás*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em arqueologia: Museu de Arqueologia e etnologia Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.71.2021.tde-18032022-154346>
- CHAIM, Marivone Matos. Aldeamentos indígenas (Goiás 1749 – 1811). São Paulo: Nobel, 1983
- CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHIPPINDALE, Christopher; NASH, George.. 2004. Pictures in place: approaches to the figured landscapes of rock art. In: Chippindale, C. & Nash, G. (eds). *Pictures in Place. The Figures Landscapes of Rock Art*. Cambridge, University Press. pp.: 1-36.

CONSES, Mário; SEDA, Paulo. Fases, estilos e tradições na arte rupestre do Brasil: a incomunicabilidade científica". *Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Revista do CEPA Vol. 17, No.20 págs. 33-58. Santa Cruz do Sul, 1990.*

CORRÊA, Ângelo Alves. *Longue durée: história indígena e arqueologia*. *Cienc. Cult.* vol.65 no.2 São Paulo Apr./June 2013.

CORTELLETI, Rafael; DEBLASIS, Paulo. Arqueologia Jê do Sul do Brasil: ambiente, sistema, poder e experiência na paisagem de Urubici, Santa Satarina. *Rev. Memorare, Tubarão, v.5, n.2, p. 132-164 maio./ago. 2018.* DOI:10.19177/memorare.v5e22018132-164

COSTA, Diogo M. Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira. *Ciência e Cultura*, v. 65, n. 2, p. 30-32, 2013.

COSTA, Luciano Bernardino. *Imagem dialética/Imagem crítica: um percurso de Walter Benjamin à George*.

CSORDAS T. 'Introduction: the body as representation and being in the world' in T. Csordas (ed.) *Embodiment and Experience*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Editora 34, São Paulo, 4ª edição, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo – História da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: editora UFMG, 3ª reimpr, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *V Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP, 2009.*

ETCEVARNE, Carlos. (2009). As particularidades das expressões gráficas rupestres da Tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia. *CLIO: Série Arqueológica, 24, 41-60.*

FAGUNDES, M.; SUÑER, M. M. A.; GONTIJO, B. M.; MENESES, I. A.; VASCONCELOS, A. M. C.; BUENO, F. B. Marcos sociogeográficos e arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na costa norte peruana. *GeoUECE (online)*, v. 09, n. 17, p. 24-48, 2020.

FAGUNDES, Marcelo. (2009). O conceito de paisagem em arqueologia – lugares persistentes. *Holos Environment, 9(2)*, 301–315, 2009. <https://doi.org/10.14295/holos.v9i2.1310>,

FERREIRA, Lúcio Menezes. Sobre o conceito de arqueologia de diáspora africana. *MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 16, p. 267-275, jul./dez. 2009.*

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil. (Séculos XVII-X-VIII). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953

FREIRE, José Ribamar Bessa. Os índios em arquivos do Rio de Janeiro, 1995. Volume 1: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai. Disponível em www.etnolinguistica.org. Acessado em 21 de dezembro de 2022.

FOCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. WMF: São Paulo, 2ª ed., 2021.

FURQUIM, L. P.; JÁCOME, C. P. Teorias de gênero e feminismos na arqueologia brasileira: do dimorfismo sexual à primavera queer. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, SP, v. 13, n. 1[22], p. 255–279, 2019. DOI: 10.20396/rap.v13i1.8654825. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654825>. Acesso em: 3 fev. 2023.

FYFE, Gordon; LAW, John. Introduction: On the invisibility of the visual. *The Sociological Review*, v. 35, n. 1_suppl, p. 1-14, 1988.

GIRALDIN, Odair. *Cayapó e Panará – luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central*. Editora UNICAMP, 1997.

GUEDES, C.; VIALOU, D. Símbolos na arte rupestre sob o olhar da Arqueologia Cognitiva: considerações analíticas sobre o sítio Conjunto Falha, Cidade de Pedra, Rondonópolis, Mato Grosso. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.12, n.1, p. 101-123, jan-abr.2017.

GUIDON, N.; PESSIS, A.; MARTIN, G. Pesquisas Arqueológicas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno (Piauí-1998/2008). *FUNDHAMentos*, p.1-61, 2009.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HARTEMANN, G., & MORAES, I. P. de. (2022). Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 12(2), 9–34. <https://doi.org/10.31239/vtg.v12i2.12196>

HERNANDO, Almudena. 2002. *Arqueología de la Identidad*. Madrid: Akal, 2002.

HERNANDO, Almudena. 2004. *Arqueología de la identidad. Una alternativa estructuralista para la arqueología cognitiva. Teoría Arqueológica en América del Sur*. G. Politis and R. Peretti (Eds.), pp. 33-56.

HUSSERL, Edmund. A filosofia como ciência de rigor. *Revista de Estudos Universitários - REU*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4585>. Acesso em: 3 ago. 2022.

ISNARDIS, Andrei; LINKE, Vanessa. Pedras pintadas, paisagens construídas: a integração de elementos culturalmente arquitetados na transformação e manutenção da paisagem. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 42–59, 2010. DOI: 10.24885/sab.v23i1.288. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/288>. Acesso em: 8 fev. 2023.

ISNARDIS, Andrei. *Interações e paisagens nas paredes de pedra – Padrões de escolha de sítio e relações diacrônicas entre as Unidades Estilísticas de grafismos rupestres do vale do Peruaçu*. Arqueologia no vale do Peruaçu e adjacências – Minas Gerais – Tomo I. Arq. Mus. Hist. Nat. Jard. Bot. – UFMG. Belo Horizonte, volume XIX, 2009, p.319-368.

JÁCOME, Camila; WAI WAI Jaime. A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da Arqueologia Karaiwa e Wai Wai. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 15, n. 3, e20190140, 2020.

KAMBEBA, Márcia Wayna. O lugar do saber [recurso eletrônico]. Série: Saberes Tradicionais v.1. Casa Leiria: São Leopoldo, 2020.

KNAPP, A. Bernad. Prehistoric and Protohistoric Cyprus – identity, insularity and connectivity. Oxford University Press, New York, 2008.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2009 [1905]. Começos da Arte na selva. Desenhos manuais de indígenas colecionados por Dr. Theodor Koch-Grunberg em suas viagens pelo Brasil. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/IGHA, 2009.

KORMIKIARI, M.C.N. Norte da África autóctone do século III ao I a.C.: as imagens monetárias reais berberes. Tese de Doutorado na Área Interdepartamental de Arqueologia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. 1995. Um olhar sobre as populações nativas na invenção do Brasil. Aracy Lopez da Silva; Luiz Donisetti Benzi Grupioni. (Org.). *A questão indígena na sala de aula. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. 1 ed. Brasília: MEC, 1995, v. , p. 407-419.

LIMA, Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível. *Revista Habitus*, Goiânia, v.17, n.1, p. 25-38, jan./jun. 2019.

LIMA, Tânia Andrade. Patrimônio arqueológico, ideologia e poder. *Revista de Arqueologia*, v.5, n. 1, 1988.

LINKE, Vanessa; ALCANTARA, Henrique; ISNARDIS, Andrei; TOBIAS Junior, Rogério; BALDONI, Raíssa. Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis gráficos rupestres de Minas Gerais, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 15 (1), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0017>

LINKE, Vanessa. 2008. Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina – Minas Gerais. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, UFMG. 186 p.

LOURDEAU, Antoine. Tecnologia lítica e primeiros povoamentos no sudoeste do estado de Goiás. In: A transversalidade do conhecimento científico/Marlene Castro Ossami de Moura e Sibeli Aparecida Viana (org.). Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013.

LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. *Habitus*, v. 4, p. 685-710, 2006.

LOUREIRO, José Lauro Matheus. Informação, memória e patrimônio: breves considerações. In: *Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares* / Carlos Xavier de Azevedo Netto, organizador.- João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, p.97-106.

MACHADO, Juliana Salles. Arqueologias Indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 89-119, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Sociedade e estado*, v. 31, p. 75-97, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100005>

MARTIN, G. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Pernambuco: UFPE, 5ed., 2013.

MARTINS, Dilamar Candida. *Análise tecnotipológica de indústrias líticas de Planaltina de Goiás*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. . Acesso em: 26 jan. 2023.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. *R.RA´E GA*. Curitiba, UFPR, n.8, p.83-91, 2004.

MELLO, Jobim de campo; VIANA, Sibeli Aparecida. Breve histórico da arqueologia de Goiás. In: *Índios de Goiás – uma perspectiva histórico-cultural/* Maarlene Castro Ossami de Moura (coord.) – Goiânia: Ed. Da UCG/Ed. Vieira/Ed. Kelps, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra. identidade cultural e arqueologia. *Revista do IPHAN*, nº 20: 33-36, 1984.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 5ªed. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. (1984). A dúvida de Cézanne (N. A. Aguilar, Trad.). In M. S. Chauí (Org.), Maurice Merleau-Ponty: textos selecionados (pp. 113- 126). São Paulo: Abril Cultural. (Texto original publicado em 1948).

MILLER, E. T. Pesquisas arqueológicas no Pantanal do Guaporé-RO, Brasil. In B. J. Meggers (Org.), *Arqueologia interpretativa: o método quantitativo para estabelecimento de sequências cerâmicas: estudos de caso* (pp. 103-117). Porto Nacional: Unitins, 2009.

MORGAN, Lewis Henry. A Sociedade Antiga. Ou investigações sobre as lihas do progresso humano desde a selvageria, através da barbárie, até a civilização. [1877] (Tradução: Maria Lúcia de Oliveira)In: CASTRO, Celso. (Seleção, Apresentação e Revisão) *Evolucionismo Cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MORI, Robert. Os aldeamentos indígenas no Caminho dos Goiazes: guerra e etnogênese no sertão do Gentio Cayapó (Sertão da Farinha Podre) séculos XVIII e XIX. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.314>

MUNDURUKU, Daniel. (2018). Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória. In Dorrico, Julie., Danner, Leno., Correia, Heloisa., Danner, Fernando (Orgs.), *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1980)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. *O Sinal do Pajé*. 2ª Ed. São Paulo: Peirópolis, 2011.

NEME, Mário. Dados para a história dos índios Caiapó. Separata do Tomo XXIII dos Anais do Museu Paulista. São Paulo, 1969. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai. Disponível em www.etnolinguistica.org. Acessado em 21 de dezembro de 2022.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Uso e re-uso: A ocorrência da ocupação de um sítio arqueológico por grupos distintos no Cariri Paraibano. In: XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira e I Congresso Internacional da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007, Florianópolis. Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira e I Congresso Internacional da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Florianópolis: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007.

NEVES, Eduardo Góes *et al.* Petrografia de cerâmicas da fase Bacabal (sambaqui Monte Castelo): um dos mais antigos usos de cauixi na Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 17, n. 1, e20200120, 2022. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0120

NEVES, Eduardo Góes ; WATLING, Jennifer; DE ALMEIDA, Fernando Ozorio. A arqueologia do alto Madeira no contexto arqueológico da Amazônia. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 15, n. 2, e20190081, 2020. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0081

NEVES, Eduardo Góes. Não existe Neolítico ao Sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura. In: *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese/* Cristiana Barreto; Helena Pinto Lima e Carla Jaimes Betencourt (org.), IPHAN/ Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

NEVES, Walter Alves & PILÓ, Luís Beethoven. *O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos*, São Paulo, Globo, 2008, pp. 336.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em revista*, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

OLIVEIRA, J. E. de. Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do pantanal – Reedição. *Revista de Arqueologia, [S. l.]*, v. 36, n. 1, p. 19–34, 2023. DOI: 10.24885/sab.v36i1.1078. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1078>. Acesso em: 3 fev. 2023.

OLIVEIRA, J. E. D., & VIANA, S. A. (2000). O CENTRO-OESTE ANTES DE CABRAL. *Revista USP*, (44), 142-189. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p142-189>.

- PAULA, E. D. de. Os saberes e valores indígenas transformando os processos de escolarização. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 26, n. 62/1, p. 355-372, 2017.
- PESSIS, A.M. (2003) Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo, Fumdam/Petrobrás. 307p.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, v.2, n. 3, 1989.
- PONTIN, Rute. A Tradição Tupiguarani na Bacia do Alto Tocantins. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento*, p. 11-113, 2013.
- PROCÓPIO, G. P. VIANA, S. A. Visibilidade e intencionalidade das pinturas rupestres no sítio GO-CP-33, em Palestina de Goiás, Brasil. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 16, n. 3, e20200050, 2021.
- PROCÓPIO, G. P. (2019) *Reflexões espaciais e visibilidade dos grafismos rupestres do sítio GO-CP-33 de Palestina de Goiás*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- PROUS, A. *Artes pré-históricas do Brasil*. Belo Horizonte: Arte, 2011.
- PROUS, A. Experimentação na arqueologia brasileira. Entre gestos e funções. In: BUENO, L.; ISNARDIS, A. *Das pedras aos homens: Tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007, p. 155-172.
- QUADROS, Eduardo Gusmão. A montanha mágica escalada por Walter Benjamin. *História Revista*, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 74–91, mai./ago. 2021.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2009, p. 73-118
- QUINTELA, Antón Corbacho. Os Índios “Goyá”, Os Fantasmas e Nós. *Revista UFG*, v. 8, n. 1, 2006.
- RAMOS, Marco Paulo de Melo; VIANA, Sibeli Aparecida. Diagnose tecno-funcional de amostragem lítica datada do início do Holoceno médio do sítio arqueológico GO-JÁ-01: características da estrutura de lascamento em presença. *Mosaico (Goiânia)* v. 12, p. 135-163, 2019.
- RECALDE, Andrea. Memory in the stone: Rock art landscape at Cerro Colorado as a negotiation space for social memory. In: *Archeologies of Rock Art – South American Perspectives*. Org. Andrés TRONCOSO, Felip ARMSTRONG and George NASH. Routledge: Oxon/New York, 2018, p.106-130
- RECALDE, Andrea. 2016. Paisajes con memoria. El papel del arte rupestre en las prácticas de negociación social del sector central de las Sierras de Córdoba (Argentina). In: book: *Condiciones de posibilidad de la reproducción social en sociedades prehispánicas y coloniales tempranas en las Sierras Pampeanas (República Argentina)* (pp.233-266) .Editors: Salazar Julián
- RESENDE, Maria Leônia Chaves. Por outras mundividências: uma aproximação do pensamento ameríndio. In: *Ameríndia – entre saberes, culturas e histórias dos mundos nativos*. / organização Maria Leônia Chaves de Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Autografia, 2020

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. *REVISTA DE ARQUEOLOGIA (SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. IMPRESSO)*, v. 30, p. 210-234, 2017.

RIBEIRO, Loredana. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-Médio São Francisco). *Revista de arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 51-72, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. LÍNGUAS DO CENTRO-OESTE NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA. Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social / Denize Elena Garcia da Silva / (organizadora). — Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v.

RUBIN, J. C. R. de; BARBERI, M.; PIRES, M. G.; RESENDE, F. E. C. P. e .; SILVA, R. T. da; SILVA, S. M. da; FREITAS, J. E. R.; RIBEIRO, E. V.; LIMA, Élio A. Sítios arqueológicos ao Núcleo B de Serranópolis, Goiás: tipos e intensidades de impactos naturais e antrópicos. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 52–68, 2022. DOI: 10.24885/sab.v35i3.999. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/999>. Acesso em: 11 maio. 2023.

RUBIN de Rubin, J. C., VIANA, S, A., da SILVA, R. T., BARBERI, M., COSTA Paulino e Resende, F. E., RIBEIRO- Freitas, J. E., Garcia de SOUZA, M., & VARGAS Ribeiro, E. (2020). Cazadores-recolectores y el paisaje en Serranópolis, Goiás, Brasil. *Boletín De Arqueología PUCP*, (29), 129-158. <https://doi.org/10.18800/boletindearqueologiapucp.202002.006>

RUBIN, J. C. R. de; SILVA, R. T. ; BAYER, M. ; Barberi, M. ; BARBOSA, J. B. ; ORTEGA, D. D. ; ESTRELA, V. P. ; RIBEIRO-FREITAS, J. E. ; VIANA, S. A. . Ocupação pré-colonial na bacia hidrográfica do rio Araguaia, estados de Goiás e Mato Grosso, Brasil: síntese aproximada e dois estudos de casos. *Revista del Museo de La Plata*, v. 4, p. 401-436, 2019.

ROCHA, Delfin José Leite; CALDARELLI, Carlos Eduardo. Estudo Integrado de Bacias Hidrográficas do Sudoeste Goiano – Comunidades Indígenas e outras comunidades étnicas remanescentes. 2005, p.1-38.

SCHLENKER, Alex. Rumo a uma memória decolonial: para indagar sobre os acontecimentos por trás do acontecimento fotográfico. *Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 1, p. 74-91, 2019.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Arqueologia do estado do Mato Grosso do Sul. In: *Palestra de abertura do XIII Congresso da SAB. São Leopoldo: IAP/Unisinos*. 2005.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Caçadores antigos no Sudoeste de Goiás. *Estudios Atacameños*, Chile, n.8, p. 16-35, 1987.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Povoamento do Planalto Central Brasileiro entre 11.000 e 8.500 anos A.P. In: *Anais 2º Workshop Arqueológico de Xingó*, 2002.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; MASI, M. A. . Análise de artefatos líticos de fase da tradição Tupiguarani do Rio Grande do Sul, Brasil. *Documentos*. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, n.01, p. 49-97, 1987.

SCHMITZ, Pedro Ignácio.; RIBEIRO, Maira Barberi.; BARBOSA, Altair Sales; BARBOSA, M.O.; MIRANDA, A.F. *Arqueologia nos cerrados do Brasil: Caiapônia*. 1 ed. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1986.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. A evolução da cultura no Sudoeste de Goiás, Brasil.. Pesquisas. Antropologia, São Leopoldo, n.31, p. 185-225, 1980.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; BARBOSA, A. S. ; MIRANDA, A. D. Sítios pré-cerâmicos de superfície do Programa Arqueológico de Goiás. Alguns elementos para discussão dos fenômenos adaptativos. Anuário de divulgação científica., Goiânia, n.10, p. 43-60, 1985.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; BARBOSA, A; RIBEIRO, M, B; VERARDI, I. *Arte rupestre no centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia*. Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, 1984.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Projeto Alto Araguaia - Goiás - Breve Relatório das Atividades de Campo. Anuário de Divulgação Científica, v. 1, p. 39-43, 1974.

SEDA, Paulo Roberto. A arte rupestre de Unaí. Arquivo Mus. Hist. Nat. vol. VI/VII, p.397-408, 1981-1982.

SENNA, Nelson C. Os índios do Brasil. Memória Ethnographica. Annaes do Primeiro Congresso Brasileiro de Geographia. Volume IX. Trabalhos da 8º Comissão. Anthropologia e Ethnographia). Rio de Janeiro, 1911. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai. Disponível em www.etnolinguistica.org. Acessado em 21 de dezembro de 2022.

SEVERI, Carlo. 2010. *El Sendero y la Voz. Una Antropología de la Memoria*. Buenos Aires: Grupo Editorial SB Tradução de Barbara Spanoudis. 2a. ed. São Paulo: Duas Cidades.

Silva, F. A., & Noelli, F. S. (2016). História indígena e arqueologia: Uma reflexão a partir dos estudos sobre os Jê Meridionais. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia*, (27), 5-20. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2016.137271>

SILVA, Fabíola Andréa. POVOS INDÍGENAS, COLONIALISMO E MEIO-AMBIENTE - ARQUEOLOGIA DA CONTEMPORANEIDADE NA AMAZÔNIA. *HABITUS*, v. 19, p. 60, 2021.

SILVA, Fabíola Andréa. Território, lugares e memória dos Asurini do Xingu. *REVISTA DE ARQUEOLOGIA (SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. IMPRESSO)*, v. 26, p. 28-41, 2013.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; DAVID, Nismária Alves. 2014. Topônimos De Origem Indígena: O Papel Do Tupi Na Nomeação Dos Lugares Goianos. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 3 (1), 119-31. <https://doi.org/https://doi.org/10.21664/2238-8869.2014v3i1.p119-131>.

SOUZA, E. *Torres do rio bonito*. Brasília: Ipiranga, 1985.

SOUZA, Marcos André Torres de. Uma outra escravidão: a paisagem social no Engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, Belo Horizonte: UFMG, v. 1, n. 1, 2007, pp. 61-92.

SOUZA, Margarethe de Lourdes. Carimbos arqueológicos. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 43–50, 2005. DOI: 10.24885/sab.v18i1.203. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/203>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SYMANSKI, Luís Cláudio. A arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemáticas e modelos. *Afro-Ásia*, 49 (2014), 159-198.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. ARQUEOLOGIA–ANTROPOLOGIA OU HISTÓRIA?. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 2, n. 1, p. 10-10, 2014.

TILLEY, Christopher. *A Phenomenology of Landscape Places, Paths and Monuments*. Berg: Oxford/Providence, USA, 1994.

TOBIAS JÚNIOS, Rogério. (2013). Arte rupestre de Jequitaiá/MG: suas relações internas em oposição ao contexto arqueológico do Centro Norte Mineiro. *Revista Espinhaço*, 2(2), 132-146.

TRONCOSO, A. Relacionalidad, prácticas, ontologías y arte rupestre en el centro norte de Chile (2000 A.C. A 1.540 D.C.). *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 64–87, 2014. DOI: 10.24885/sab.v27i2.404. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/404>. Acesso em: 8 fev. 2023.

TRONCOSO, Andrés. Espacio y poder. *Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología* N°32: 10-23. 2001, p.1-15.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paul: DIFEL, 1983.

TUYUKA, Poani Higino Tenório; VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. ʘTǃ WORĪ – Um Diálogo entre Conhecimento Tuyuka e Arqueologia Rupestre no Baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. *Tellus*, 19(39), 17–37. <https://doi.org/10.20435/tellus.v19i39.576>

VIALOU, Agueda Vilhena; VIALOU, Denis. Manifestações simbólicas em Santa Elina, Mato Grosso, Brasil: representações rupestres, objetos e adornos desde o Pleistoceno ao Holoceno recente. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 14, p. 343-366, 2019. <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000200006>

VIANA *et al.* As sutilezas do registro arqueológico de Palestina de Goiás. In: *Arqueologia no Centro Oeste do Brasil: Ciência, Cultura e Demografia*. Diego Teixeira (Org.) SAB Centro Oeste, 2023.

VIANA, Sibeli Aparecida; VAZ, Ludmilia Melo; CASTRO, Ernesto Camelo; BARBOSA, Maria de Socorro. Goiás na rota (invertida) do tempo: ocupações em sítios arqueológicos litocerâmicos. In: *A transversalidade do conhecimento científico*/Marlene Castro Ossami de Moura e Sibeli Aparecida Viana (org.). Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013.

VIANA, Sibeli Aparecida. Variabilidade e persistência tecnológica entre instrumentos líticos da região Centro-Oeste. *Habitus on line*, v. 1, p. 28-47-47, 2011.

VIANA, Sibeli Aparecida. Editorial: Rupturas Aparentes. *Habitus*, v. 9, p. 219-220, 2011.

VILARIM, P. R. ; MARTINS, D. R. ; RODRIGUES, S. P. J. ; EREMITES DE OLIVEIRA, J. . O papel dos anciãos na preservação e divulgação do etnoconhecimento terena em escolas indígenas no estado de Mato Grosso do Sul. *Reflexão e Ação* (versão eletrônica), v. 30, p. 227-243-243, 2022.

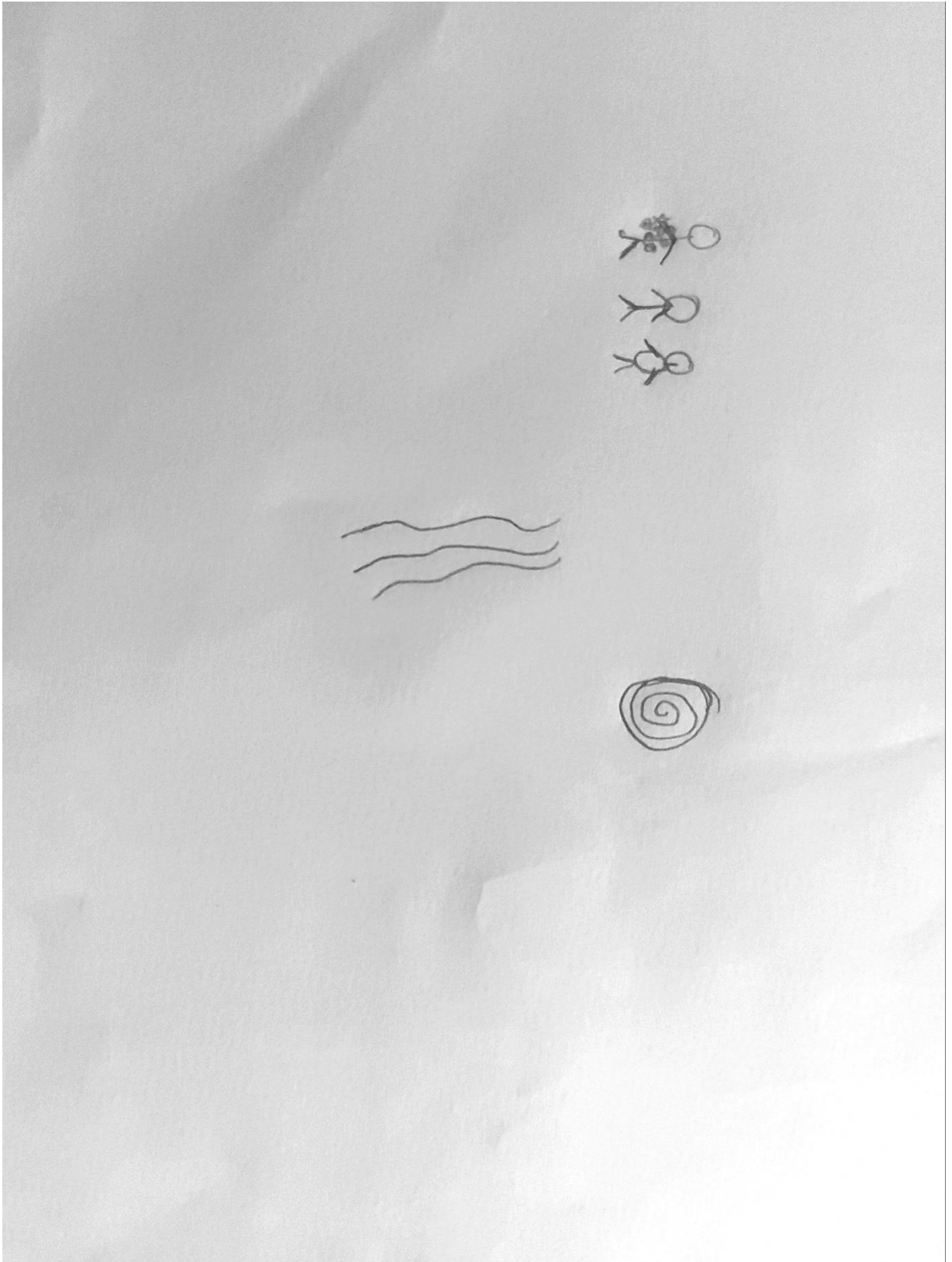
WUST, I. A ocupação de Goiás antes da chegada do europeu (Goiás pré-colonial) In (Org.): _____ *Atlas Histórico Goiás Colonial*. Goiânia: CECAB, 2001, p. 13-25.

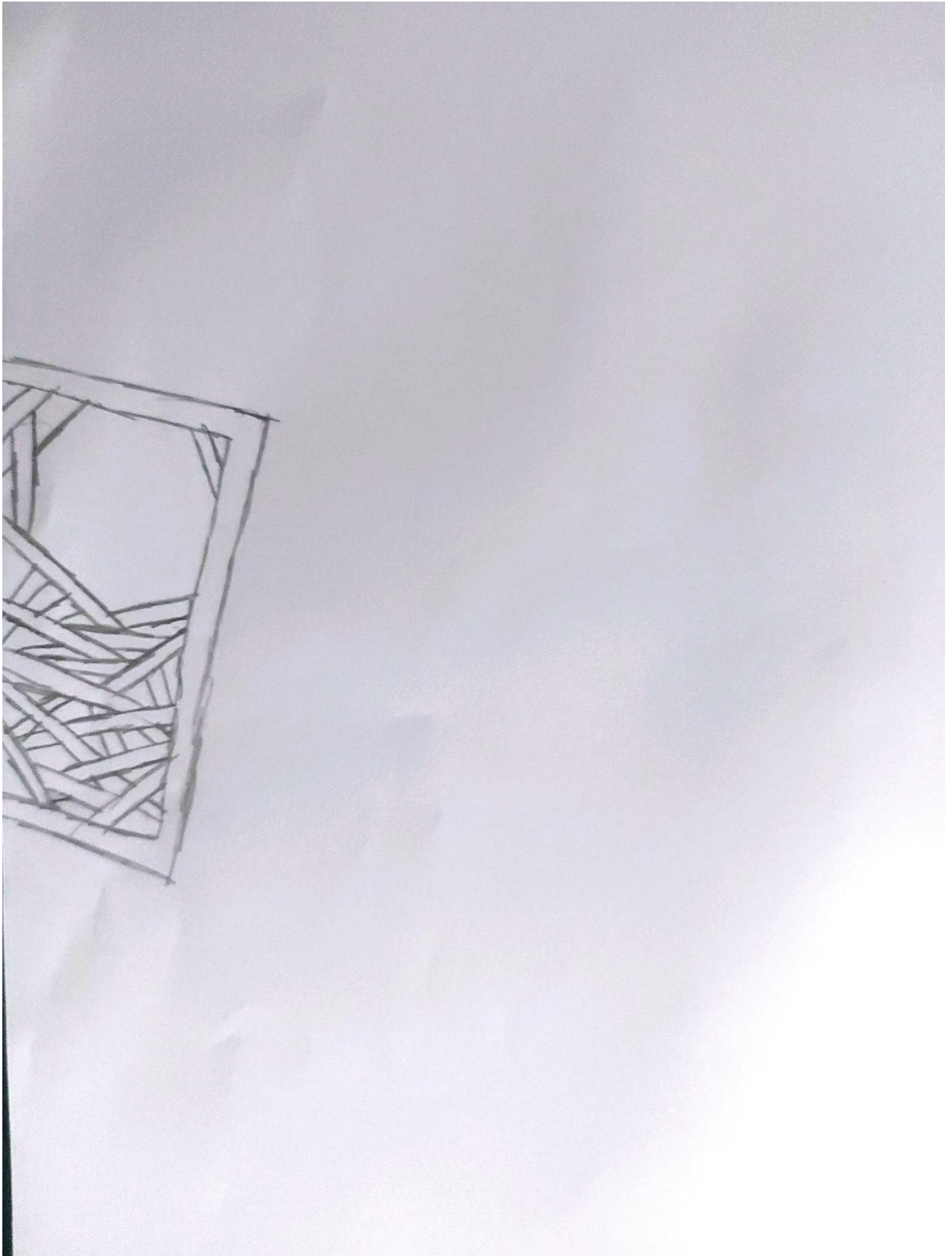
WUST, I. A Pesquisa Etnoarqueologica entre Os Bororo do Mato Grosso. *Revista de estudos goianenses*, Goiania, p. 155-163, 1983.

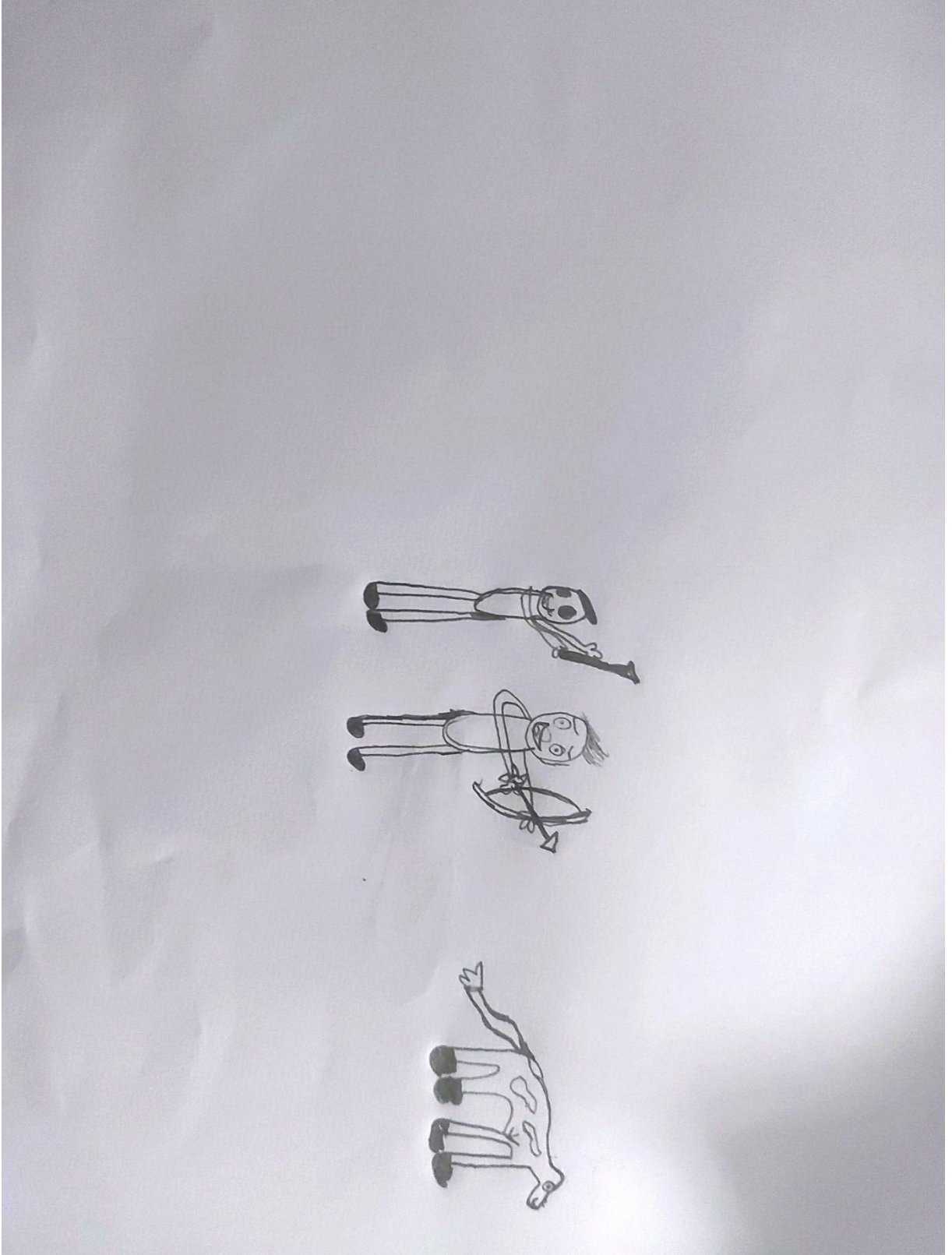
ANEXOS

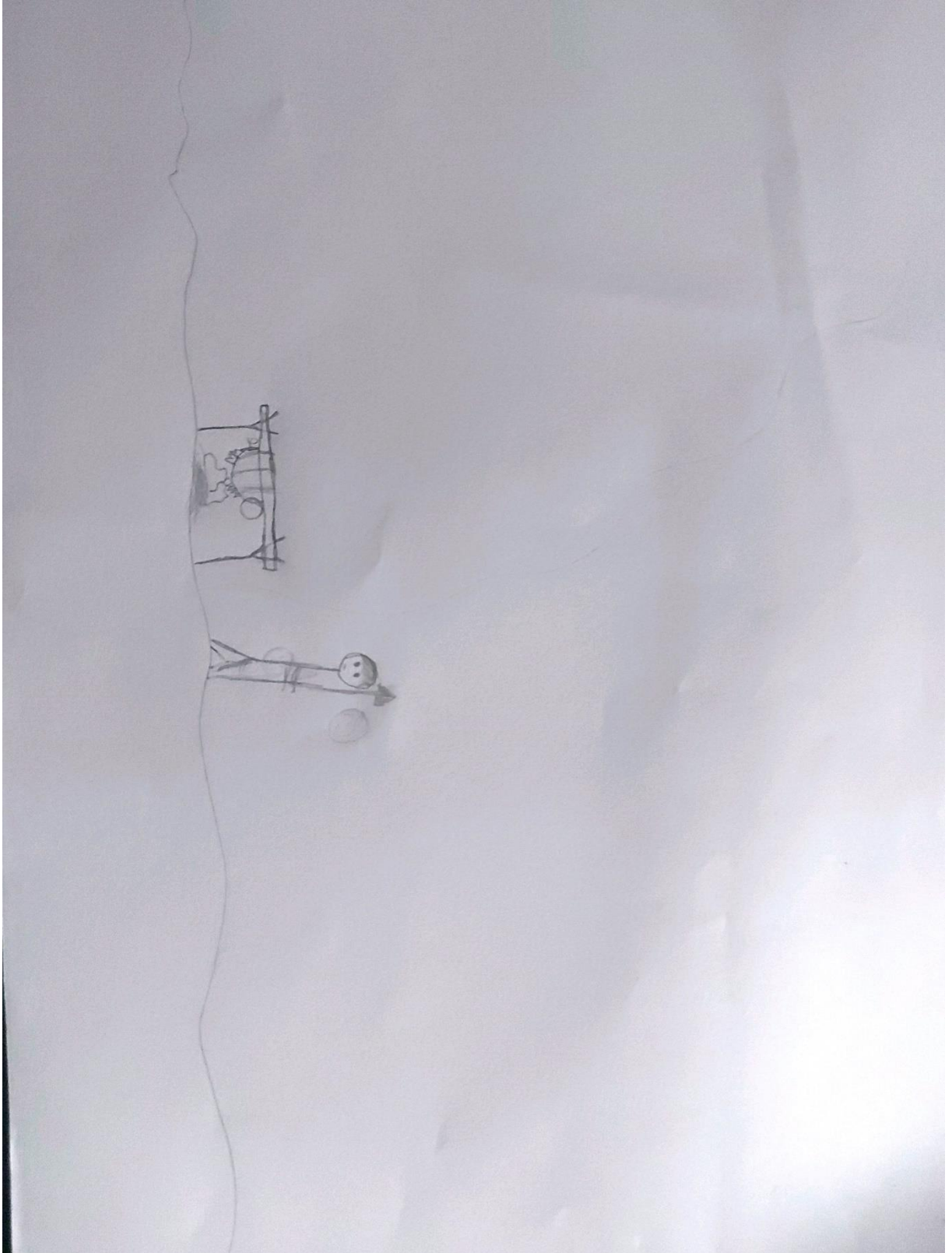
ANEXO I

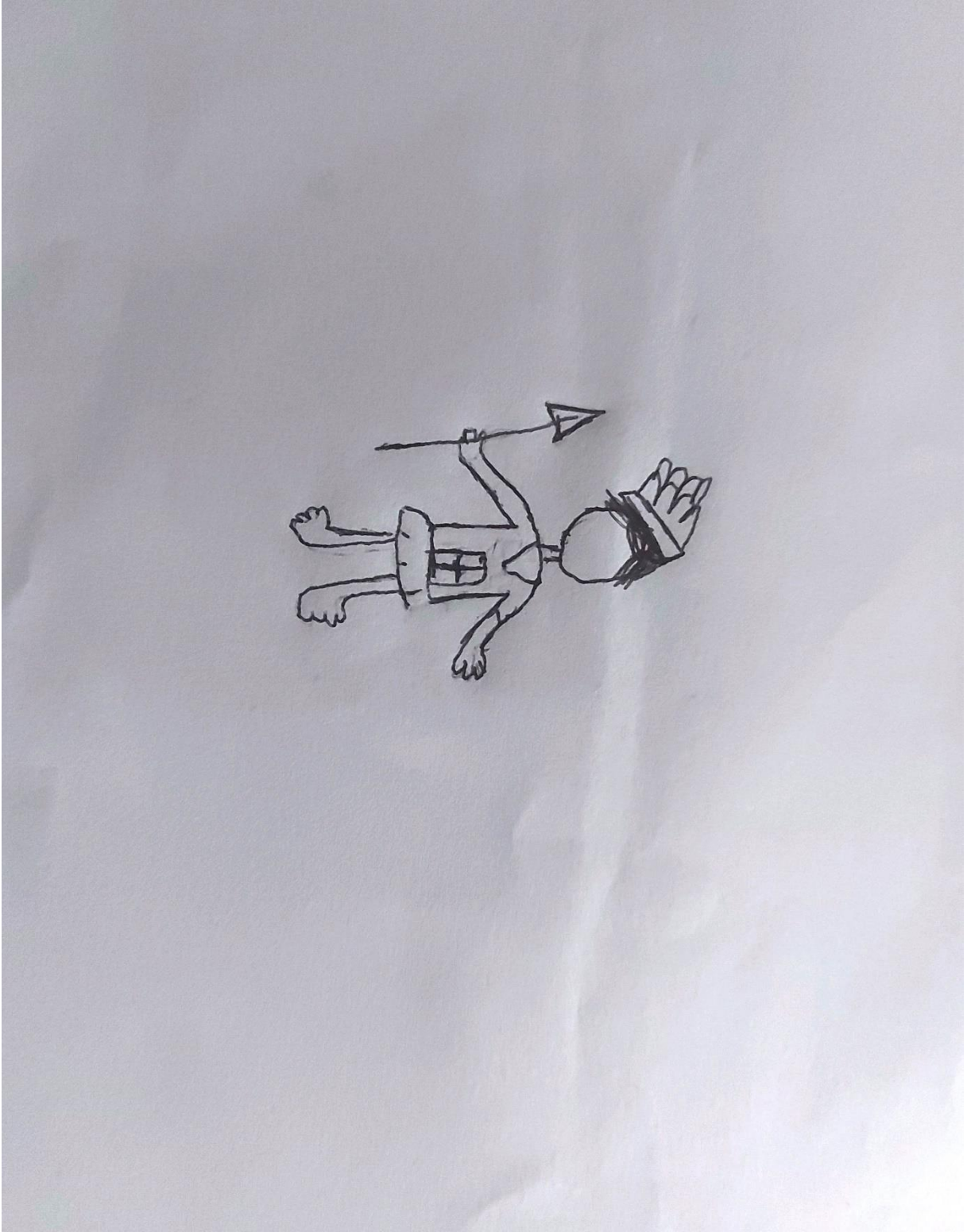


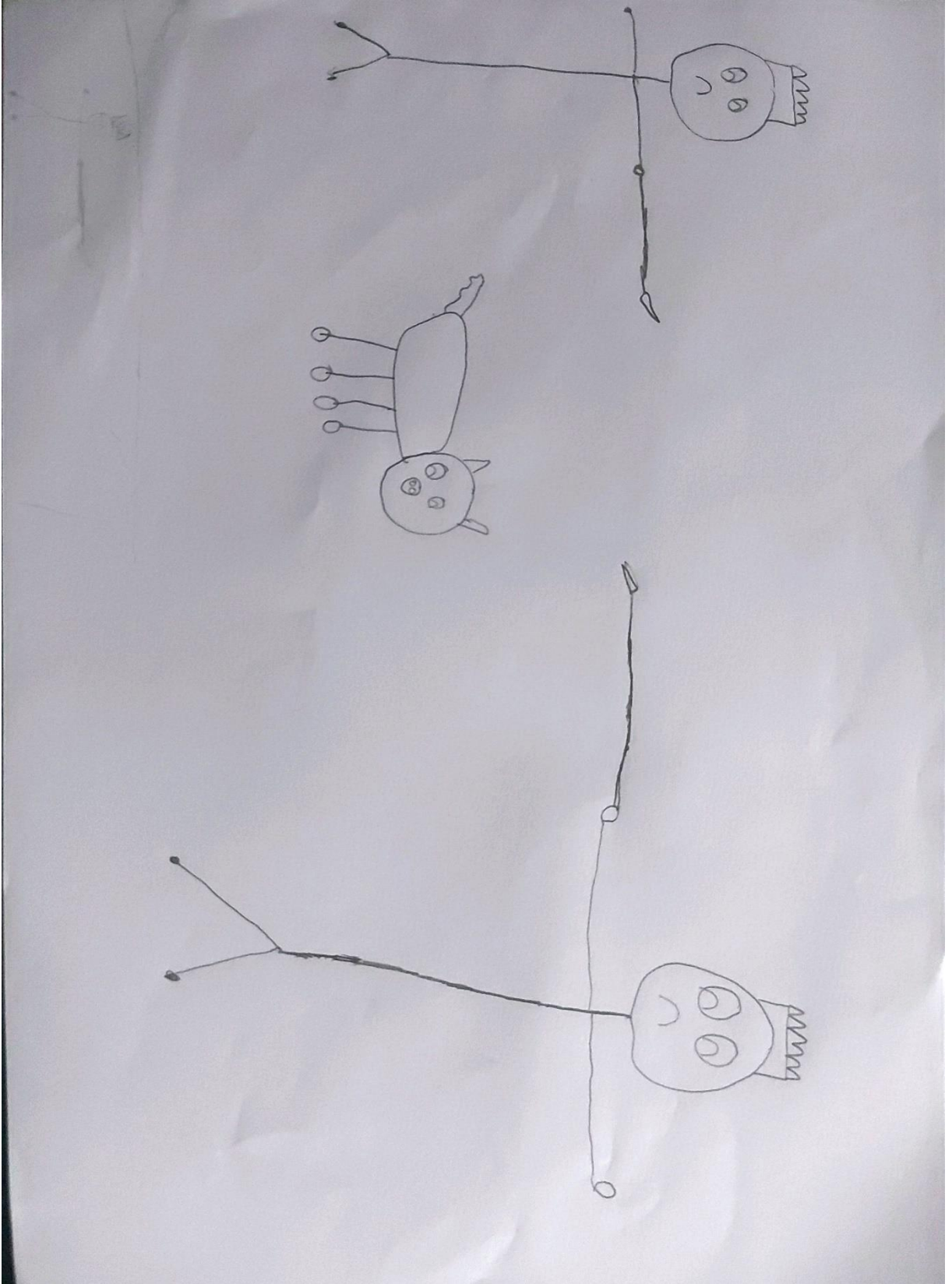




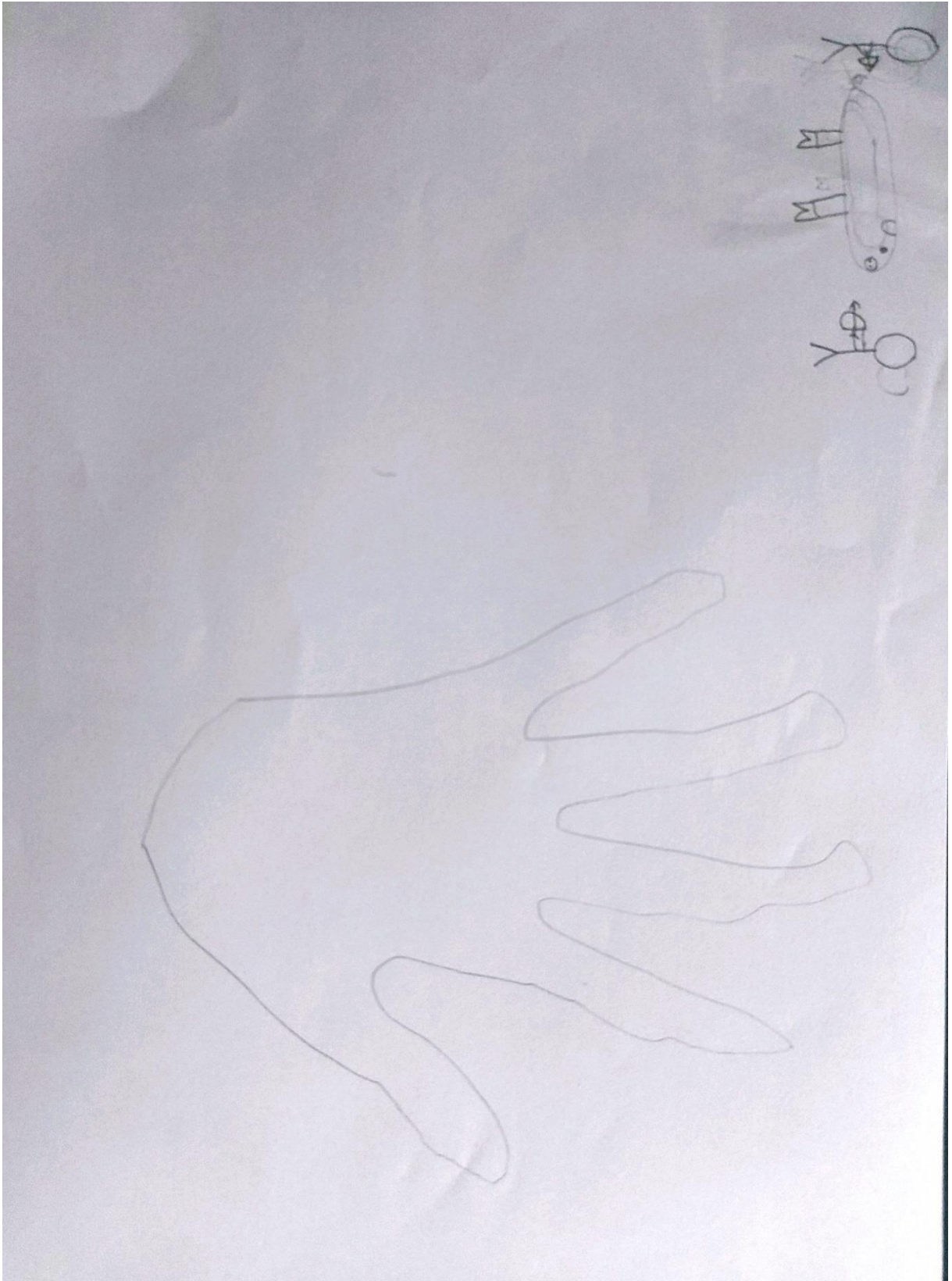


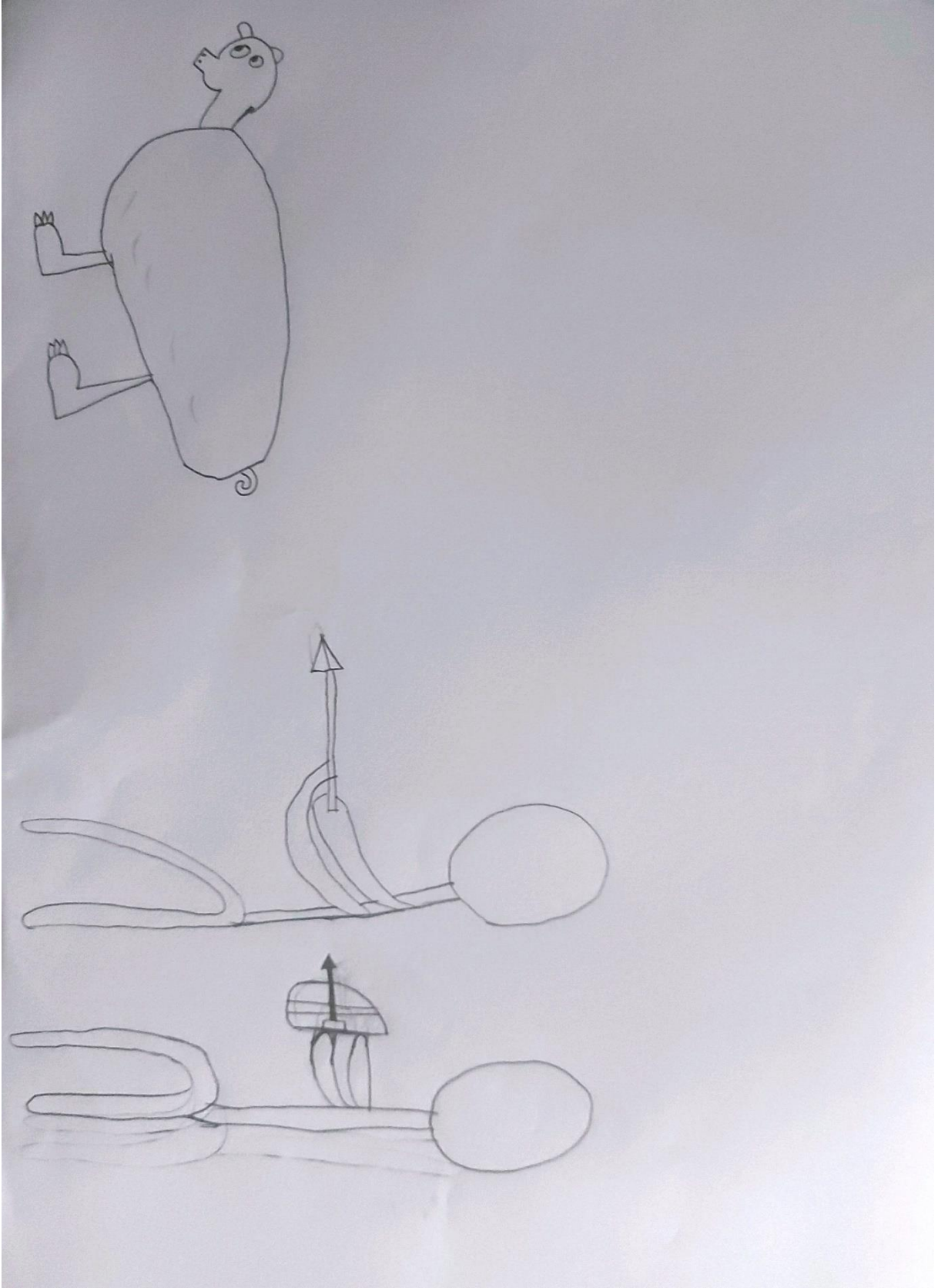




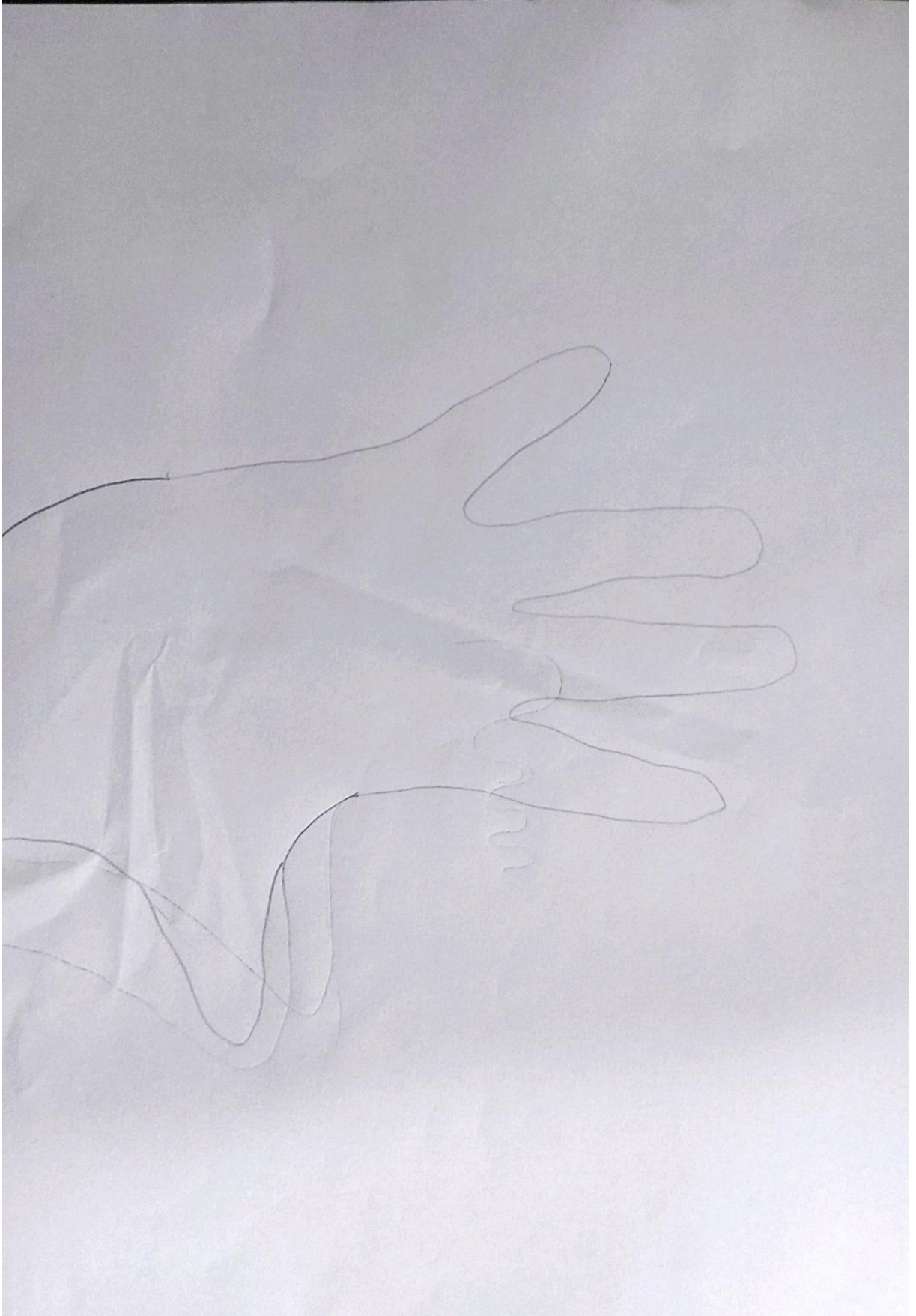


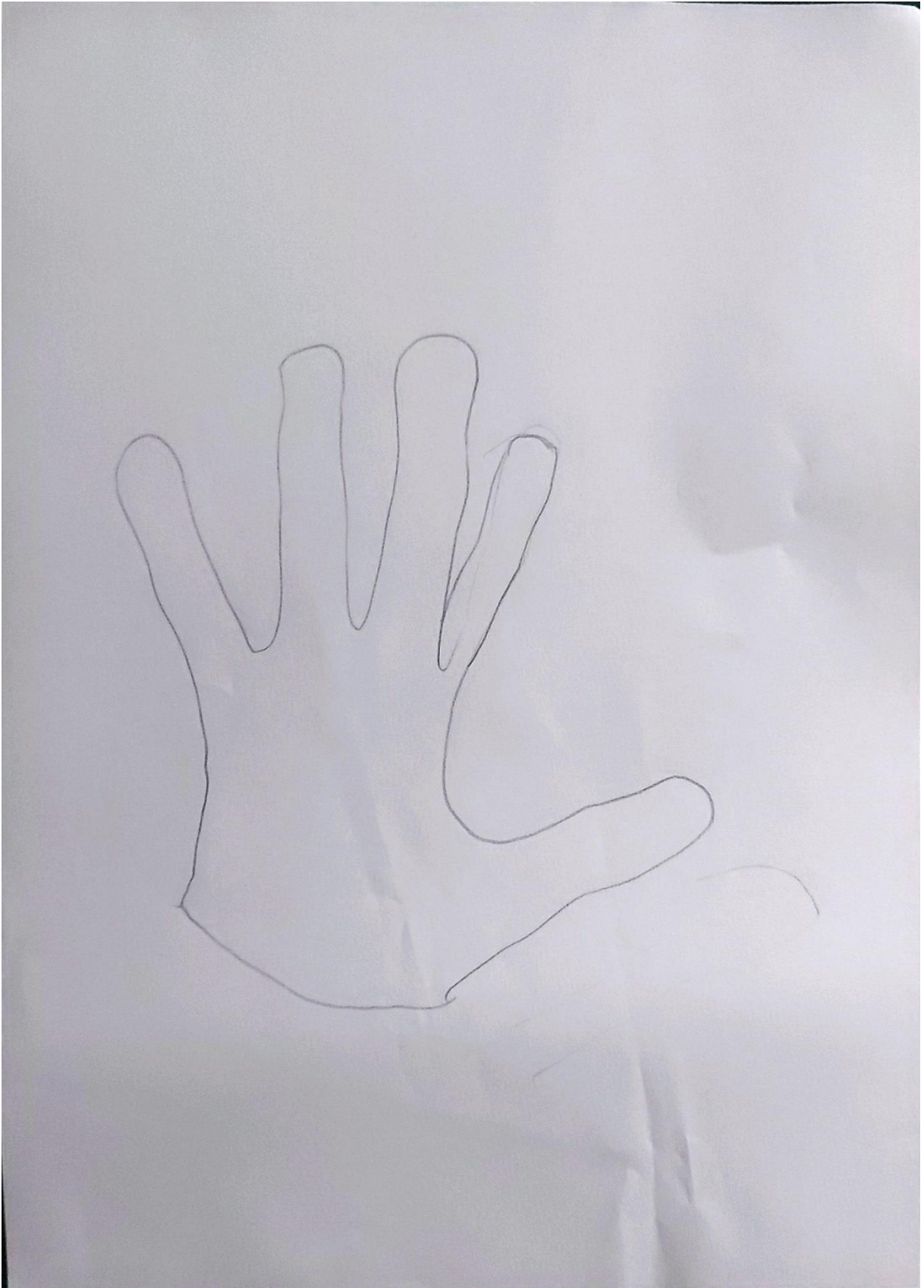


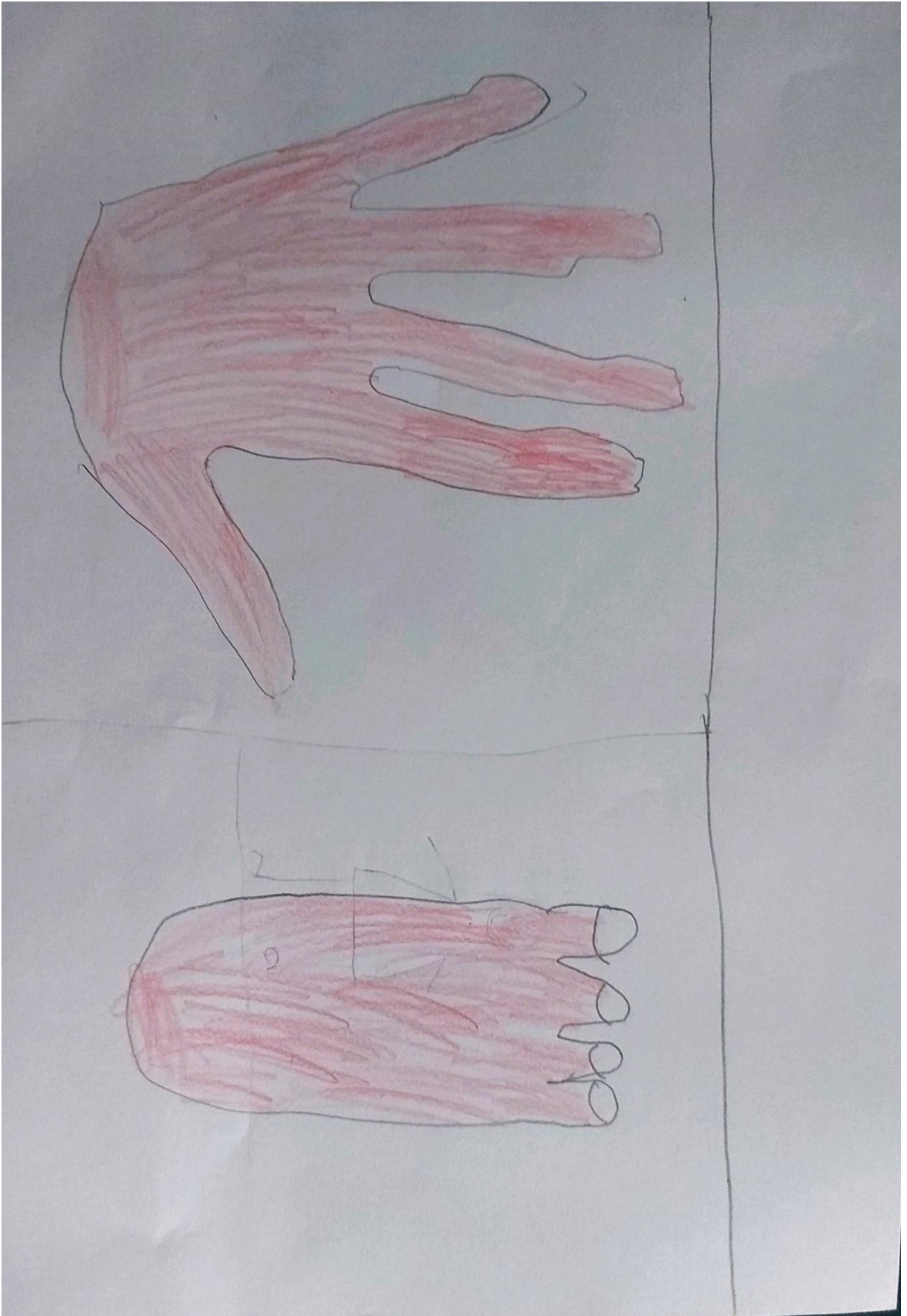


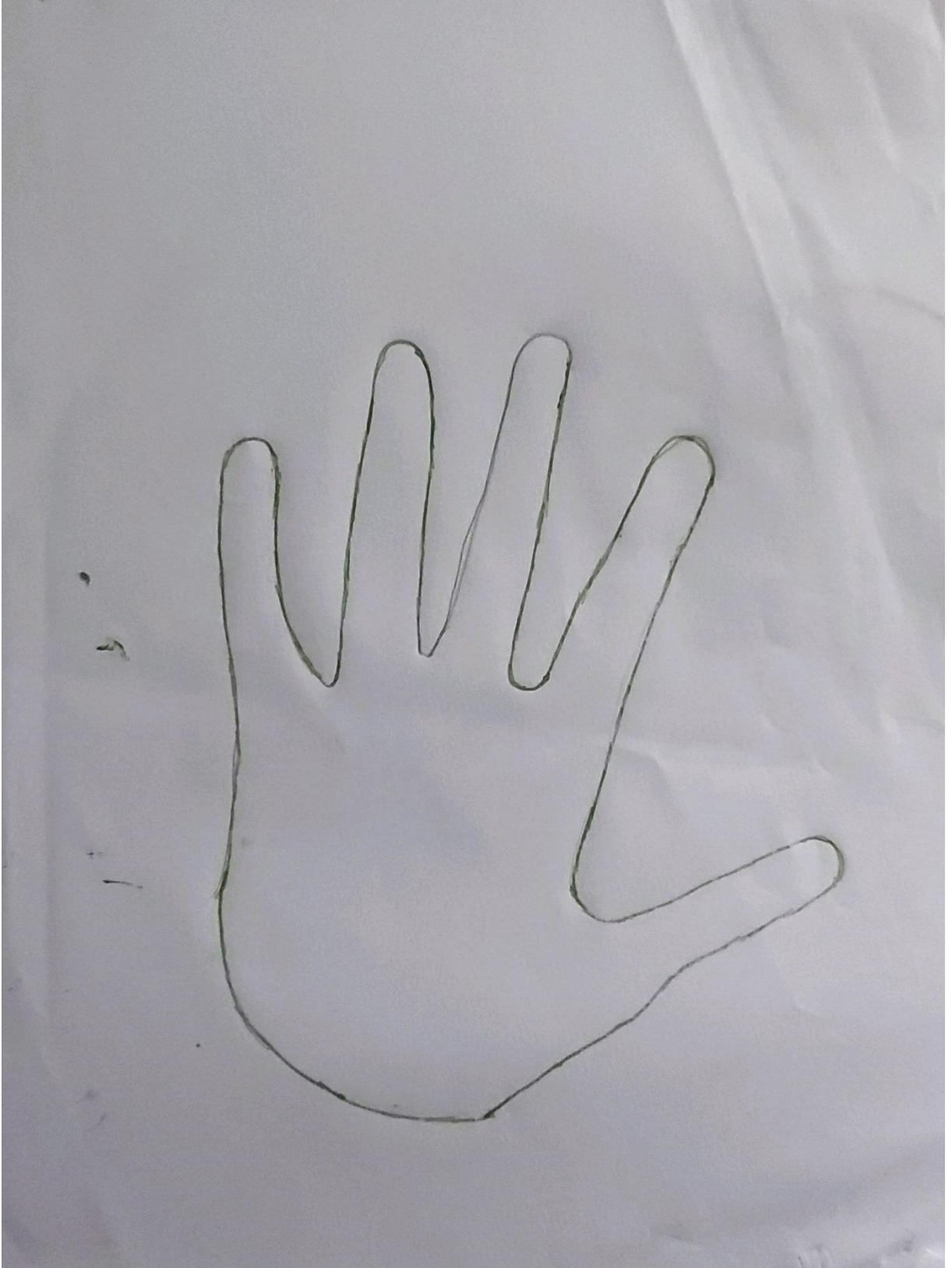


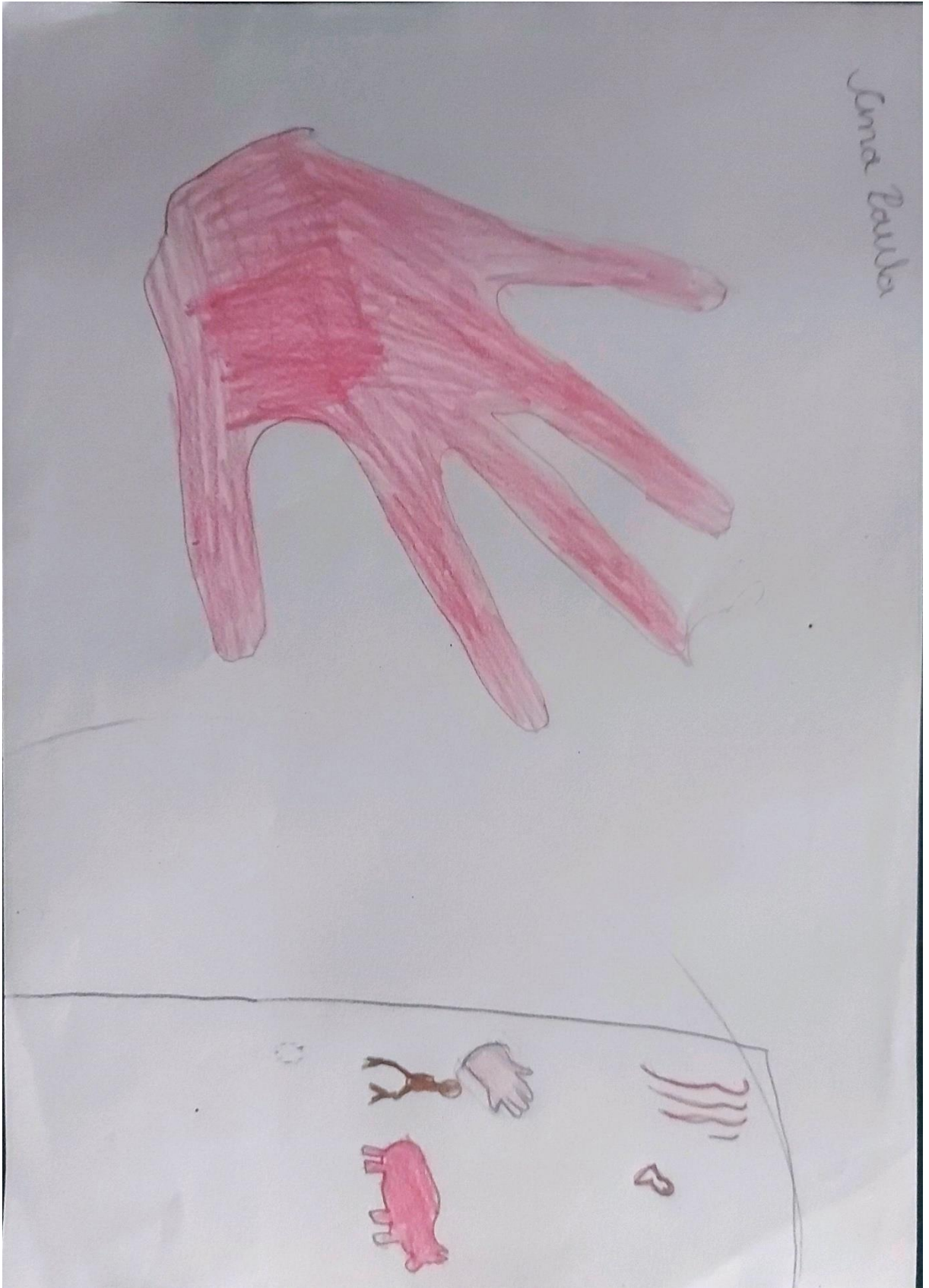




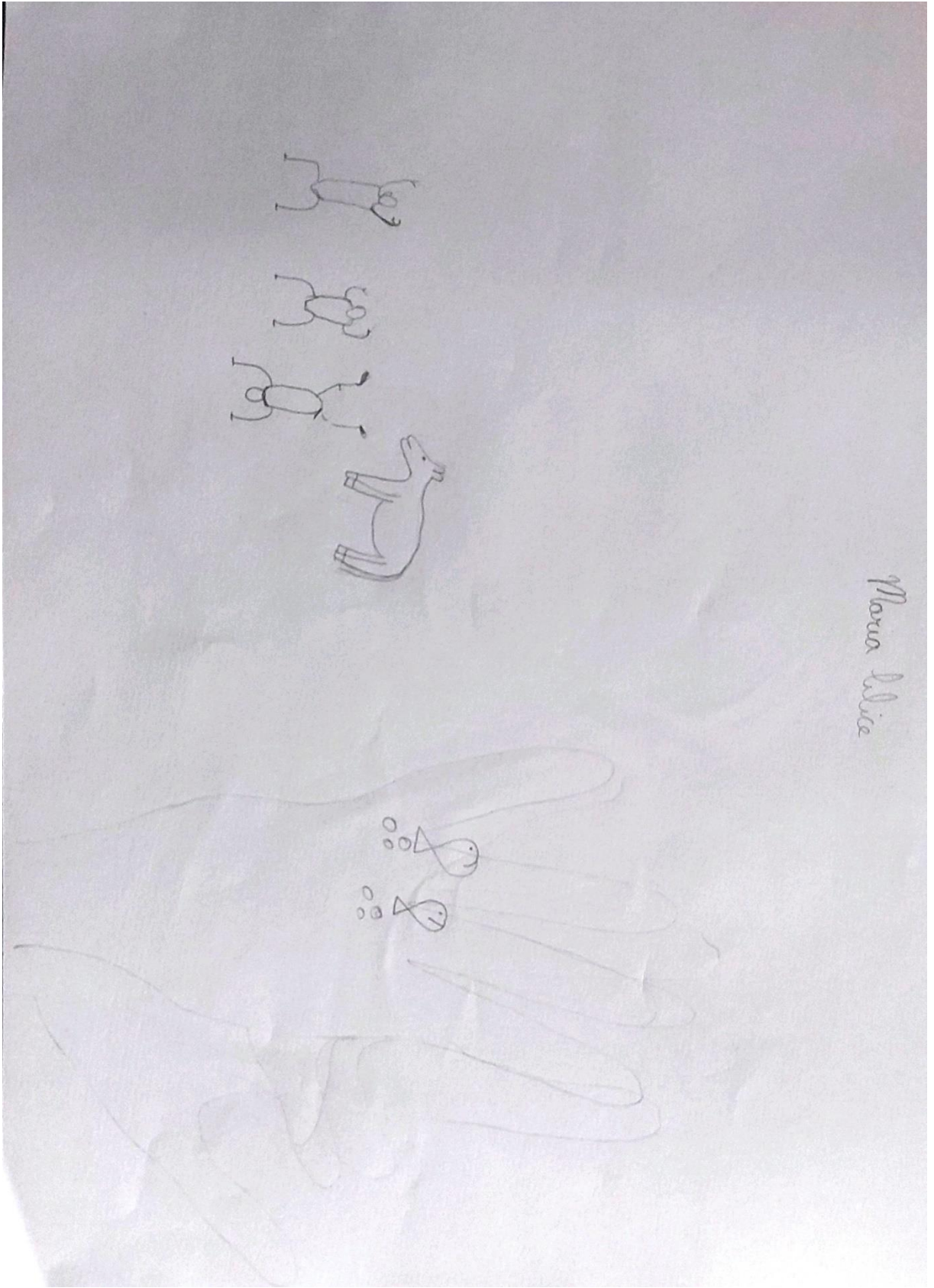




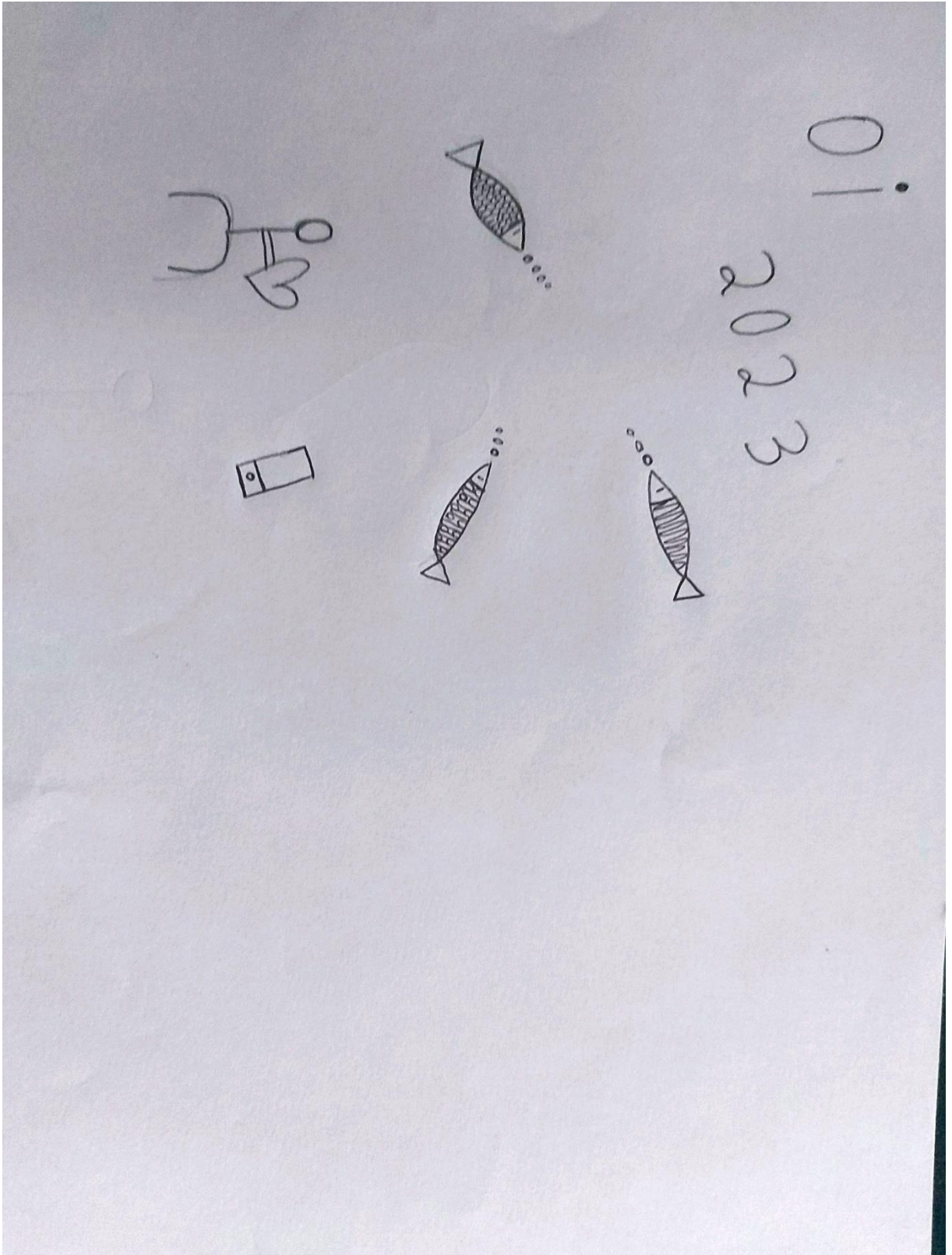








Marwa Alice

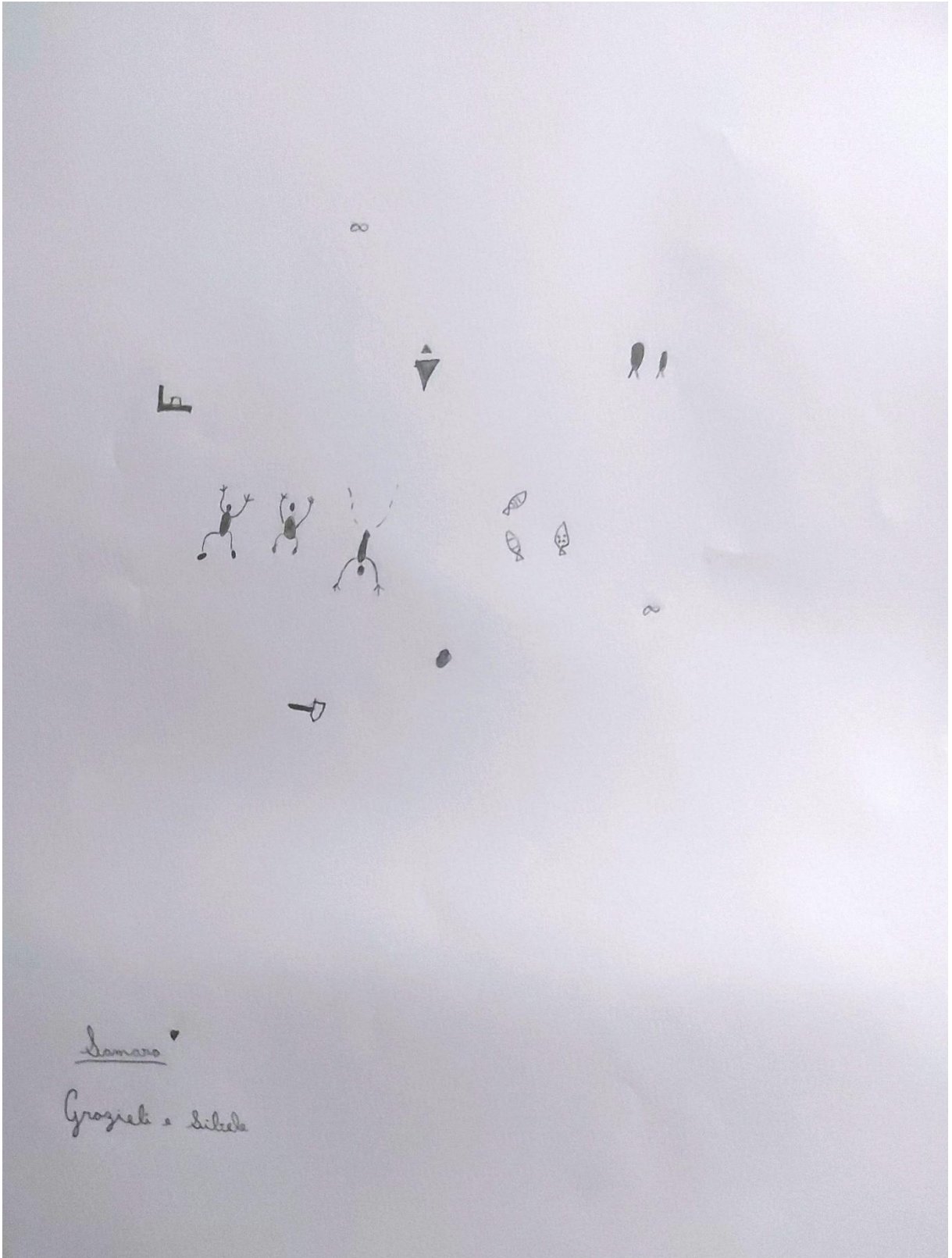


01

2023







ANEXO II

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Anderson Sousa Braga
 Idade: 32
 Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás
 Curso/período: 7º
 Data 09 / 03 / 23

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Neste sítio são encontrados alguns
artefatos do época.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim, nos lugares antigamente existiam
as pessoas nos papéis terra onde se
apresentam

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, já estive nos locais onde vivem
alguns colonizadores dos povos de
região.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. Já vi em de animais
nas rochas de lagoas

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Sei o muito feliz em saber que este
período estava em meu presente
tudo, sabendo que tudo isso foi
quase o que passa ainda nos séculos

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Saberei de uns períodos mas não
profundamente, fiquei feliz em saber
mais sobre

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Robinson Luis Lima Jesus

Idade: 19

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: Historia/3 período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, são lugares onde exist vestígios do
homem

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim tem um localizado 3km da minha casa
em Palestina de gesso, mas nunca tive a
chance de ir lá

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Não, são povos originários da terra que
foram massacrados exterminados como animais

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

não estude

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

sim eu faria eu entraria em contato com
alguma função especializada do assunto

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

sim, na escola

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Alise Barbosa do Silve

Idade: 18 anos

Instituição de ensino: UEG

Curso/periodo: História - 1º período

Data 03 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Lugar destinado para a preservação e estudo de materiais, locais e monumentos históricos.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. São povos que já habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses e que sofreram um grande extermínio com esse invasão. Os povos originários ainda habitam o Brasil, porém em menor quantidade.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, era o meio de comunicação e registro utilizado antes da oralidade como é conhecida atualmente.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Procuraria armazenar da maneira mais apropriada e encaminharia para o centro de ensino e pesquisa mais próximo.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Elumica Sousa MouraIdade: 26 anosInstituição de ensino: UEGCurso/período: 1ª período de HistóriaData 09 / 03 / 23

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

não!

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não em minha cidade não.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

não me lembro

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

não

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

não sei, não conheço nenhum material ou vestígio arqueológico.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

não

QUESTIONÁRIO

Nome completo: BEZERRA JOSÉ DA SILVA

Idade: 58

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: PÓS-DOUTOR

Data 09/03/2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim. Trata-se de um espaço de estudo que
envolve estruturas antigas.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim. No caso já visitei cavernas localizadas
em Palestina e Senariópolis, ambas
localizadas em Goiás.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. Os estudos estão ligados ao período
de contato com o branco europeu, se
estudando sobre isso. E também
sobre a atualidade do indígena, o que
vem passar o conhecimento histórico
para os povos originários.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. Trata de pinturas encontradas geralmente em cavernas ou em espaço semelhante.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Tentaria entrar em contato com pessoa especializada no assunto para proceder ao estudo e catalogação necessária.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim. Aprendi no curso de História de Goiás. Muitos povos, mas li que alguns povos são originários, tempo de ocupação, etc. etnia e mais.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Eduardo Almeida Andrade Sales

Idade: 17 anos

Instituição de ensino: UEG - Ipora

Curso/período: História

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, trata-se de um local de pesquisa histórica em que objetos e espólios de tempos passados encontram-se preservados ou enterrados no solo. Escavações são necessárias e elas doam e locais de grande concentração destes materiais.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não que eu saiba. Não tive a oportunidade.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, todavia tudo ocorreu de forma ampla, em latizando o contexto histórico e não a identidade desses povos, ou seja, não saberia descrevê-los corretamente visto que minha visão foi criada apenas pelos livros didáticos.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, pinturas rupestres são formas rudimentares de arte, desde pinturas faciais, cerâmica, decorações com partes do ambiente, etc.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Depende, em uma exposição eu tentaria recriar a realidade histórica que aquele material presenciou, já se fosse repentinamente, provavelmente iria modificar alguma autoridade.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Gabriel de Oliveira Sousa

Idade: 18 anos

Instituição de ensino: (UEG)

Curso/período: História, 1º período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, local de estudo de registros de objetos dentre outras coisas de antiguidade.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não, infelizmente não.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, durante as aulas de História sobre o período colonial Brasileiro. Durante o ano de 1500, não havia a divisão de nomenclatura das tribos, pois todas as tribos da época eram consideradas as tribos indígenas.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, na minha escola me foi passado umas informações sobre a temática, mas foram informações superficiais, sei que pinturas rupestres são um vestígio de como eram as sociedades primitivas da época.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

ficaria maravilhado com tamanho descoberta, até porque não é sempre que se tem essa sorte de ter em mãos um material com tamanho valor histórica.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não, porém sei que ~~o nome deles~~ a nomenclatura de sua tribo era "Garayes" (me corriga caso eu tenha errado a escrita)

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Gabriel Freitas Batista de Sousa.

Idade: 26.

Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás.

Curso/periodo: Historia - 5º periodo.

Data 09 / 03 / 2023.

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Bom dentro do meu entendimento sítio
arqueológico é o ambiente de pesquisa de
campo que trabalha com artefatos históricos.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não tenho conhecimento de nenhum sítio
arqueológico e não fui em nenhum.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Dentro da vida escolar muito pouco, sei que
são os povos que estavam aqui antes do
do "descobrimento" das américas

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Não estudei sobre, mas tenho conhecimento de que são pinturas de povos antigos bem antecessores à nós.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Bom sendo sincero eu guardaria para mim como herança familiar mesmo não conseguindo identificar com precisão esse material.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não me recordo com precisão, mas na universidade eu tive conhecimento deles um exemplo seriam os Karajás.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: GESLEY MACEDO XAVIERIdade: 50Instituição de ensino: UEG.Curso/período: DIREITO 1º PeríodoData 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim.Local de estudo, uma área delimitada que contém resíduos, vestígios, elementos que configuram a existência de povos anteriores a nós.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não sei, se tem nunca visitei

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Não.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, já vi em museus, em Goiânia, GO, New York - EUA, e São Francisco - Califórnia.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Não tocaria, e informaria algum estudioso da área de história e arqueologia.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não, não conheço.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Gláucia da Silva Costa

Idade: 49 anos

Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás - UEG

Curso/período: História

Data 09 / Março / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim Um sítio arqueológico é um espaço determinado onde podem ser encontrados vestígios de povos, e civilizações que ali viveram em tempos passados

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não tenho certeza se existe sítio arqueológico na região onde moro.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

No ensino fundamental e médio estudei muito pouco sobre tais povos, conhecendo apenas o que o ~~meu~~ é mais difundido sobre eles

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Apenas ouvi falar. Nunca estudei mais a fundo.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Procuraria alguém com mais informação ou um especialista no assunto.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sei muito pouco ou quase nada sobre tais povos.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Ingrid Liaison Xavier da Silva

Idade: 22

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: História - primeira período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Dim, é um lugar normalmente uma fazenda onde nela se encontra pinturas rupestres e vários vestígios históricos.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não, não.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Dim, porém estudei de maneira bem vaga e superficial.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, este tipo de arte é aquela encontrada nas cavernas, pedras da época dos primeiros homens.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

~~Passar o dia~~ Provavelmente mostraria para algum de meus professores.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Jalesson Jose do S. Cardoso

Idade: 24

Instituição de ensino: UEG - Ipau

Curso/período: História

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sítio arqueológico é o local que contém vestígios de civilizações antigas.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim, não visitei ainda.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, foi estudado superficialmente dentro de uma lógica eurocentrica.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, arte rupestre são as "manifestações artísticas" nas paredes dos cavernas. Essas pinturas misturam algumas técnicas e pigmentos.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Guardaria.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Joáquina F. BarbosaIdade: 21Instituição de ensino: UEGCurso/período: História 7ºData 09/11/2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

sim, é um sítio, onde
o coisas que tem algum
notícia do antiguidade.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

nd. nd.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

sim, foram os índios, eles
era os primatas, que
foram os primeiros povos.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, vou um livro
dos povos da antiguidade,
você sabe que ele escreve
como se fosse em um
livro.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Queria e procuraria
um profissional no ~~estado~~
para estudar e saber toda
a história por trás desse
material.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

no.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: fozeline snés deuk

Idade: 44

Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás Compu
desta unidade universitária

Curso/período: bacharelado em História

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

fontes em joí fui em palestino
com alunas

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

~~no campo~~ em palestina

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim e um estudo que passa sempre
sempre

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

estudei muito pouco sem aprofundamento
mais muito interessado por se trata de
fenômeno de um povo.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

faria registro via adesão mais fotografaria
em vídeo, competentes, etc.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

o grande li sobre muito superficial
mais sobre os "goianos"

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Andriane Castilho de MeloIdade: 18Instituição de ensino: UEGCurso/período: História - primeiro períodoData 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Não

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Não

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, é a arte desenvolvida durante a pré-história que retratava o cotidiano dos povos que vivenciam este período.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Informaria a algum pesquisador.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Famille Isabel Guimarães Oliveira

Idade: 23 anos

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: Historia 3º período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, campo de estudos onde se encontram
excavações com um intuito com artefatos
históricos onde pode se desenvolver populações

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o lhe chamou mais a atenção?

Não

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. Povos únicos com suas próprias
línguas e culturas, estilos de vida
próprios de cada aldeia

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim pinturas feitas por povos nativos
dos negreses deixando seu dia a dia
e suas fe, em forma de desenho

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

avisaria as autoridades pois pode
ser utilizado como material de
estudo

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim, em algumas matérias onde sei história
da época e física.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Kamilly Rodrigues Santos Borges

Idade: 18 anos

Instituição de ensino: Universidade estadual de goiás

Curso/período: Curso de História, 1º período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sítio arqueológico é um local onde contém
antigos registros de povos que viveram nessa
região.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Na região de goiás existe um sítio arqueológico
no município de palestina. Não visitei nenhum.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil? Conte o que você sabe sobre eles.

Os povos originários povoavam o Brasil antes
mesmo da chegada dos portugueses, e que após
essa chegada, foram objeto de colonização, sendo
escravidados.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, a pintura rupestre é um registro de imagens, deixadas por grupos que viveram no local, que representavam a maneira que caçavam, e era também uma forma de comunicação entre o grupo.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Levaria esse material para um centro de pesquisa.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Socorro Vieira Borges

Idade: 59 anos

Instituição de ensino: UEG UNV/Spina - GO

Curso/período: História - 3º Período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, se trata de uma determinada determinada localidade, onde se encontram vestígios deixados por moradores de outros tempos

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, São povos com culturas próprias, línguas e rituais próprios, que vivem em comum acordo com a natureza, tirando dela seu sustento.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. São pinturas (mãeas) deixadas pelos antepassados que serviam como forma de registro e comunicação para estes povos.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Entraria em contato com as autoridades competentes sem alterar o local onde se viu o vestígio.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim. São povos onde eram perseguidos por

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Tharissay Gomes de Castro.

Idade: 18

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: 1º período de História

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

não.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

não tem e nunca visitei nenhum.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, são os povos originários do Brasil, nativos que foram perseguidos pelos colonizadores por muitos anos.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, um tipo de linguagem antiga.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

nada, não saberia identificar.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Laura Beatriz S. dos Santos
 Idade: 20
 Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás
 Curso/período: História / 7º período
 Data 09 / março / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, são basicamente lugares com evi-
dência de atividade humana no
passado.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

não existe e nunca tive a oportunidade
de visitar.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, são os primeiros habitantes do
Brasil

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, são pinturas, desenhos que ficam feitos nas paredes das cavernas.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Entraria em contato com algum grupo que estuda e trabalha sobre o determinado material.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Infelizmente não recordo.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Leonor Ferreira de Oliveira

Idade: 22 anos

Instituição de ensino: UEG - campo de Espinosa-GO

Curso/periodo: História 7º Período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, uma unidade universitária de Espinosa-GO contém vestígios deixados pelos povos que habitaram a região de Pontalina-GO

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim, porém não tive a oportunidade de visitar o local.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, talvez mais aprofundado nos povos indígenas

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

sim

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

levaria para uma unidade de pesquisa.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

sim, parte dos estudos feitos nos vestibulares para uma aula sobre a história na escola e família.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Sérgio Curiel Soares Alves Braga

Idade: 27

Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás

Curso/periodo: 5º período

Data 09/03/2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim - Sítio arqueológico são locais onde se encontra vestígios de antiguidades modernas ou pré-históricas e estruturas são marcas de existência.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim existe em Monte Claro de Goiás, porém não é visitado e descrito pelos pesquisadores. Nunca visitei nenhum sítio arqueológico.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim - só os indígenas no descobrimento do Brasil.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim - já ouvi falar de arte pintada rupestre, são vestígios deixados pelos antepassados como forma de se comunicar.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Entregaria em alguma universidade que pesquisa arqueologia.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim - Os indígenas habitavam essa região antes da chegada dos bandeirantes, conhecendo o Estado de Goiás.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Marco Eduardo Chaves Bez

Idade: 20

Instituição de ensino: UEG

Curso/periódodo: História 7^º período

Data 09 / 03 / 23

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

São áreas que há grande concentração de materiais que contribuem para estudos históricos. Alguns estão preservados e em sua maioria são pré-históricos.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não visitei nenhum sítio arqueológico e desconheço a existência de tal na minha região.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. Estudei brevemente no colegial, todavia foi somente na faculdade que pude ter maior conhecimento e respeito dos povos originários no Brasil.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. É uma arte que me gera grande fascínio e interesse. Estudo desenhos que representam suas ações do cotidiano e que, graças a esse estudo, hoje o conhecimento que temos dos respectivos períodos se dá devido a ela.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Eu buscaria ajuda ~~for~~ na internet, o meu propósito é que poderia melhorar meu conhecimento.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim. Aprendi no ensino e pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Salette Soares Silva

Idade: 18

Instituição de ensino: UEG - Iporema (GO)

Curso/período: 1º período - História

Data 08/03/2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim, se trata de uma demarcada para
visitação e ~~uma~~ pesquisa que contenha algum
elemento que passou por décadas e séculos
que contam contam uma história

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, ~~povos~~ são diversos povos que habitam/
habitam o território brasileiro. São povos cheios
de culturas que vem resistindo ao longo do
tempo

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, eram pinturas feitas com o sangue dos
Cocos e demais ~~utensílios~~ utensílios ocher
do período pré-histórico

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Procuraria algum museu ou universidade.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não lembro.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Suzana Paulye SA

Idade: 46

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: professora

Data 09/03/2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim. São resquícios físicos dos povos
que habitaram a região a centenas ou
milhões de anos atrás.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim. Sim. Na região de Palestina de Goiás,
Dona das Araras, Anápolis, Goiás

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Na graduação não.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Dão representações deixadas pelos povos antigos nos paredes de rochas, grutas, ou grupos rochosos.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Atualmente criaria a universidade mais próxima.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim, muito pouco. Sabe-se que grande parcela destes povos foi exterminada ou sofreu processo de aculturação. Existem alguns resquícios físicos nos museus do estado.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Thays Anunciação Costa

Idade: 18 anos

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: I período

Data 09 / março / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim. São locais com vestígios que indicam
que se teve pessoa ali.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim existem, não nunca visitei.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. São povos que no passado se instalaram
ou passaram por locais deixando seus marcos.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. São pinturas feitas por pessoas na antiguidade

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Não sei.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Sim. Na escola. Eram povos indígenas.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Vitória Georzana Silva Gonçalves

Idade: 18 anos

Instituição de ensino: Universidade Estadual de Goiás - Iperá

Curso/periodo: 3º período de História

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

O sítio arqueológico é um local reconhecido como área de pesquisa com vestígios dos antepassados

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim, há o sítio arqueológico em Palestina de Goiás, eu tive a oportunidade de conhecer e o que mais chama a atenção são os vários registros de pinturas rupestres.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim, são povos que desenvolveram formas de vivência através de caças e colheita e com o tempo registros para facilitar.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim, são pinturas que retrata o cotidiano nos povos originários, de como faziam o controle econômico, até registros de sua cultura.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Entraria em contato com o Iphan, para esse material obter o reconhecimento e estorpe necessário.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não me lembro.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Wladimir Edson Melo da

Idade: 30 Anos

Instituição de ensino: UEG - Campos Pólo

Curso/período: HISTÓRIA - 7º Período

Data 03 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim. É onde há GRUPOS ou
traços histórico-ricos do passado.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim. Sim. Em Barra do Garças
e Grupo do Pezinho.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. Os povos originários do
Brasil são os que mais sofreram
e sofreram com o avanço no
Brasil.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. São pinturas feitas em pedras ou em paredes rochosas.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Faria um levantamento de estudo para assim saber em um fato histórico.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Melaine Marcio da Silva

Idade: 28

Instituição de ensino: UEG

Curso/período: 5º Período

Data 09/03/2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Sim. Podemos dizer basicamente que
são locais, obras, minas, usinas
do século XIX que foram desativado.
e acaba se tornando um patrimônio

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Sim, Na minha cidade existe dois
um que é uma usina desativado e
um cachoeira

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. De varias maneiras, cada uma
com uma cultura

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Não.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Procuraria um especialista para poder melhor identificar a origem daquele material.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Posso dizer que estou aprendendo mais sobre esse assunto agora, então não posso afirmar que conheço

QUESTIONÁRIO

Nome completo: Yara Carlos Marques Santos

Idade: 26

Instituição de ensino: UEG - Iporá

Curso/período: História - 1º período

Data 09 / 03 / 2023

01) Você sabe o que é um sítio arqueológico? Escreva com suas palavras.

Não sei.

02) Na região onde você mora existe algum sítio arqueológico? Você já visitou algum? Se sim, onde e o que chamou mais a atenção?

Não. Não.

03) Durante a vida escolar, você estudou sobre os povos originários no Brasil?

Conte o que você sabe sobre eles.

Sim. São povos que já habitavam a região que hoje é chamada de Brasil. Constituída por várias tribos indígenas, sendo de cultura e costumes variados e estrutura social bem diferente do homem branco.

04) Já ouviu falar ou estudou sobre arte (pintura) rupestre? Explique com suas palavras.

Sim. Pinturas feitas em paredes de cavernas com o intuito de registrar acontecimentos e rogos aos deuses.

05) O que você faria se encontrasse algum material ou vestígio arqueológico?

Procuraria algum órgão com petente para comunicar.

6) Você conhece a história antiga dos povos que viviam em Goiás antes da chegada dos bandeirantes? Se sim, onde aprendeu e escreva o que você sabe.

Não.